



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL  
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

ANDRESA MONTEIRO MOREIRA

**“EU SOU UMA MULHER MISCIGENADA E SOU UMA MULHER  
SINCRETIZADA”: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE ATORES E  
SÍMBOLOS “SINCRÉTICOS” NA UMBANDA NAGÔ DO GRUPO UNIÃO ESPÍRITA  
SANTA BÁRBARA**

MACEIÓ-AL  
2024

ANDRESA MONTEIRO MOREIRA

**“EU SOU UMA MULHER MISCIGENADA E SOU UMA MULHER  
SINCRETIZADA”: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE ATORES E  
SÍMBOLOS “SINCRÉTICOS” NA UMBANDA NAGÔ DO GRUPO UNIÃO ESPÍRITA  
SANTA BÁRBARA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, do Instituto de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Antropologia Social.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Isabel Santana de Rose

MACEIÓ-AL

2024

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale CRB-4/ 661

- M838e    Moreira, Andresa Monteiro.  
          “Eu sou uma mulher miscigenada e sou uma mulher sincretizada” : uma análise das relações entre atores e símbolos “sincreticos” na Umbanda Nagô do Grupo União Espírita Santa Bárbara / Andresa Monteiro Moreira. – 2024.  
          184 f. : il.
- Orientadora: Isabel Santana de Rose.  
          Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Maceió, 2024.
- Bibliografia: f. 175-178.  
          Anexos: f. 179-184.
1. Grupo União Espírita Santa Bárbara (Maceió, AL). 2. Umbanda Nagô.  
          3. Sincretismo (Religião). 4. Contrassincretismo. 5. Teorias nativas. 6. Preto-velho.  
          I. Título.

CDU: 39:316.74

## ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

**BANCA REMOTA - participação dos membros via Google Meet e parecer eletrônico.**

### Ata nº 01 da Sessão da Defesa Pública de Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas.

Em dezoito de junho de dois mil e vinte e quatro, às nove horas, reuniu-se a banca examinadora da dissertação de mestrado da aluna ANDRESA MONTEIRO MOREIRA, intitulada: “Eu sou uma mulher miscigenada e sou uma mulher sincretizada”: uma análise das relações entre atores e símbolos “sincreticos” na Umbanda Nagô do Grupo União Espírita Santa Bárbara. A cerimônia de defesa pública apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Antropologia Social teve a banca examinadora composta pelos professores doutores: Isabel Santana de Rose - PPGAS/UFAL (Orientadora), Edgar Rodrigues Barbosa Neto – (Examinador Externo - FAE/UFMG); Claudia Mura - PPGAS/UFAL (Examinadora interna); Suplentes: Nádia Elisa Meinerz - PPGAS/UFAL (Examinadora Interna) e Olavo de Souza Pinto (Examinador Externo - PPGAS Museu Nacional/UFRJ).

Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da banca se reuniram reservadamente para deliberarem, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação ( x ); Aprovação com reformulações ( ); Reprovação ( ).

Comentários e Reformulações Indicados pela Banca Examinadora:

A banca destaca a qualidade e a densidade da etnografia e o cuidado e o comprometimento existencial e metodológico com a comunidade do GUESB. Recomendamos a continuidade da pesquisa e indicamos a publicação de artigos.

**A versão final da dissertação deverá ser entregue ao programa no SIGAA e todos os passos no SIGAA deverão ser cumpridos no prazo máximo de 90 (noventa) dias, contendo as modificações sugeridas pela banca examinadora e constante na folha de correção, conforme art. 37, §2º do Regimento do curso de Mestrado em Antropologia Social. O(a) candidato(a) não terá o título se não cumprir as exigências acima.**

Para constar, lavrou-se a presente ata que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Maceió, 18 de junho de 2024.

Assinaturas

1.



Documento assinado digitalmente  
ISABEL SANTANA DE ROSE  
Data: 20/06/2024 11:15:09-0300  
CPF: \*\*\*.373.968-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

2.



Documento assinado digitalmente  
EDGAR RODRIGUES BARBOSA NETO  
Data: 19/06/2024 21:01:31-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

3.



Documento assinado digitalmente  
CLAUDIA MURA  
Data: 18/06/2024 21:03:00-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a Exu, aos Pretos Velhos, aos Orixás, toda a espiritualidade e ancestralidade que me guiou, ajudou a completar essa jornada e me permitiram a escrever com eles, pare eles e sobre eles.

Agradeço à Mãe Neide por tanto amor, ternura e acolhimento. Nada que eu fale é capaz de externar tanta gratidão e admiração. Agradeço ao Pai João Paulo por ter compartilhado comigo tamanha sabedoria. Agradeço a Luzia por ter me acolhido e ter me orientado. Agradeço a Júnior por ter me recebido tão bem.

Agradeço a família do GUESB, a cada filho de santo com quem eu falei, conversei, tive trocas. Agradeço aos meus colaboradores de pesquisa, não posso nomear todos aqui porque foram muitos e corro o risco de esquecer alguém, mas que estarão presentes ao longo das linhas deste texto, há também o que não foram citados, mas que sabem da minha imensa gratidão e consideração a eles/elas.

Agradeço ao meu pai, Fábio André, por ser o meu chão e a minha referência.

Agradeço a minha irmã Adrielly por tanto amor e cuidado. Agradeço a minha irmã Laura por ser tão boas nas palavras que me encorajam.

Agradeço a minha mãe Adriana, e as Mulheres Marias da minha família (que são todas elas), em especial, Cristina, Patrícia, Eurides e Eliane. Eu sou porque elas são, eu existo porque elas existem, eu luto por elas que vieram antes de mim.

Agradeço as minhas amigas: Nayara, Keslly, Yoná, Paula, Karine, Laura, Tamara.

Agradeço à Bel, minha orientadora, por essa jornada de direcionamento e afeto.

Agradeço a minha banca de qualificação, à professora Monique Florencio.

Agradeço a minha banca de defesa, professor Edgar e professora Cláudia.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas pelo financiamento desta pesquisa.

Axé, Amém, Laroyê, Sassaruê!

## RESUMO

Esta dissertação tem como ponto de partida uma pesquisa de campo realizada no Grupo União Espírita Santa Bárbara (GUESB), um terreiro de Umbanda traçada com Nagô localizado em Maceió - AL e a descrição etnográfica de dois eventos centrais para a comunidade do GUESB: a Feijoada da Vovó Maria Conga e a Missa de Santa Bárbara, realizada junto com o Toque de Iansã. Estes dois eventos são importantes porque evidenciam como se dão as relações entre elementos, símbolos e práticas africanas, indígenas e católicas neste terreiro específico. Para compreender a história da Umbanda Nagô em Alagoas e no GUESB, trago uma discussão acerca do contexto sociopolítico pós Quebra de Xangô de 1912 e os acontecimentos internos ao terreiro que reelaboram as formas de culto. Busco dessa forma apresentar uma contraposição a uma visão hegemônica da umbanda no território brasileiro como uma “religião misturada”, sem levar em conta os fluxos, os contextos sociopolíticos e as trajetórias de vida de atores sociais concretos. As associações sincréticas entre as religiões africanas, indígenas e o catolicismo são amplamente discutidas na antropologia brasileira. No entanto, a proposta deste trabalho foi trazer as narrativas dos meus colaboradores de pesquisa acerca de suas práticas religiosas, ressaltando a proposta de construir teorias nativas. Através de um enfoque etnográfico simétrico e polifônico, busquei mostrar como os participantes do GUESB vivenciam a religiosidade de matriz africana juntamente com algumas referências simbólicas do catolicismo brasileiro, e de que maneira constroem suas relações de afeto, produzindo as suas próprias teorias sobre o “sincretismo”. Neste sentido, a pesquisa visa também contribuir para uma discussão mais ampla a respeito da construção de teorias etnográficas do *contrassincretismo* (Goldman, 2017), partindo do contexto afro-religioso alagoano.

**Palavras chaves:** Grupo União Espírita Santa Bárbara (GUESB – Maceió/Al); Umbanda Nagô; Sincretismo Religioso; Teorias do *Contrassincretismo*; Teorias Nativas; Pretos Velhos.

## ABSTRACT

This dissertation departs from a field research carried out at the Grupo União Espírita Santa Bárbara (GUESB), an terreiro of Umbanda ritual intertwined with Nagô, placed in Maceió - AL. It presents an ethnographic description of two central events for the GUESB community: the Feijoada da Vovó Maria Conga and the Santa Bárbara Mass, held together with Toque de Iansã. These two events are important because they highlight how the relationships among African, indigenous and Catholic elements, symbols and practices occur in this specific terreiro. To understand the history of Umbanda Nagô in Alagoas and at the GUESB, I discuss the sociopolitical context post-Quebra de Xangô in 1912 and also internal events of the terreiro that have changed the worship practices. In this way, I intend to counterpose the hegemonic understanding of Umbanda as a “mixed religion”, which does not take into account the social involved actors’ flows, sociopolitical contexts and life trajectories. Nevertheless the voluminous scholarship on the syncretism of African, indigenous religions and Catholicism in Brazilian anthropology, I aim to put into evidence my research collaborators’ perspectives on their religious practices, in order to build native theories. Using a symmetrical and polyphonic ethnographic approach, I demonstrate how GUESB participants’ experience relates African-based religiosity with symbolic references from Brazilian Catholicism, and how they build their affection relationships, which turns out to result into their own theories about “syncretism”. In this sense, the research also contributes to a broader discussion regarding the construction of ethnographic theories of *contrassincretismo* (Goldman, 2017), having as a departure point the Afro-religious context in Alagoas.

**Keywords:** Grupo União Espírita Santa Bárbara (GUESB – Maceió/AL); Umbanda Nagô; Religious Syncretism; *Contrassincretismo* theories; Native Theories; Pretos Velhos.

## LISTA DE IMAGENS

Planta do arquitetônica do GUESB.....	41
Fotografia 1 Nossa Senhora e São Francisco.....	54
Fotografia 2 Casa dos Pretos Velhos o herbário ao lado.....	54
Fotografia 3 Porta de entrada da casa dos Pretos Velhos.....	54
Fotografia 4 Janela da Casa dos Pretos Velhos.....	54
Fotografia 5 Pretos Velhos.....	55
Fotografia 6 Mesa na casa dos Pretos Velhos.....	55
Fotografia 7 Mãe Ana e filho de santo preparando a feijoada.....	57
Fotografia 8 Lannay, Pai João Paulo e Igor alimentando o fogo com mais lenha .....	57
Fotografia 9 Panelas de Feijoada.....	58
Fotografia10 Panelas de Feijoada no fogo a lenha.....	58
Fotografia 11 Filhas e filhos de santo reunidos em frente à casa dos Pretos Velhos.....	59
Fotografia 12 Livreto do rosário.....	60
Fotografia 13 Falas do rosário.....	60
Fotografia 14 Terço na janela da casa dos Pretos Velhos.....	64
Fotografia 15 Casa dos Pretos Velhos após o rosário.....	64
Fotografia 16 Gira após o rosário.....	65
Fotografia 17 Salão ornamentado para a gira.....	67
Fotografia 18 Atabaques vestidos de branco e cadeira do Pai Pequeno.....	67
Fotografia 19 Foto do salão, tirada da entrada do GUESB, mina da casa vestida.....	69
Fotografia 20 Terreiro ornamentado para receber os Pretos Velhos.....	70
Fotografia 21 Cadeira, bengala e uma caixa com cachimbos para os Pretos Velhos.....	70
Fotografia 22 Pessoas chegando para assistir a gira.....	71
Fotografia 23 Crianças do terreiro.....	72
Fotografia 24 Minutos antes do início da gira.....	72
Fotografia 25 Concentração antes da gira.....	73
Fotografia 26 Gira.....	79
Fotografia 27 Vovó Maria Conga abraçando a criança.....	80
Fotografia 28 Vovó Maria Conga preparando-se para servir a Feijoada.....	81
Fotografia 29 Filho de santo leva a panela de Feijoada para a Vovó.....	81
Fotografia 30 Filhos de santo ao redor de Vovó Maria Conga.....	82
Fotografia 31 Acendendo o cachimbo da Vovó.....	82

Fotografia 32 Vovó servindo a feijoada.....	83
Fotografia 33 Filha de santo distribuindo a feijoada.....	83
Fotografia 34 Feijoada em mãos.....	84
Fotografia 35 Aguardando todos serem servidos.....	84
Fotografia 36 Essa feijoada tem axé, essa feijoada tem mironga.....	85
Fotografia 37 Preto Velho come no chão porque não tem cadeira pra sentar.....	85
Fotografia 38 Comendo com as mãos.....	86
Fotografia 39 Despedida .....	87
Fotografia 40 Levando ao mundo inteiro a bandeira de Oxalá.....	88
Fotografia 41“Exu, meu sentinela”. Padê de Exu ao lado do quarto de Exu.....	88
Fotografia 42 Visão geral do quarto dos santos .....	95
Fotografia 43 Feijoada para os Pretos Velhos .....	95
Fotografia 44 Pretos Velhos alimentando- se.....	96
Fotografia 45 Comida do sagrado.....	93
Fotografia 46 Panelas vazias.....	97
Fotografia 47 Cozinha pós-festa.....	97
Fotografia 48 Gruta de Santa Bárbara no muro do GUESB.....	135
Fotografia 49 Quadro de Santa Bárbara e de Preto Velho.....	135
Fotografia 50 Corte dos quiabos.....	149
Fotografia 51 Panela de caruru.....	149
Fotografia 52 Quarto de Iansã.....	147
Fotografia 53 Limpando as Cargas.....	150
Fotografia 54 Flores para Iansã.....	151
Fotografia 55 Arrumação dos Balaios de Iansã.....	153
Fotografia 56 Balaios com Acarajé e Frutas.....	154
Fotografia 57 Mesa do Batismo.....	158
Fotografia 58 Elementos do Batismo.....	159
Fotografia 59 Padê de Exu.....	162
Fotografia 60 Início da Gira.....	163
Fotografia 61 Iansã voltando ao salão.....	168
Fotografia 62 Balaios de Acarajé.....	168
Fotografia 63 Ajeum.....	170
Fotografia 64 Final do Toque.....	171

Fotografia 65 Frente do GUESB.....	179
Fotografia 66 Distribuição de sopa.....	179
Fotografia 67 Balaios para Oxum .....	180
Fotografia 68 Celebração a Nossa Senhora Aparecida .....	180
Fotografia 69 Culto Ecumênico.....	180
Fotografia 70 Oferendas no rio para Oxum.....	181
Fotografia 71 Louvação para Oxum .....	181
Fotografia 72 Mãe Neide .....	182
Fotografia 73 Mirante Mãe Chica .....	183
Fotografia 74 Ilê Axé Navizala .....	183
Fotografia 75 Feijoada dos Pretos Velhos, 2024.....	184

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
Caminhos que me levaram ao campo .....	13
Métodos e técnicas de pesquisa .....	16
Posicionalidade.....	19
Escolhas teóricas .....	20
Estrutura da dissertação .....	24
<b>“É COMO A MÃE DIZ: TEM QUE SENTAR NO BANQUINHO PARA APRENDER PRA UM DIA FICAR DE PÉ E ENSINAR”- REFLEXÕES ACERCA DE TEORIAS E MÉTODOS NA ANTROPOLOGIA .....</b>	<b>25</b>
<b>1. “AI DESSA CASA E DE MUITOS FILHOS SE NÃO TIVESSE UM PRETO VELHO, UMA PRETA VELHA” .....</b>	<b>35</b>
1.1 Apresentação do GUESB.....	35
.....	41
1.2 “Eu sou uma mulher miscigenada e sincretizada”: Trajetória de Mãe Neide ....	41
1.3 “Essa Feijoada tem axé, essa Feijoada tem mironga”: Uma Fotoetnografia da Feijoada da Vovó Maria Conga .....	47
1.3.1 Feijoada da Vovó Maria Conga (Pré - Festa) .....	50
1.3.2 13 de maio de 2023 – Feijoada da Vovó Maria Conga.....	67
1.3.3 Pós-festa: 15 de maio de 2023 .....	89
<b>2. É A UMBANDA DO NORDESTE QUE TRAÇA COM JUREMA, CABOCLO, COM O CULTO DA PAJELANÇA E DE OUTROS CULTOS.....</b>	<b>99</b>
2.1 De qual Umbanda estou falando? .....	100
2.2 O Quebra de Xangô e a Umbanda Nagô .....	103
2.3 Umbanda da Chica .....	114
2.4 Catimbó do Nordeste e Jurema Sagrada .....	125

<b>3. A UMBAÚBA BALANÇOU COM O VENTO.....</b>	<b>131</b>
3.1 Iansã e Santa Bárbara.....	133
3.2 “Ela foi presa, torturada, ameaçada, mas não abriu mão da sua fé”: missa para Santa Bárbara.....	134
3.3 “Eparrei, Iansã. Eparrei, Dona do raio”: festa de Iansã, 2023.....	147
3.3.1 Preparativos .....	147
3.3.2 Batismos .....	154
3.3.3 Louvação à Iansã.....	161
3.3.4 “ Mãe de Misericórdia, protege todos os filhos”: Intercessão à Iansã .....	163
3.3.5 “O vento bateu na saia de Iansã, o vento bateu para Iansã rodar”: Toque para Iansã.....	167
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>172</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>175</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>179</b>

## INTRODUÇÃO

### **Caminhos que me levaram ao campo<sup>1</sup>**

As minhas primeiras incursões ao Grupo União Espírita Santa Bárbara, o GUESB, um centro religioso de Umbanda Traçado com Nagô localizado no bairro do Village Campestre, periferia de Maceió, fundado por Maria Neide Martins<sup>2</sup>, Mãe Neide Oyá D'Oxum, se deram, a princípio, de modo desprezioso. Já tinha saído o resultado de aprovação no mestrado, eu havia defendido a monografia em 10 de dezembro de 2021 e um dia depois fui convidada por uma amiga para a festa de Iansã que aconteceria logo mais no GUESB. Não decidi de prontidão, mas pensei que seria bom eu ir, já que vez ou outra eu passava pela frente do GUESB, mas nunca tinha ido lá.

A festa iniciava às 19h00, eu e mais três amigas chegamos por volta de 18h30. Não sei explicar, porque eu nunca tinha ido lá, era um ambiente novo, mas eu não sentia como um lugar desconhecido, era muito familiar para mim, era como se eu já conhecesse o terreiro. O salão estava ornamentado, nas cores branca e vermelha. No canto do salão do lado direito havia uma pequena mesa forrada com uma toalha branca e acima dela um quadro de Santa Bárbara, um cálice e outros objetos litúrgicos de uma missa. Mãe Neide, fundadora e yalorixá do GUESB, chega no salão com alguns filhos de santo e junto dela um padre que rezaria a missa para Santa Bárbara e assim se sucedeu, com todos os ritos de uma missa: proclamação do evangelho, responsório<sup>3</sup>, comunhão<sup>4</sup>... Depois de finalizada a missa, começa o Toque para Oyá, encerrado com um banquete de acarajé e frutas.

Diante disso, e como o meu projeto de pesquisa para o mestrado tinha como objetivo geral construir uma teoria nativa sobre essas concepções sincréticas, eu fiquei entusiasmada com a cerimônia que vi no GUESB, mas ainda não tinha decidido se este seria meu campo de pesquisa. Ao longo de 2022, realizei um longo processo de mapeamento do campo e procura por terreiros, até decidir tentar acessar Mãe Neide para fazer do GUESB o meu campo de pesquisa.

---

<sup>1</sup> Essa pesquisa foi financiada pela **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL-AL)**, instituição da qual fui bolsista entre junho de 2022 a março 2024.

<sup>2</sup> Além de ser fundadora do GUESB, Mãe Neide também fundou o Projeto de formação e inclusão social Inaê. Falarei mais adiante sobre os projetos sociais desenvolvidos pela ONG.

<sup>3</sup> O padre falava recitava alguns versos e nós respondíamos conforme era pedido.

<sup>4</sup> Ato de comer a hóstia sagrada (o corpo de Cristo).

Foi um processo longo e por vezes desanimador, hoje entendo que existem temporalidades diversas quando se trata do meio afro-religioso e eu tive que esperar o tempo necessário para conseguir me inserir no GUESB como pesquisadora. Eu visitei o GUESB em quase todas as festas abertas ao público que aconteceram durante o ano de 2022: a *Feijoada dos Pretos Velhos* em maio, o *Banquete do Rei* festa para Obaluaê em agosto, a *Festa das Lebaras* de Exu e Pomba Gira também no final de agosto e a *Missa para Santa Bárbara e Ájòdún<sup>5</sup> para Oyá<sup>6</sup>* em dezembro. Depois da festa dos Pretos Velhos, em 13 de maio de 2022, eu cheguei à conclusão que queria fazer meu campo no GUESB e daí vieram as primeiras tentativas de contato, buscando falar com Mãe Neide durante o encerramento de alguma festa e também procurando uma intermediação, a princípio com uma colega e filha de santo da casa que me apresentaria para o Pai Pequeno. Inicialmente, não conseguimos marcar essa conversa, ela também chegou a me alertar algumas vezes que Mãe Neide estava resistente em aceitar pesquisadores porque iam fazer a pesquisa e depois sumiam, não devolviam algo à comunidade.

Quando as festas acabavam Mãe Neide sempre estava ocupada, falando com muitas pessoas, eu só conseguia pedir a bênção a ela. De agosto até dezembro de 2022, não houve nenhuma festa pública no GUESB. Nesse tempo conversei com alguns amigos que faziam parte de outros terreiros, mas não tive nenhuma garantia, as portas estavam fechadas para pesquisa. Mapeei outros terreiros pelas redes sociais e visitei alguns outros, mas sem nenhum retorno. É importante diferenciar o mapeamento de campo, do trabalho de campo: o mapeamento, eu iniciei antes mesmo das aulas começarem ainda em dezembro de 2021 e perdurou mais de um ano, visitando quatro terreiros ao todo – incluindo o GUESB – e tentando estabelecer uma aproximação com Mãe Neide. Até que tive a próxima oportunidade de conversar com a Mãe Neide, a missa de Santa Bárbara em dezembro de 2022. Com o avançar dos meses e a proximidade da festa, pensei ser a minha última chance de falar com ela, mas no dia, ao término da festa, depois que o banquete de Oyá foi servido, antes que eu pudesse me aproximar, Mãe Neide já tinha se retirado do salão. O tempo passava, viam as dúvidas sobre se eu não estava perdendo muito tempo nessa tentativa de negociação e muita frustração, até que, no final de dezembro, uma amiga me passou o contato de Mãe Neide. Falei com ela pelo *WhatsApp*, ela me respondeu dias depois, mas já sinalizou interesse em saber mais sobre a pesquisa. Ela me deixou ciente que esse encontro seria na Serra da Barriga em União dos Palmares, onde Mãe Neide tem um restaurante “*Baobá Raízes e Tradições*” e outro terreiro, o Ilê Axé Navizala.

---

<sup>5</sup> Reunião de pessoas para comemorar.

<sup>6</sup> Orixá Iansã uma das orixás de cabeça de Mãe Neide.

Ainda assim, não consegui marcar logo uma data definitiva, esse processo de negociação e conversas para um possível encontro se perdurou por quase quatro meses. Enquanto isso, em meio às incertezas, falei com outro pai de santo para visitar seu terreiro. Ele disse que entraria em contato o que nunca aconteceu e eu também não insisti porque, apesar da tristeza e dos momentos de desacreditar em mim, algo me dizia<sup>7</sup> que eu não poderia desistir de falar com Mãe Neide. Em uma sexta-feira, dia 14/04, insisti mais uma vez em falar com ela, dessa vez a resposta veio mais rápida, horas depois e marcamos de nos encontrar na terça-feira seguinte, dia 18 de abril de 2023. Fui à União dos Palmares, no Restaurante Baobá, lá conversei com Mãe Neide, apresentei minha proposta e ela prontamente aceitou que eu desenvolvesse a pesquisa no GUESB! Ufa! Enfim, eu poderia começar oficialmente a fazer pesquisa no terreiro. Naquele dia Mãe Neide mais uma vez falou e agora diretamente para mim: “eu sou uma mulher sincretizada e miscigenada”, ali no solo sagrado, na Terra de Palmares, eu ganhava permissão de fazer minha pesquisa.

Durante esses tempos de visita ao GUESB, eu registrava em meu diário de campo as festas e situações que eu vivia, cheguei a escrever dois trabalhos finais de disciplina sobre os relatos da cerimônia da missa de Santa Bárbara e do Toque de Oyá, do ponto de vista de uma observadora e de uma antropóloga em formação, sabendo da seriedade e do compromisso ético que tenho ao fazer meu trabalho. Segundo o código de ética da Associação Brasileira de Antropologia, constitui como direito das populações a serem estudadas: “o direito de ser informadas sobre a natureza da pesquisa”. Portanto, antes de qualquer escrita para além do meu diário de campo e desses dois trabalhos finais de disciplina, eu não pude e não quis publicizar nada sobre o GUESB. Considerei que isto não seria ético porque eu ainda não tinha a autorização formal para fazer a pesquisa. Na seleção do mestrado, durante a entrevista e defesa do projeto, uma professora da banca me perguntou: “e se as pessoas não quiserem falar sobre o que você quer pesquisar?” e eu respondi usando uma das referências da seleção “a antropologia constrói e desconstrói seus objetos de pesquisa a partir da maneira empírica e relacional com o campo” (Agier, 2005, p. 485). Durante todo esse tempo de mapeamento de campo, e mais uma vez na minha visita ao Baobá, Mãe Neide falou recorrentemente sobre o sincretismo. Sendo assim o que estava em jogo não era só o que eu queria pesquisar, a Mãe Neide falava sobre sincretismo, a Mãe Neide falava sobre os santos da Igreja Católica e eu assisti a uma missa dentro do terreiro. Assim, eu ia tendo a certeza que era o GUESB o local para fazer minha pesquisa. Sem a

---

<sup>7</sup> Na verdade, eu até sonhei, duas vezes, com uma mulher negra vestida de branco com um pano branco na cabeça dizendo para eu ter coragem e não desistir.

aceitação e o interesse dos meus colaboradores de falarem sobre o que eu quero pesquisar, não haveria como construir uma teoria *contrassincretismo* como proposto por Goldman (2017).

Com o andamento da pesquisa é que passei a me entender mais em campo e compreender que fazer pesquisa em terreiro depende de outros agenciamentos e organizações que não é possível alcançar com uma lógica ocidental de objetividade científica. Nesse caso, não somos guiados apenas pela teoria, somos guiados pelas entidades. Além de um período de negociações, há um tempo de aprendizado que não se limita ao tempo cronológico do calendário. Além de estabelecer vínculos e ser aceita, tem o tempo da vivência, o tempo do orixá, o tempo em que algumas coisas poderão ser ditas e ser feitas, trata-se de respeitar a espiritualidade. São modelos de compreensão que não se limitam a um modelo universal de ciência e pensando em uma antropologia contracolonial devemos levar a sério esses saberes. Dito isso, a minha pesquisa de campo durou de abril de 2023 a dezembro de 2023, dividindo esse tempo em acompanhamento de pré-festas, festas e pós festas (Ajodun de Ogum; Feijoada da Vovó Maria Conga; Louvação aos Ciganos; Ajodun de Xangô; Louvação a Oxum e festa de Nossa Senhora Aparecida; Festa dos Erês; Toque de Iansã, Toque de Maria Padilha), de dias de função no GUESB e também na Serra da Barriga onde Mãe Neide tem outro terreiro, e acompanhando a participação de Mãe Neide em eventos (Lançamento do livro de Mãe Neide e aula magna FAMED-UFAL). Após a pesquisa de campo acabar, continuei indo para as funções e festas no terreiro, logo é provável que as leitoras possam ver algumas datas de diário de campo que extrapolam esse limite de meses falado acima. Em maio deste ano, consegui conversar com Mãe Neide e Pai João Paulo algumas dúvidas que ficaram durante o tempo que fiz campo. Certamente, compreendo que há vínculos que continuaram sendo mantidos e não se findam com a pesquisa de campo.

### **Métodos e técnicas de pesquisa**

A minha escolha teórica já me direciona para qual abordagem metodológica seguir. Quando pensei na elaboração dessa pesquisa, com o comprometimento de fazer uma antropologia engajada e ética, pensei em métodos e técnicas que me aproximassem do meu campo de pesquisa e, mais que isso, que os meus colaboradores de pesquisa fossem também partícipes nessa construção. Eu falo em uma participação conjunta na qual eu fosse orientada não só a partir de uma instrumentação teórica e metodológica da antropologia, mas sim também através dos meus colaboradores, dos atores humanos e não humanos da minha pesquisa. Com base nas minhas vivências anteriores, imaginei que trabalhando com religiões tradicionais de

terreiros haveria situações que eu observaria e vivenciaria, mas não que deveriam ser postas em meu trabalho por questões éticas e em respeito aos religiosos e às entidades. Assim como poderia haver outras situações que talvez eu não julgasse serem interessantes, a princípio, mas que fosse orientada por meus colaboradores de pesquisa, a ter mais atenção sobre elas. O meu papel como pesquisadora não é ser uma “infiltrada” para revelar segredos dos grupos estudados, inclusive sabia que não teria acesso a muitas coisas por não ser iniciada da religião. Como pontua Márcio Goldman (2005), a iniciação nas religiões afro-brasileiras é um processo complexo de ensinamentos e constituição de um novo ser – tanto para quem ensina, como para quem aprende – ao longo dos anos. Sendo assim, há ensinamentos que não podem ser ditos a qualquer pessoa, em qualquer lugar e a qualquer hora, é um “catar folhas” contínuo. “Essa concepção se articula com o fato de o saber e o aprendizado serem colocados sob o signo dos orixás Ossâim e Oxóssi, o senhor das ervas e o caçador, pois aprender é, acima de tudo, uma busca e uma captura, que envolvem, claro, um risco” (Goldman, 2005, p. 7). José Jorge de Carvalho (1985) nos adverte que ao entramos em contato com esse mundo alternativo de formas simbólicas, no caso aqui estudado o das religiões afro-brasileiras, nosso cuidado deve ser em preservá-lo, pois se a nós, antropólogos, foi dada a sorte e sensibilidade de descobrimos algo maravilhoso, não podemos trabalhar para a desintegração ou desencantamento (Carvalho, 1985, p. 221).

A princípio, defini que iria priorizar a etnografia e a vivência no terreiro, participando dos preparativos das festas, acompanhando a limpeza do espaço, observando os toques e as festas públicas. Propus procurar também, durante a pesquisa, já ir dando devolutivas aos meus colaboradores, bem como me mostrar solícita a ajudar em atividades do projeto social desenvolvido por Mãe Neide, a ONG Inaê<sup>8</sup>. Acredito que eu posso oferecer mais que uma dissertação pronta e impressa para o terreiro; a dissertação não deixa de ser um documento importante e um resultado da minha pesquisa, porém existem afetos e compromissos que estão além de uma escrita no papel.

Durante essa vivência, procurei estabelecer diálogos, perguntas informais, esclarecer dúvidas e ir registrando em meus diários de campo; algumas vezes fiz gravações em áudios e gravações em vídeos com autorização, assim como também fiz muitos registros fotográficos, que também foram permitidos. Com o material que tenho, utilizei a fotoetnografia como um recurso metodológico, pensando a fotografia não como uma ilustração, mas como um documento de registro que compõe a minha narrativa. Como bem pontua Clarice Peixoto:

---

<sup>8</sup> Mais à frente falarei mais um pouco da criação do Projeto de formação e inclusão social Inaê.

O trabalho antropológico é uma experiência no campo das percepções, dos sons, odores, gostos, sensações táteis e tantas outras, na qual mobilizamos todos os sentidos, e que na fabricação das imagens a escuta e o olhar são mais aguçados, a pesquisa antropológica com imagens nos faz mergulhar mais profundamente no campo do compreensível (Peixoto, 2019, p. 134).

Considero que as fotografias selecionadas apresentam uma riqueza de informação, as fotos foram escolhidas de forma a buscar mostrar uma narrativa coerente e servir como documentação etnográfica. Mesmo com a permissão para fazer as fotografias, por opção tive o cuidado tanto em fotografar como de selecionar fotos que não foquem tanto os rostos das pessoas.

A partir das aulas de métodos e técnicas, compreendi que a história oral poderia ser técnica interessante e já nas primeiras incursões em campo fui orientada por um ogã do terreiro a não focar somente nas entrevistas, mas no dia-a-dia durante a vivência com o grupo e ir fazendo perguntas de maneira informal. Também há algumas filhas e filhos de santo da casa que são antropólogas e antropólogos e que já passaram por essa fase de pesquisa e que muitas vezes me ajudaram quando eu estava em campo.

O GUESB é um centro religioso grande com um número considerável de filhos de santo. Mãe Neide afirmou ter mais de duzentos filhos de santo. Pude observar em média nas festividades maiores – Feijoada da Vovó Maria Conga e Festa de Iansã – cerca de 50 a 60 filhos de santo, estou falando dos filhos espirituais de Mãe Neide que moram em Maceió ou em outras cidades aqui de Alagoas, como em União dos Palmares, mas há ainda muitos outros que moram em outros estados ou países. Durante a pesquisa de campo acessei parte dessas pessoas, algumas com contatos mais longos e outras apenas em algumas atividades. Esse grupo plural divide-se em alguns momentos, uns estão presentes mais nas funções, outros acompanhando Mãe Neide em eventos, outros na ONG Inaê, mas reúnem-se quase sempre nas celebrações religiosas. Nessas tentativas de aproximação, meu lugar como pesquisadora também foi questionado, como se trata de um grupo diverso, multifacetado, dividido – falo de um grupo diverso no sentido de marcadores como raça, classe, faixa etária, escolaridade – e inevitavelmente há conflitos, nas minhas vivências e tentativas de aproximação surgiram dizeres do tipo eu “não estar falando com as pessoas certas”, “pessoas que não vão me ajudar” e diante de certos questionamentos, ajudas e orientações, eu sei que não devo também perder minha autonomia enquanto pesquisadora. Dessa forma, tentei conciliar meu lugar de antropóloga sendo conduzida em campo pelos meus colaboradores e não só por teorias (Oliveira, 2000), mas sem perder a minha capacidade de análise, priorizando uma construção de saber que seja minimamente simétrica.

Assim como fui orientada, eu fui indagada também sobre o eu, Andresa, a pessoa que constitui o ser antropológica. “Achei que você tava entrando no terreiro para ser filha de santo, não pensei que era pesquisadora”; “Você não sente nada fazendo trabalho aqui?”; “Você vai ver que seu trabalho aqui está para além de um trabalho acadêmico”. Essas indagações me fazem pensar em mim no sentido de me posicionar.

### **Posicionalidade**

Eu, Andresa, sou uma mulher negra e entender isso não foi fácil, porque sabemos que no Brasil uma das formas de racismo é a distinção da população negra pelo tom de sua pele, quanto mais escura for a pele de uma pessoa, mais chances de sofrer discriminação. Como tenho certa passabilidade, possuo uma pele de tom mais claro, muitas vezes, eu não me via notadamente sofrendo nenhum tipo de discriminação. Eu venho de uma família com pessoas de tons de pele bem mais escuro que o meu, então sempre me enxerguei e fui lida por muitos em meu seio familiar como branca ainda que fizessem piadas com o meu cabelo que “espinhava”, que era “bombril”, que era “ruim”, que é não é “socialmente aceitável”, ainda que durante a infância eu não estivesse entre as meninas mais bonitas da sala de aula, portanto também não era escolhida por nenhum coleguinha para ser par na dança da quadrilha, eu não conseguia enxergar isso como racismo.

Passar por situações de ser abordada por uma mulher em uma boutique de roupa, onde eu estava comprando, e ser pedida para levar uma roupa no provador para a sua filha; de ter precisado fazer uma intervenção cirúrgica de exodontia desnecessária apenas para ter o rosto mais “simétrico” e “harmônico”, me fizeram repensar minha identidade e meu modo de me ver no mundo! Situações que não eram percebidas por mim como racismo, afinal, eu tenho a pele clara e também eu precisava ouvir a opinião das pessoas para me confirmar o que eu passava, pessoas que costumavam dizer quem eu era: às vezes morena, às vezes branca, às vezes negra e eu deixei por muito tempo as pessoas me rotularem e dizerem quem eu era, mas hoje quem fala por mim sou eu. Não há nada mais precioso que a nossa identidade e se nós deixarmos que tirem isso de nós, nós nunca vamos saber quem somos.

Eu sou uma mulher negra que venho de uma família de mulheres fortes e potentes, mas que não puderam acessar esse lugar da academia, portanto, sou a primeira a ocupar esse espaço. Fui criada e socializada em uma tradição cristã, tenho meus afetos, minhas crenças e chego na antropologia para pesquisar religião afro-brasileira e essas relações sincréticas porque para mim era comum escutar familiares falando que meus avós maternos frequentavam terreiros, cultuavam e recebiam entidades, mas se diziam católicos e iam pra missa. Em busca de entender

essas relações, eu me enveredei por essa área e comecei a me questionar sobre crenças e conhecimentos que eu tinha. O GUESB não é o primeiro terreiro em que eu faço pesquisa, mas é o primeiro onde eu tive uma convivência maior, mais longa e mais aprofundada. Eu sou questionada pelos meus colaboradores de pesquisa, eu recebo recados das entidades quando estou lá, eu sinto sensações e afetos que eu não consigo colocar em palavras e sendo sincera eu tenho mais perguntas do que respostas. Há coisas que acontecem comigo no terreiro que eu não consigo explicar, que não dá para transformar em dados e que às vezes eu não consigo nem escrever, mas acontecem. Acho que é isso que a antropologia permite nesse encontro com o outro, com o desconhecido, e não estou falando no sentido do exótico, mas do não conhecer e de um transformar através do questionamento e do encontro. Não dá pra separar quem eu sou do que eu faço, a antropologia não opera por meio dessa utópica objetividade e esse lugar da pesquisadora neutra não existe. Agora, eu sou Andresa, a mulher pesquisadora, não praticante da religião que tenho muito afeto e gratidão à Vovó Maria Conga, às entidades, aos orixás, à Mãe Neide e tantos outros que me acolheram e me deixaram entrar nesse lugar e produzir e me descobrir e me questionar.

### **Escolhas teóricas**

O tema “Sincretismo Religioso” desperta a minha curiosidade desde a graduação quando comecei ter interesse de pesquisa pela temática afro-religiosa, pensando ainda nas “religiões afro-brasileiras” dentro de uma univocidade. Dando os meus primeiros passos na antropologia, em 2017, em uma entrevista com Pai Célio, Baba Omitoloji do Axé Pratygy<sup>9</sup>, ele me falou da diferença entre Umbanda e Candomblé, que eu julgava ser uma só religião. Nessa mesma conversa, Pai Célio me falou sobre a prática do sincretismo religioso, que eu desconhecia enquanto definição, mas que me era familiar ao ver santos católicos e símbolos afro-indígenas “enfeitando” a sala de meus avós maternos quando eu era criança. Ou seja, essa associação de símbolos configurava na prática o que Pai Célio me explicou como definição do sincretismo: “Na senzala, muitas vezes em alguns tablados, em cima, tinha a imagem do santo ou da santa da devoção do senhor de engenho [...] Ali em cima do tablado eles tinham uma ideia religiosa do senhor de engenho e embaixo ele fazia o culto ao seu orixá” (Moreira, 2021, p. 48-49).

Após essa primeira referência ao conceito de sincretismo religioso, fui me interessando pela temática. Em 2018, fui classificada para ser bolsista mediadora do Museu Théo Brandão

---

<sup>9</sup> Candomblé Jeje Nagô localizado no Bairro de Riacho Doce - Maceió/Al

de Antropologia e Folclore (MTB), equipamento cultural da Universidade Federal de Alagoas, que está localizado no centro de Maceió-AL. Uma das salas da expografia de longa duração do museu chama-se Sala Fé, e é dividida em dois módulos, o módulo do Catolicismo Popular e o módulo do Sincretismo Religioso. A partir das interações vivenciadas, mais precisamente neste último módulo, realizei a minha pesquisa de monografia (Moreira, 2021). Precisei me debruçar sobre o conceito que dava nome a essa parte da Sala e foi dessa maneira que comecei a ter contato com as discussões teóricas clássicas sobre sincretismo, bem como alguns debates sobre pureza e mistura. Nessa pesquisa eu trouxe também diversos relatos interessantes dos meus colaboradores sobre o que entendiam acerca do sincretismo religioso.

Em um primeiro momento, trouxe as perspectivas de autores que trabalharam com a temática do final do XIX ao século XX. Autores como Nina Rodrigues (1935), que via a prática a partir de uma visão evolucionista, como símbolo de atraso, e a definia como uma fusão de crenças. Abdias do Nascimento (1978) considerava que o sincretismo foi uma imposição, pois os escravizados foram obrigados a cultuarem os santos católicos. Para ele, o único sincretismo possível seria entre as próprias religiões africanas (jeje, angola, iorubá) e a religião dos índios brasileiros, na qual não há hierarquização de crenças. Arthur Ramos (1942), a partir de uma perspectiva culturalista do contato harmônico, classificava o sincretismo como resultado da aculturação dos negros que esqueceram a sua cultura ‘primitiva’. Já para Sérgio Ferretti (1998), o sincretismo é uma característica do fenômeno religioso, apesar de, em nosso país, referir-se quase exclusivamente ao catolicismo popular e às religiões afro-brasileiras. Reginaldo Prandi (1998) disse que os negros só puderam recuperar o seu imaginário ancestral através das práticas rituais possibilitadas por meio da relação com a simbologia católica.

Meus colaboradores de pesquisa, mediadores do MTB, também relataram-me o que entendiam por sincretismo religioso. Para Augusto, o termo é usado de maneira festiva “sem que se reflita para as perdas culturais e físicas que os povos escravizados foram submetidos, os africanos”. Felipe me disse que “o sincretismo religioso é a mistura, o diálogo histórico, a similaridade de características ou a imposição e a conseguinte adequação de conceitos, rituais ou deidades entre religiões distintas”. Para Giselle, o sincretismo “em diversos contextos sociais ele dá voz a necessidades, ressignificações e misturas de religiosidades”. Laura disse que “a associação de religiões se deu a partir de uma tentativa de sobrevivência da religião de origem e da cultura de origem de diversos povos africanos que foram escravizados”. Por fim, Francine me conta que “dentro do nosso contexto no Brasil, o sincretismo seria uma forma de resistência à opressão pela imposição da religião cristã” (Moreira, 2021, p. 45-46).

Trazendo uma abordagem mais contemporânea sobre o conceito, debrucei-me também sobre o conceito de *enredo* estudado por Clara Flaksman (2017), conceito trazido por seus interlocutores para explicar as relações sincréticas entre os orixás e os santos, sem colocá-los como sendo superiores uns aos outros.

Diante de tantas versões sobre o conceito do sincretismo e sabendo que a ciência é um campo de disputa, produzir etnografia é ter o poder de escolher apoiar-se em variadas construções teóricas, sejam elas evolucionistas, estruturalistas, funcionalistas, interpretativas. Cardoso de Oliveira (1988) salienta que, diferente das ciências físicas e exatas, na antropologia a prevalência de um paradigma não significa o rompimento com o anterior; nesta disciplina, esses paradigmas não são superados, ao contrário, prevalecem simultaneamente e se atualizam. Mesmo assim, para mim, não é aceitável fazer uma antropologia que esteja apoiada ainda em conceitos como aculturação, evolução e perdas culturais. Pelo contrário, procuro dialogar com a ideia de fluxos, como bem pontua Hannerz (1997), ao falar de fluxo como uma das palavras chaves para a antropologia transnacional. De acordo com ele, os fluxos têm direções, “no caso dos fluxos de culturas, é certo que o que se ganha num lugar não necessariamente se perde na origem. Mas há uma organização da cultura no espaço” (Hannerz, 1997:12). Pensando nisso, debrucei-me sobre teorias contemporâneas a respeito do tema do sincretismo, partindo de um texto do Márcio Goldman (2017) que fala do conceito de *Contrassincretismo*, conceito norteador para pensar a minha pesquisa atual.

Goldman (2017) sugere pensar o conceito de *contrassincretismo* a partir de bases etnográficas. Como argumenta o autor, as religiões afro-brasileiras são resultado de um processo criativo de reterritorialização na América e de novas formas de organização social e afetiva frente ao sistema brutal de desterritorialização causado pela escravidão (Goldman, 2005). Sendo assim, essas interações na diáspora e também as transformações socioculturais interferiram nas formas organizacionais das religiões afro-brasileiras.

Segundo Goldman (2017), grande parte das teorias do século XIX que abordaram conceitos como mestiçagem e sincretismo – o primeiro referindo-se à ordem biológica, o segundo, aos processos culturais – estavam estruturadas sob a ótica de subordinação dos elementos africanos e indígenas a um elemento superior: o branco europeu (Goldman, 2017, p. 12). Esses estudos científicos eram pautados em torno da questão da raça e assim, nesta perspectiva, tanto a mestiçagem como o sincretismo eram tidos como deletérios para a construção de uma nação unificada. A partir de 1930, a abordagem passou a ser mais

culturalista, privilegiando as heranças culturais mestiças e ao mesmo tempo negando a existência do racismo, difundindo o “mito da democracia racial”<sup>10</sup>.

Com o objetivo de não reduzir esses agenciamentos e articulações de imaginários africanos, indígenas e cristãos a uma confusão sincrética ou a uma homogeneização – que se manifeste por purificação ou mistura – (Goldman, 2017, p. 15), o autor sugere que sejam produzidas teorias nativas.

O reconhecimento de que a subordinação imperativa da antropologia à palavra nativa obriga a análise antropológica a contar com o que as pessoas pensam e têm a dizer sobre o que acontece com elas mesmas, com os outros e com o mundo. Desse modo, o discurso antropológico deixa de ter qualquer privilégio face ao daqueles com quem convivemos, e assim nos tornamos aptos a realmente aprender o que as pessoas têm a nos ensinar (Goldman, 2017, p. 17).

Uma antropologia que não produza teorias colonizadas envolve, na proposta do autor (2017, p. 19), a produção de teorias etnográficas do *contrassincretismo* e da *contramestiçagem* que devem ser elaboradas apoiadas no próprio pensamento nativo, afro e indígena, libertando-se do ofuscamento teórico-metodológico da variável maior: brancos. “Nada disso significa, evidentemente, que os brancos não façam parte da história, mas que passam a dela fazer parte em outro lugar e de outra maneira” (Goldman, 2017, p. 21).

Quando falo aqui sobre “pensamento nativo”, eu não penso no conceito antropológico clássico de um nativo isolado, pertencente a um local delimitado e fixo, que não se move e está geograficamente distante dos pesquisadores (Appadurai, 2005). Não quero construir uma teoria de encarceramento de pessoas e sim pontuar que os “nativos” são produtos da imaginação antropológica do passado; na prática nunca existiram, mas foram construídos por meios de abordagens antropológicas sincrônicas que não faz mais sentido serem reproduzidas. Penso que a lógica aqui é falar de pensamentos e categorias nativas que não estão desvinculadas de contextos sociopolíticos e transformações históricas, ao contrário, são influenciadas por essas interconexões, sendo que a partir delas as pessoas enxergam, classificam e reelaboram seus modos de vida.

---

<sup>10</sup> O sociólogo Gilberto Freyre foi o maior precursor desse mito que foi a ideia da singularidade de um país culturalmente mestiço onde as relações raciais eram harmoniosas.

### **Estrutura da dissertação**

Eu procurei estruturar esse trabalho com base no que meus colaboradores me apresentaram em campo, procurando reformular meus objetivos e perguntas iniciais de pesquisa a partir da minha vivência no terreiro.

Uma das primeiras falas de Mãe Neide durante a minha pesquisa de campo foi que a tradição que ela seguia era Umbanda do Nordeste. Umbanda porque tinha os seus Pretos Velhos, mas a sua mãe de santo dizia que sua Iansã era mais no Nagô. Dessa forma, eu priorizei trazer um capítulo que abordasse a festa dos Pretos Velhos e outro, a festa de Iansã.

No primeiro capítulo trago uma descrição da Feijoada da Vovó Maria Conga, mentora da Mãe Neide, ancestral do GUESB e a razão pela qual ela denomina seu culto como umbanda. Além disso, a Festa dos Pretos Velhos é a mais importante celebração do terreiro e não por acaso foi a primeira celebração que acompanhei como pesquisadora. É um evento que traz simbologias bastante interessantes para o meu tema de pesquisa. Para esse capítulo, eu trago uma fotoetnografia da minha chegada ao terreiro, passando pelo ritual pré-festa, festa, pós-festa. Abordo a trajetória de Mãe Neide e a criação do GUESB que está diretamente ligada à sua mentora, Vovó Maria Conga. Como o nome do capítulo diz “Ai dessa casa e de muitos filhos se não tivesse um Preto Velho, uma Preta Velha”.

No segundo capítulo me detive a discorrer sobre a Umbanda Nagô ou a Umbanda do Nordeste do GUESB. Para isso, procurei abordar a influência do contexto sociopolítico durante e depois o Quebra de Xangô de 1912, mostrando como as configurações afro-religiosas foram reelaboradas após um dos maiores episódios de perseguição do povo de santo do Brasil. Para além disso, busco mostrar como as diferentes trajetórias e formações religiosas de Mãe Neide e do Pai Pequeno João Paulo de Omolu também modificam os ritos da Umbanda do GUESB.

O terceiro capítulo é dedicado à emblemática Missa de Santa Bárbara e ao Toque de Iansã junto com os batismos. Foi através dessa cerimônia que eu fui ao GUESB pela primeira vez. Durante a preparação da festa no ano de 2023, passei quatro dias intensamente no terreiro, assim trago uma descrição etnográfica dessa celebração que Mãe Neide não abre mão já que Iansã é uma das orixás donas de sua cabeça. É primordial uma análise da homilia católica e do Toque para a Orixá, levando em consideração analisar uma missa que ocorre dentro do terreiro para teorizar sobre sincretismo.

Nomeei os capítulos de acordo com o que era me apresentado em campo. O primeiro capítulo “Ai dessa casa e de muitos filhos se não tivesse um Preto Velho, uma Preta Velha”, a partir de uma fala de Mãe Neide durante a festa dos Pretos Velhos; o segundo capítulo “É a umbanda do nordeste que traça com jurema, caboclo, com o culto da pajelança e de outros

cultos” também uma fala de Mãe Neide acerca da Tradição que cultua e o último capítulo é parte de uma cantoria de Mãe Chica Xavier para Iansã na Serra da Barriga “A umbaúba balançou com o vento”.

### **“É COMO A MÃE DIZ: TEM QUE SENTAR NO BANQUINHO PARA APRENDER PRA UM DIA FICAR DE PÉ E ENSINAR”- REFLEXÕES ACERCA DE TEORIAS E MÉTODOS NA ANTROPOLOGIA**

Um estranhamento que eu tenho, pelo menos na minha formação como cientista social foi assim, é que a gente aprende antropologia pelo contrário. Primeiro, aprendemos o que não fazer, para depois de fato aprender a fazer o “certo”. O certo vamos considerar aqui como o mais ético com maior compromisso com o outro, um fazer antropológico decolonial.

A história da ciência antropológica, assim como de toda ciência, não é uma tábula rasa, é um conhecimento mutável que vai sendo atualizado de forma processual. Mas o que me incomoda profundamente é que, em muitos casos, esse modo de fazer ciência continua sendo branco, eurocêntrico, patriarcal, a academia recusa epistemologias que não se apoiam nos clássicos. E quem definiu esses clássicos como clássicos? Os clássicos são empurrados “goela abaixo” nas ementas, temos professores que se recusam a trazer teorias pretas, indígenas, subversivas, feministas, teorias plurais, com a desculpa que não conhecem, mas quando a gente não conhece a gente procura, né? Como atualizar nossas práticas seguindo modelos hegemônicos de conhecimento? Já no final da graduação, na disciplina de Antropologia 3, nas disciplinas de metodologias qualitativas, ou em eletivas e também no segundo semestre do mestrado é que tive contato com teorias antropológicas que rompem com esses limites geográficos de França, Inglaterra e Estados Unidos. Foi possível ver a antropologia brasileira, autoras e autores palestinos, indianos, africanos, latinos, e a partir daí é que surgem várias inquietações com conceitos, métodos, teorias já estudadas.

Com esses novos conhecimentos e os questionamentos que esses autores e autoras trazem eu tive que reaprender, olhar de outro modo para a instrumentalização metodológica e conceitual da antropologia. Porque agora são os “objetos” de estudo que estão falando, sem precisar que o antropólogo “dê voz” a eles; não querem ser uma criatura isolada criada pela imaginação antropológica (Appadurai, 2005), as subalternas decidem falar (Spivak, 2014).

Posso afirmar que quando cheguei no campo me vieram muito mais dúvidas sobre como fazer o meu trabalho empírico. Não era a primeira pesquisa etnográfica que eu fazia, mas foi nessa pesquisa que eu passei mais tempo em campo, entre maio de 2023 e dezembro de 2023. Eu nunca tinha tido um contato tão prolongado em um terreiro. Eu não sou iniciada na religião

e meus contatos eram de pesquisadora que ia esporadicamente aos terreiros conhecer ou fazer pesquisas pontuais. Em seu livro “O antropólogo e sua magia”, Vagner Gonçalves da Silva (2006) traz um vasto repertório de antropólogos e antropólogas falando de suas experiências em campo e das possibilidades e desafios do fazer etnográfico nos terreiros.

Os dados da experiência do antropólogo, principalmente, aqueles considerados mais subjetivos [...], quando expostos, aparecem com cautela na escrita etnográfica, para não correr o risco de tornar a etnografia uma experiência única e singular ou passível de ser confundida com uma “obra de literatura” propriamente dita. Quando os etnógrafos se convencem da importância de trazer suas experiências de campo para o primeiro plano dos relatos etnográficos, geralmente o fazem na forma de artigos separados de suas “obras etnográficas acadêmicas” ou, então, como livros de caráter memorialista ou autobiográficos, nos quais se cria um diapasão entre o gênero de “crônica” adotado e o conhecimento etnográfico, que praticamente se evade destas obras (Silva, 2006, p. 120).

Eu fui criada e socializada em uma tradição cristã, desde criança frequentei igrejas católicas ou evangélicas, tenho muito afeto pelo que aprendi, vivencio e experimento no seio da minha família sobre fé e crença, mas também discordo de muitas convicções e falas pejorativas e racistas acerca de outras religiões que não se encaixam na tradição que seguem. Foi no contato com a antropologia, no início da graduação, que comecei a frequentar terreiros e me questionar sobre o porquê de relacionar as religiões afro-brasileiras a algo ruim ou negativo. Foi aí que decidi voltar as minhas pesquisas para a afro-religiosidade. Passei a ser indagada por pessoas da minha família, “o que você faz tanto no terreiro?”; ouvia que “pesquisa é uma coisa, mas que você não deve se envolver demais”; fui até questionada por colegas, “você acredita no que pesquisa?” Trago a minha posicionalidade para discorrer sobre como sensações e afetos também fazem parte do fazer científico e que qualquer pesquisador é um ser que se envolve e é envolvido com/por sua pesquisa. Por isso devemos pensar em formas de fazer ciência que dêem conta de discutir e abranger essas sensações.

Quando você chega no campo, você é a estranha, a de fora, está imersa em um contexto simbólico e sagrado que não conhece e tenta da sua maneira buscar se inteirar do espaço e construir relações. Para a minha pesquisa eu tinha a permissão da mãe de santo e do pai pequeno do terreiro, mas ali existem indivíduos que devem ser respeitados na sua individualidade e eu tinha que ter a permissão deles também, do filho ou da filha de santo dos quais pudesse me aproximar como colaboradores da minha pesquisa.

A pesquisa é minha, essas pessoas não têm obrigação de me ajudarem. É preciso perguntar o que posso proporcionar para elas através do meu estudo? A antropóloga nativa ali era eu, com referências acadêmicas de como ir a campo, de ter métodos bem delineados, com bagagem teórica e ideias sobre fazer observação participante. É isso que faz uma antropóloga,

né? Será mesmo? E quando a sua teoria não serve para muita coisa? Pelo menos naquele primeiro momento! Eu não estou dizendo que a teoria antropológica não me serve, de maneira nenhuma posso afirmar isso. Mas durante o trabalho de campo, muitas vezes, certas teorias não foram de grande valia. Durante a pesquisa de campo passei a ser guiada por outras sensibilidades e afetos e acho necessário trazer esses aspectos aqui na minha forma de pensar o trabalho de campo.

Logo no primeiro dia de campo, um colaborador de pesquisa, o querido Ogã Rodrigo, me fala: “Você vai aprender com a gente, nenhum livro vai lhe ensinar sobre a nossa vivência” (diário de campo, 12/05/2023). Falou também que eu tinha que tomar alguns cuidados antes de entrar no terreiro, tomar o banho de santo ao chegar – o banho de santo é um banho com sal grosso, com ervas do terreiro, ou com alfazema –, vestir outras roupas de cores claras que não fossem as mesmas que eu estava usando antes e usar um pano para cobrir a cabeça. Sendo assim, nas minhas idas ao campo eu não levava somente o caderno de campo, caneta, celular e carregador para poder fazer fotos e gravações. Levava uma pequena bacia para tomar meu banho, uma vasilha com sal grosso, e antes de ir ao terreiro lavava as roupas brancas e claras que eu separei somente para usar lá.

Outra coisa que eu carregava pra cima e pra baixo no terreiro era o caderno de campo, mas às vezes parecia que estar falando com algumas pessoas e escrevendo ao mesmo tempo as intimidava, com outras isso fazia com que elas falassem mais. Muitas vezes eu mesma me incomodava, sentia como se as anotações dessem a impressão de que não estava tão interessada em ter uma conversa mais tranquila, porque tudo tinha que ser registrado. Algumas vezes, eu sentia que tudo aquilo interferia em uma conversa mais fluida, parecia que a presença do caderno sempre em mãos poderia não ajudar. Então, vez ou outra eu deixava o caderno mais de lado e só fazia anotações frenéticas depois, quando estivesse sozinha. Um dia, sentada na frente da casa dos Pretos Velhos, Vitinho, um jovem do terreiro falou: “A senhora sempre com seu caderninho escrevendo!”. Eu o respondi dizendo que tinha muito o que aprender com eles, que queria que o meu trabalho fosse uma construção com o pessoal do terreiro. Aí ele me respondeu: “é como a mãe diz: tem que sentar no banquinho pra aprender pra um dia ficar de pé e ensinar!” (Diário de campo, 01/12/2023). Essa fala me tocou e me mostrou mais ainda que o saber do terreiro, transmitido pela oralidade, dos mais velhos para os mais novos, no tempo propício determinado por Exu e pelo orixá, não ocorre na mesma lógica que o saber acadêmico. Uma pessoa pode ter inúmeras titulações acadêmicas, mas no espaço do terreiro isso não contará na aprendizagem com o sagrado “ninguém aceitava um Preto Velho na Federação se não soubesse o dom da Palavra, se não soubesse ler e escrever, para eles a evolução que ia dizer isso, né?

Quando na realidade não tem nada a ver a evolução com a pessoa ser formada, ter um doutorado, isso não é evolução” (Mãe Neide, 22/05/2024).

Muitas vezes eu passei a questionar quais os limites entre meu fazer científico e a objetificação da fé das pessoas. Também fui questionada por uma filha de santo sobre isso, ela me perguntou como saberia se “eu sendo uma pessoa de fora, não estaria a objetificando”. Eu tentei lhe responder dizendo que vinha tendo algumas preocupações para evitar isso, uma delas era compartilhar trechos da minha escrita que continham falas dos meus colaboradores de pesquisa com eles e pedir a permissão para incluir aqueles trechos na dissertação, assim como fiz com as fotografias também, mas de fato eu me perguntei se isso era o bastante. Como ter um maior comprometimento de pesquisa com aquelas pessoas que me permitiram estar dentro, mesmo sendo uma pessoa de fora? Um dia conversando com Lannay, filha de santo da casa e também antropóloga, ela disse “use a metodologia do afeto!” Isso me pegou! Em sua dissertação, Lannay trouxe provocações necessárias à academia para se pensar epistemologias negras e de terreiros através de escrevivências ancestrais e afetuosas sobre yalorixás filhas de Oxum na promoção do cuidado e da sabedoria ancestral (Santos, 2022). Essa dissertação foi premiada pela pró-reitoria de pesquisa da UFAL em 2023 na categoria jovens pesquisadoras da primeira edição do Prêmio Mulheres e Meninas na Ciência. “Percebo que durante a caminhada era necessário uma metodologia que mantivesse essa chama acesa que não só sustentasse a pesquisa, mas que mobilizasse processos afetivos, reflexivos e descritivos, que aproximasse todo mundo” (SANTOS, 2022, p. 11). Lannay foi uma querida que, sendo uma de dentro, me ajudou a olhar para o campo e fazer antropologia a partir de novas perspectivas a partir da sua escrevivência. Na continuação dessa conversa com Lannay, outra filha de santo também falou sobre seu ponto de vista sobre o afeto:

Ray disse que lendo muita pesquisa sobre terreiro observava que muita gente ia para esse caminho da afetividade, e que não era possível fazer uma pesquisa dentro do ambiente de terreiro sem passar o mínimo que seja pela afetividade. Lannay disse que infelizmente sim, tinha uma galera que conseguia fazer, mas que quando temos uma escrita diferenciada a gente só quer que as pessoas sintam o que a gente sente ao escrever. Ela disse pra eu fazer um “rolê diferente”, para eu visitar esse lugar de escrita e ler pessoas com as quais a minha metodologia parecesse (Diário de campo, 01/12/2023).

A fala sobre a metodologia do afeto me despertou a nomear práticas que eu vinha fazendo no terreiro e que vez ou outra pensava: mas será que isso ajuda a fazer meu trabalho? Como isso é visto pelas pessoas da casa? Ajudar na limpeza, cortar verduras, ajudar na ornamentação do salão, eu fazia isso por afeto, era uma forma de agradecer aos orixás, aos Pretos Velhos e às entidades por me permitirem estar lá. Verdadeiramente eu sentia que o pouco

que eu contribuísse nas atividades diárias do terreiro era uma forma de devolutiva mínima. Até porque no terreiro ninguém fica parado, ainda mais em dia de função, tem sempre folhas para apanhar, terreiro pra varrer, comida para fazer, pratos para lavar. Eu não queria estar parando as pessoas em seus serviços fazendo perguntas e anotando em meu caderno, atrapalhando a dinâmica de organização do terreiro, sendo “a pesquisadora”.

Agora, 2h10 da manhã, estou super cansada. Cortamos quiabos, descascamos cebolas. Tô cansada demais! Mais cedo conversei com Luzia, esclareci algumas coisas da escrita. Tô cansada! [...] Fomos dormir 3h00 depois que comemos macarrão. Foi Bom! Dormi Bem! [...] Almoçamos, limpei a cozinha, é o mínimo que posso fazer, retribuir de alguma maneira, tenho ainda algumas dúvidas para perguntar (Diário de campo, 01/12/2023).

Apreendi com o Ogã Rodrigo que tudo que fizemos dentro do terreiro tem de ser de coração “porque o santo vê, o santo sabe [...] Para a nossa vida fluir não precisa tá rodando o *ejé*<sup>11</sup>, nem toda hora tá dando de comida<sup>12</sup> pra ele, ele entende que o zelo com ele está dentro do terreiro a partir do momento que a gente pisa. Santo não quer folha seca no terreiro, nem teia de aranha nas suas louças<sup>13</sup>” (Diário de campo, 12/10/2023). Quando eu falo em afeto, eu não falo somente da minha forma de conduzir a pesquisa, mas sobre como as pessoas me tratam nesse ambiente também.

Lannay chegou ao terreiro e estávamos fazendo uma vaquinha para a janta. Eu estou aqui desde ontem e nos horários das refeições costumamos fazer vaquinha para comprar os alimentos, funciona da seguinte maneira: alguém sugere um cardápio, falamos se concordamos e cada um vai dizendo quanto pode dar para comprar os alimentos. Acho engraçado que antes se referiam a mim como “a menina da pesquisa”, “a pesquisadora deu tanto...”. Agora já falam “a Andresa”... e aí fazemos as contas no final e vemos quanto de dinheiro temos para fazer a compra. Lannay me disse “quando lhe incluem em uma vaquinha dessa, isso é afeto!” (Diário de campo, 01/12/2023).

E realmente isso é acolhimento, desde quando eu comecei a frequentar o GUESB fazendo a pesquisa me incluem nas vaquinhas de café da manhã, almoço, janta, do doce da tarde, da pizza. Ao me emprestarem um sabonete na hora do banho, ao me cederam uma almofada para encostar na cabeça na hora de dormir... são relações que vão sendo construídas na base do respeito e afeto, assim a pesquisa de campo é possível. Depois de ter concluído a pesquisa de campo, fui a uma festa de Pomba Gira, quando um filho da casa me viu sentada entre o público, disse: “Oxe! Bora pra gira, você já é da casa!”.

Esse afeto não é somente entre as pessoas de “carne e osso”. Quando eu falo em afeto na pesquisa eu falo também de coisas que antropologia me faz acessar, mas não é somente a

<sup>11</sup> Ejé vem do iorubá que significa sangue do animal sacralizado.

<sup>12</sup> Dar de comer ao santo é oferecer o animal de duas ou quatro patas para ser sacralizado.

<sup>13</sup> É o assentamento do orixá onde cada orixá individual faz a sua morada.

Andresa antropóloga que acessa, é a pessoa, é a mulher que faz essa antropóloga e isso dá uma virada chave nas compreensões e incompreensões dentro do campo.

Terminando a apresentação do GUESB para a turma da UFAL, Rodrigo me perguntou o que achei, se tinha alguma dúvida. Estávamos sentados em frente à casa dos Pretos Velhos, quando fui respondê-lo, eu não conseguia falar, eu só chorei, chorei muito, eu não sabia explicar o que acontecia, era como se algo me tocasse, me confortasse, me abraçasse e eu só sabia chorar, mas sem saber ao certo o porquê (Diário de campo, 15/05/2023).

Na verdade, até hoje eu não sei explicar direito o que aconteceu, lembro que Rodrigo disse “Você vai ver que essa pesquisa não é só um trabalho, vai para além disso!”. Uma pergunta frequente no campo foi: “você não sente nada fazendo pesquisa aqui?”. Outra vez em dia de batismo perguntaram “Você vai se batizar hoje?”, “Pede a Mãe pra participar da gira”... Geralmente respondia: “não dessa vez”. Quando falo de incompreensões é sobre não saber dar respostas ou explicações, é só sentir e não saber externar em um texto etnográfico.

Para muitos antropólogos, já no primeiro contato com as religiões afro-brasileiras a experiência da aproximação mobiliza fortes sentimentos e emoções [...] que marcam a apreensão desse universo e de si próprios em relação a ele. [...] Independente de ser cético ou crente, é muito difícil, para quem contata o candomblé, não experimentar certas sensações como se estivesse na soleira de uma porta que se abriu para um mundo distante e próximo, real e sobrenatural, visível e invisível, atraente e repulsivo (Silva, 2007, p. 67).

A metodologia do afeto difere de ir a campo procurando se tornar um nativo, primeiro porque o conceito de "nativo" da forma que antropologia clássica construiu é um ser fixado e encarcerado em um lugar sem agência e sem relações, sendo assim a posição entre o antropólogo e ele será sempre assimétrica. Segundo, porque aprender os costumes daquelas pessoas somente para ser aceito não é se tornar de “dentro”, é fingir, é se apropriar. A metodologia do afeto é sobre estabelecer relações respeitadas e sinceras com os diversos seres que habitam aquele espaço e que, de alguma forma, a antropóloga se propôs a conhecer quando decidiu fazer a pesquisa. A observação participante, dentro do terreiro, não dá conta de estabelecer essas relações se estiver limitada a uma técnica de “coletar” dados com um mínimo de envolvimento possível, conforme proposto na formulação clássica de Malinowski:

Os nativos, é verdade, não são os companheiros naturais do homem civilizado; após convivermos com eles longas horas, observando no trabalho do plantio e ouvindo-os discorrer sobre itens do seu folclore ou discutindo seus costumes, é natural que sintamos falta da companhia dos nossos iguais (Malinowski, 1978, p. 22).

Estabelecer uma relação de respeito com os nossos colaboradores exige que não forcemos a ótica da distância ou o etnocentrismo, julgando seus comportamentos usando o

nosso olhar como régua. Analisar o outro também é questionar o meu lugar, não só enquanto antropóloga, mas enquanto a pessoa que constitui esse ser antropóloga. Analisar a si próprio e estranhar as suas convicções, a forma como fomos socializados, nossos aprendizados, isso é o exercício da alteridade. Trata-se de algo completamente diferente de praticar o alterocídio, constituindo o Outro como um objeto intrinsecamente ameaçador e inferior do qual é preciso se proteger (Mbembe, 2007, p. 24). Como pontua Santos (2007, p. 117) “nativos de carne e osso” exigem “antropólogos de carne e osso” para construir o diálogo etnográfico.

No modelo clássico de etnografia a observação participante surgiu como uma condição para a realização de um trabalho genuinamente científico – uma técnica de pesquisa –, recentemente questiona-se o quanto a experiência da alteridade poderia ser melhor compreendida se essa “técnica” fosse pensada também como um objeto do saber etnográfico e não apenas como uma condição de construção de etnografias. O mito do pesquisador de campo como um fantasma destituído de sua classe, sexo, cor, opiniões etc. que não afeta e não é afetado pelo cotidiano que compartilha com seus interlocutores, ou ainda como um herói da simpatia e da paciência, cuja missão é humanizar o outro, esquecendo-se de que ele também deve ser “humanizado” em suas fraquezas e omissões, parece agora exigir novas versões em que o pesquisador encontre um papel mais equilibrado e condizente com a situação real da investigação (Santos, 2007, p. 117).

Acrescento que é preciso reforçar esse diálogo etnográfico através de uma dialética, no sentido de pensar as consequências que o meu diálogo faz com os meus colaboradores de pesquisa, o que o diálogo deles faz comigo e o que essa relação faz conosco, ou seja, um processo no qual todos saem afetados. Lembro que nas minhas primeiras visitas aos outros terreiros, no início da graduação, a minha posição era de uma antropóloga que observava, mas que pouco participava, pois não eu não me deixava afetar. Todavia, mesmo assim era afetada, porque as forças daquele lugar sempre se comunicavam de alguma forma comigo. Foi um longo processo de desconstrução de estigmatizações e de preconceitos prévios para ter uma visão mais crítica sobre quem eu sou e o que eu faço, e para perceber que participar é se integrar até onde for possível e respeitoso também comigo, já que nesse espaço tudo tem seu tempo. No entanto, é impossível não ser tocado no terreiro e não levar para casa um misto de sensações e emoções depois do campo. “O antropólogo, ao aproximar-se dessas 'energias' para pesquisar, inevitavelmente acaba sendo atraído por elas, pensa o povo-de-santo, independentemente do seu envolvimento objetivo, sua vontade ou grau de fé” (Santos, 2006, p. 107). Acerca disso, Santos (2006) entrevista o babalorixá José Mendes que diz:

É difícil você mexer com o orixá e não se corresponder com ele. Se você entra no fogo é pra se queimar. Queira ou não queira, mais cedo ou mais tarde, você vai ser perseguido por eles, porque todo mundo tem orixás. O que são orixás. São espíritos da natureza. E quem não tem a natureza dentro de si? (Santos, 2006, p. 107).

Meus colaboradores de pesquisa vez ou outra tocavam nesse ponto. No dia dos preparativos da festa de Iansã, um deles me perguntou se eu ia dormir lá, eu respondi que sim. Ele disse “olha, logo, logo vira macumbeira!”. Eu ri! Nos primeiros dias de pesquisa, Rodrigo me disse: ‘Fulana’ entrou aqui pra fazer pesquisa e não saiu mais, já está há nove anos aqui!”. No último dia de campo, fui abraçá-lo agradecendo por todo o carinho e acolhimento, falei que continuaria visitando o GUESB, ele falou novamente “Venha, ‘fulana’ entrou aqui há 9 anos para fazer uma pesquisa e está aqui até hoje”. É certo que de alguma maneira as correspondências entre nós e os seres espirituais irão acontecer. Durante a louvação aos ciganos,

A cigana Ana Clara de Mãe Mônica estava dançando, rodopiando pelo salão, parou em minha frente, disse que eu era estudiosa e ia conseguir alcançar meus objetivos, disse que eu me apaixonei por aqui (GUESB) e já, já eu estou no santo. Eu a abracei e agradei a acolhida. Vim no *uber* muito reflexiva. (Diário de campo, 31/05/2023).

Outra vez, na festa dos erês, no Axé Navizala, na Serra da Barriga:

A cabocla Jurema de Rose apontou pra mim, eu estava um pouco longe e falou: “Venha logo, não sei por que você fica nessa indecisão, quando tá em casa fica pensando em tá lá (GUESB). Fica pensando ‘ai, eu queria tanto estar lá, queria tanto ir pra lá’ Pois venha logo!”... Alguns filhos de santo que estavam perto dela a repreenderam (não sei se é essa a palavra), pediram para ela parar, ela insistiu, “é, mas quando ela tá em casa ela fica querendo ir pra lá”.

Nesse mesmo dia, depois disso acontecer, fui dar a bênção a Mãe Neide e disse “Mãe, obrigada por me aceitar aqui, estou sentindo algumas sensações, que estou tentando lidar e controlar”. Ela riu e disse “tá tentando controlar, filha?” Aí eu ri também!

Outra coisa importante é que se integrar também exige presenciar conflitos em campo em um ambiente diverso, que é feito por pessoas diversas, onde questões sobre raça, classe, respeito às hierarquias, comprometimento com o orixá foram pautas e motivos de discordâncias. “O antropólogo que pesquisa as religiões afro-brasileiras dificilmente realiza a sua observação participante sem causar ou ser envolvido nos conflitos e rivalidades que caracterizam a vida cotidiana dos terreiros” (Santos, 2006, p. 38).

O afeto também é confiança. Uma das exigências para receber o financiamento da pesquisa foi ter o projeto de pesquisa aceito pelo comitê de ética – CONEP-UFAL – e assim foi feito, enviei todos os documentos, atendi todas as demandas burocráticas e recebi a aprovação. Quando levei o documento para Mãe Neide, no dia em fui conversar com ela e obtive a permissão de pesquisa, ela não quis nem ver. Ela disse que aceitava a pesquisa e que eu tinha a sua permissão. Lembro que estava com uma pasta com papéis do Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e quando falei para ela sobre o termo ela balançou a cabeça como se dissesse não e não quis ver, falei então que poderia mostrar depois se ela quisesse em algum momento. Ela me disse que dali a três dias teria a festa de Ogum no GUESB e que eu já poderia iniciar a pesquisa. Eu tinha a permissão de Mãe Neide, das entidades e dos orixás.

Em sua pesquisa com as yalorixás Filhas de Oxum em Maceió, Lannay trouxe outras formas de consentimento:

Ela fez questão de pontuar o tempo inteiro o quanto estava feliz em participar da pesquisa, porém preocupada. Conta que já teria permitido pessoas realizarem pesquisa em seu axé, mas nunca recebia nenhum retorno ou agradecimento por disponibilizar seu tempo e de seus filhos e filhas de santo na contribuição desses processos. Confidenciou que a aceitação do convite veio por intermédio de Oxum, que precisou jogar búzios para ter a permissão da mesma e só assim me permitir estar no chão da tenda (Santos, 2022, p. 16).

No meu caso, a palavra de Mãe Neide bastou. No caso citado acima, na pesquisa de Lannay, a permissão veio com o jogo de búzios. São diferentes modos de agir que a racionalidade ocidental não se esforça para compreender e os meios burocráticos acadêmicos, pautados nessa mesma lógica, não abrangem. São relações nas quais um papel assinado não tem o poder que tem palavra da yalorixá ou um resultado do jogo divinatório.

No que se refere ao assentimento para a realização da pesquisa, muitas vezes os religiosos possuem certa dificuldade em concordar com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, solicitado na Resolução no 466/2012 [...] não no sentido de o chefe do terreiro se recusar a assinar o documento, mas deste questionar a necessidade e mesmo a legitimidade de tal documentação. Para compreender estas resistências basta recordar que historicamente e até aos nossos dias a escrita tem sido usada como arma contra populações de tradição oral, muitas vezes espoliadas dos seus territórios tradicionais, por exemplo, mediante o aparecimento de escrituras e outros documentos que passaram a ter força de lei e sobre cuja produção, teor e efeitos não tinham nenhum conhecimento nem poder (Scorsolini-Comin; Bairrão; Santos, 2017, p. 93).

Assim como ocorreu com Lannay, algo que me chamou a atenção ao longo do trabalho de campo como muitos pesquisadores iam no terreiro, faziam suas pesquisas e esqueciam a comunidade. Ou pesquisadores que em seus trabalhos falavam sobre coisas que não aconteceram “aumentavam as coisas”, como me disse Luzia. Levando isso em conta, acho que o ideal é que se compartilhe trechos de entrevistas ou falas com os colaboradores de pesquisa para que possam concordar (ou não) com sua publicização. Pensar em devolutivas foi uma provocação que me foi feita durante a disciplina de métodos e técnicas na graduação e durante o mestrado. Trouxe anteriormente a reflexão que tive durante o campo sobre o que as pessoas ganhariam ao me ajudar na pesquisa. Considero que a antropóloga deve pensar essas questões

na elaboração do projeto de pesquisa e no convívio do campo ajustar de acordo com sugestões ou demandas dos seus colaboradores de pesquisa. As devolutivas podem se dar de muitas formas; pode ser algo mais específico para o terreiro como arrecadar doações de alimentos para uma sopa beneficente que venha a ser distribuída pela comunidade, como se faz no GUESB, assim como a arrecadação de brinquedos e doces para distribuição no dia das crianças; ou também pode se pensar em algo mais amplo e mais institucional, que pode abranger outras comunidades religiosas, a exemplo da contribuição para a formulação de uma política pública que venha atender essas comunidades. Outra possibilidade é a elaboração de projetos educativos voltados para o letramento racial e o combate ao racismo religioso em espaços institucionais. Em todos os casos, trata-se principalmente de ter comprometimento para exercer uma antropologia implicada, ou antropologia da ação (O'Dwyer, 2005), na qual a pesquisadora se propõe a ter compromisso ético e responsabilidade social com a comunidade pesquisada, ao contrário de uma antropologia aplicada atrelada a uma “missão” colonial e imperialista.

Retomando uma pergunta que me foi feita muitas vezes, “se eu acreditava nos seres que eu pesquisava”, ir a campo, pesquisar, se relacionar e não acreditar no axé não é condizente com a metodologia do afeto. E como “não se envolver demais”? como me foi sugerido, se quando chego no terreiro eu encontro seu Dorgi que me acolheu de maneira tão bonita, mais bonita ainda porque ele se parece muito com meu avô materno com o qual eu tinha uma ligação muito profunda. Foi só depois que perdi meus avós que descobri que eles frequentavam um terreiro e eram praticantes da afro-religiosidade, mas praticavam escondido por causa do racismo religioso. E o que isso tem a ver com antropologia? E com envolvimento? Tem tudo a ver! Mais do que demarcar meu lugar ao falar da minha história e sobre como isso implica no meu trabalho, é se entender durante a pesquisa enquanto estuda o “outro”, porque a antropologia é feita de métodos, teorias, história, afetos e dialética.

Explicitar as condições de pesquisa no campo e mostrar a metodologia do afeto como alternativa viável para a minha pesquisa é mostrar como lidar na prática com conceitos – cultura, relativismo, alteridade – que estudamos ao longo da nossa formação e são tão caros à nossa disciplina. É refletir sobre o lugar da antropologia no mundo contemporâneo, como esses conceitos são reformulados, como emergem outros conceitos e como nossas práticas precisam se atualizar; trata-se de uma questão política. Sendo assim, o que me propus ao longo dessa pesquisa foi pensar e construir teorias com as pessoas que vivenciam a religiosidade, entender como se apropriam, reelaboram ou rompem, através das suas experiências, com os conceitos acadêmicos formulados a partir de teorias e métodos “clássicos e brancos” que foram muitas

vezes usados para denominar suas práticas. É olhar de forma crítica para o meu próprio fazer etnográfico.

Eu e Vitinho estávamos cortando palha de coqueiro para ornamentar a frente da casa dos orixás. Vitinho disse para Ernandes, que tinha acabado de chegar, “venha ajudar, aqui no terreiro todo mundo trabalha pro santo”. Aí eu disse: “é, e não precisa ser filho de santo, eu nem sou do santo e tô aqui”. Vitinho disse: Claro que é! Se você está aqui é porque o santo lhe acolheu (Diário de campo, 02/12/2023).

O afeto é político e o fazer etnográfico também!

## 1. “AI DESSA CASA E DE MUITOS FILHOS SE NÃO TIVESSE UM PRETO VELHO, UMA PRETA VELHA”

### 1.1 Apresentação do GUESB

Peço licença aos Pretos Velhos e a Vovó Maria Conga para falar sobre o GUESB já que a minha entrada nesse terreiro foi possível porque Ela permitiu.

O Grupo União Espírita Santa Bárbara é um centro religioso de Umbanda traçada com Nagô e está localizado no Bairro Village II em uma zona periférica da cidade de Maceió, foi fundado em 1988 por Maria Neide Martins, a Yalorixá Mãe Neide Oyá D’Oxum, ainda não era GUESB – Grupo União Espírita Santa Bárbara –, era Centro Espírita Santa Bárbara (Puentes, 2022). A princípio o centro religioso era no bairro da Cambona, localizado no centro da cidade de Maceió, anos depois mudou-se para a sua atual localização onde está há mais de 30 anos.

Em uma *live* no Instagram, realizada com sua filha de santo Mãe Luana Xavier, em 15 de maio de 2020, Mãe Neide fala da sua chegada ao bairro do Village II:

Eu vim aqui para casa de um amigo do meu irmão porque ele estava precisando de ajuda espiritual, era pouca casa, muito mato, poucos barracos, eu fiquei impressionada com tanto verde aqui e com tantas pessoas que precisavam de ajuda. Na época meu marido era funcionário do Tribunal de Contas e eu trabalhava na Assembleia Legislativa e eu fiquei com aquela interrogação “meu Deus”... nós tínhamos um terreiro lá na General Hermes no centro, na Cambona, e aquilo ficou na minha cabeça, aquela interrogação, porque eu achava que já tinha vivido aqui [...] eu tinha uma ligação com essa comunidade. Meu marido, na época, aderiu ao pedido de demissão voluntária do estado e eu pedi para ele comprar o sítio, mas ele não queria. Mas Vovó Maria Conga, minha Preta Velha, disse que eu tinha uma missão aqui e que eu ia morar aqui... era um sitiozinho, tinha uma placa de venda e quando eu vinha aqui na casa desse amigo do meu irmão, eu passava aqui, era uma casa bem pequena com um pé de canela e de jambo enorme e eu ficava encantada [...]. Enfim, Deus e o orixá convenceu meu marido a comprar esse sítio. (Transcrição de live<sup>14</sup>. *Mãe Neide, 15 de maio de 2020*).

<sup>14</sup>Disponível

[https://www.instagram.com/tv/CAOePG5AnB0/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/tv/CAOePG5AnB0/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==) em Acesso em 03 set. 2023.

Mãe Neide diz que tinha uma missão no Village II e isso não se resume somente à questão religiosa, mas inclui também o trabalho social que ela desenvolve na comunidade. Durante todo esse período convivendo no GUESB e com Mãe Neide, ela sempre reforça o amor ao próximo e a caridade.

Anexo ao terreiro, há o Centro de Formação e Inclusão Social Inaê que oferece diversos serviços à comunidade como cursos de corte e costura, aulas de zumba, aulas com instrumentos de percussão, aulas de capoeira, distribuição de leite e de cestas básicas. Tem uma cozinha industrial onde são também oferecidos cursos de padaria e culinária ministrados pela Ekedí Maria e por Mãe Neide, que é formada em gastronomia com pós-graduação em culinária brasileira. A ONG Inaê é um lugar de acolhimento e de assistência à população do entorno do terreiro. O GUESB e o Projeto Inaê também têm um grupo cultural de afoxé que reúne jovens da comunidade do Village II para fazer apresentações de danças e peças teatrais com a temática dos orixás em eventos.

Dia 8 de julho de 2023 iria ser celebrado o *Ájòdún* de Xangô, mas devido às fortes chuvas que assolaram Alagoas, Mãe Neide disse que o orixá pediu para cancelar a festa. A pedido de Xangô, foram feitas sopas das comidas que estavam sendo preparadas para seu banquete que foram distribuídas para a comunidade.

Quando cheguei no terreiro, Amanda, Luzia e Alessandra limpavam a cozinha da Ong que tinha sido alagada. Por volta das 16h30, nos reunimos na cozinha do terreiro e começamos a cortar as verduras da sopa que logo mais seria preparada por Mãe Neide. Na cozinha da Ong, Mãe Neide pede que separássemos diversos fardos com quilos de arroz e cuscuz para distribuímos junto com a sopa. Assim fizemos e às 19h30 a sopa e os alimentos começaram a ser distribuídos. As pessoas iam chegando, levando seus potes e sacolas e saíam servidos com a sopa quentinha e cheirosa e com os quilos de alimento. (Diário de campo, 08/07/2023).

Sobre a criação da Ong Inaê, o Ogã Rodrigo, filho de santo da casa há mais de duas décadas, fala<sup>15</sup>:

A Mãe, ela tinha a necessidade de ajudar porque ela identificava a comunidade sempre muito carente. Imagine o que era isso aqui há 25, 30 anos atrás quando ela chegou [...] então ela sentiu a necessidade que poderia fazer algo a mais para as pessoas que eram carentes financeiramente, e aí ela falou: “eu tenho que fazer alguma coisa para gerar renda para esse pessoal”, e aí ela chamou umas filhas de santo e disse “vamos fazer umas roupas de praia pra vender!”. Aí ela pediu tecido, conseguiu máquina, começou com as aulas de corte costura para fazer os biquínis que era para ser vendido e aí trazer uma renda para as mulheres. Só que aí nessa história das aulas, das oficinas... as mães iam deixar os meninos com quem? Não tinha né, aí vinha tudo pra cá e aí

---

<sup>15</sup> Transcrição de uma fala de Rodrigo durante a apresentação do Projeto Inaê e do GUESB à uma turma de medicina e enfermagem da UFAL.

juntava 10, 15 meninos, ninguém costurava, né? Porque os meninos estavam correndo, estavam gritando, daqui a pouco estavam brigando, e aí, na época, tinha um filho de santo, o Fabiano, e disse: ‘Mãe, tô vendo que a senhora tá com essa dificuldade, quais os dias que a senhora vai trabalhar? Manda elas trazerem os meninos que eu vou dar aula de capoeira’. Aí se iniciou toda a história, as mães vinham aqui para participar das oficinas e os meninos ficavam na capoeira. Aí depois aparece outro, depois outro e aí virou essa imensidão que vocês estão vendo porque isso aqui era casa que ela morava, ela deixou a casa, foi morar dentro do terreiro, dormir dentro do terreiro, ela em um quartinho pequeno, os meninos dentro do salão, sem privacidade nenhuma e deixou isso aqui para o projeto e tá até hoje, construiu a casa dela, mas passou muito tempo assim (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Fala do Ogã Rodrigo em 15/05/2023).

O projeto Inaê também é campo de estágio dos cursos da saúde da Ufal contando com alunos de enfermagem e de medicina que, sob a supervisão da professora Danielly Santos da faculdade de Enfermagem e do professor Diogo Nilo da faculdade de Medicina, prestam serviço à população. No dia 15/05/2023, passada a festa dos Pretos Velhos, Rodrigo solicitou que eu fosse ao terreiro para acompanhar uma visita de uma turma de medicina e de enfermagem que iria fazer estágio na área da saúde da mulher oferecendo consultas e exames ginecológicos. Ainda sobre essa parceria entre o Projeto Inaê, UFAL e o Hospital Universitário (HUPAA), há residentes de outras especialidades que atendem na ONG. Em 29 de novembro de 2023, Mãe Neide foi a convidada para falar na aula magna da disciplina eletiva de saúde da população negra e indígena da faculdade de medicina da Ufal.

Nós somos, estamos em primeiro lugar no progresso da saúde da população negra (no estado). Eu fui a uma conferência agora em Salvador e todo mundo ficou muito feliz sabendo desse convênio, do que tá acontecendo aqui em Alagoas, e eu cheia de vida, né disse “só pode ser terra de Dandara, de Zumbi, né? Esses avanços todos! Isso a gente deve muito ao Olorum e ao professor Riscado que foi quem me convidou pra entrar na Renafro<sup>16</sup>. E depois que a gente entrou pra esse trabalho, foi tendo visibilidade e tivemos a primeira parceria com o Ministério da Saúde, nós fomos também a primeira casa de matriz africana no Brasil a ter essa parceria com Ministério da Saúde, foi na época das DSTs, da aids que estava com aquela visibilidade toda que era pra gente combater (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Fala de Mãe Neide em 29/11/2023).

O professor Jorge Riscado, a quem Mãe Neide se refere, foi professor da faculdade de medicina da UFAL, um dos pioneiros no departamento, a fazer essa ponte entre a UFAL e as comunidades de terreiros, quilombolas e indígenas. Infelizmente a universidade ainda é detentora de um saber que em grande parte exclui através de uma formação eurocêntrica com um viés colonizador, mas há lutas e engajamentos que provocam tensões nessa estrutura e aos

---

<sup>16</sup> Rede Nacional de Religiões Afro-brasileiras e Saúde.

poucos diálogos vão sendo construídos. O GUESB, na pessoa de Mãe Neide e de algumas de suas filhas e filhos de santo, vem construindo debates muito importantes sobre a necessidade da Universidade contemplar saberes tradicionais e epistemologias negras. O Encontro de Comunidades Quilombolas e Povos Tradicionais de Terreiros de Alagoas – ENCONQUITE – que está em sua quinta edição, nasceu no Terreiro e já teve algumas edições na Universidade. O ENCONQUITE é um exemplo da mobilização pelo reconhecimento de saberes afrocentrados na academia, assim como essa parceria de alguns professores da Universidade em fazer do GUESB e do Inaê campo de extensão das suas disciplinas estreitam as relações que não podem se manterem distantes.

E essa aproximação da UFAL junto com a gente é uma história que já tem muito tempo, muitos alunos já vieram fazer pesquisa, já tivemos um cursinho aqui preparatório para o vestibular. A gente já teve médicos porque durante um período a gente tinha uma creche aqui também, a gente tinha 56 crianças de 0 a 2 anos, passavam o tempo integral aqui dentro da creche e a gente sustentava os meninos, né?! A gente pegava os meninos do terreiro, do religioso, toda quarta-feira 4h30, 5h00 da manhã, a gente pegava ia lá na CEASA<sup>17</sup>, fazia arrecadação de frutas e verduras, alimentos trazia aqui. Aí vinham algumas mães selecionavam, beneficiava eles, faziam higienização, separavam para o mantimento da creche e o que sobrava a gente fazia a distribuição entre os alunos, e foi crescendo. A gente tem aqui o coletivo Coca-Cola que é [oferece] a formação do primeiro emprego em marketing. Foi a [Coca-Cola] primeira instituição a trabalhar com uma ONG que surgiu no espaço de matriz africana (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Fala do Ogã Rodrigo em 15/05/2023).

Mais que um anexo do GUESB, o Projeto Social é uma extensão do terreiro, já que o terreiro não é só um espaço religioso como também um espaço de acolhimento, de promoção de saúde, um espaço educativo de epistemologias e ensinamentos que não se enquadram em ordem hegemônica ocidental, como nos ensina o babalorixá e antropólogo Sidney Nogueira (2020). Por isso, segundo o autor, ataques contra terreiros e contra o povo de santo não se enquadram na definição de Intolerância Religiosa, e sim de Racismo Religioso, pois “o objeto do racismo já não é o homem particular, mas certa forma de existir” (Nogueira, 2020, p. 47). Formas de existência que só são possíveis no ambiente educativo e de cuidado do terreiro, como bem me disse o Ogã Rodrigo: “a questão religiosa ela sempre traz aquela âncora, né?! É o apoio, é o cuidar, o olhar...E é uma característica do terreiro mesmo, da religião, de aproximar as pessoas” (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Fala do Ogã Rodrigo em 15/05/2023).

---

<sup>17</sup> Centro de abastecimento de frutas e verduras.

### ***O GUESB – Grupo União Espírita Santa Bárbara***

A imagem frontal do GUESB é um muro alto em azulejos ilustrados, esse muro abriga uma pequena gruta com a imagem de Santa Bárbara, nele também está uma placa de vidro com o nome *GUESB - Grupo União Espírita Santa Bárbara 1993*. Na placa, ao lado do nome GUESB, o desenho de um cachimbo fazendo referência a Vovó Maria Conga; também está escrito *Palácio Oyá D' Oxum*, abaixo em letras menores, *Tenda de Oxalá Olufan*<sup>18</sup> 1932, e um portão de ferro com vidros em película fumê e acima dele dois porrões de barro.

Ao passar pelo portão, temos um pequeno corredor e do lado esquerdo o primeiro quarto que é o quarto de Exu. Este possui uma porta de madeira que impossibilita a visão do seu interior, ao seu lado está escrito o nome *Exu* e a saudação *Laroyê*. Ao lado do quarto de Exu tem um espelho<sup>19</sup>; os filhos de santo geralmente batem na porta do quarto de Exu ao chegarem e saírem do terreiro. Vitinho me explica que é como se fosse uma saudação de chegada: “Batemos 3 vezes na porta de Exu e a gente fala Babá (pai) cheguei na casa de Pai Oxalá” (Diário de campo, 02/12/2024).

Três degraus à frente nos levam ao salão onde acontecem as giras, um espaço amplo que tem grande parte ocupado por cadeiras de plástico à disposição dos visitantes que vão aos festejos abertos ao público, mulheres sentam lado esquerdo, homens sentam do lado direito. Ao perguntar a Mãe Neide porque havia essa divisão entre homem e mulher, ela me respondeu que tinha que ser assim, não podia misturar. Do lado direito, também estão os banheiros e mais dois quartos, o da Pomba Gira e o da Cigana, ambos possuem portas de vidros assim como os demais quartos de santo, e escrito em cada uma das portas, respectivamente, *Laroyê* e *Optchá*. Mais à frente temos a parte circular do salão, no meio dela fica a Mina da casa onde, segundo Luzia de Ossain – filha de Mãe Neide, ebomi<sup>20</sup> do santo – está enterrado o axé de todos os orixás, sendo em torno dela que ocorrem todas as giras. Ainda do lado direito, estão os atabaques e alguns outros instrumentos musicais como os xequerês e agogô; entre os atabaques, há um espaço onde fica a cadeira do Pai Pequeno da casa, próximo há também alguns artefatos afro-indígenas, como máscaras e cocares. Por todo o salão há fotos de alguns membros da casa e a descrição dos seus respectivos cargos.

<sup>18</sup> Referindo-se ao terreiro da Mãe de Santo de Mãe Neide, Mãe Celina da qual falarei mais à frente.

<sup>19</sup> O espelho tem uma simbologia nas festas de Exu do GUESB. Em 2022, na festa de Exu e Pomba Gira, a Pomba Gira de Mãe Neide pediu para que formassem uma fila de pessoas que quisesse pegar uma rosa com ela e fazer um pedido. Uma ekedi ao lado segurava um espelho e a Pomba Gira advertiu que ao pegar a rosa e fazer o pedido a pessoa se olhasse no espelho, pois, assim como o espelho reflete a própria imagem, tudo o que a pessoa pedisse sendo bom ou não, retornaria para si (Diário de campo, 30 de agosto de 2022).

<sup>20</sup> Luzia de Ossain tem 14 anos de santo.

Do lado esquerdo, estão as cadeiras da mãe de santo, uma em dourado e outra em vermelho – cores de Oxum e de Iansã e Xangô – e também cadeiras destinadas às hierarquias, forma como são chamadas no GUESB as pessoas iniciadas no santo há algum tempo e que desempenham cargos importantes dentro da religião de acordo com o tempo de iniciação e as demandas do orixá. Por trás da cadeira da mãe de santo, uma imagem de grande porte de Nossa Senhora Aparecida, ao fundo, temos o quarto de Oxum. Seguindo do lado esquerdo o quarto de Iansã, o de Nanã, o de Iemanjá, ao lado uma imagem de grande porte de Iemanjá – presente de Mãe Neide para a orixá – e no fim, o quarto de Obá<sup>21</sup>.

Entre o lado esquerdo e o lado direito há uma passagem que leva ao fundo do terreiro, nessa passagem havia o quarto de Oxalá, mas foi derrubado para reforma.

Do lado direito, há um quarto onde ficam os colchões e as malas dos filhos de santo, é onde geralmente trocamos de roupa. Ao lado desse quarto há uma pequena cozinha chamada de “Cozinha de Ogum” que fica ao lado do quarto de Ogum. Adiante temos os quartos dos santos: o de Ogum, o de Omolu, depois o de Xangô, ao lado tem um pequeno atalho que dá acesso a ONG Inaê e o último quarto do lado direito é o quarto dos Erês. Em todos os quartos do santo há os assentamentos, <sup>22</sup>presentes para o santo, vestimentas e símbolos do orixá. Na porta de cada um deles estão escritos o nome *Palácio Oyá D’Oxum* e a saudação de cada orixá<sup>23</sup>. Ao lado do quarto dos êres ainda temos o herbário de onde são tiradas as ervas para banhos, chás e as que são colocadas no salão durante as celebrações. Entrando no herbário, ao fundo, tem o quarto de Oxóssi e ao lado, a cozinha de cortes, onde geralmente são feitas as oferendas, nesse espaço há também mais um quarto e um banheiro.

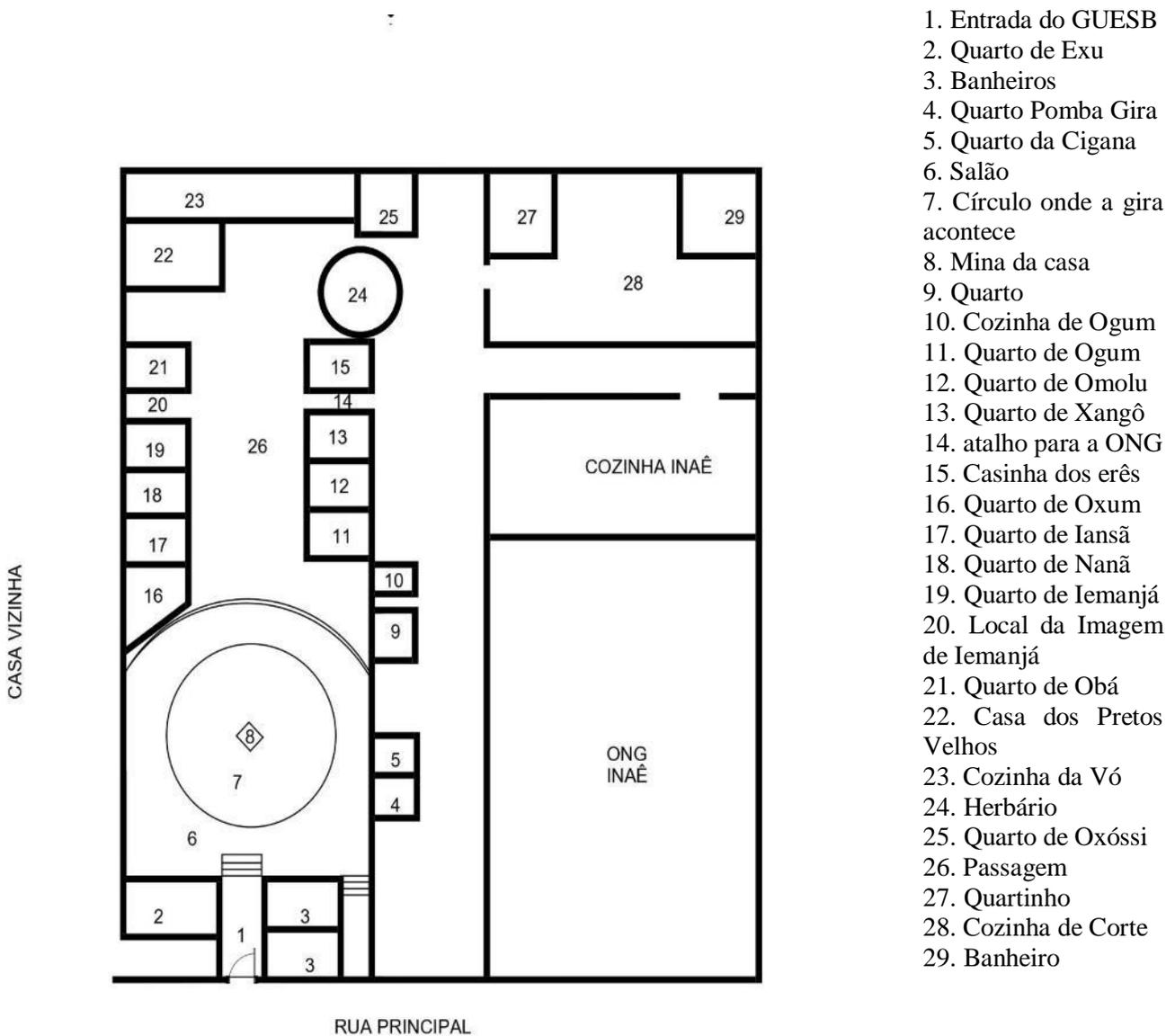
Saindo do herbário, ao fundo do terreiro fundo do terreiro, temos a Casa dos Pretos Velhos – a qual descreverei melhor mais à frente –, ao lado da casa dos Pretos Velhos, o orixá Tempo, que fica literalmente exposto ao tempo, e a cozinha da vó onde são preparadas as comidas do santo, primordialmente, a Feijoada da Vovó Maria Conga.

---

<sup>21</sup> No segundo capítulo, falarei sobre a criação do quarto de Obá no GUESB.

<sup>22</sup> Louças do orixá.

<sup>23</sup> Oxum: *Ora yê yê*; Iansã: *Eparrei Oyá*; Nanã: *Saluba Nanã*; Iemanjá: *Odôyiá*, Obá: *Obá Xirê*; Ogum: *Ògúm iéé*; Omolu: *Atotô*; Xangô: *Kaô Kabecilê*; Erês: *Erê Mim*.



## 1.2 “Eu sou uma mulher miscigenada e sincretizada”: Trajetória de Mãe Neide

A história de vida de Maria Neide Martins, fundadora do GUESB e do Projeto Inaê, e de sua trajetória como Ialorixá está diretamente ligada à Vovó Maria Conga, a entidade que cuida de Mãe Neide e que rege o Grupo União Espírita Santa Bárbara. Por isso, esse capítulo inicial é dedicado a falar da Feijoada dos Pretos Velhos, considerada principal festividade do GUESB.

Mãe Neide Oyá D'Oxum nasceu no município de Arapiraca, cidade localizada no agreste alagoano, em 16 de maio de 1962. Como ela mesma disse, “Eu sou neta de uma família de 114 netos e 61 bisnetos, minha avó Cecília teve 21 filhos, todo mundo muito católico

praticante eu nasci em uma fazenda lá em Arapiraca dentro do Sítio Carrasco” (Diário de campo, 29/11/2023).

Mãe Neide conta que no dia de sua mãe dar à luz, seu pai saiu em busca da parteira, mas se demorava enquanto sua mãe avançava no trabalho. No avanço da hora, surgiu uma velhinha que ajudou sua mãe no parto, era a Vovó Maria Conga, a entidade que trouxe Maria Neide ao mundo, e a responsável por junto com Oxum, Iansã e Xangô, seus orixás de cabeça, guiarem Mãe Neide (Diário de campo, 13/05/2022).

Mãe Neide conta em seu primeiro livro recentemente publicado (Mãe Neide, 2023) que teve seus primeiros sintomas mediúnicos com sete anos e foi levada pela avó materna, aos 9 anos, para fazer um ritual de iniciação, sem sua mãe saber. Luzia de Ossain, filha de Mãe Neide, falou-me que sua avó tinha muito preconceito com a religião (de matriz africana) e que hoje ela respeita mais a escolha de Mãe Neide (diário de campo, 13/05/2023). À Claudia Puentes, antropóloga e sua filha de santo, Mãe Neide disse:

Minha mãe não aceitava nada que fosse fora da igreja católica, mas minha avó era chegada à espiritualidade, lembro que ela falava do coco da jurema, de Seu Zé Pilintra. Foi ela que me levou para um curador, lembro que me deitaram em uma esteira, rodeada de comidas e com trançados na cintura e nos braços, que eu depois descobri que era contra egum. Mas ele disse que depois que eu ficasse mocinha não teria mais como ‘segurar’ (Puentes, 2022, p. 80).

E assim aconteceu, Mãe Neide conta que após menstruar, com 10 anos, tudo voltou, as visões, ela escutava passos (Puentes, 2022, p.80). Na adolescência, a proibição de seguir sua espiritualidade a levou a uma depressão. Mãe Neide precisou ser internada em um hospital para cuidar de sua saúde frágil. “Mamãe falou que preferia me ver morta a me ver metida em macumba, porque era coisa do demônio. Então fui me virando como podia, escondida da mamãe” (Puentes, 2022, p. 80). Com a permissão da avó, ela passa a frequentar um centro espírita Kardecista na cidade de Arapiraca, levada por uma médica cardiologista da cidade. Mas os espíritos que acompanhavam Mãe Neide e que baixavam eram considerados “menos evoluídos”, eram os Pretos Velhos, Orixás e outros espíritos considerados impuros no centro kardecista (Mãe Neide, 2023, p. 14).

Quando a vó me levou foi pra resolver, ela queria que desse uma equilibrada e aí foi feito na época um trabalho que eu acho, eu acredito que foi o Bori porque me deitaram colocaram comida ao meu redor e os pratos ao redor de mim e eu fiquei lá com ela, dormi lá com ela e tudo. Então, hoje eu sei que foi uma iniciação, eu tinha nove anos de idade e ele disse que ia sustentar até vir a minha primeira regra, a minha primeira menstruação e ele aí não ia poder mais comandar porque eu tinha nascido pro Santo, né? E foi dito e feito, né! Aí fui pra Federação Companheiros de Emannus, o primeiro centro Espírita Kardecista. Minha filha não lembro direito o ano, a minha cabeça é péssima, mas ainda estava sendo construído bem novinho, companheiros de Emannus,

sabe...Na época era frequentado por médicos, por advogados, pessoas assim que estavam se acordando para o kardecismo e eu fiquei em estudo só que enquanto as pessoas recebiam médicos, eu recebia ciganos, eu recebia Preto Velhos e começou outra luta, outra guerra. (Entrevista com Mãe Neide em 22/05/2024).

Como o tratamento espiritual kardecista não aceitava seus guias, Mãe Neide permanecia em crise. Nessa época descobriu que sua avó paterna foi internada como louca em um hospital psiquiátrico e lá morreu, nunca chegou a conhecê-la. Para entender um pouco mais sobre esse caso vou me aprofundar um pouco nessa história. Segundo Mãe Neide, a vó dela foi assassinada no hospital psiquiátrico de Juqueri, o maior manicômio do Brasil. Mãe Neide conta:

A minha avó paterna ela foi assassinada no hospital de Juqueri, ela foi vítima do preconceito da minha família. Ela era albina, fugiu da fazenda, os pais dela moravam em Traipu, o meu avô foi trabalhar nessa fazenda, se apaixonou. Na época, tinha aquela dificuldade de médicos e tudo mais, mas passavam a medicação e ela não se acalmava, então meu avô, muito sábio, tentava acalmar ela com o travesseiro da folha do mungulu, fazia o chá da folha e deixava que ela conseguia dormir, mas muitas noites ela fica amarrada num lençolzinho ele ficava de lado que ele não podia fazer nada. Minha vó não sabia nem ler, nem escrever, mas quando ela tinha os problemas “psíquicos” ela falava alemão, inglês, dizia o nome do soldado que morreu na guerra tal e fazia cena que estava atirando, mas a família muito católica dizia que era doida, na época só tinha a Igreja Batista, aí meu avô ia buscar o pastor, mas não havia nada que pudesse fazer, o padre que descobriu que era latim que ela estava falando que ninguém conseguia entender a língua, o padre foi quem disse “isso é latim”. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Fala de Mãe Neide durante a aula magna na FAMED/UFAL em 29/11/2023).

Os avós paternos de Mãe Neide migraram para São Paulo em busca de melhores oportunidades de vida, lá Dona Maria Madalena dos Anjos foi internada no hospital de Juqueri.

Quando ela teve o 18º filho, eles imigraram pra São Paulo no pau de arara, meu pai ia fazer 5 a 6 anos de idade aí meu avô colocou ela no hospital de Juqueri. [Meu avô] um negro que não sabia ler nem escrever jogado nas ruas de São Paulo, passou um caminhão oferecendo trabalho só não podia levar as crianças: “vocês ficam aqui nesse viaduto a gente vai trabalhar e mais tarde apanho vocês” e até nunca mais! (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Fala de Mãe Neide durante a aula magna na FAMED/UFAL em 29/11/2023).

O avô de Mãe Neide foi vítima de trabalho análogo a escravidão e seu pai, ainda criança, passou a viver nas ruas.

Então meu pai com seis, sete anos, ele fumava e bebia pra aguentar o frio das ruas de São Paulo, alguns irmãos ele não teve mais contato. Aí meu pai varria a calçada das pessoas por um prato de comida. Ele foi crescendo e começava a limpar os matinhos do jardim e dormia no cantinho, aí ele foi crescendo deram emprego a ele em um matadouro que tinha, frigorífico que fazia embutidos. Meu pai, quando fez 17 anos e alguns meses, antes dos 18, ele disse: “eu quero voltar para o nordeste”. Aí foi pra Traipu não encontrou

ninguém, aí saiu foi pra Arapiraca, pediu pra trabalhar na fazenda do meu avô materno onde conheceu minha mãe (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Fala de Mãe Neide durante a aula magna na FAMED/UFAL em 29/11/2023).

Na década de 70, seu pai volta para São Paulo em busca da Mãe:

E na década de 70, ele disse “eu preciso encontrar meu pai e minha família, eu não aceito a minha mãe ser doída”, aí ele juntou um dinheirinho e disse “vou pra São Paulo”, chegou em São Paulo procurou a Rádio Tupi e tinha um programa que achava o povo e ele falou a história e descobriu que meu avô estava em Dourados, Mato Grosso do Sul, trabalhando, ele foi pro trabalho escravo do arroz e cana de açúcar e ficou por lá e perdeu o contato da minha vó. Minha avó sabia fazer renda, a única foto que eu tenho da minha avó, é uma foto quando meu pai encontrou ela com a batinha do hospital fazendo renda e quando um enfermeiro ou médico ia casar, ela dizia “deixe que eu faço o seu enxoval”, quando acabava a linha, ela desmanchava os lençóis, enrolava na madeira no jardim e continuava fazendo renda de bico. Na década de 70 ela já tava com Alzheimer, foi na época que meu pai encontrou ela no hospital, mas os médicos não liberaram porque ela tinha agressividade. Ele disse: “eu volto e vou buscar minha mãe de avião”. No sítio era uma casa com televisão para todo mundo aí no Fantástico era o Sérgio Chapelin e ele falava da chacina do hospital Juqueri e aí foi o nome das pessoas assassinadas e a mamãe ouviu e disse: “João foi o nome da dona Maria Madalena!”. Ele disse: “foi não...” 15 dias depois chegou o telegrama dizendo que minha avó tinha desencarnado e tinha sido enterrada como indigente. Meu pai ficou em depressão profunda e há quem diga que eu tenho muita coisa de Maria Madalena Dos Anjos e de Dona Cecília (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Fala de Mãe Neide durante a aula magna na FAMED/UFAL em 29/11/2023).

Mãe Neide enfatiza no final da sua fala que há quem diga que ela tenha muita coisa de suas avós por isso sua mãe, temerosa que a filha tivesse o destino da sogra, a trouxe para Maceió para uma consulta psiquiátrica.

Ela queria que eu me internasse pra eu ficar livre disso tudo, ela achava que eu era louca! Dr. Marcondes que era psiquiatra que me atendeu na época e eu tive uma crise muito grande no consultório dele e queria quebrar tudo, mas ele entendeu que não era loucura, ele entendeu que era obsessão que eu tinha que continuar frequentando a Federação. Era ali perto da Praça da cadeia e ali foi outra guerra grande (Entrevista com Mãe Neide em 22/05/2024).

Aos 17 anos, Mãe Neide se muda do interior e vem morar em Maceió. Agora, em Maceió, Mãe Neide passou a frequentar outra Federação Espírita. Mas, mais uma vez, os guias de Mãe Neide não eram aceitos nesse espaço religioso (Mãe Neide, 2023, p. 15).

Porque também não aceitava... eu ia para a desobsessão e aí ficava na mesa de desobsessão quando era no outro dia “Vamos para a mesa de mediúnica quando eu ia para a mediúnica descia meus Pretos Velhos, descia cigana, descia orixá, e aí... Foi muito sofrimento porque de um lado vinha a minha família muito católica que dizia que era a religião do demônio e eu me sentia demonizada e do outro lado vinha o preconceito que era o baixo espiritismo, que não era um espírito evoluído, imagine como ficou minha cabeça na época, enfim... (Entrevista com Mãe Neide em 22/05/2024).

Na capital, ela começa a trabalhar como doméstica e recebe o conselho, do médico psiquiatra que havia consultado meses antes, para migrar para a Umbanda.

Aí quando foi outro dia o Dr. Marcondes brincando, rindo comigo, ele disse, “olhe, você sabe que não existe médico que não tenha que passar por uma professora de alfabetização, se não existe uma boa alfabetização, um bom primário, uma boa trajetória na escola, ninguém se forma!” bem assim... aí eu fiquei sem entender “Como assim?”, aí ele disse: “Procure um terreiro que cuide bem de você”, entendeu? Aí eu tomei um susto “Oxe! o cara aqui dando palestra e pedindo pra eu procurar um terreiro!”.

**- Ele era lá do centro espírita e dava palestra lá também?**

Ele frequentava lá também

**- Ele entendeu essa necessidade?**

Ele entendeu, mas nunca falou que terreiro era baixo espiritismo, não.. ele sempre ficava muito assim na dele procurando tratar todo mundo igual, entendeu? Aí eu procurei, né? (Entrevista com Mãe Neide em 22/05/2024).

Em 1983, Mãe Neide passa a frequentar terreiros.

Em 1983 começou a trabalhar na emissora extinta TVS – atual SBT, onde conheceu Sabino Romariz, que era apresentador do Programa a Vez do Povo na TV, e ele convidou-a para uma festa na casa de Mãe Celina. Mãe Neide conta que um dos primeiros terreiros que ela foi a Maceió, foi o terreiro de Pai Júlio Alexandre no Trapiche da Barra [...] “Mas a minha Oxum escolheu foi a casa de Mãe Celina de Oxalufã”, situada na Rua Cabo Reis, 30, no bairro Ponta Grossa, em Maceió (Puentes, 2022, p. 80-81).

Quando Mãe Neide começa a frequentar o terreiro, sua mãe rompeu o contato com ela por alguns anos:

A mamãe dizia “Deus me livre eu quero a minha filha bem longe dessas coisas”, era essa forma que a minha mãe foi ensinada. Ela tá na cadeirinha de roda, teve cinco AVC, tá lutando pela vida, mas a mamãe é aquela do rosarinho. Tá com problema? Ela diz “minha filha eu vou rezar por você!”. Ela ficou quatro anos sem falar comigo porque eu assumi a religiosidade, eu senti muita falta dela, mas ela tinha que ter o tempo dela pra ela entender a minha missão e eu entender que ela também foi preparada pela forma de enxergar o mundo desse jeito (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Fala de Mãe Neide durante a aula magna na FAMED/UFAL em 29/11/2023).

Mãe Neide chega ao terreiro de Mãe Celina onde foi feito um novo ritual de iniciação e ela recebeu como mentora espiritual a Preta Velha Vovó Maria Conga. Assumiu o cargo de Yabassé, cozinheira do sagrado, mas esse não foi o único cargo que Mãe Neide ocuparia.

E ser mulher de terreiro, eu digo “quando as pessoas chegam na minha casa a gente não pergunta sobre religião, a gente pergunta o que você precisa”. Isso eu aprendi com as minhas mais velhas, minha mãe de santo, Mãe Celina, que desencarnou agora na pandemia, não foi de covid, foi de velhice, ela partiu com 104 anos, consciente de tudo e aprendi muito com essa senhora que colocou a mão no meu ori<sup>24</sup>. Eu fui preparada como yabassé, cozinheira do

<sup>24</sup> Ori é cabeça, morada do orixá.

sagrado, aquela que faz os alimentos para os orixás, faz para aqueles que estão com fome, então a responsabilidade de uma yabassé é gerar saúde (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Fala de Mãe Neide durante a aula magna na FAMED/UFAL em 29/11/2023).

Com o passar de sete anos de feita, Mãe Celina a comunicou dos planos dos orixás para ela, Mãe Neide deveria preparar-se para ser mãe de santo (Mãe Neide, 2023, p. 17).

Com ela eu aprendi o que é o santo, fui orgulho dela, pois a minha dedicação era integral. Eu largava tudo quando ela me convocava, sem pensar duas vezes. Ela confiava em mim e dizia que eu ia ser a Mãe Pequena dela, mas o meu Orixá e Vovó Maria Conga me mostraram o caminho que eu tinha que seguir. E eu segui e minha vida foi melhorando (Puentes, 2022, p. 81).

Mãe Neide é uma das ialorixás mais conhecida de Alagoas, é a mãe espiritual de tantos, é também mãe carnal de Naná, Luzia, Junior e João Paulo. Mãe Neide é patrimônio vivo de Alagoas por meio da política pública do RPV/AL – Registro do Patrimônio Vivo – executada pela Secretária de Cultura de Alagoas (SECULT-AL). Segundo a antropóloga Karine de Oliveira Moura<sup>25</sup> o registro visa “estimular a continuidade e a transmissão das técnicas e conhecimentos detidos pelas mestras e mestres contemplados” (MOURA, 2021, p. 15). Sobre a contemplação de Mãe Neide pelo RPV/AL:

Mãe Neide Oyá D’Oxum, foi inscrita como Patrimônio Vivo em 2011, aos 49 anos de idade. O reconhecimento por parte do Estado aconteceu em decorrência de sua atividade como Ialorixá, conforme o formulário disposto no site da SECULT. [...] A líder religiosa e ativista, é também gastrônoma e empresária, comanda o restaurante Baobá, localizado na Serra da Barriga, em União dos Palmares. A mestra é uma das poucas mulheres com formação de nível superior, nos termos dos processos de escolarização formal, inscritas no RPV/AL. Conforme reportagem disponibilizada no site da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), no dia 23 de agosto de 2011, com relação a ser reconhecida como patrimônio vivo ela expressou: “Esta é uma vitória do meu povo, da minha religião, para que eu possa repassar os saberes, mantendo o resgate da nossa religião e da nossa vida ancestral”. Ainda, teria considerado uma vitória o reconhecimento diante dos preconceitos sofridos pelos seguidores da religião (Moura, 2021, p. 96).

Para além dessa figura pública, Mãe Neide é mãe no sentido mais fraterno da palavra, ela é acolhedora, é ternura, é força e fragilidade, como ela mencionou acima, quando as pessoas chegam na casa dela, ela pergunta o que você precisa. Essa mulher que é mãe, que é intelectual, que é chef de cozinha, que é patrimônio vivo do estado, também é uma senhora que cuida de tantos e que nesse ato de cuidar de tantos também precisa ser cuidada. No dia 12 de outubro de

---

<sup>25</sup> Moura (2021) pesquisou as interseccionalidades de gênero e raça dentro da política do RPV/AL e através de um enfoque etnográfico: “Mulheres, culturas populares e política pública: Um estudo etnográfico e interseccional junto a mestras do Registro do Patrimônio Vivo de Alagoas (RPV/AL)” aborda outras dimensões para compreender o campo da cultura popular e do patrimônio.

2023 após a Louvação à Oxum, Nossa Senhora Aparecida e a festa dos erês, quando estávamos reunidos no Ilê Axé Navizala, Mãe Neide estava sentada, cansada e ainda assim demonstrou tamanha amorosidade e cuidado pelos seus:

Se sintam abraçados todas as noites que quando eu deito cansada, deito não, sento numa cadeira porque eu não aguento dormir na cama por causa da coluna, eu durmo numa cadeira de lado, a cadeira de papai; passa um filmezinho na minha cabeça, eu só durmo numa cama quando estou em Maceió, mas não é porque a cama é ruim não, é porque minha coluna não aguenta, passa um filme na minha cabeça, digo: “Meu Deus, eu não estou lá, mas olhe meus filhos onde estiverem indo ou vindo do trabalho, ou indo e voltando de uma viagem, olha a todos, mamãe Oxum, Seu Caveira não deixa que aconteça nada de ruim com nenhum deles, vá lá eu Caveira, em nome de Deus e a meu pedido não deixe meus filhos e minhas filhas. Todas as noites, pode confiar em Deus e no orixá de vocês, como minha prece é essa: proteção, proteção, proteção e caminhos abertos para todos nós. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Fala de Mãe Neide na festa dos erês em 12/10/2023).

Lannay Egídia, antropóloga e filha de santo de Mãe Neide, pontua que devemos olhar além e “deixar de lado a romantização, o endeusamento da Mãe Neide patrimônio vivo do Estado de Alagoas pra ver só a mulher negra. Mulher negra que como todas nós, ao carregar tantos títulos é colocada dentro do estereótipo que sustenta a força da mulher-preta-guerreira” (Santos, 2022, p. 15).

### **1.3 “Essa Feijoada tem axé, essa Feijoada tem mironga”: Uma Fotoetnografia da Feijoada da Vovó Maria Conga**

*Minha mãe diz que eu nasci sozinha, né? Mamãe disse que sentiu uma dorzinha aí disse: “João, vá buscar a minha mãe porque eu acho que esse menino nasce daqui pra de noite!”. E ninguém sabia se era menino ou mulher no passado, na hora que se sabia porque antes ninguém sabia o sexo. Aí meu pai trelou a carroça de burro e foi buscar a minha avó. Numa quarta-feira assim, isso foi 5h00 da manhã, chovendo. E quando meu pai voltou, eu já tinha nascido. A minha mãe disse que viu uma pessoa entrar no quarto, uma preta, uma negra gordinha e baixinha.*

- Me arrepiei, Mãe!

*Foi... Calada sem dizer uma palavra. A mamãe disse que perguntou “a senhora é a parteira” disse que ela balançou a cabeça assim que sim (balançou a cabeça pra baixo). Com uma toalha na cabeça - e ela ainda disse (a mãe de Mãe Neide) que a toalha na cabeça era como aquele povo que dobra as pontas da toalha. Mamãe disse que tendo dor, sangrando, a bolsa já tinha estourado e ela disse “vai nascer!” aí a mamãe disse que ficou lá na posição... aí disse que veio a dor e a força e disse que ela me assegurou e me botou do lado da cama, do ladinho da mamãe. Mamãe sentiu que ela tinha pego a criança e aí saiu... a mamãe disse que esperando ela voltar pra cortar o cordão, a mamãe preocupada, mas nisso ouviu o barulho da carroça chegando e minha vó descendo. Disse que minha avó disse “João, João nasceu corre*

*que já nasceu, já nasceu aí ferveu água pra lá, jogou álcool na tesoura, aí me limpou tudo, cortou tudo (o cordão umbilical) e a mamãe calada... aí depois disse “Mãe, que parteira mais esquisita!” aí a mãe Cecília (avó de Mãe Neide): “Que parteira, minha filha?” com ela. “A parteira que pegou aí a menina e botou aí não me deu uma palavra!”. Ai ficaram pensando que a mamãe tinha quebrado o resguardo porque pariu sozinha, aí ficaram preocupado com ela. Aí não trataram mais no assunto. Aí a mamãe foi não foi perguntava sobre a parteira e ninguém queria falar.*

- Mãe, e ela não se atentou a isso?

*Não! A mamãe não gostava, não acreditava. Mamãe tinha horror!*<sup>26</sup>

Confesso que essa parte da entrevista com Mãe Neide foi a que mais me emocionou, o nascimento de Mãe Neide pelas mãos da Vovó Maria Conga! Etnografar a Feijoada da Vovó Maria Conga foi excepcional para o meu fazer antropológico. Tive a permissão para iniciar a minha pesquisa em 18 abril de 2022 e a primeira festividade que eu acompanhei como pesquisadora foi a Feijoada da Vovó Maria Conga, uma ocasião especial para mim porque eu já havia acompanhado uma festa de Pretos Velhos em 13 de maio de 2022, mas apenas como espectadora. Estar ali era muito simbólico, pois em visitas a outros terreiros eu tinha passado por situações emblemáticas com essa entidade no sentido de ser cuidada, de receber recados, e aquilo sempre me tocava muito por eu não ser da religião e ser surpreendida com palavras de cuidado. Comumente, os Pretos Velhos são definidos como seres de luz que tem como missão ajudar e direcionar as pessoas. A entidade, geralmente, é representada pela figura do africano escravizado idoso que é bondoso, sábio, sereno, aconselhador e pacífico na resolução de conflitos.

Trabalham para o bem, prestam auxílio aos necessitados, praticam a caridade através da palavra ou e serviços mágico-religiosos. A eles são atribuídas as seguintes qualidades: paciência, resignação, bondade, tolerância e humildade. Entre todos os seus atributos, costuma-se evidenciar a sua grande sabedoria nas questões relativas às coisas do espírito e da matéria (Santos, 2007, p. 184).

Na minha pesquisa de monografia, realizada no módulo de sincretismo da Sala FÉ do Museu Théó Brandão, marcou-me muito uma conversa entre uma senhora e um Preto Velho presente na sala que, na ocasião, a respondeu.

Entramos no módulo do sincretismo religioso, eu comentei com ela os vários casos de racismo religioso que eu já tinha presenciado, as falas pejorativas de visitantes em relação a exposição do módulo. A senhora ouvia atentamente o que eu falava com uma cara de desaprovação, até que ela se vira para uma das esculturas de Preto Velho expostas na sala, se encurva para ficar no mesmo tamanho que a escultura e fala olhando para o rosto da imagem: “ô padinho tá vendo o que eles falam?”. Após a sua fala, ela dá uma pausa e fica parada com

<sup>26</sup> Entrevista com Mãe Neide em 22/05/2024.

o ouvido próximo à escultura e, após um breve momento de silêncio, me diz: “sabe o que ele tá falando aqui?” Eu fiquei surpresa, sem entender e ela prossegue dizendo o que Preto Velho respondeu-lhe: “Ô minha fia deixe isso pra lá esse povo não sabe de nada não!” [...] eu tinha feito uma pesquisa etnográfica e a forma como a visitante falou a resposta de Preto Velho, os seus gestos com a mão, lembrava muito a incorporação que eu tinha visto no terreiro. (Moreira, 2021, p. 77).

Dentre tantas, essa foi uma das situações que mais me marcaram nesse campo. As minhas incursões na antropologia me ensinaram a ter respeito pelas entidades presentes no campo, e que são também responsáveis por permitirem chegar onde estou e acessá-las, sei que essa aceitação no campo foi possível porque Vovó Maria Conga também permitiu. Diante disso, peço mais uma vez permissão a Ela, para trazer uma descrição fotoetnográfica da Sua Feijoada. Sassaruê às almas!

De acordo com Eufrazia Santos (2007, p. 162), o Preto Velho é “uma representação religiosa do negro escravo<sup>27</sup>, elaborada por uma sociedade que conviveu com a escravidão por mais de trezentos anos e que chegou ao final do século XX admitindo timidamente os problemas raciais nela existentes”, dessa maneira, a partir dessa descrição etnográfica da Feijoada da Vovó Maria Conga, será possível acessar temáticas como *folclore*, *miscigenação*, *escravidão* que me possibilite a analisar o conceito de sincretismo a partir da vivência e narrativas dos meus colaboradores de pesquisa. Pensando a Festa dos Pretos Velhos como um contexto composto por um conjunto de atos simbólicos compartilhados (Geertz, 1989), através dessa festividade podemos acessar o discurso ou os discursos sociais, os escrevendo e transformando acontecimentos passados, que existem apenas em seu momento de ocorrência, em um relato que pode ser consultado novamente (Geertz, 1989, p.14). Apresentando uma descrição minuciosa desta festa, procuro mostrar como a Figura dos Pretos Velhos e, especificamente, da Vovó Maria Conga está relacionada também a uma referência aos santos católicos e como a categoria do sincretismo religioso é acionada, seja para legitimar ou para criticar certas práticas. O que adianto é que não existe uma história única sobre a categoria cultural “sincretismo”, portanto não é possível escrever uma única teoria nativa acerca do sincretismo, e sim teorias nativas plurais, pois como o próprio conceito cunhado por Goldman sugere, *Contrassincretismo – Contra*: “uma recusa ativa do Um e uma afirmação das multiplicidades” (Goldman, 2017, p. 25).

---

<sup>27</sup> E aqui eu troco o termo por *escravizado*.

### 1.3.1 Feijoada da Vovó Maria Conga (Pré - Festa)

*Nas giras de Preto Velho, ela começou a me balançar, a incorporar e eu muito nova já comecei a trabalhar a ela.*<sup>28</sup>

Como acontece ao longo dos anos, todo dia 13 de maio, dia em que é marcado no calendário brasileiro o dia da, como diz Mãe Neide, “falsa” abolição da escravatura, para as populações de terreiro é dia dos Pretos Velhos, comemorado no GUESB com a Feijoada da Vovó Maria Conga. A preparação ritualística começa dias antes da celebração pública. A festa dos Pretos Velhos, que é marcada pela distribuição da Feijoada da Vovó Maria Conga, iniciou esse ano de 2023 no dia 11 de maio, uma quinta-feira.

Dia 08 Mãe Neide me enviou o post de divulgação da festa por *Whatsapp*. Na quarta-feira, dia 10, falei com Lannay<sup>29</sup> sobre a possibilidade de ir acompanhar a preparação da festa e ela disse que eu poderia ir no outro dia, para a o terço da Vó, e que poderia chegar às 18h00.

Cheguei por volta das 17h40 e alguns poucos filhos de santo estavam no terreiro. Ao perguntar se mais pessoas chegariam, Lannay diz que o terreiro é um espaço tão acolhedor que algumas pessoas só vão ao terreiro quando precisam ser acolhidas, mas não se doam tanto. Ao contrário de observar uma festa pública, estar inserida no ambiente já me faz ver uma notável separação de grupos (Diário de campo, 11/05/2023).

Ainda um pouco sem jeito, com meu caderninho na mão, tentando me inserir, vou aos poucos sendo apresentada por Lannay aos filhos de santo.

Vou para a cozinha e fico lá com alguns filhos que estão descascando alho e por lá eu fico, enquanto outros filhos da casa vão chegando. Lannay me avisa que Mãe Neide passou mal durante a tarde e o terço possivelmente irá atrasar. Eu aproveito para fazer observações no espaço (Diário de campo, 11/05/2023).

A cozinha é ampla, tem um forno de fazer farinha, muitas panelas e pratos de barro distribuídos em duas prateleiras onde há também uma imagem grande de Padre Cícero, tem um vasto forno a lenha, há também um fogão industrial. Havia alguns quilos de feijão, arroz e farinha que seriam usados para fazer a feijoada. As horas avançam, o terço iniciaria às 19h00 e ainda não havia uma decisão sobre se Mãe Neide desceria, a casa de Mãe Neide fica por trás do terreiro em uma parte superior. Os filhos que vão chegando ficam pela cozinha, percebo uma certa preocupação a respeito das condições de saúde de Mãe Neide. Mãe Ana<sup>30</sup> prepara a janta para comermos enquanto esperamos, nos é servido cuscuz com uma deliciosa carne ao molho.

<sup>28</sup> Entrevista com Mãe Neide em 22/05/2024.

<sup>29</sup> Está no GUESB há 10 anos, filha de Oxum e Ogum.

<sup>30</sup> Mãe Ana, filha de Xangô e Iansã, tem seu barracão no bairro de Rio Novo em Maceió, mas estava afastada das atividades em seu terreiro porque sua mãe havia falecido e o local lembrava muito ela. Em decorrência disso, tomou sua obrigação de 21 anos no GUESB (Diário de campo, 12/05/2023).

Observo, tento interagir, enquanto isso alguns filhos de santo cantarolam, falam da festa de boiadeiro que teve no Barracão de Mãe Ana.

Junior, filho de barriga de Mãe Neide e Ogã da casa, chega e diz que Mãe Neide não está bem. Alguns minutos depois desce Pai João Paulo<sup>31</sup>, filho de barriga de Mãe Neide e Pai Pequeno da Casa, senta em um canto da cozinha com um semblante de preocupação e comunica que o terço foi adiado para o outro dia e que a Feijoada, que começaria a ser feita durante a madrugada, iria começar a ser preparada no outro dia logo cedo.

Lannay me avisa que o terço ficou para o outro dia. Rodrigo<sup>32</sup>, ogã de Oxum, chega, sou apresentada a ele e pergunto se posso voltar no outro dia mais cedo, ele diz que vai subir e perguntar a mãe. Enquanto isso fico na cozinha, alguns filhos lavam a louça do jantar, outros estão recolhendo lenha que acenderá o fogo para o cozimento da feijoada e alguns estão no salão arrumando os colchões para dormir. Rodrigo volta da casa de Mãe Neide e diz que eu posso chegar mais cedo. Antes que eu me despeça, Rodrigo me diz:

Você tá fazendo pesquisa, né? Vou lhe dizer, você vai aprender com a gente, nenhum texto vai lhe ensinar sobre a nossa vivência, é observar e o orixá e a Vovó Maria Conga, abrindo seus olhos pra você entender e você vai aprender assim interagindo e vivendo conosco. Você só vai aprender se eles quiserem que você aprenda, o seu trabalho não vai servir só para a academia, mas para que outras pessoas aprendam o que os orixás querem mostrar (Diário de campo, 11/05/2023).

Acauê, um filho de santo chega e nos pergunta: “Quem inventou o sincretismo? Foi criado pelos escravizados ou pela Igreja católica? Porque Exu ser associado à figura do diabo pode ter sido criado pela igreja, mas alguns filhos de santo também usam desse discurso”. Eu respondo que há várias versões sobre o sincretismo e o que eu quero é justamente saber o que eles pensavam acerca da temática, levando em conta a pluralidade de narrativas. Rodrigo diz que cada casa é uma casa: “eu conheci uma casa onde Exu era cultuado por último e a mãe de santo disse que era porque ele era escravo dos orixás, então cultuava primeiro os orixás e por último Exu, eu não aprendi assim, mas a casa é dela e ela faz como ela aprendeu, eu aprendi de outra forma, mas não dou palpite, eu respeito”.

Os exus são as entidades que propiciam a comunicação com os orixás. Na cosmologia brasileira o culto aos Exus se divide em “Exu brasileiro. São os guardiões! São catiços! esses não se raspam não se faz no Ori, é o Caveira, Tranca Rua, são ancestrais nossos. Qualquer orixá que for tem um exu ou Pomba Gira” (Pai João Paulo de Obaluaê) e há também o Exu orixá que

---

<sup>31</sup> Iniciado há 21 anos filho de Obaluaê.

<sup>32</sup> Está no GUESB há 26 anos, filho e Ogã de Oxum

não é cultuado no GUESB, não há nenhum filho de santo feito nesse orixá, porém é cultuado por Pai João Paulo no Axé Navizala em União dos Palmares.

- Eu faço o culto a Exu orixá.

- **Só o senhor?**

- É. Porque não é prática da casa, eu tenho o meu lá em União (União dos Palmares).

Antes do início da gira, Exu tem que ser alimentado com o padê. Em conversa com Acauê, ele me explica um pouco mais sobre a necessidade de alimentar Exu.

No padê, divide a farofa amarela e a farofa branca. A farofa amarela é dendê, é o elemento de Exu orixá, a farofa branca é cachaça, é o elemento de Exu catiço. As vezes se coloca uma moeda. Moeda é para prosperidade, padê vem de ipadê que é encontro. Encontro de quê? Se você não fizer um padê você não vai encontrar orixá. Ah, mas se eu não fizer o padê me acontece alguma coisa ruim? Não! Mas também não porque não vai acontecer o encontro (Diário de campo, 12/05/2023).

Segundo Igor<sup>33</sup>, no padê pode ter carne assada também para alimentar Exu. Mãe Neide explica o porquê de alimentar Exu na encruzilhada.

No passado, quando os negros fugiam eles tinham um ponto estratégico para deixar alimentos uns para os outros e geralmente os alimentos eram a farofa, a carne seca e a pinga para que passasse o frio e eles tivessem de enfrentar o caminho, se livrar dos açoites e da violência do branco contra o nosso povo, então quando hoje o povo de matriz africana coloca oferendas na encruzilhada em pontos estratégicos, não é e nunca foi para fazer mal a ninguém, para quebrar perna de ninguém, nem braço de ninguém! É importante que a gente esclareça e se defenda e não permita mais que o nosso povo sofra tal retaliação, sofra tal calúnia sobre as nossas oferendas. Então, hoje como nós estamos na terra da liberdade, os nossos ancestrais estão aqui nos recebendo e recebendo as nossas oferendas como no passado, é bom que a gente entenda sobre encruzilhada, principalmente, nós que estamos na terra da liberdade (Transcrição de gravação de áudio feita por mim. Discurso de Mãe Neide durante o Angola-Janga<sup>34</sup> na Serra da Barriga em 05/02/2024).

Antes de sair, Rodrigo recomenda que, como eu iria circular dentro do terreiro, que eu levasse um pano de cabeça e ao chegar no terreiro tomasse um banho com sal grosso e levasse uma roupa pra usar somente no terreiro.

Quando eu falei na minha metodologia sobre a proposta de empregar métodos e técnicas de pesquisa que também incluíssem a participação dos meus colaboradores de pesquisa, refiro-me a uma construção conjunta na pesquisa, de maneira que eu venha a produzir dados de uma forma simétrica. “Rodrigo disse que as perguntas que eu tivesse eu perguntasse no meio de uma

<sup>33</sup> Filho de Oxumaré. Entrou no terreiro em 2015.

<sup>34</sup> Evento, organizado por Mãe Neide, de subida a Serra da Barriga durante a madrugada do dia 05 para o dia 06 de fevereiro, em memória da resistência e luta dos moradores do Quilombo dos Palmares. Angola Janga era o nome atribuído pelos Palmarinos ao Quilombo que significa Pequena Angola

conversa informal, por exemplo, ficaria mais fácil do que fazer uma entrevista” (Diário de campo, 11/05/2023).

### *12 de maio de 2023*

Dia 12/05/2023 chego no GUESB por volta das 15h30. Alguns filhos estão sentados no salão da casa e Mãe Neide está junto de sua filha Luzia de Ossain, estava de saída, vou pedir-lhe a bênção, ela me diz que eu fique à vontade e falasse com Luzia se eu precisar de algo. Vou tomar meu banho, assim como recomendado por Rodrigo no dia anterior, após terminar pego o meu caderno de campo e sento próximo a casa dos Pretos Velhos.

#### *A casa dos Pretos Velhos*

Antes de chegar na Casa dos Pretos Velhos, temos um pequeno espaço com um cruzeiro, uma imagem da Virgem Maria, uma imagem de São Francisco e um assentamento de Iansã Igbalé<sup>35</sup> que fica ao lado do quarto de Obá. Mais à frente, avistamos uma casinha de taipa construída no fundo do terreiro, com suas paredes feitas de barro, com um piso simples, dividida em três cômodos. Na frente da casa temos uma pequena varanda, vemos uma porta e uma janela de madeira, ao entramos tem uma salinha, onde Vovó Maria Conga e Vovô estão sentados com um terço e guias na mão. No dia 12, especificamente, havia doces ofertados para a Vovó e o Vovô, diante deles uma mesinha com o jogo de búzios, é onde Mãe Neide realiza as consultas. Na sala, assim como em toda a casa, há vários quadros de santos católicos. Mais adiante temos o quarto dos dois, e saindo do quarto o corredor final com uma mesa grande com muitos santos católicos e cafés que os filhos de santo ofertam para os Pretos Velhos, há uma espécie de penteadeira na qual tem também muitos santos católicos.

A casa dos Pretos Velhos é um ambiente muito familiar para mim que fui criada no interior e era acostumada ver na paisagem rural casas de barro ou de taipas, também era comum na casa dos meus avós móveis com muitos santos católicos como Nossa Senhora Aparecida, imagens de “Padinho Ciço”, de Jesus crucificado e nas paredes, os quadros religiosos como um de Iemanjá na beira do mar que tinha na casa de minha avó e um de São Sebastião que ficava na parede da sala da minha tia. Escolher lembrar e inserir essas lembranças em um discurso social é reconhecer uma história e legitimar narrativas, é construir memória como ato político. Trabalhar com a fotoetnografia surge como uma documentação da memória que tem como base a construção de uma narrativa imagética sensorial e afetiva.

---

<sup>35</sup> Uma das características de Iansã. Falarei sobre a Orixá no terceiro capítulo.

Nessa primeira parte, a narrativa imagética construída através das minhas lentes procurou captar a simbologia narrada pelos colaboradores de pesquisa da relação da Vovó Maria Conga e de Mãe Neide com os santos católicos.



1



2

1. Nossa Senhora e São Francisco (12/05/2023 – 21h26)

2. Casa dos Pretos Velhos o herbário ao lado (15/05/2023 – 16h01)



3



4

3. Porta de entrada da casa dos Pretos Velhos

4. Terço Janela da casa dos Pretos Velhos (15/05/2023 – 16h01)



5



6

5. *Pretos Velhos* (12/05/2023 – 16h27)

6. *Mesa na casa dos Pretos Velhos* (12/05/2023 – 16h30)

Mãe Neide disse que Vovó Maria Conga achava que só poderia falar com Deus se fosse em latim, porque as missas nas quais ela acompanhava a sinhá eram rezadas em latim. Vovó Maria Conga não podia entrar na igreja e assistir à cerimônia, então ficava do lado de fora e escutava tudo através de uma parede grossa (Diário de campo, 13/05/2022). Essa fala mostra como os Pretos Velhos foram figuras emblemáticas na constituição dessa relação de correspondências entre simbologias da Igreja Católica e da religiosidade africana. Em conversa com Pai João Paulo foi notável essa associação, quando eu falava em sincretismo prontamente ele se referia aos Pretos Velhos.

- Essa ligação muito forte com Preto Velho então traz tudo isso. Preto Velho acredito que é a grande entidade que fomenta, né? Que mantém isso vivo.

**- Por que o senhor fala isso?**

- Pelo o que eles passaram e pelo o que são. Porque eles são sincretizados, eles são divindades sincretizadas, né? Eles trabalham com a fé... a fé católica, né? Então não adianta, vai ter sempre! Enquanto houver Preto Velho vai tá sempre viva essa visão, né? Essa questão do sincretismo. Porque o Preto Velho, ele é uma entidade sincretizada, então fica difícil você abolir totalmente o sincretismo (Entrevista com Pai João Paulo em 20/05/2024).

Voltando ao dia 12, enquanto estava sentada na frente da Casa dos Pretos Velho, ouço Pai João Paulo e mais alguns filhos da Casa falando sobre a associação entre santos católicos e

orixás. Ouço eles comentarem que “Iara é uma e Iemanjá é outra, não é a mesma coisa”, vou até a cozinha para escutar um pouco mais a conversa. Indagando Pai João Paulo sobre esse processo do sincretismo, ele me diz então que é fruto de violência:

Teve que alinhar, o Orum<sup>36</sup> tirou uma coisa boa desse processo de violência. Se eles pudessem (Os Pretos Velhos) estariam libertos dessa prática, mas resignificaram graças ao Orum. Tinham os que podiam se aquilombar, as irmandades fundaram igrejas para os pretos, mas não quer dizer que Santa Bárbara é Iansã. Porque a Mãe, ela é muito respeitadora dessa prática, para ela as festas mais importantes do terreiro são a feijoada e o acarajé (a Missa de Santa Bárbara e a festa de Iansã), ela reza o Pai Nosso, a Ave Maria... Mãe Stella<sup>37</sup> mandou tirar todos os santos porque representa a violência. - Pai João Paulo (Diário de campo, 12/05/2023).

Para ele, o sincretismo foi uma violência que se assemelha ao estupro e que os Pretos Velhos conseguiram resignificar de alguma maneira.

É uma violência, né? Abuso, né? E eles conseguiram tirar algo bom, eles conseguem curar, eles conseguem trazer coisas boas de uma forma sincretizada, “em nome de Santa Bárbara, de Ogum, São Jorge seu corpo tá fechado”. “Em nome de Santa Bárbara, nome de São Lázaro você tá curado”. É mais ou menos isso, imagine, você tem um filho, você foi vítima de estupro e você tem um filho, você olha para a cara desse filho e fica lembrando a violência e aquele filho começa a lhe dar algo bom pra você, a trazer algo positivo, imagine o Preto Velho. Aquele fruto daquele estupro começa dar fruto, é muito complicado dissociar

**-Pesado! O senhor acha que o fruto daquele estupro começa a dar...**

Vai trazer algo pra mundo... é, foi isso! Foi isso! É muito complicado dissociar! (Entrevista com Pai João Paulo em 20/05/2024).

Como destacado por Pai João Paulo, Mãe Neide nutre respeito pelos santos católicos o que diverge do posicionamento dele, todavia, ela reconhece a forma violenta como a Igreja se estruturou e agiu nos séculos de escravidão, porém não culpa os santos católicos por tais violências.

E a mesma coisa dos santos dentro da casa da Vovó Maria Conga. Você notou que eu coloco várias imagens de santos da Igreja Católica, né? Porque eu acredito neles como seres de luz, como irmãos que nos protegem, que intercedem, eu não acredito no santo da Igreja Católica com a cabeça da política da Igreja Católica que nos chama de catimbozeiros de gente que não presta... eu acredito nos santos como irmãos de luz que estão nos auxiliando no dia- a - dia na nossa vida aqui na terra. (Entrevista com Mãe Neide em 20/05/2024).

<sup>36</sup> Mundo espiritual

<sup>37</sup> Mãe Stella de Oxóssi (1925-2018) foi umas das mães de santo mais conhecidas no Brasil, foi a quinta Ialorixá de um dos terreiros de candomblé mais tradicionais de Bahia, o Ilê Axé Opô Afonjá. Mãe Stella, junto com outras cinco ialorixás, assinou o Manifesto contra o Sincretismo publicado em 1983, o qual dizia que o sincretismo era uma incoerência pois descaracterizava a religião africana exotizando-a e transformando-a em folclore.

A feijoada está no forno a lenha, os filhos de santo provando a feijoada, são várias panelas de barro. Enquanto cozinham, os filhos de santo cantam:

– *Quem quiser comer, venha. Quem quiser beber, venha cá. Quem quiser comer, venha. Quem quiser beber, venha cá. Preto Velho come no chão porque não tem cadeira para sentar. Preto Velho come no chão porque não tem cadeira para sentar. Venha comer a feijoada, a feijoada da Maria Conga, essa Feijoada tem axé, essa feijoada tem mironga*<sup>38</sup>...

– *Ô cativeiro, Ô cativeiro... cativeiro, cati verá, auê meu cativeiro*

– *13 de maio é um dia de alegria, 13 de maio é um dia de alegria, ó saravá os pretos velhos, pretos velhos da Bahia*

– *Ô cativeiro, Ô cativeiro... cativeiro, cati verá, auê meu cativeiro (diário de campo, 12/05/2023)*



7

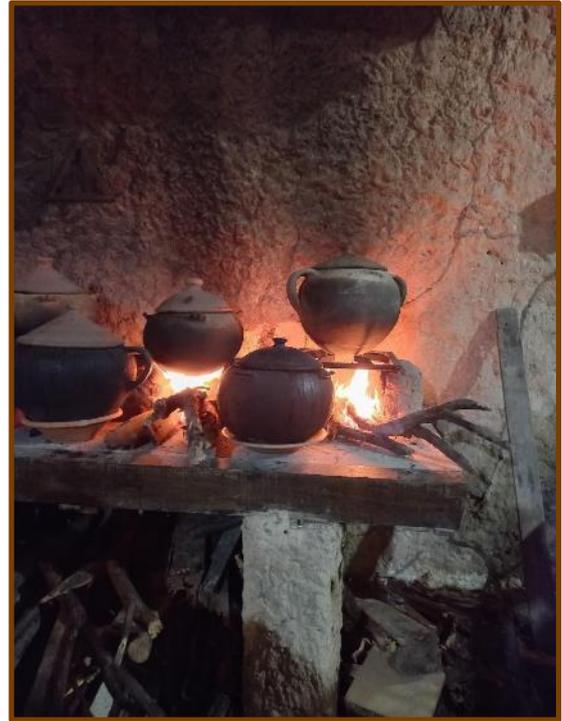


8

<sup>38</sup> Encantamento ou magia dos Pretos Velhos no uso de sua sabedoria



9



10

7. Mãe Ana e filho de santo preparando a feijoada (12/05/ 2023 –16h30)

8. Lannay, Pai João Paulo e Igor alimentando o fogo com mais lenha (12/05/2023 – 17h38)

9. Panelas de Feijoada (12/05/2023- 17h39)

10. Panelas de Feijoada no fogo a lenha (12/05/2023 – 19h00)

– **Ogã Rodrigo:** Bora, mãe, canta outra aí...

Mãe Ana puxa o coro: – *Vovó viu lágrimas nos olhos dos seus filhos, o sangue corre pra livrar dos inimigos e olha a fé, e olha fé, e olha a fé, filho de umbanda só não vence se não quer*

Filhos de santo cantam em couro enquanto mexem as panelas de feijoada:

– *Vovó viu lágrimas nos olhos dos seus filhos, o sangue corre pra livrar dos inimigos e olha a fé, e olha fé, e olha a fé, filho de umbanda só não vence se não quer...*

– *Eu quero ver, vovó, eu quero ver, vovó, eu quero ver, se filho de umbanda tem querer... lá vem vovó descendo a ladeira com sua sacola, é com seu rosário, é com seu patuá ela vem de Angola, eu quero ver, vovó, eu quero ver, vovó, eu quero ver se filho de umbanda tem querer...*

Mãe Ana canta: *Pai Joaquim cadê Pai João? Tá mata caçando guiné. Pai Joaquim cadê Pai Mané? Foi pra mata apanhar guiné. Diga a ele que quando vier, suba a escada não bata com pé. Pai Joaquim cadê Pai João? Foi pro mato, foi colher café. Pai Joaquim cadê Pai Mané? Foi pro mato, foi colher café.*

Um dos pontos cantados me chamam atenção relaciona Vovó Maria Conga e o Catimbó do Nordeste. Falarei mais adiante sobre essa ligação.

*- Ela é preta, preta, preta, ela é preta todo dia, lhe chamam Maria Conga, Preta Velha da Bahia. O meu pai já me dizia que o sol é o farol, eu não conheço a macumba que desmanche o Catimbó.*

No final da tarde, os filhos de santo vão chegando, vou ajudando alguns a acenderam as dezenas de velas para colocarmos na casa dos Pretos Velhos. Por volta das 20h00 nos reunimos em frente à casa dos Pretos Velhos esperando Mãe Neide para começar o terço, homens sentados de um lado, mulheres de outro, como acontece no salão principal quando há festas abertas ao público. Eu estava lá sentada junto com os filhos da casa, recebi uma cartilha para rezar junto com eles e me foi permitido gravar a cerimônia e fazer fotos.

Perguntei a Carlos<sup>39</sup>, um dos filhos da casa, porque acontece essa separação de lugares, ele disse que é tradição não misturar.

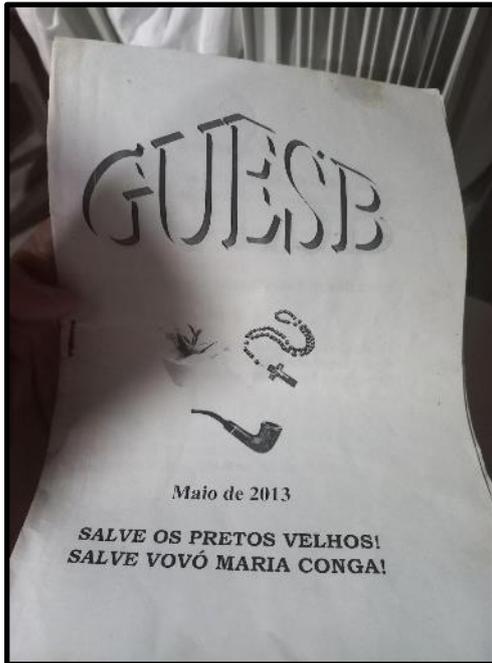


11

11. Filhas e filhos de santo reunidos em frente à casa dos pretos Velhos (12/05/2023 - 20h45)

---

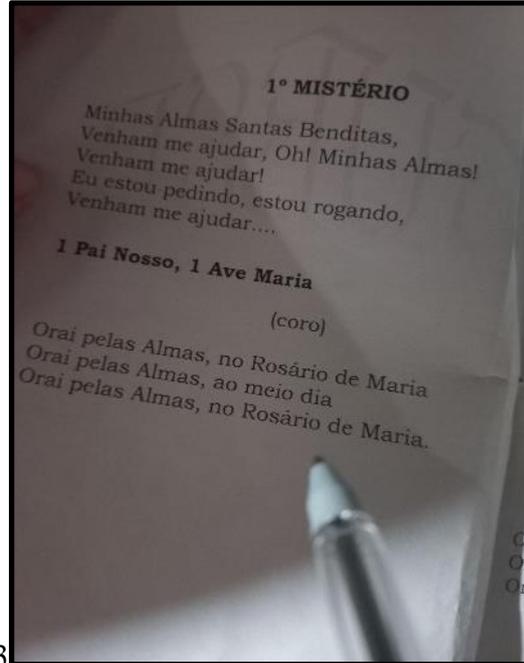
<sup>39</sup> Filho de Ogum.



12

12. *Livreto do rosário* (12/05/2023 - 20h17)

13

13. *Falas do rosário* (12/05/2023 – 20h40)

Antes de iniciarmos a reza, Mãe Neide nos fala sobre o terço ter sido adiado.

Meu filho, pensando mais na minha saúde, pediu *agô*<sup>40</sup> ao santo e fomos fazer (a feijoada) de manhã. Desde 8 horas da manhã, antes de eu acordar eles já estavam fazendo as coisas, perfumaram, rezaram e foram fazendo a feijoada para que fique só a comida dos eguns<sup>41</sup> na madrugada que já está arriada, a gente dorme cedo e de madrugada leva a comida dos eguns. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Fala de Mãe Neide durante o Rosário dos Pretos Velhos em 12/05/2023).

Mãe Neide também fala um pouco da sua trajetória como sacerdotisa e como sua formação religiosa interfere na construção dos ritos do terreiro. Já é possível já ver algumas mudanças em seu posicionamento em relação ao de Pai João Paulo, seu filho de sangue Pai Pequeno da casa.

Eu vou falar só um pouquinho, eu acho que foi até providencial essa feijoada ser cedo, foi até providencial para gente ter esse momento. Eu sou Umbanda Nagô e sou filha da Celina Limbarde, a Mãe Celina de Oxalufã, de lá da Ponta Grossa. A Mãe Celina, eu digo que ela veio dessa questão de Umbanda, da Umbanda do nordeste, não daquela Umbanda de Zélio de Moraes, que era aquela umbanda branca<sup>42</sup> de batinha. Se falava umbanda aqui no nordeste, principalmente aqui em Alagoas devido ao Quebra de Xangô, então era uma forma de maquiagem um pouquinho para que não sofresse perseguição. E é claro que eu segui. Ela dizia: “minha filha, sua Iansã é no Nagô, seu santo mais é no nagô”. Umbanda porque eu tenho meus pretos Velhos, né? E é umbanda do nordeste que traça com Jurema, caboclo, com o culto da pajelança e de

<sup>40</sup> Palavra em iorubá que se remete a um pedido de licença ou permissão.

<sup>41</sup> Falarei mais a frente acerca dos eguns.

<sup>42</sup> No capítulo a seguir falarei sobre as diversidades da Umbanda.

outros cultos, né? Então, vocês sabem que é um grande círculo e eu não gostaria, em nenhum momento, nunca passou pela minha cabeça de eu levar axé na mala do meu caixão, na gaveta do meu caixão. Eu acho que axé é uma coisa para ser plantada, ser colhida, ser semeada e ser colhida na cabeça dos filhos, aqueles que têm merecimento, aquele que aproveita. É tanto que tem um ponto: “as almas dão, as almas dão, as almas dão para quem sabe aproveitar”, quando diz “as almas dão para quem sabe aproveitar”, é assim, é aproveitar os momentos, a sabedoria, passar o dia ralando na beira do fogo, (remetendo-se a preparação da feijoada), é vir limpar o terreiro, é vir limpar o axé, mexer nas plantas; é cultivar o chão da sua tenda, é respeitar os irmãos, é a vivência dentro do terreiro, né? A gente sabe que sempre que existem seres humanos, existe diferença porque nós somos falhos [...] (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Fala de Mãe Neide durante o Rosário dos Pretos Velhos em 12/03/2023).

Mãe Neide fala isso porque propõe marcarem um dia de lazer, divertimento em algum lugar fora do terreiro com os filhos de santo. E disse que alguns filhos de santo já poderiam cuidar do seu santo nas suas casas. Para as comunidades tradicionais afro-religiosas o axé é circular no sentido de dar e devolver, é cíclico um caminho de ida e volta. O axé faz parte do universo, é a energia presente no espiritual – divindades, orixás –, no material – folhas, animais, assentamentos, pessoas –, no sensorial – cheiro, palavras, afeto, saberes (Goldman, 2005, p. 8).

A seguir, fala também da formação religiosa de seu filho de sangue, Pai João Paulo, filho de santo de Mãe Chica Xavier, Pai Pequeno do GUESB que herdará o trono de Mãe Neide, que tem algumas perspectivas diferentes das dela, comentando que possivelmente ele fará algumas mudanças quando assumir o terreiro.

E como todo mundo sabe a nossa casa tem ferramenta, a nossa casa cultua os fundamentos e é lógico que os filhos que vão assumindo o terreiro, o João Paulo mesmo que tá assumindo muito o terreiro, ele faça algumas mudanças dentro da forma dele de cultivar e tem que ser respeitado. A exemplo de uma das maiores casas de referências de matriz africana, o Ilê Axé Opô Afonjá, que é uma casa de Xangô que foi dirigida muito tempo por uma filha de Oxóssi. Quando ela chegou na casa – **isso eu não vou permitir, eu com vida** – quando ela chegou no Ilê Axé Opô Afonjá, ela foi assumir, foi a saudosa Mãe Stella, ela tirou todas as imagens de santo católico, ela não aceitou, foi um reboiço na época, mas as pessoas tiveram que aceitar, de cara feia ou não. **No caso, eu espero que ele nunca faça isso!**

– “Inclusive hoje a gente tava conversando sobre isso”, disse Igor.

**É! Que nunca faça isso porque eu sou uma mulher miscigenada e sou uma mulher sincretizada!** (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Fala de Mãe Neide durante o Rosário dos Pretos Velhos em 12/03/2023).

Assim, como em outras ocasiões, Mãe Neide se coloca como uma mulher sincretizada e miscigenada que tem muito afeto pelos santos católicos dizendo que “Deus não deixou religião, deixou os 10 mandamentos”. Embora, Pai João Paulo demonstre não concordar com algumas práticas relacionadas ao catolicismo dentro do GUESB, ele traz um ponto

importante para entender a visão de Mãe Neide quando fala que é uma mulher miscigenada. De acordo com ele, “a nossa ancestralidade é brasileira, que você queira ou não! Um candomblecista, um umbandista, um quimbandeiro, a ancestralidade dele é brasileira, não é africana, porque candomblé, a religiosidade que tiver essa linha é brasileira. É diferente!” Ele afirma que o culto no Brasil é diferente dos cultos em África onde só cultuam o ancestral orixá e esse ancestral em África pertence a linhagem familiar de quem cultua (Pai João Paulo em 20/05/2024). Segundo Mãe Neide, a Umbanda do Nordeste que ela cultua, que é a Umbanda traçada com Nagô, é totalmente influenciada<sup>43</sup> por sua formação pelas mãos de Mãe Celina e pelo direcionamento de Vovó Maria Conga, o que faz dela uma mulher sincretizada e miscigenada.

Teve uma pessoa que no vídeo da casa da vó (casa dos Pretos Velhos) disse, porque tinha a foto do papa “Ah a foto do papa e pá pá pá!”... Era da minha mãe de santo aquela foto

**- Da mãe Celina?**

Era! Então assim eu não vou condenar nem jogar fora, né? Tudo bem a Igreja Católica foi a que mais nos matou. Preconceituosa, racista, queimou muita gente na fogueira, né? Mas eu não vou chegar e dizer tudo que minha mãe de santo tinha fé, acreditava e rezava e jogar no lixo e descartar como não fez parte da minha história. Fez parte da minha história sim e continua fazendo, sabe? Tudo que é dela eu guardo com maior afeto e carinho. Porque ela sempre foi uma mulher que era mãe de santo, mas ela ia na igreja e ainda tinha os padres que ela gostava, ela dizia: “tem padre que é bom e tem padre que não é” porque era o padre que não recriminava ela, que não apontava ela, que não falava mal da nossa religião. Tudo bem que a maioria, pode até falar, mas eu não vou chegar e jogar todo mundo junto em um balaio e ter a mesma definição pra todo mundo, eu não posso ser uma pessoa que acredito em igualdade, em direitos, que acredito no amor, no respeito e vou fazer isso? Não vou! (Entrevista com Mãe Neide em 22/05/2024).

Veza ou outra Mãe Neide sofre alguma crítica nas redes sociais por postar vídeos ou fotos que mostrem os santos ou quaisquer outras simbologias católicas. Ainda na noite do rosário, ela falou:

Um dia desse eu fui acatada no *Instagram*, não sei se vocês viram. Vocês chegaram a ver? No dia do boiadeiro, eu falei assim: “que Deus não havia deixado religião, Deus tinha deixado os 10 mandamentos e que bom se a gente pudesse seguir cada um o mandamento de Deus e amar o seu próximo”. Aí muitos comentários maravilhosos, aí veio um assim: uma carinha vomitando pra mim e dizendo “estou no auge da decepção! Essa mulher louvando os santos e os mandamentos da igreja que nos matou, que não sei o que, não sei o que...”. Aí embaixo a outra confirmava o que ela disse, só sei que foram três comentários assim de me jogar na lata do lixo. Você chegou a ver?

– Não...

---

<sup>43</sup> No próximo capítulo explicarei acerca dessas influências.

De me jogar na lata do lixo e eu quando deitei e olhei, respirei fundo e disse: “Meu Deus! Essa mulher aqui!” Fui lá no perfil dela, olhei o perfil dela trezentos e poucos seguidores, uma negra, todos três eram negros, com cara assim de negros de movimento... aí eu fui no privado dela, aí eu disse assim: “Boa noite! Eu não costumo responder comentários de ninguém no meu *Instagram*, mas pelo que eu tô vendo você não conhece de candomblé, não conhece de matriz africana e eu não sei porque você fez esse comentário! Porque se você conhecesse de candomblé raiz você ia ver que os candomblés raiz de Salvador levam seus iaôs pra lavar a cabeça na igreja depois de feitos, os candomblés de raiz têm a Igreja do Rosário dos Pretos, entram com o balaio de acarajé na igreja. Pelo que eu tô vendo você tá querendo pegar bigu nos meus seguidores e eu não vou dá palco pra você. Oxalá lhe abençoe.” E bloqueei eles três. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Fala de Mãe Neide durante o Rosário dos Pretos Velhos em 12/03/2023).

Mãe Neide volta a falar da formação religiosa de Pai João Paulo e os caminhos que o levaram a ser Pai de Santo.

O João Paulo virou pai de santo por necessidade. Como por necessidade? Por muitas pessoas virem, era um casal, ele não podia botar a mão na cabeça dos dois, um bota na cabeça de um, um bota na cabeça do outro, para não virar irmãos de santo. Muitas casas por aí não têm esse respeito e esse cuidado de não transformar os filhos em irmãos, os casais em irmãos, né, fazendo isso com que tenha o **pecado original**, o irmão com o irmão casado. Então, com o tempo, ele foi, ainda devagarinho, se habituando, se acostumando. Como se acostumando? Você sabe que pra pedir bênção, ele é “oh, oh!” (imitando João Paulo que tem o jeito mais fechado, risos). Ele começou muito cedo, muito novo a ter essas responsabilidades. Assim, algumas coisas, ele precisa também nessa reunião conversar, abrir o coração, porque é uma pessoa que tá aumentando a quantidade de filhos e que precisa também ele ver da forma... tudo bem que eu fundei o terreiro, é meu filho de barriga, mas eu preciso ter a democracia dentro do terreiro. Por que cada pai, cada mãe cria seu filho do seu jeito, é claro que ele não vai fugir, mas algumas coisas que ele quer modificar, que ele quer organizar, eu não vou impedir. Não fui eu que fiz ele ser pai pequeno, na realidade, ele é pai pequeno do meu terreiro, do nosso terreiro, mas ele é Pai pequeno do terreiro da Mãe Chica, que ele é filho da Mãe Chica, ele não é meu filho de santo. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Fala de Mãe Neide durante o Rosário dos Pretos Velhos em 12/03/2023).

Mãe Neide finaliza a sua fala e se recolhe na Casa dos Pretos Velhos onde reza o terço e nós acompanhamos do lado de fora, rezando as preces. Começa o rosário, mulheres e homens cantam ao mesmo tempo enquanto Mãe Neide está dentro da casa dos pretos Velhos rezando.

Mulheres cantam: “*Orai pelas almas, orai pelas almas, no Rosário de Maria, orai pelas almas, ao novo dia, orai pelas almas no Rosário de Maria*”...

Homens cantam: “*No Rosário de Maria nasceu uma flor*...”

E ficamos cumprindo esse rito por vinte minutos até Mãe Neide finalizar o terço, por volta das 21h30, com uma oração do Pai Nosso. Depois há o batismo de seus dois netos:

*Encruza, encruza, encruza na fé de Oxalá encruza. Encruza, encruza, encruza com pamba encruza... encruza, encruza, encruza, encruza com água, encruza... encruza, encruza, encruza na fé de Oxalá encruza.*<sup>44</sup>

– Mãe Neide: *Ela veio nos saudar*

– Nós: *com ervas da Jurema*

– Mãe Neide: *ela é Mamãe Oxum*

– Nós: *Ela tem força suprema...*

– Mãe Neide: “Que as santas almas dessa casa, que os orixás, os caboclos em todos os lugares que vocês passarem que ele os livre de todo o mal...”

Os filhos respondem: – *assim seja, axé!*



14



15

14. *Terço na janela da casa dos Pretos Velhos (12/05/2023 – 21h45)*

15. *Casa dos Pretos Velhos após o rosário (12/05/2023 – 21h47)*

Terço finalizado. Forma-se uma gira na frente da Casa dos Pretos Velhos. Tocam os atabaques, os filhos de santo: *Hoje tem alegria, hoje tem alegria, no dia de hoje tem alegria.*

– *Saruê as Santas Almas*

– *Saruê*

<sup>44</sup> No último capítulo, falarei mais sobre os batismos no GUESB.

– *Os Pretos Velhos no tempo do cativoiro vem aqui nesse terreiro sem camisa e pé no chão. Segura a pomba, risca ponto e faz mironga, Saravá Maria Conga, Pai Joaquim e Pai João”.*

– *Pai Joaquim, ê, ê, Pai Joaquim êa, Pai Joaquim é rei de Angola, Pai Joaquim é Angola, Angolá...*

– *Vovó não quer raspa de coco no terreiro para não lembrar dos tempos do cativoiro.*



16

16. *Gira após o rosário (12/05/2023 – 21h30)*

Acabada a gira, nos é servido cuscuz com salsicha e eu sento para conversar com dois filhos de santo, Luana e Acauê, enquanto jantamos. Há dois anos, Luana está no GUESB e Acauê está há seis anos. Eu comentei sobre a fala de Mãe Neide sobre os santos católicos que diverge da visão de Pai João Paulo. Acauê me diz: “Mãe foi criada na Igreja Católica na sua infância, os valores de Mãe são cristãos, Mãe vira e mexe faz uma citação bíblica, já Pai Paulinho foi criado no terreiro”. Acauê diz que há diferença entre tolerar e ter afeto como é o caso de Mãe Neide (diário de campo, 12/05/2023).

Luana demonstra afeto pelos santos católicos.

Eu tenho a minha Nossa Senhora Aparecida, eu tenho o meu São Jorge porque para mim, quando eu comecei a entrar na religião eu tinha um certo receio, porque eu não conhecia, então eu me apeguei aos santos. Antes de chegar aqui eu fui para várias igrejas e nenhuma me tocou, porque eu via que as pessoas

faziam uma coisa na igreja e o comportamento social era outro. Aí eu disse “isso não é para mim”, aí eu consegui ter esse encontro no kardecismo antes de vir pra cá. Mas para mim os santos não tem nada a ver com esse processo de violência. Não é porque eu sou uma pessoa de religião de matriz africana que não acredito nos santos. O santo (católico) escolheu aquele modo de vida que eu acredito como evolução (Diário de campo, 12/05/2023).

A nossa conversa é interrompida pela passagem da comida que vai ser arriada para os eguns que são espíritos de pessoas que viveram no *aiyé* (terra) e morreram. Os Pretos Velhos são considerados eguns, por isso antes ou depois da preparação da feijoada há o ritual de alimentar os eguns. Quatro filhos de santo homens saem para arriar a comida e nós ficamos de pé no salão cantando:

*– As almas dão, as almas dão para quem sabe aproveitar, almas dão para quem sabe aproveitar na Fé de Zambi nosso Pai é Oxalá...*

Tínhamos que ficar com a cabeça coberta, cantando, sem nenhuma parte do corpo cruzada. Ficamos ao redor da mina cantando, esperando os filhos de santos chegarem, antes da chegada deles ninguém poderia sair do terreiro. Ao chegarem, cada um ia passando pela mina da casa, a saudando e tocando em sua própria cabeça.

Pai João Paulo explica porque lembrar dos eguns durante as preparações da celebração da Feijoada da Vovó Maria Conga:

Os Pretos velhos são eguns. Alimentar na festa dos Pretos Velhos porque é o momento propício, é uma energia que tá mais ligada aos eguns, seria aquele momento, e não o momento do orixá. Os Pretos Velhos eguns também, então são energias que são semelhantes, podem não ser iguais, mas caminham juntas. Então, aproveita esse momento em devoção às almas para também alimentar os nossos antepassados, as almas. Então é colocado alimento, alimento que é voltado a entidade, ao egum, né? que são mingau... têm elementos que são das almas, a gente arria, oferta. O que acontece é que esse daí (rito) já é influência, já é resquício do culto que se tem a egungun porque o egungun é uma divindade. Então essa questão de alimentar os eguns é alimentar os antepassados. Aí tem alimentos propícios inhame, farinha, mingau, alguns elementos que são dedicados a eles aí a gente acha esse momento assim mais adequado a ofertar, oferecer. (Entrevista com Pai João Paulo em 20/05/2024).

Foi-me avisado por uma filha de santo que, para a minha proteção, eu não poderia estar no terreiro quando a comida dos eguns fossem ser despachadas, mas Pai João Paulo me deu permissão de ficar e avisou que eu só poderia sair depois que os filhos de santo que foram levar as comidas retornassem.

**- E teria problema uma pessoa que não é filho de santo da casa está no momento da comida ser arriada?**

Não! Depende do cuidado. Por exemplo, quando a gente alimenta a terra... quando se fala em egum estamos falando em algo abrangente você tá

direcionando “ah eu vou fazer esse alimento a Vó Maria Conga”, “ah eu vou fazer esse alimento a um egum” Que egum é esse? Você tá alimentando quem? Existe certo cuidado, existe a hora que oferta o alimento, a hora que você tira o alimento pra ser entregue porque tem horário que o egum vem buscar e o horário que ele vai embora. Geralmente o horário que ele vem receber e vai embora é quando o sol tá nascendo, isso é um horário místico no culto de egum.

**- Por isso se coloca a noite ou de madrugada?**

Isso! No pôr do sol, é a hora que eles vão embora, é um horário místico, mas é uma divindade própria, egungum é osso. (Entrevista com Pai João Paulo em 20/05/2024).

Já de saída, na porta do GUESB, conversei com Gerônimo, que me conta que tem grande afinidade com os santos católicos, pois era católico. Ele entrou na Umbanda junto com a sua mãe que era católica também e que vinha passando por diversos problemas de saúde mental. Quando a levaram ao psiquiatra, o médico recomendou-lhe tratar de sua espiritualidade e após ter entrado na religião ela ficou curada (Diário de campo, 12/05/2023).

### **1.3.2 13 de maio de 2023 – Feijoada da Vovó Maria Conga**

Cheguei no GUESB por volta das 15h30 no dia da Feijoada da Vovó Maria Conga. Ao chegar já tinha um número expressivo de filhos de santo pelo terreiro, fui tomar banho de sal grosso como recomendado. Depois fui cumprimentar alguns filhos de santo. Havia uma caixa de som tocando algumas músicas de santo, alguns filhos limpando o terreiro, o salão já estava organizado. Dependendo do orixá ou entidade que será celebrada, o salão é decorado na cor desse orixá e a mina da casa também é vestida com um tecido da mesma cor. No dia 13, para a festa dos Pretos Velhos, a cor era branca.

No dia anterior, quando chegaram as flores, ouvi Pai João Paulo dizendo: “flores brancas porque alma é branca, as flores têm que ser brancas” (diário de campo, 12/05/2023).



17

17. Salão ornamentado para a gira<sup>45</sup> (13/05/2023 – 17h04)



18

18. Atabaques vestidos de branco e cadeira do Pai Pequeno (13/05/2023 -17h04)

<sup>45</sup> Do lado direito, é possível ver dois cartazes, um é a foto de Mãe Neide incorporada em Iansã na missa para Santa Bárbara, cerimônia que ocorreu em 04 de dezembro de 2020 na Serra da Barriga em União dos Palmares. Iansã veio, mas não tirou a máscara devido à Pandemia do Covid-19. Vemos também a foto de Mãe Celina, com trajes amarelos, mãe de santo de Mãe Neide, que retornou ao Orun, como dizem meus colaboradores de pesquisa, em 28 de abril de 2020 aos 104 anos de vida.



19

19. Foto do salão, tirada da entrada do GUESB, mina da casa vestida (13/05/2023 - 17h04)

Conversando com Luzia, filha de Mãe Neide, ela me fala um pouco sobre o amor que tem pelo orixá “santo é cuidado, é carinho, não é só vestir uma roupa de santo bonita. Ser do santo não é só isso”. Ela me disse que passa o dia todo no terreiro, que as pessoas até brincam que ela deveria sair mais, mas o divertimento dela está em cuidar do santo, em cuidar do terreiro. Ao perguntar sobre a relação de Mãe Neide com os santos católicos, ela diz “Mainha tem uma influência da igreja católica, a minha vó era católica e por muito tempo não aceitou a religião dela, hoje ela respeita mais. Mainha até hoje cobre os santos da igreja durante a quaresma.” (Diário de campo, 13/05/2023). Uma prática comum no catolicismo é cobrir os santos na Igreja Católica com um pano roxo no período da quaresma em memória da crucificação de Cristo. Luzia diz que Mãe Neide cobre os santos com um pano branco, “Cubro! Cubro sim! Porque eu nasci assim, eu me criei assim vendo isso! Eu cubro, eu rezo sim!” - Mãe Neide<sup>46</sup>.

Sobre o sincretismo, Luzia diz: “Eu acho que é muito violento, todo esse processo foi violento. Eu respeito, mas não tenho crença. O Paulinho (Pai João Paulo) também acha violento”. Quando pergunto sobre a Umbanda que cultuam, ela me diz: “Mãe diz que aqui é catimbó do Nordeste que pega várias nações” (Diário de campo, 13/05/2023).

O salão já está arrumado, a mina da casa e os atabaques foram vestidos com mais alguns tecidos de cor cinza, são colocadas ao lado da mina as quartinhas e o padê de Exu. O terreiro

<sup>46</sup> Entrevista com Mãe Neide em 22/05/2024.

começa a ser organizado, são colocadas algumas lamparinas, pequenas cadeiras e bancos para os Pretos Velhos sentarem, há também cachimbos para os Pretos Velhos fumarem e bengalas para sustentarem seu corpo. Por ter o arquétipo de um idoso ou idosa, nas incorporações de Preto Velho, o médium fica com a coluna encurvada apoiando-se na bengala. Dono de um corpo idoso já cansado, Pretos Velhos ficam sentados em banquinhos para fazer consultas e dar aconselhamentos sempre fumando seu cachimbo.

Há um ponto cantando no GUESB que é: *Olha a fumaça no cachimbo da Vovó sobe no ar só não ver quem não quer...*



20

20. *Terreiro ornamentado para receber os Pretos Velhos (13/05/2023 - 18h52)*



21

21. *Cadeira, bengala e uma caixa com cachimbos para os Pretos Velhos (13/05/2023 – 18h16)*

Conversando com um filho de santo, Wellington, ele diz que eu cheguei para fazer pesquisa na festa mais importante para casa, a Feijoada da Vovó Maria Conga, todo ano o número de panelas de feijoadas aumenta. Sobre a minha temática de pesquisa, ele disse: “Não é toda casa que cultua Preto Velho que tem o terço (referindo-se ao Rosário da noite passada). Você veio na casa certa”. (Diário de campo, 13/05/2023). Wellington fala isso porque em algumas casas de candomblé que se dizem mais puras não aceitam as entidades como Pretos Velhos, por se remeterem a uma entidade brasileira e “sincretizada”. Outras casas de candomblé trazem o culto aos Pretos Velhos, porém não há certos ritos como o rosário. Rezar o rosário, além de fazer parte do arquétipo dos Pretos Velhos que “incorporado num terreiro, carrega

marcas de sua inserção no tempo do cativo. Cachimbo, bengala, rosário, terço, figa, crucifixo, lenço, xale, chapéu de palha, cigarro de palha são parte dos artefatos pelos quais a corporalidade *preto velho* se presentifica” (Anjos, 209, p. 509), também diz respeito a trajetória religiosa de Mãe Neide adepta à essas práticas, “Eu nasci, batizei na Igreja Católica, tudo o que tinha direito! Eu vou dizer a você que eu vou comungar com muitas coisas? Não vou! Mas muitas coisas fizeram e me fazem muito bem. Eu não consigo dormir sem o meu Pai Nosso, O ‘rosarinho’ cai da mão, eu cansada, agarro no sono com o Rosário. E assim vou!” (Entrevista com Mãe Neide em 22/05/2024).

Passada as horas, o terreiro já arrumado, os filhos de santo vão tomar seus banhos e se arrumar para a gira. O início da festa estava marcado para às 18h00, as pessoas vão chegando e o salão vai enchendo.



22

22. Pessoas chegando para assistir a gira (13/05/2023 – 18h24)



23  
23. Crianças do terreiro (13/05/2023 – 18h58)



24  
24. Minutos antes do início da gira (13/05/2023 – 19h24)

Por volta das 19h15, Mãe Neide desce, reúne-se com os filhos de santo na frente da casa dos Pretos Velhos e depois de Mãe Neide fazer uma prece, vão em direção ao salão.



25  
(13/05/2023 – 19h18)

25. *Concentração antes da gira*

Antes da gira começar, Mãe Neide faz um discurso e salienta que o 13 de maio não deveria ser comemorado pela falsa libertação da Princesa Isabel, e sim pela resistência dos Pretos Velhos. “Não pela princesa Isabel, mas pela resistência dos nossos Pretos Velhos e do nosso povo escravizado!” (Diário de campo, 13/05/2023).

Mãe Neide volta a falar de críticas recebidas nas redes sociais por cultuar os santos católicos.

Eu quero começar a fala de hoje à noite... Eu não sei quem de vocês me seguem no Instagram e viu um certo comentário, é o quarto comentário, três foi de outra postagem e esse foi de agora. Foram quatro ataques na realidade à nossa casa. O primeiro foi na Festa do Boiadeiro quando eu falei da intolerância com as religiões, não só com a nossa, mas com todo tipo de credo, certo? Eu disse que Deus não tinha deixado religião nenhuma, ele tinha deixado os 10 mandamentos e que os próprios filhos se amassem, se respeitassem e professassem a sua fé e amassem o próximo como a si mesmo. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Discurso de Mãe Neide na abertura da Festa dos Pretos Velhos em 13/03/2023).

Mãe Neide fala de sua criação e a influência do catolicismo na sua formação religiosa:

Eu nasci dentro do catolicismo, é claro que a gente não pode apagar da memória da nossa ancestralidade tudo que a gente passou, o que a gente sofreu e até hoje sofre. **Claro que a gente não pode apagar, mas eu não posso reverter para o santo da igreja católica, eu sou uma mulher sincretizada.** Não aceito o que a Igreja Católica fez conosco, não aceito o que os evangélicos

fazem conosco, mas eu também não posso ser uma pessoa radical, dizer que todo católico nos ataca e que todo evangélico nos ataca, assim eu vou passar de oprimida para opressor.

Então, eu sofri um ataque na festa de Boiadeiro, primeiro foi com uma jovem que ela me disse assim... botou um monte de carinha vomitando pra mim e disse que "como é que essa senhora... estou decepcionada, está defendendo a igreja que nos matou, que nos escravizou, lá, lá, lá, lá..." Aí eu fui olhar e disse "meu Deus!", aí abaixo tinha outros também comentando aquela carinha de vômito e concordando com ela, eu disse: "Meu Deus, eu não respondo nada a ninguém, eu não vou responder!" Depois eu falei: eu preciso falar alguma coisa porque se eu omitir também eu vou está dando espaço para aqueles que não tem espaço para responder! E fui lá: "Boa noite minha querida que Oxalá lhe abençoe, pelo que eu estou vendo aqui você não entende nada nem de candomblé, nem de umbanda Nagô, nem de Igreja católica nem tampouco evangélica. Porque se você é do candomblé, como você diz, você não poderia botar essa carinha pra mim, todos ou quase todos passaram pela Igreja católica forçadamente ou não, como eu ia forçadamente, mas eu ia. Minha casa é casa de Preto Velho! E você, com certeza, não conhece os candomblés tradicionais da Bahia onde fazia os santos dos filhos, raspava os iaôs e depois levava para a Igreja para o Padre lavar a cabeça. Com certeza você não conhece essa história, que eu nunca levei e não concordo, mas cada um mexe sua panela, tempera seu feijão da forma que conhece, o importante é fazer o bem e amar o seu próximo, com certeza você não conhece, então eu não vou lhe dar palco. Oxalá lhe abençoe. E bloqueei e mandei para os outros verem. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Discurso de Mãe Neide na abertura da Festa dos Pretos Velhos em 13/03/2023).

Esse foi o episódio intolerante que Mãe Neide havia passado em janeiro de 2023, sobre o qual ela já tinha comentado conosco na noite anterior, durante o rosário. Mas ao postar as fotos do rosário nas redes sociais, Mãe Neide recebe outra crítica:

Ontem, o Juninho que postou uma foto minha no *Instagram* e eu fui olhar umas fotos que Junior tinha feito, que Rose tinha feito, e aí tinha outro dizendo... Quando eu coloquei "olha a fé", esse ponto eu ouvi da minha Preta Velha quando eu mudei pra cá há 26 anos atrás e a gente tava passando uma fase muito difícil. Eu, o marido vivendo de música e os meus filhos todos pequenos, a brincadeira dos meus filhos era carregar caçamba de areia para a gente aterrar isso aqui pra gente construir, eu não virei pedreira porque eu não quis, mas eu sei aterrar bloco, sei fazer tudo pra levantar essas paredes. Aqui era quatro, cinco casas e era mata e desova, quem passava no Village antigamente, quem veio no início... cadê a Jô?

– ô eu!

A Jô sabe muito bem disso.

E nessa época, eu almocei, aqui era um sítio muito grande, não tinha nada disso daqui, aqui era uma casinha de taipa, aqui um pé de canela, umas árvores grandes e eu sentei e dei aquela cochilada na cadeira de balanço, aquelas cadeiras de tirinha, e eu ouvi cantando na minha cabeça "e olha a fé, e olha a fé, e olha a fé, filho de umbanda só não vence se não quer... vovó viu lágrimas nos olhos de seus filhos, vovó nos olhos de seus filhos, o sangue corre pra livrar dos inimigos e olha a fé, e olha a fé e olha a fé, filho o de umbanda só não vence se não quer". E eu fiquei com aquilo na cabeça e cantei ao seu Júlio lá do Trapiche, Pai de Santo que eu gostava muito dele, tinha uma amizade muito grande pelo seu Júlio lá da Rua Ary Pitombo, contei pra ele, ele disse: "Minha filha, esse ponto é de uma Preta Velha antiga, eu era menino". – "Pois

foi, Pai Júlio, cantaram no meu ouvido!” (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Discurso de Mãe Neide na abertura da Festa dos Pretos Velhos em 13/03/2023).

Mãe Neide fala da reconstrução dos direitos dos coletivos negros e indígenas e das religiões afro-brasileiras no novo governo do Presidente Lula com a nomeação dos ministros dos direitos humanos, da igualdade racial, e da recriação do Ministério da Cultura que foi extinguido durante o governo Bolsonaro.

E eu achei de colocar e “olha a fé”, um momento difícil que a gente tá reconstruindo o Brasil, estamos reconstruindo os nossos direitos, né? E precisamos de energia, de fé, sensatez, porque a gente não pode construir com ódio também, nós temos que construir com muita calma, com muita resiliência! Aí ele colocou: “e olha a fé, e olha a fé e **olhe também o sincretismo que já não cabe mais na nossa religião!**”. **Eu sou uma mulher sincretizada porque eu acredito sim nos santos da Igreja Católica, eu tenho Fé em Nossa Senhora Aparecida, em Nossa Senhora.** Eu adoro templos, eu não entro em todas igrejas evangélicas porque eles vão me apontar e botar pra fora, ou eu aceito Jesus ou eles me botam pra fora. Mas eu gosto, é uma coisa minha, então, eu não vou mudar o meu coração, a minha forma de ser, de pensar por causa de muita gente que bota o pé no terreiro de Umbanda, candomblé, Jeje, Nagô... seja o que for de matriz africana e que botar o dedo na cara dos mais velhos sem saber por onde a gente passou, o chão que eu passei, a rodagem que eu andei, eu acho isso uma falta de respeito muito grande das pessoas que não me conhecem. [...] Eu não aceito, vou bloquear todos e isso para os próprios vocês, não aceitem ninguém dar opinião na vida se não sabe o que você passa, o que tá dentro de vocês e de cada um! Mesmo quem é do santo, muitas vezes, não quer dizer que tá certo não, porque têm muitos opressores lá dentro, têm muitos capitães do mato com guia do santo no pescoço criticando os outros! E assim eu não vou deixar de postar porque eu sou resistente, sou penitente, entendeu? (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Discurso de Mãe Neide na abertura da Festa dos Pretos Velhos em 13/03/2023).

A seguir, Mãe Neide fala da força dos Pretos Velhos e aqui fica perceptível como a figura dessas entidades é ressignificada por ela como seres fortes, não em sua força física por se tratar de um corpo idoso e cansado, mas em sua energia. Visão que se contrapõe por exemplo, aos escritos literários. Como já chamei atenção acima, não podemos perder de vista as outras esferas, além da religiosa, que a figura do Preto Velho ou Preta Velha está associada, a escravidão é uma dessas esferas. Na literatura do romantismo do século XIX, Preto Velho é representado ora no sentido folclorizado como um velho negro que causa medo e assusta crianças, ora como um sujeito benevolente conformado com a escravidão (Santos, 2007, p. 170). Em relação a essa última afirmação, é importante destacar a fala abaixo de Mãe Neide: “eles não cruzaram os braços, eles não baixaram a cabeça” e pontuar que umas das leis abolicionistas de 1885, foi a chamada a lei dos sexagenários, porém essa lei não dava liberdade total aos idosos escravizados, pois como indenização, os sexagenários escravizados deveriam

trabalhar para os seus senhores por três anos e outro fator que deve ser considerado é que os sexagenários libertos deveriam continuar morando com seus senhores e só poderiam mudar-se se um juiz de órfãos os autorizasse, ou seja, essa construção literária do Preto Velho conformado, não o contexto sociopolítico que esses “libertos” estavam sujeitos.

Então, eu fiquei triste, mas não perco a fé, bloqueei esse danado, essa danada e todas as vezes que isso acontecer, eu peço a vocês que não adianta discutir, que você não vai falar para aqueles que não querem ouvir, você vai gastar sua saliva e sua pressão subir, mas são pessoas que nos atacam e a gente não pode cruzar os braços, né? **Foi isso que os Pretos Velhos fizeram, eles não cruzaram os braços, eles não baixaram a cabeça, graças ao Homem Grande, a Zambi e a eles, nós estamos aqui porque foram eles que trouxeram os orixás pra perto da gente.** “Ah o Preto Velho é uma alma, não é nada” quem tiver pensando assim dentro da minha casa, pode ir embora, não precisa nem passar naquela porta porque com certeza não entende. **“Ah o Preto Velho é um egum” Um egum! Morreu, teve vida como nós, mas passaram fome e foram açoitados ensinaram a gente a rezar e não desistir. Foram eles que dentro dos navios negreiros resistiram pra gente estar aqui hoje. Então, a gente não pode admitir nem aceitar que ninguém participe do axé e coma o feijão dos Pretos Velhos se não valoriza as santas almas, porque ai de mim, ai dessa casa e de muitos filhos se não tivesse um Preto Velho, uma Preta Velha. Porque tiveram vida como nós, eles sabem das nossas dores, das nossas agonias, eles nos entendem, não precisa nem pedir porque eles sabem tudo que a gente tá sentindo.** Então, meus filhos, a gente reverencia, a gente bate cabeça, a gente bota o rostinho no chão porque é no colo daquela vovó e daquele vovô... minha mãe de santo morreu, minha madrinha morreu Mãe Chica, é com ela (Vovó Maria Conga) que eu desabafo. Têm dias que eu “pererei, pererei, pererei” no ouvido dela e digo “Meu Deus, ela deve está de saco cheio de ouvir”, mas eu não tenho com quem desabafar, tenho que conversar com eles, né? (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Discurso de Mãe Neide na abertura da Festa dos Pretos Velhos em 13/03/2023).

Mãe Neide tocou em um ponto muito importante, os Pretos Velhos foram pessoas que tiveram vida, e tiveram o rumo da sua história atravessados por um sistema escravista que perdurou por quase quatro séculos no nosso país. Sobre a história de vida de vovó Maria Conga, Mãe Neide conta que:

*A Vovó Maria Conga ela foi uma reprodutora de escravos. E os Pretos Velhos, todos tiveram vida como nós, era um povo escravizado que trabalhava com cana de açúcar, no café e no arroz. Era povo escravizado que viveu nas senzalas. Os que conseguiram vir para o Brasil, chegar no Brasil, no navio negreiro resistiram a tudo. Ela foi reprodutora de escravos e ela era assim ajudava os escravos a fugirem, e ela levava alimentos para encruzilhadas para eles pegarem alimento. E ela meio revolucionária, né? Caladinha, mas ela ajudava eles fugirem, se libertarem. E teve uma vez que ela sentiu que um dos filhos dela é que tinha chegado em uma compra nova de escravos na fazenda vizinha,*

*pela data e tudo, ela imaginou que fosse filho dela e ela foi lá, fugiu uma noite e sentiu que ele era filho dela e ela começou a proteger aquele escravo e contou pra ele a história. Só que os outros achavam que ela tava querendo se enxerir pra ele e começou a dizer que ela saía pra levar comida pra ele, que ela roubava de um canto e levava para dar os filhos e aí deram a primeira surra nela pra ela não ir mais, depois bateram no escravo, bateram nele, bateram, bateram! Botaram ele no tronco porque ele tava se encontrando com a mãe. Aí ela foi e fugiu, mesmo assim ela fugiu, e foi fazer curativo nos ferimentos dele, (ele) amarrado no tronco e quando ela voltou colocaram ela, o pé dela, ela viva com o pé na fogueira pra queimar, pra queimar o pé dela e queimou que atrofiou o pézinho dela e ela não conseguiu mais fugir, mesmo ela tendo isso tudo, ela era uma pessoa cheia de alegria e felicidades, mas depois disso ela deixou de sorrir, se entristeceu e morreu de depressão. A tristeza foi tanta que... mas assim, ela cuidou até o último momento que ela pôde, de ajudar os escravos fugir, levava comida, fazia remédios, ia lá no tronco, curava as feridas, fazia curativo, ela era uma Preta que não aceitava a escravidão. A Vovó Maria Conga conta que ela não sabe quantos filhos ela chegou a ter durante todas as gestações, como ela era reprodutora, ela não sabe, mas ela nunca conheceu um amor e nunca se apaixonou por ninguém. (Entrevista com Mãe Neide em 22/05/2023).*

Esse trecho é muito impactante e doloroso! Vovó Maria Conga foi uma reprodutora de escravizados que morreu de tristeza e depressiva após ter tido seu pé queimado em uma fogueira como castigo por cuidar de seu filho machucado no tronco! Como nos lembra Lélia Gonzáles (1984), a história da Vovó Maria Conga está inscrita nesse torturante lugar que a lógica da dominação deu as mulheres negras. Seja como reprodutora de escravizados, estuprada e violada à serviço de um sistema econômico, seja como a Mãe Preta, que amamenta e dá afago aos filhos da casa grande, mas não pode cuidar dos seus filhos e no fim da vida, é uma velha abandonada que cuidou, mas que é indigna de cuidados. Mãe Neide disse também que foram os Pretos Velhos que trouxeram os orixás pra perto da gente. Acerca disso Pai João Paulo afirma que:

Os Pretos Velhos assim... tem candomblé que quando ver um Preto Velho, eles não têm afinidade, mas Preto e Preta Velha, não todos, mas grande parte foram sacerdotes, babalorixás, yalorixás, antepassados nossos, por isso que a eles tem esse conhecimento religioso muito forte. Não é só porque foi um preto que envelheceu, que virou velho, que virou babalorixá, não! Mas alguns são, alguns iniciaram, abriram casa de axé no país.

**- Muitos vieram escravizados e eram babalorixás e yalorixás?**

Isso, nem todos, lógico. Nem todo africano é iniciado no orixá, mesmo antigamente, nem todos eram iniciados no orixá. (Em África) Existia a comunidade, uma parcela era religiosa, outra parcela quando tinha algum problema recorria aos sacerdotes, eles jogavam, indicavam banho, fazia os procedimentos e você vivia. Não era porque era uma comunidade que todo mundo era do orixá. (Entrevista com Pai João Paulo em 20/05/2024).

Mãe Neide encerra a sua fala pedindo clamando a sabedoria das santas almas:

Que essa resistência, que essa energia, que essa fé dos Pretos Velhos nos renove, nos reforce em todos os lugares que a gente andar. No nosso trabalho, nos nossos relacionamentos, na nossa família, na nossa saúde que nós

tenhamos a paciência, a fé e a sabedoria dos nossos Pretos Velhos. Sassaruê às almas! (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Discurso de Mãe Neide na abertura da Festa dos Pretos Velhos em 13/03/2023).

Terminada a fala, Mãe Neide é aplaudida, os atabaques são tocados e os filhos de santo começam a se organizar para o início da gira. Mãe Neide sempre reza um Pai Nosso antes do toque começar e repete a fala a seguir:

Mãe Neide: – *Louvado seja o Nosso Senhor Jesus Cristo.*

Todos: – Para sempre seja Louvado.

Mãe Neide: – *Mais do que Deus?*

Todos: – Ninguém.

**- E a senhora sempre começa a gira com o Pai Nosso...**

Com certeza! Com certeza! Eu sou do tipo assim que trago pra minha vida tudo que eu acho que vai contribuir pra minha evolução espiritual, material, carnal e procuro ver as coisas boas e trazer pra mim e as ruins, esquecer. Eu prefiro trazer pra mim o que eu aprendi de bom na Igreja Católica.

**- É a oração que Jesus ensinou, né?**

É minha filha e alguns metem cacete em mim “ah essa mulher”.... O Criador não agradou todo mundo, ele fez tudo, deu vida, construiu o mundo, a natureza pra gente viver e tem pessoas que não acreditam nele... são obrigadas a acreditar em mim? (Entrevista com Mãe Neide em 22/05/2024)

### **Início do Toque**

– *Laroyê, Exu!*

– *Laroyê!*

Começa o toque para Exu e em um alguidar os filhos de santo e o público presente vão depositando dinheiros ofertados para Exu. Após isso, as quartinhas e o Padê de Exu são levados para a entrada do GUESB.

– *Exu ô, Exu ô, toma conta da minha porteira, toma conta da minha cancela, vou pedir pra Exu pra ser meu sentinela.*

– *Salve as folhas...*

– *Salve.*

Dois filhos de santo passam com os defumadores pelo salão, defumando os ali presentes.

– *Corre gira Pai Ogum filhos que se defumar, Umbanda tem fundamento é preciso preparar com incenso e benjoin, alecrim e alfazema pra defumar filhos de fé com as ervas da jurema*

– *ô Bendito, louvado seja Umbanda*

*Saravá*

– *E eu sou filha de Orixá na Umbanda*

– Saravá

Cantam para Ogum

– *Preto Velho me ensinou, na cartilha de aruanda*

– *Ogum*

– *Na cartilha de Aruanda*

– *Ogum*

– *E Ogum não se esqueceu*

– *Ogum*

– *A tristeza foi embora*

– *Ogum*

– *Na espada de um guerreiro*

– *Ogum*

– *E a luz do romper da Aurora vai brilhar no mundo inteiro*

– *Ogum!*

– *ogunhê!*

Cantam: *Ogum é meu pai, Ogum é Meu guia, Ogum é meu pai, Filho de Deus e da Virgem Maria...*



26

26. *Gira* (13/05/2023 - 19h37)

Alguns pontos são tocados no salão.

Para boiadeiro: *ô laçador... O laça laçador...*

*Pai nosso, Ave Maria que está na hóstia consagrada, meu deus, eu perdi o boi, não vou perder a boiada...*

Alguns Orixás chegam e dançam ao redor da mina.

Saudação aos Preto Velhos:

- *Sassaruê as almas.*
- *Sassaruê Pai Cipriano de Angola.*
- *Salve Vovó Maria Conga.*
- *Saravá Pai Joaquim.*
- *Salve as santas almas.*

Batemos palmas e cantamos: *Orai pelas almas no Rosário de Maria, orai pelas almas ao meio-dia orai pelas almas no Rosário de Maria ...*

– *Eu trago a pimenta da Costa, eu faço mandinga, eu trago dendê, Preto Velho da Bahia traz dendê...*

– *Preto na senzala bateu sua caixa, deu viva ai ai, preto na senzala bateu sua caixa, deu viva oi oi, Viva ai ai! Viva ai, ai, viva oi oi, Viva a nossa Senhora o cativo acabou!*

Nesse momento, alguns filhos de santo já haviam incorporado seus Pretos Velhos. Passados pouco mais de 30 minutos de gira no salão, os filhos de santo e o público se direcionam para a frente da casa dos Pretos Velhos onde Vovó Maria Conga servirá a feijoada

– *Vovó não quer casca de coco no terreiro pra não lembrar dos tempos de cativo...*

27



27.Vovó Maria Conga abraçando a criança (13/03/2023 20h56)



28

28. *Vovó Maria Conga preparando-se para servir a Feijoada (13/03/2023 – 20h59)*



29

29. *Filho de santo a panela de Feijoada Para a vovó (13/03/2023 20h59)*



30

30. *Filhos de santo ao redor de Vovó Maria Conga (13/05/2023 - 21h03)*



31

31. *Acendendo o cachimbo da Vovó (13/03/2023 21h59)*



32

32. Vovó servindo a feijoada (13/03/2023 21h09)



33

33. *Filha de santo distribuindo a feijoada* (13/03/2023-21h09)



34

34. *Feijoada em mãos* (13/03/21-21h09)



35

35. *Aguardando todos serem servidos* (13/05/2023-21h10).



36

36. *Essa feijoada tem axé, essa feijoada tem mironga (13/03/2023 – 21h12).*



37

37. *Preto Velho come no chão porque não tem cadeira pra sentar (13/03/2023 21h25)*

A deliciosa é feijoada é servida por Vovó Maria Conga, todos comem sentados, no chão e sem talheres, comemos com a mão, como diz no ponto:

*Preto Velho come no chão porque não tem cadeira pra sentar, venha provar a Feijoada da Maria Conga, essa feijoada tem axé, essa feijoada tem mironga.*

Em todo tempo que a feijoada é servida, nós cantamos:

*Eu andava perambulando sem ter nada pra comer, pedi às santas almas que viessem me valer, foi as almas que me ajudou, foi as almas que me ajudou, meu Divino Espírito Santo, viva a Deus, nosso Senhor!*

Só podemos comer a feijoada quando todos estiverem servidos.



38

38. *Comendo com as mãos* (13/05/2023 - 21h33)

Após, todos servidos, é perguntado se alguém mais quer repetir. Vovó Maria Conga vai embora. Alguns pontos são cantados, os atabaques são tocados, enquanto estamos reunidos no terreiro.

*Saravá Maria Conga, Pai Joaquim e Pai João...*

*Salve os Pretos Velhos...*

*-Salve!*

*Pai Joaquim cadê Pai José? Tá no mato colhendo café, diga a ele que quando vier, suba a escada não bata o pé...*

*Vovó Conga é a Chefa do Congá no jardim das oliveiras ela sabe trabalhar, pega patuá, rosário e faz mironga, Saravá Maria Conga, Pai Joaquim e Pai João...*

Às 22h40 a gira é encerrada:

*Eu fecho a minha gira com Deus e nossa Senhora...*

Mãe Neide se despede:

Que todos fiquem em paz e que tenhamos um feliz dia das mães, né? Não só um dia das mães, né? Não adianta abraçar a mãe e beijar, no dia das mães e não ajudar a mãe lavar os pratos, varrer a casa, tratar mal, pega o dinheiro de uma cerveja e não lembrar que a mãe precisa ser ajudada, enfim, essas coisas. Amar só da boca pra fora ninguém me ame! Feliz dia das mães. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Encerramento da Festa dos Pretos Velhos em 13/03/2023).

Os filhos da casa cantam erguendo os braços:

*Refletiu a luz divina com todo seu esplendor é no reino de Oxalá onde há paz e amor, luz que refletiu na terra, luz que refletiu no mar, luz que veio de Aruanda para nos iluminar... A umbanda é paz e amor, um mundo cheio de Luz, é força que nos dá vida e a grandeza nos conduz. Avante, filhos de fé, como a nossa lei não há, levando ao mundo inteiro a bandeira de Oxalá levando ao mundo inteiro a bandeira de Oxalá.*



39

39. Despedida (13/05/2023 – 22h37)



40

40. *Levando ao mundo inteiro a bandeira de Oxalá* (13/05/2023 – 22h37)

Vou até Mãe Neide, peço a sua bênção: “Oxum lhe abençoe, minha filha”. E agradeço a ela e a Vovó Maria Conga pela permissão da pesquisa.

Sempre na saída, vemos o padê de Exu guardando a entrada do GUESB.



41

41. *“Exu, meu sentinela”. Padê de Exu ao lado do quarto de Exu.*

### 1.3.3 Pós-festa: 15 de maio de 2023

Como falado anteriormente, Rodrigo, Ogã da casa, havia solicitado que eu fosse ao GUESB na segunda-feira, dia 15/05/2023, para acompanhá-lo apresentando o terreiro para uma turma de medicina e enfermagem que faria estágio na ONG Inaê. Quero destacar alguns momentos dessa visita que foram importantes para pensar sobre o meu tema de pesquisa.

Chego na ONG por volta das 14h00, Rodrigo chega um pouco depois. Lá estavam reunidos os alunos e alunas da UFAL junto com a professora do curso de enfermagem, Danielly Santos, e o professor Diogo Nilo do curso de medicina. Rodrigo falou um pouco sobre a origem da ONG e da criação do terreiro na localidade.

Após mostrar o Inaê e os professores discutirem as atividades que eles iriam fazer durante o estágio, Rodrigo foi apresentar o terreiro aos alunos.

Destaquei algumas falas do Rodrigo porque elas me ajudam a construir essa teoria junto com meus colaboradores, me ajudam a entender o que são os orixás e as entidades com as quais eu estou trabalhando a partir da perspectiva de quem vive a religiosidade.

Mas o que é esse conceito de matriz africana? O que vocês cultuam dentro do preceito religioso? O que a gente cultua são os orixás, aqueles que a gente já ouviu falar, Iemanjá orixá ligada ao mar, a gente já ouviu falar de Oxum que é o orixá ligada ao ouro, de Ogum que é o orixá que está ligado a São Jorge, e aí o que é o orixá? O orixá nada mais é que os elementos da natureza. Então, quando eu vou cultuar Iemanjá eu estou cultuando a força que o mar tem; quando eu vou cultuar Ogum eu vou cultuar a força que o ferro tem, que o aço tem; quando eu vou cultuar Xangô, eu vou cultuar a energia da justiça, da igualdade e equiparar as coisas. Então, o que a gente faz, na verdade, dentro do terreiro, é trazer essas pessoas que tem essa sensibilidade, essa necessidade de caminhar junto com essas energias que elas têm desde nascença. Todos nós temos, uns mais, outros menos, têm aquelas pessoas que passam por momentos na vida que precisam se cuidar espiritualmente e outras que nascem para o sacerdócio, que precisam tomar conta de casa, cuidar dos outros, fazer filhos de santo dentro da religião. Então a nossa vida no terreiro nada mais é que do que equilibrar essas energias que existem dentro da natureza. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Apresentação do terreiro pelo Ogã Rodrigo em 15/05/2023).

No momento inicial, já no salão do terreiro, Rodrigo dá uma aula para nós sobre religiosidade africana. Não é a primeira pesquisa que faço sobre religiosidade afro-brasileira, então eu já tinha ouvido falar sobre os orixás e suas características. Mas a todo tempo, vivendo a experiência do campo, eu aprendo mais ao ouvir o que os meus colaboradores têm a me dizer e aprender teorias novas com eles. Mais adiante Rodrigo nos leva para conhecer o terreiro, e ao falar dos quartos de santo ele vai falar também do sincretismo religioso na visão dele.

Na escravidão, né? O que foi que ele fez (o escravizado)? Começou a pegar os santos da Igreja católica, pegava o atabaque dele e ia tocar e dizia pro

branco que ele não tava saudando Oxum, ele tava saudando Nossa Senhora Aparecida. Então, e aí começou o sincretismo porque era única maneira que o negro poderia fazer, para cultuar o santo dele. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Apresentação do terreiro pelo Ogã Rodrigo em 15/05/2023).

Rodrigo apresenta o primeiro quarto:

Então aqui a gente tem Oxum, não sei se vocês já ouviram falar, é o orixá ligada... o elemento principal dela é a água doce do rio, ela tem como o seu... a sua referência, vamos dizer assim, o ouro, a cor amarela. É o orixá que tá muito ligado ao encantamento, à paixão, ao primeiro namoro, à gestação, as pessoas enamoradas geralmente a gente diz que Oxum tá ali na cabeça deles. E isso que vocês estão vendo aqui são os nossos assentamentos, então eu vou dizer assim de uma maneira clara pra vocês entenderem, cada, vamos dizer assim, cada panela, cada negocinho desse é uma residência, tem um orixá morando ali dentro, não é que ele está morando ali dentro, mas que tem o elo que faz a nossa ligação com ele. Não tem mistério, não tem nada do outro mundo, só que a gente marca, a gente preserva o que? O nosso segredo, né? Eles ficam aí fechados. Então cada orixá desses você vai ter uma cor, uma característica diferente e tem casa que só tem um peji, todos os orixás estão lá dentro. Só que Mãe Neide achou que queria ter muito serviço aí construiu cada orixá com seu pejizinho separado. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Apresentação do terreiro pelo Ogã Rodrigo em 15/05/2023).

No dia 12 de outubro, dia de Nossa Senhora Aparecida, é comemorado por Mãe Neide, em União dos Palmares a louvação à Oxum. No ano de 2023, a celebração começou com um ato ecumênico, celebrado por um frei da Igreja católica, em homenagem a Nossa Senhora Aparecida seguida depois por uma mensagem de Mãe Neide e de outras yalorixás da cidade.

Há os ritos iniciais com os toques dos atabaques, cantiga para Exu, saudações aos orixás. O Frei é o primeiro a falar, agradeceu o convite, falou sobre Maria em suas diversas manifestações, que a verdade da Igreja é acolher, braços abertos, uma sociedade de paz... Mãe Neide fala logo depois “Eu sou apaixonada por Nossa Senhora Aparecida por todas as Nossas senhoras Mãe de Deus. Então quando a gente ouve as pessoas falarem mal de Maria é pra gente se sentir mal mesmo porque se a gente não respeita a mãe do nosso Criador, não pode respeitar o filho, se a gente não respeita a Mãe. Mesmo que a gente não celebre da mesma fé, temos que respeitar a fé do outro e do próximo [...] Que nossa Senhora Aparecida nos cubra com seu manto de amor de paz e de igualdade”. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim em 12/10/2023).

O ato ecumênico acontece em um terreno ao lado do rio<sup>47</sup>. Após o término da fala, foram colocadas frutas, flores amarelas e bancas, sabonetes<sup>48</sup>, perfumes e mel nos balaios que foram levados até o rio com cânticos para Oxum.

No próximo quarto de Iansã, além de falar as características de cada orixá, Rodrigo diz com qual cada um é sincretizado.

#### Iansã sincretizada com Santa Bárbara e Santa Luzia:

Aqui a gente tem Iansã é um orixá que tá ligado aos ventos, aos raios, às tempestades, é o orixá que tá ligado à Justiça, né? Quando vocês verem aquele símbolo da justiça literalmente representa ela. Ela é sincretizada na Igreja católica por Nossa Senhora... ééé... Santa Bárbara, Santa Luzia. A característica da cor dela é outra (é vermelha). Essas paramentas, essas roupas, essas roupas, essas palhas, esses adornos, tudo é feito aqui, não tem nada comprado, tudo é feito pelo pessoal, tanto eles fazem pra si para fazer a ferramenta do orixá, como fazem pra vender porque é um lugar que gera economia, né?

#### Nanã sincretizada com Santa Ana:

E aqui a gente tem Nanã, é um orixá que está ligado ao mangue, ao pântano, é o orixá mais velho do panteão africano, ele está sincretizado na Igreja católica com Nossa Senhora Santana, né, que é a Vovozinha da História (Mãe de Maria, avó de Jesus), então a gente cultua ele sempre em julho que é o mês de Santa Ana, né? Então, a gente costuma dizer assim que filho de Nanã é aquele filho velho abusado, sisudo, calado, arengueiro que gosta de tudo certinho, a gente costuma dizer que são as características dos filhos de Nanã. Como os filhos de Iansã são aquelas... quando é mulher aquela mulher empoderada que não para, que bate os peitos e sai levando tudo pela frente, que não tem medo que resolve, são as características dos filhos de Iansã. Características dos filhos de Oxum: Chorão! Quando se apaixonou só falta morrer, pensa que o mundo vai se acabar e assim vai...

#### Iemanjá sincretizada com Nossa Senhora da Conceição:

Aqui a gente tem Iemanjá que é sincretizada com... acho que é a mais conhecida de todas, né... que é sincretizada na Igreja católica com Nossa Senhora da Conceição. A energia, o habitat dela dentro da natureza é o mar e por isso que a gente faz aquele culto no dia 8 de dezembro na beira da praia<sup>49</sup>. – O que é que vocês fazem ali? A gente vai para a beira da praia cantar, saudar,

<sup>47</sup> Nem sempre essa celebração foi aceita pelas autoridades de União dos Palmares, “não limpavam nem os matos pra gente. Hoje já colocaram som, colocaram tendas! A secretária de Cultura foi maravilhosa! Muitos podem pensar isso é uma bobagem, mas daqui a dez anos eu poderei não estar mais, mas com certeza estará alguém continuando e quero dizer a vocês que não podem deixar morrer. Eu sei que é em outra cidade, nós temos nossos compromissos, mas é uma resistência que nos não podemos deixar parar!” (Mãe Neide em 12/10/2023).

<sup>48</sup> Sabonetes e perfumes fora das embalagens. Mãe Neide diz que o orixá não se alimenta do lixo, por isso só coloca os conteúdos nos balaios sem as embalagens.

<sup>49</sup> No dia 8 de dezembro acontece em Maceió, na Praia de Pajuçara, a Festa das Águas, celebração à Iemanjá, rainha do mar. Nesse dia, vários grupos de santo e terreiros da capital e do interior do estado se reúnem na praia e realizam toques e giras para o orixá, também levam oferenda como flores, frutas, perfumes e sabonetes que são levadas de jangadas para serem lançados em alto-mar. É também feriado em Maceió, devido a comemoração, para a Igreja Católica, do dia de Nossa Senhora da Conceição uma das santas sincretizada com Iemanjá. O dia de Nossa Senhora da Conceição é comemorado com missa e procissão pelos bairros da capital alagoana.

a energia de Iemanjá. – Ah e porque vocês levam flores? e quem é que não gosta de ganhar flores... o orixá gosta, então a gente leva para Iemanjá, a gente canta, a gente dança, a gente faz festa e a gente leva presente pra ela. A gente leva flores, leva perfumes, hoje em dia com a questão do saber do meio ambiente, a gente leva tudo que é orgânico para o orixá. – Ah Rodrigo, o orixá recebe comida? Recebe! Tem muita coisa que a gente oferece para o orixá para fortalecer. – Mas o orixá não é divino? por que você tem que fortalecer? Eu não estou fortalecendo o orixá, eu estou fortalecendo a minha relação com o orixá. Por isso que pra gente receber o orixá a gente tem que estar com o corpo limpo, puro, castro... por quê? Porque a energia do orixá é pura, a minha é pobre, eu vivo me sujando, bebo, falo palavrão, tomo cerveja! E aqui é um mimo (apontando para a imagem de grande porte de Iemanjá) que a Mãe Neide um dia chegou e disse: “pegue ali no carro um presente que eu tava passando e vi, lembrei de Iemanjá e disse vou comprar”!

#### Ogum sincretizado com São Jorge:

Aqui ó, é Ogum, sincretizado na Igreja católica com São Jorge. É o orixá que está ligado ao ferro, ao aço, à produção, tudo que estiver ligado... que é feito com o ferro, aço pertence a esse orixá. Aí a característica dos filhos de Ogum... São Jorge Cavaleiro Medieval, aquele homem em cima do cavalo que comanda, dirige, que toma decisão, os filhos de Ogum são cheios de direito, querem mandar em todo mundo, e aqui vocês veem as ferramentas dele. Nada diferente do outro, só muda o elemento dele, lá era louça amarelinha (referindo-se aos assentamentos de Oxum) aqui pode ser feito com ferro, as montagens dele, as coisas dele são todas feitas assim. Entendeu? (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Apresentação do terreiro pelo Ogã Rodrigo em 15/05/2023).

Do lado de fora do quarto de Ogum há uma imagem de São Jorge na parede, é um dos poucos quartos de orixá no GUESB em que eu vi a imagem de um santo católico. Rodrigo prossegue apresentando o quarto de Obaluaê. São Lázaro é, geralmente, o santo católico sincretizado com Obaluaê, é o santo considerado o padroeiro dos leprosos.

Aqui, nós temos Omolu e Obaluaê. Tá fechado (as cortinas estavam fechadas) não sei porquê. Porque Paulinho que cuida do orixá aqui é ciumento com o santo dele, viu? Omolu é o orixá que é tido como o médico dos pobres. Por quê? Tem os itãs, viu? Os itãs são histórias da mitologia africana. Diz uma história que Oxum pariu Obaluaê e ele pegou a lepra e como Oxum tinha muitos filhos e Obaluaê estava com lepra, ela foi e abandonou ele no mangue porque ficou com medo que os outros filhos pegassem e ficassem igual a ele, porque ele estava com o corpo todo estourado. Só que Oxum ia lá não sei quantas vezes por dia dar de comer, ajeitar ele, mas deixava ele no mangue. Diz que Nanã, uma vez passeando pelo Mangue, escutou o choro de uma criança lá longe e disse: “meu Deus tem uma criança chorando aqui”, aí foi, foi, foi e quando achou era Obaluaê. Obaluaê lá com o corpo todo cheio de ferida, ensanguentado, diz que ela pegou ele, levou ele pra casa, pegou a folha da bananeira, enrolou ele, tratou, cuidou e curou ele. Só que ele cresceu com as escárias, né? Com as marcas das escárias pelo corpo, e aí como ele tinha vergonha do corpo dele ele fez uma roupa com a palha da costa, é um monte

de palha que cobre o corpo dele todinho. Por quê? Para esconder as feridas do corpo dele. E a gente quando têm problemas de saúde, problemas de saúde que são de origem espiritual, a gente vem aqui e faz trabalho e faz pedido para Obaluaê. Uma coisa muito interessante que as pessoas dizem assim: “ah fulano vai para o terreiro tomar banho de pipoca”, né? Aquela pipoca que a gente faz, que a gente prepara de um jeito sagrado, de um jeito específico, que não é no microondas, não é na pipoqueira, não é em canto nenhum... A gente faz, passa no corpo da pessoa pedindo que tudo que não pertence a ela, que tudo aquilo que faz mal ao corpo dela passe para aquela pipoca e coloque nos pés de Obaluaê. Mas Obaluaê, não vê aquilo como pipoca, ele vê aquilo como flores, pra ele são flores, são flores que estão carregando uma energia de um problema de uma pessoa e aí quando o problema de saúde vem por um motivo espiritual a gente consegue tratar a pessoa. Entendeu a ligação? (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Apresentação do terreiro pelo Ogã Rodrigo em 15/05/2023).

#### Xangô sincretizado com São Jerônimo:

E aqui a gente têm Xangô sincretizado na igreja católica como São Jerônimo, ele é o orixá que está ligado à justiça, às leis, à justiça, então, quando a gente tem algum problema, a gente sempre corre aos pés de Xangô. O elemento dele é a pedreira, o santo da Igreja Católica que é sincretizado com ele é São Jerônimo a própria imagem dele já é com um livro na mão. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Apresentação do terreiro pelo Ogã Rodrigo em 15/05/2023).

No dia 08 de julho de 2023, eu estava no terreiro e Luzia estava limpando o quarto de Xangô. Ao tirar os assentamentos do quarto, era possível ver uma imagem de São Jerônimo, perguntei a ela se era São Jerônimo, ela disse que não sabia, mas um filho de santo da casa, filho de Xangô, respondeu que sim, que era, pois no sincretismo São Jerônimo era Xangô. Como aqui já relatado, para Luzia não interessa essas associações, tanto é que não conhecia o santo e não mostrava interesse em conhecer porque ela não reconhece as correspondências entre São Jerônimo e Xangô e como ela me disse “esse processo de sincretismo foi violência”. Para Rodrigo sincretismo não é invenção, é ensinamento, como ele fala adiante:

E isso não foi coisa que eu inventei nem que a minha mãe de santo, que tem de 40 anos de santo inventou, isso é coisa que vem de lá detrás, de muito tempo, é a mesma coisa da história de Oxum ser sincretizada, na época da escravidão lá atrás com Nossa Senhora Aparecida, e aí como é a história de Nossa Senhora Aparecida? Foi achada dentro do rio, né? Sem a cabeça, não foi? Aí depois foi que acharam a cabeça. Gente, como é que a pessoa vai criar uma história dessa lá a não sei quantos anos atrás? E o orixá dizer que ele é sincretizado por aquilo ali? Lógico, que o negro quando sincretizou, ele não sincretizou à toa, é o orixá que ensinou a ele a fazer isso aí. Enfim, a gente que é do Santo tem muita história, se for deixar eu passo o resto do dia todinho contando as histórias e gente não vai sair do canto. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Apresentação do terreiro pelo Ogã Rodrigo em 15/05/2023).

Para Rodrigo, os orixás foram quem ensinaram os escravizados a associá-los com os santos da igreja católicos para poderem os cultuarem.

Aqui a gente tem Cosme e Damião, quem é que já viu? Cosme e Damião também são chamados de ibejis. E pela alegria deles, eles estão muito ligados ao tratamento da depressão [...] Entendeu? Menino adora doce, menino adora brinquedo, não é preciso dizer mais nada né? Dá pra entender tranquilo. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Apresentação do terreiro pelo Ogã Rodrigo em 15/05/2023).



42

42. *Visão geral do quarto dos santos* (15/05/2023 – 16h19)

Vamos para a casa dos Pretos Velhos e vejo que eles tinham sido alimentados com a feijoada.

43



43. *Feijoada para os Pretos Velhos* (15/05/2023 – 15h40)



44

44. *Pretos Velhos alimentando- se* (15/05/2023 - 15h39)



45

45. *Comida do sagrado* (15/05/2023 – 15h40)

As comidas iam ser despachadas para o local apropriado.

Rodrigo também mostra a cozinha, que estava muito diferente dos dias anteriores, a calmaria não lembrava a movimentação dos últimos dias. “Tudo que a gente cozinha para o santo, a gente cozinha aqui, na cozinha do sagrado. (Diário de campo, 15/05/2023).

46



46. *Panelas vazias* (15/05/2023 -16h02)

47



47. *Cozinha pós-festa* (15/05/2023 -16h02)

Acabada a aula, eu e Rodrigo nos reunimos na frente da casa dos Pretos Velhos e Rodrigo mais uma vez me diz: *Essa sua pesquisa vai muito mais além do que só a pesquisa, você só vai entender depois* (Diário de campo, 15/05/2023).

A criação do GUESB só foi possível porque a mentora de Mãe Neide, Vovó Maria Conga, a direcionou para isso, mostrando o sítio no Village onde Mãe Neide faria seu terreiro. Sendo assim falar do GUESB é falar dos Pretos Velhos. Essa entidade que está tão ligada ao sincretismo e a uso das simbologias católicas.

Portanto, a Festa dos Pretos Velhos traz todo um repertório de simbologias no qual a categoria sincretismo foi acionada de diversas maneiras. Simbologias que estão presentes no rosário, nos pontos cantados durante a preparação da feijoada, na casa da vó Maria Conga com inúmeras imagens de santos católicos. Está presente também na fala dos meus colaboradores de pesquisa. Luana que vê nos santos católicos uma referência de evolução espiritual. Gerônimo que tem afinidade com os santos católicos, pois era católico antes de entrar na Umbanda. Rodrigo diz que essa associação entre orixás e santos católicos foi ensinamento dos próprios orixás.

Mãe Neide se autoafirma como uma mulher sincretizada e miscigenada, compreendo como se ela se colocasse no lugar de herdeira de um sincretismo que engloba todas as influências que constituem sua identidade como pessoa e sacerdotisa, por isso o pratica porque tem afeto e exalta esse afeto através de muitas simbologias, reforçando que “não foram os santos da igreja católica que fizeram o mal” e os adora da sua forma, e “não com a cabeça da política da Igreja católica”.

Já Pai João Paulo se mostrou totalmente contrário a essas correspondências entre santos católicos e orixás. Para ele e Luzia esse processo é resultado de violência. Pai João Paulo ainda enfatiza que o sincretismo foi uma violência que se assemelha a um estupro e que deu bons frutos de alguma maneira, pois os Pretos Velhos conseguiram ressignificar.

Falar sobre as práticas sincréticas dentro do GUESB é falar sobre dores e sobre uma construção de afetos ressignificando e significando simbologias, dando outra valoração para elas.

São diversas narrativas porque esse coletivo é composto por indivíduos com diferentes formações, trajetórias e experiências. Dou-me conta que uma construção de uma teoria nativa implica diversas vozes, porque esses “nativos” não estão encarcerados e o meu trabalho continua a ser ouvir o que essas pessoas têm a me dizer.

## 2. É A UMBANDA DO NORDESTE QUE TRAÇA COM JUREMA, CABOCLO, COM O CULTO DA PAJELANÇA E DE OUTROS CULTOS

*“Minha filha a sua Iansã é mais no Nagô”*

*Na primeira vez que fui conversar com Mãe Neide na Serra da Barriga ela me disse que Mãe Celina quando era criança, alguns anos após o Quebra de Xangô, ficava na estrada fingindo estar catando coquinho enquanto a polícia passava procurando algum terreiro ou alguém praticando o culto ao orixá. Por Mãe Celina ser uma menina albina, não ter um perfil “suspeito”, ela ficava na beira da estrada enquanto seus pares cultuavam o orixá escondido, nas oferendas dentro do mato, os policiais passavam e diziam: “Tá fazendo o que aí, galega? Fazendo macumba é? Ela respondia: Oxe, Deus me livre! Tô não, tô apanhando coco catolé e ficava apanhando coco tapeando, juntando os cocos, mas na realidade ela tava protegendo o pessoal pra fazer seus rituais ” (Diário de campo 18/04/2023).*

Proponho trazer nesse capítulo a umbanda cultuada no GUESB e os entrecruzamentos que formam essa tradição religiosa, para isso busco analisar alguns acontecimentos políticos e religiosos pós quebra de Xangô de 1912, alguns outros acontecimentos internos ao terreiro e as trajetórias religiosas dos dirigentes da casa: Mãe Neide e Pai Paulo de Omolu.

Antes de ir adiante, quero atentar para algo primordial: embora a Umbanda tenha sido definida como uma religião nacional por “mesclar” ou “misturar” aspectos das três raças formadoras do Brasil e tenha havido um investimento político e intelectual para ser narrada dessa maneira, como agregadora e símbolo da democracia racial, como mostrarei, essa narrativa se torna incoerente quando compreendemos analiticamente que a Umbanda não é uma religião única, que não há somente um tipo de umbanda no Brasil, nem mesmo no território alagoano.

Uma redução simplista e até determinista pautada na mistura vai totalmente contra a investigação antropológica, a nossa análise tem que ser concentrada nas especificidades e não em fazer homogeneizações. Quando escolhi o GUESB para fazer a pesquisa de campo e pensando no trabalho que eu teria que desenvolver ao falar sobre o sincretismo, tive alguns questionamentos como tornar isso uma problemática ou um objeto de pesquisa, já que a Umbanda é constituída por essa “mistura sincrética”. Ao longo deste capítulo, quero mostrar que a Umbanda, nesse sentido unívoco, não existe, mas existem umbandas de diversas vertentes e que devem ser estudadas sem serem reduzidas a essa “confusão sincrética” (Goldman, 2017), ao contrário devemos analisar como os contextos externos e internos, fluxos, trânsitos e territórios criam e reelaboraram práticas e fundamentos da religião na comunidade estudada. E sim, é preciso pensar em uma análise antropológica que esteja comprometida a trazer essas

diferenças sem hierarquização. Há um tempo venho pensando essas diferenciações como atravessamentos<sup>50</sup> e para esse capítulo pontuo três desses atravessamentos: a Umbanda Nagô, a Umbanda da Chica e o Catimbó do Nordeste.

### **2.1 De qual Umbanda estou falando?**

Para começar vamos resgatar uma fala de Mãe Neide:

Eu sou Umbanda Nagô e sou filha da Celina Limbarde, a Mãe Celina de Oxalufã<sup>51</sup>, de lá da Ponta Grossa. A Mãe Celina, eu digo que ela veio dessa questão de Umbanda, da Umbanda do nordeste, não daquela Umbanda de Zélio de Moraes, que era aquela umbanda branca de batinha. Se falava umbanda aqui no nordeste, principalmente aqui em Alagoas devido ao Quebra de Xangô, então era uma forma de maquiar um pouquinho para que não sofresse perseguição. E é claro que eu segui. Ela dizia: “minha filha, sua Iansã é no Nagô, seu santo mais é no nagô”. Umbanda porque eu tenho meus Pretos Velhos, né? E é umbanda do nordeste que traça com Jurema, caboclo, com o culto da pajelança e de outros cultos, né?

Há uma discussão sobre o mito de fundação da Umbanda e suas controvérsias:

O termo umbanda será elevado à categoria de religião quando o caboclo das Sete Encruzilhadas, manifestado no médium Zélio de Moraes, no dia 15 de novembro de 1908, anuncia numa sessão kardecista o início de uma nova prática religiosa. Misto de lenda e de realidade, a "anunciação da umbanda" sofre algumas variações na narrativa, mas a estrutura básica se mantém inalterada (Oliveira, 2013, p. 93).

Falo em controvérsias sobre a fundação da Umbanda porque apesar de não ser nomeada como religião, há relatos que a Umbanda existia e era cultuada antes de 1908, como se encontra no livro "Umbanda e o Poder da mediunidade", do umbandista Woodrow Wilson da Matta e Silva Matta e Silva de 1987, descrito pelo historiador José Henrique Motta de Oliveira:

O termo umbanda, como bandeira religiosa, não aparece antes de 1904. Entretanto, o umbandista comenta que, em 1935, conheceu um médium com 61 anos, de nome de Nicanor, que praticava a umbanda desde os 16 anos – ou seja, desde 1890 –, incorporando o caboclo Cobra Coral (Oliveira, 2013, p. 92-93).

Zélio Fernandino de Moraes foi um carioca nascido na cidade de São Gonçalo, Rio de Janeiro, em 1891. Aos 17 anos, após ser curado sem explicação aparente de uma paralisia que lhe acometeu e o impedia de andar, Zélio foi visitar à Federação Espírita de Niterói, lá ele incorporou alguns espíritos como Pretos Velhos e Caboclos tendo o dirigente da mesa expulsado esses espíritos considerados não evoluídos. Zélio, então incorporou outro espírito o Caboclo das Sete encruzilhadas que advertiu o dirigente daquela sessão:

<sup>50</sup> Durante a qualificação, o professor Edgar Barbosa Neto trouxe essa elucidação de pensar os diversos atravessamentos na vida de Mãe Neide e na construção da religiosidade da casa.

<sup>51</sup> Uma qualidade de Oxalá, trata-se de Oxalá idoso.

Se julgam atrasados os espíritos de pretos e índios, devo dizer que amanhã estarei na casa deste aparelho, para dar início a um culto em que estes pretos e índios poderão dar sua mensagem e, assim, cumprir a missão que o plano espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos encarnados e desencarnados. E se querem saber meu nome que seja Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim (Oliveira, 2013, p. 94).

Outras versões trazem que o espírito que incorporou o médium Zélio de Moraes foi o de um Padre Jesuíta e logo em seguida trouxe o Caboclo das Sete encruzilhadas que passara a mensagem acima:

É então trazido ao Rio para consultar-se numa sessão espírita, e a sombra de um padre Jesuíta lhe revela que sua doença é sinal de uma missão sagrada. “Ele seria o fundador de uma nova religião, uma religião verdadeiramente brasileira dedicada ao culto e evolução dos espíritos brasileiros: os caboclos e os pretos-velhos.” A nova religião daria a esses Espíritos a atenção negada pelos kardecistas e o respeito que lhes negava a religião oficial. O espírito do jesuíta lhe revela que o Caboclo Sete Encruzilhadas seria o seu guia, e que este o visitaria no dia seguinte para dar-lhe instruções (Dandara e Ligiéro, 2013, p. 86).

O padre em questão era Gabriel Malagrida, um padre jesuíta, que atuou como missionário na região nordeste do Brasil e acabou condenado à morte pela inquisição portuguesa (Oliveira, 2013, p. 93). Essa informação que o espírito que abriu caminho para o Caboclo das Sete encruzilhadas era de um padre jesuíta é duramente criticada por reforçar a visão colonial de catequização e embraquecimento, ao contar uma narrativa na qual primeiramente chega o espírito de um padre para tomar o corpo do médium e depois vem o espírito indígena, “sugere que a Igreja católica em si é retratada como sancionando a criação da umbanda” (Brown, 1986 *apud* Dandara e Ligiéro, 2013, p. 87). Além do que abre-se uma discussão para pensar como a umbanda é elevada ao status de religião quando um homem branco incorpora esses espíritos e é considerado legítimo, sendo que esses espíritos de indígenas e Pretos Velhos já baixavam em outros terreiros ajudando a curar pessoas, mas eram considerados pelos kardecistas espíritos subdesenvolvidos. Vimos um exemplo disso com base na minha própria etnografia no primeiro capítulo, acerca das experiências de Mãe Neide, quando em sua adolescência era levada a centros espíritas que não aceitavam seus guias

Zélio fundaria, logo após esse evento, aquela que é para os umbandistas católicos a primeira tenda de umbanda cristã e brasileira, registrada no cartório de Niterói<sup>52</sup> como tenda espírita, sob o nome de Tenda Nossa Senhora da

---

<sup>52</sup> Há uma contradição das fontes aqui usadas quanto ao local de nascimento e da Tenda de umbanda de Zélio de Moraes já que São Gonçalo fazia parte do território de Niterói até 1890 quando foi emancipada, mas dois anos depois esse decreto foi revogado e São Gonçalo só foi elevado à categoria de município definitivamente em 1929.

Piedade. Dessa, várias outras surgiram. Assim, foi criada uma tradição umbandista profundamente influenciada pela moral cristã e pelo espiritismo kardecista. Esse grupo passou a chamar a umbanda que praticavam de “umbanda pura”, ou “umbanda branca”, demonstrando-se, por um lado, bastante interessados em desafricanizar a umbanda e, por outro, sinceramente dedicados ao culto dos caboclos e pretos-velhos, principais entidades incorporadas nos seus rituais. A atuação desse grupo foi decisiva para promover uma maior aceitação da umbanda e de outras religiões afro-brasileiras entre os setores mais “cultos” da sociedade (Dandara e Ligiéro, 2013, p. 87).

Interpretando no sentido restrito da palavra Umbanda que “deriva do quimbundo *mbanda*, significando arte de curar por meio de medicina natural ou da medicina sobrenatural” (Oliveira, 2013, p. 92), vimos que essas práticas já aconteciam antes de Zélio de Moraes “fundar” a umbanda como religião, sendo assim o mito de criação da Umbanda Branca, não englobava a diversidade das práticas religiosas já existentes e que continuaram sofrendo críticas por não se encaixar na chamada Umbanda Branca como demonstra Oliveira (2013) trazendo uma fala de Mãe Zilméia de Moraes Cunha, filha de Zélio de Moraes:

Analisaremos a opinião de Mãe Zilméia sobre o uso do atabaque e outros elementos no ritual de umbanda. Em entrevista publicada na Revista Espiritual de Umbanda, ela foi enfática ao afirmar que “nada disso era utilizado. Faço o que aprendi com Pai Antônio e o Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque todos os terreiros que tenho frequentado nem parecem terreiro do Caboclo das Sete Encruzilhadas, fazem coisas esquisitas”. A comparação com o modelo ideal de ritual praticado na Piedade foi imediata: “*nem parece terreiro do Caboclo das Sete Encruzilhadas*” (Oliveira, 2013, p. 98).

Mãe Neide diz que a umbanda de Mãe Celina não era a umbanda de batinha de Zélio de Moraes, e sim a Umbanda do Nordeste “*falava umbanda aqui no nordeste, principalmente aqui em Alagoas devido ao Quebra de Xangô, então era uma forma de maquiar um pouquinho para que não sofresse perseguição e é claro que eu segui*”. E ainda que as práticas do culto não fossem exatamente as mesmas, ter o nome *Umbanda* era mais aceitável do que ter o nome de um culto africano ou indígena por exemplo, isso porque o nome Umbanda conceitualmente estaria fortemente ligado às práticas do cristianismo e do kardecismo. Como aponta o umbandista e historiador Luiz Antonio Simas:

A linha aberta pelo mito da anunciação do caboclo das Sete Encruzilhadas marca, para os adeptos de certa umbanda, o início de uma tradição vigorosamente marcada pelo Cristianismo e pelo espiritismo Kardecista, que operará, especialmente a partir de 1930 em duas dimensões aparentemente contraditórias: de um lado, se empenhará na tarefa de desafricanizar a umbanda; de outro, terá na centralidade de seus rituais a incorporação pelos médiuns de espíritos indígenas e dos pretos velhos, que ao trabalhar na linha da caridade poderiam cumprir os seus processos evolutivos no campo espiritual (Simas, 2022, p. 98).

## 2.2 O Quebra de Xangô e a Umbanda Nagô

O Nagô é uma nação de culto africano de origem Iorubá com rituais que remontam à região onde é atualmente o país da Nigéria e do Benin. Foi considerado por alguns estudiosos e religiosos afro-brasileiros um dos tipos de candomblés mais “puros” do Brasil durante o final século XIX e início do XX: “é porém evidente que os candomblés Nagô, Queto e Ijexa são os mais puros de todos, entre as nações africanas aqui no Brasil” (Bastide, 1938, p. 15). Não pretendo aqui me debruçar sobre o tema “pureza nagô<sup>53</sup>”, mas mostrar como essa nação foi cultuada em Alagoas e traçada com outras religiões como a Umbanda ou outras nações.

Antes de falar da nação Nagô e suas variações com o culto traçado, primeiramente farei menção ao Quebra de Xangô de 1912 ou Quebra-Quebra, episódio político e de racismo religioso ocorrido entre a madrugada do dia 01 a 02 de fevereiro do ano de 1912 em Maceió e cidades vizinhas.

Euclides Malta era o governador de Alagoas à época desde o ano de 1900, alternando esse tempo de governo, de 1903 a 1906, apenas com seu irmão Joaquim Paulo Vieira Malta. Euclides Malta foi chefe do Partido Republicano de Alagoas e tinha grande apoio da elite agrária no início de sua carreira política. No entanto, em seu segundo mandato, o governador passa a perder apoio político, mas ainda assim é eleito em 12 de março de 1909 para seu terceiro mandato sem nenhum voto contrário à sua elegibilidade (Rafael, 2004, p. 93). O clima de animosidade dos opositores contra a chamada "Era Malta" foi intensificando:

O quadro agrava-se ainda mais com o surgimento, no dia 17 de dezembro de 1911, da Liga dos Republicanos Combatentes em Homenagem a Miguel Omena, sob os auspícios de Fernandes Lima, outro importante articulador da oposição no Estado, e um dos principais responsáveis pela derrubada de Euclides Malta do poder. É com o aval desse líder opositor que a Liga irá espalhar o terror em Maceió (Rafael, 2004, p. 100).

A Liga dos Republicanos Combatentes foi um tipo de milícia formada por militares, operários, trabalhadores sindicais e comerciantes. Dentre conflitos com Euclides Malta e ataques aos apoiadores do atual governador, a Liga foi a principal responsável pelo Quebra-Quebra ou Operação Xangô ou Quebra de Xangô de 1912.

Desde a sua criação, a Liga vinha espalhando o terror entre os partidários da causa maltista, obtendo grande êxito em suas investidas, a ponto de atingir os redutos mais protegidos do Governo, com a deposição dos principais mandatários políticos, entre eles o próprio Euclides Malta. Mesmo que a causa inicial dessa revolta popular, tivesse como mote, a permanência prolongada desse político no poder, aliada ao fato de que, durante suas sucessivas gestões,

---

<sup>53</sup> Esse enfoque voltado para proposições de mistura, pureza e aculturação se faz presentes nos estudos clássicos sobre religiosidade africana no Brasil. Não foi meu intuito usar como referências essas pesquisas.

uma série de arbitrariedades foram apontadas pelos seus inimigos políticos, o caso é que, não satisfeita com o sucesso de tais investidas, a Liga estende sua indignação sobre os terreiros, por considerar que naqueles espaços religiosos, residia o vigor misterioso que garantiu durante tanto tempo a continuidade daquele político à frente do poder (Rafael, 2004, p. 243).

O catolicismo era a religião majoritariamente aceita em Alagoas. A população era beata e, apesar de desde o império serem permitidas no estado outras formas de manifestações religiosas, como o espiritismo e as religiões afro-brasileiras (Rafael, 2004, p. 114), na prática não era isso que ocorria, pois cultos evangélicos<sup>54</sup>, espíritas e africanos não tinham a mesma liberdade religiosa. No caso dos cultos africanos a situação era pior, já que os praticantes sofriam com a intolerância acrescida do racismo religioso. Segundo a antropóloga Lorena de Menezes (2021), havia em Maceió, no início da República, em 1892, códigos penais que reprimiam “atividades como prática de magia, espiritismo e curandeirismo pois estas práticas poderiam fascinar e subjugar a credulidade pública” a exemplo “de fazer sambas ou batuques, quaisquer que sejam as denominações, dentro das ruas da cidade ou das povoações” (Lorena de Menezes, 2021, p. 33). No entanto, como nos mostra Rafael (2004), o espiritismo “ainda gozou de maior aceitação, haja vista ter congregado entre seus membros, figuras ilustres da sociedade alagoana” (Rafael, 2014, p. 114).

Ainda no auge da perseguição e invasão dos terreiros, manchetes acerca dos xangôs – forma como os cultos africanos eram chamados, em determinadas vezes essa palavra irá ser usada de maneira pejorativa – começaram a circular nos jornais locais, associando-os à bruxaria.

Às vésperas do carnaval, no dia 01 de fevereiro de 1912, os bairros da parte baixa da cidade de Maceió estavam movimentados com os preparativos dos blocos carnavalescos e também comemorava-se a festa de Oxum.

Enquanto os diversos clubes carnavalescos afinavam seus instrumentos, acertando os últimos acordes, outros sons se faziam ouvir pelo bairro naquele fim de semana. Ritmos africanos tirados dos atabaques se espalhavam pela rua do Sopapo e adjacências, confundindo os incautos com os “inevitáveis maracatus” que todo ano marcavam presença no carnaval de rua de Maceió, apesar da antipatia que inspiravam na elite (Rafael, 2004, p. 27).

---

<sup>54</sup> Rafael relata um episódio que ficou conhecido como Queima das Bíblias ocorrido na cidade de Penedo, um “movimento liderado pelos capuchinhos da cidade de Penedo, os quais teriam incentivado a população daquele município a queimar as bíblias que eram utilizadas nos cultos evangélicos, alegando serem falsos os ensinamentos nelas contidos”. O jornal responsável pela divulgação da notícia, embora reconheça sua veracidade, tenta eximir aquela congregação religiosa de qualquer ato praticado pela população: “[...] *a queima de taes bíblias protestantes é uma defesa mui justa e legal de que os catholicos podem usar francamente.*” (A *Tribuna*. “Editorial”. Maceió, 10/02/1904. Ano IX, nº 2065)” (Rafael, 2004, p. 115).

Uma das casas de culto com mais atividades era a de Chico Foguinho em virtude da festa de Oxum e da inauguração de seu novo terreiro no bairro da Levada. Ele “conseguiu arrastar o Governador do Estado para a festa de inauguração de sua nova casa, ocasião em que essa autoridade teria sido aclamada como representante máximo na terra do deus *Leba*<sup>55</sup> e, portanto, o Papa do Xangô alagoano” (Rafael, 2004, p. 28).

Naqueles tempos, por força da oposição, Malta já estava afastado das atividades do governo, pois a Liga dos Combatentes ganhava mais força, já tinham expulsado os correligionários e aliados de Malta de suas casas e invadido o Palácio dos Martírios, a sede do governo. Camadas mais baixas da população se juntaram com militares milicianos que rasgavam as suas fardas, desejavam a morte da era maltina e davam vivas ao candidato da oposição, Clodoaldo da Fonseca, tendo Fernandes Lima<sup>56</sup> como seu vice (Rafael, 2004, p. 26).

A palavra de ordem repetida para diversão de todos e escárnio geral na ocasião era: “rasga!”. Essa exclamação que traduzia uma revolta quase generalizada na cidade, em questão de dias deixou de ser a favorita e foi substituída por outra mais aprimorada: “Quebra!”. Quando este grito surgiu, com a tônica que lhe foi emprestada, uma multidão alucinada e confusa, como tomada por um êxtase coletivo deu início a uma imodesta festa, iniciada ali mesmo, no número 311 da rua de sugestivo nome, “do Sopapo”, naquele que era um dos bairros mais movimentados da cidade em termos de manifestações culturais (Rafael, 2004, p. 26).

A casa de número 311 da rua Sopapo era a casa do pai de santo africano Chico Foguinho, o primeiro terreiro a ser invadido e quebrado, filhos de santo foram agredidos, objetos sagrados dos cultos foram quebrados e roubados. A fúria da Liga dos Combatentes estendeu-se a outros terreiros, com a mesma violência. Fizeram fogueiras nas ruas para queimar os objetos litúrgicos, por onde a Liga passava deixava seus rastros de destruição. Um dos terreiros atingidos foi o Terreiro de Tia Marcelina, que veio a falecer em decorrência de um golpe de sabre que levou na cabeça.

O terreiro de Tia Marcelina era um dos mais antigos de Maceió, e segundo se dizia um dos mais frequentados por Euclides Malta no auge da campanha persecutória que contra ele armou a oposição. Era nesse terreiro que

---

<sup>55</sup> “*Leba era o Supremo Deus invisível do culto do Xangô. Não era nem santo, propriamente dito. Santos eram Oxalá, Ogum Taiô e outros menos importantes. Em cada estado onde havia esse exótico culto, fazia-se preciso que o representasse no seio do seu templo e esse representante recebia as honras de chefe mor, uma espécie de Papa*” - Livro de crônicas “Alagoas Pitoresca”, escrito por Edu Blygher (Rafael, 2004, 144).

<sup>56</sup> Com muita indignação, ressalto que uma das maiores avenidas que liga a parte alta da cidade de Maceió à parte baixa leva o nome deste que estava à frente da Liga e foi responsável por uma das maiores perseguições do Brasil ao povo de axé. Nessa mesma direção, recentemente, em 2021, vereadores aprovaram um projeto de lei para mudar o nome da Praça Dandara dos Palmares, localizada no Bairro de Jatiúca, para Praça Rosa Mística. Após mobilização do Movimento Negro e uma ação Ministério Público, a Praça voltou a se chamar Praça Dandara dos Palmares. Há anos vem havendo mobilizações de integrantes do movimento negro para que a Avenida Fernandes Lima passe a se chamar Avenida Tia Marcelina. Nesse caso, como em muitos outros em todo o Brasil, o racismo ambiental é uma face do racismo religioso!

trabalhava noite e dia o seu “Xangô-bomim” para livrá-lo dos inimigos que queriam destitui-lo do poder. Diziam que o Governador, poucos dias antes de ser deposto convocara aquela mãe de santo, para uma conferência no Palácio dos Martírios, a fim de reclamar da ineficiência dos seus trabalhos, os quais não estavam surtindo efeito esperado, haja vista o avanço que a oposição vinha obtendo ultimamente, e para exigir mais empenho nos trabalhos contra o candidato da oposição. Por essa época, teria visitado a casa daquela mãe santo, para fazer-lhe uma nova consulta, com o intuito de saber o que lhe reservavam os búzios. O santo teria aparecido na cabeça de Tia Marcelina e informado ao Governador que naquelas próximas eleições, o candidato vencedor seria o oposicionista Clodoaldo da Fonseca. Nas ocasiões em que frequentava aquela casa, Euclides Malta não aparecia na sala em que o resto da audiência permanecia (Rafael, 2004, p. 30).

No documentário *1912 - O Quebra de Xangô* do antropólogo Siloé de Amorim, Pai Maciel afirma que durante a invasão ao terreiro de Tia Marcelina e perante as agressões sofridas, ela exclamou: “Bate *mureque* (moleque), lasca cabeça, quebra perna, quebra braço, tira sangue, mas não tira saber<sup>57</sup>”. Segundo a historiadora Irinéia Santos (2023, p. 240), as ondas de violência que se iniciaram na madrugada do dia 01 de fevereiro<sup>58</sup> continuaram por dias, não só nos terreiros da capital como também se alastraram para terreiros das cidades vizinhas. “O trauma ocasionou, além do fechamento das casas de culto, a dispersão de babalorixás e ialorixás para outros estados” (Santos, 2023, p. 240). Um desses estados teria sido Pernambuco, onde a nação Xambá, antes cultuada aqui em Alagoas e que desapareceu nesse estado, reapareceu em algumas casas de culto em Recife em 1920. O mesmo aconteceu com os maracatus que eram “rechaçados, principalmente por sua associação às religiosidades de origem africana, chegando a serem entendidos como a própria expressão da religião” (Lorena de Menezes, 2021, p. 31). Os maracatus também foram extintos em Alagoas e surgiram no estado vizinho, Pernambuco. Voltam, portanto, a aparecer em Maceió nos anos 2000, “o reaparecimento de manifestações como afoxés e maracatus passam a atuar de maneira significativa para a construção da memória da devassa e para o fortalecimento da cultura afro-alagoana” (Lorena de Menezes, 2021, p. 28).

Após o Quebra de 1912 surgiu assim em Alagoas uma nova modalidade de culto, o *Xangô Rezado Baixo* sem o uso dos atabaques e ao som de palmas. Essa forma de culto perdurou por longos anos. Pai Célio, Baba Omitoloji, ainda fala de um segundo Quebra durante o Governo Vargas, em meados da década de 30:

<sup>57</sup> Fala de Pai Maciel aos 14min. 17s. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=gnpy-dJSmkc>>. Acesso em 15 mar. 2024.

<sup>58</sup> Desde o ano de 2006, no dia 02 de fevereiro, as comunidades de terreiro, grupos de afoxé e maracatus reúnem-se em caminhada pelas ruas do centro de Maceió e adjacências em memória ao Quebra de 1912. O evento chamado de Xangô Rezado Alto contrapõe-se ao período de silenciamento pós-quebra e à modalidade de culto que ficou conhecida como Xangô Rezado Baixo.

Em 1930 que o candomblé está ressurgindo [...] vem outra lambada que é a interferência de Vargas, acabando também com o candomblé [...] essas quebras políticas e culturais vão interferir na parte religiosa [...] muita gente ficou decepcionada com o barracão, fechou o candomblé. Não podia se tocar. Eu lembro que minha avó dizia que a mãe de santo dela foi feita dentro da mata [...] fizeram a obrigação dela toda num dia só. A obrigação de um mês, pra fazer em um dia... Chegar de madrugada na mata, sair na boquinha da noite, porque não podia fazer, não podia tocar, não podia nada (Santos, 2023, p. 244).

Em depoimento ao Projeto Gira da Tradição<sup>59</sup>, Mãe Josefa, irmã de santo de Mãe Celina, nascida em 1925, relata o que ouviu dos seus mais velhos:

Seu João Trangola a polícia pegou ele. Ele não batia [tambor], ele tocava nas cabacinhas, e a polícia chegou e levou ele. [mandavam] grite: “eu sou macumbeiro da Ponta Grossa” e levava uma lapada. Ia gritando até a delegacia<sup>60</sup>, com a panela [os assentamentos<sup>61</sup>] na cabeça, aquele sofrimento. (...) Chico Foguinho, Zé Raimundo, João Trangola, tudo era neguinho, tudo vivia escondido, tocando só naquela cabacinha. Aqui se sofreu muito (Santos, 2021, p. 243).

Nas palavras<sup>62</sup> de Pai Maciel,<sup>63</sup> Tia Marcelina, mulher africana, foi a yalorixá mais famosa de Alagoas porque foi ela que fundou o candomblé no estado de Alagoas e a nação de origem que ela fundou foi o Nagô. Comecei essa seção falando como nos estudos afro-brasileiros o Nagô estava associado a uma pureza do ritual. Cavalcanti e Rogério (2008), em uma pesquisa sobre o mapeamento dos terreiros em Alagoas no ano de 2007, mostram como essa visão do Nagô com ritos mais puros ainda prevalece, sendo que nações como Congo e Angola são associadas com o sincretismo com santos católicos. Segundo o mapeamento acima citado, no ano de 2007 havia em Maceió 109 terreiros que se denominavam nagô, 52 como umbanda e 11 como nagô com umbanda (Cavalcanti e Rogério, 2008, p. 4). Além de 9 de linha traçada, 10 de nação angola, 4 de nação Ketu, 4 como Jêje, 1 mesa branca, 2 angola com Jêje,

<sup>59</sup> Projeto cultural e educativo desenvolvido em 2008 pela Fundação Municipal de Ação Cultural em parceria com IPHAN – Alagoas e com alguns babalorixás que realizaram gravação de vídeo com os pais e mães de santo mais antigos de Maceió.

<sup>60</sup> Em uma outra pesquisa (Moreira, 2021), discurso sobre a coleção afro-brasileira do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore que pertencia ao médico legista Duda Calado e era guardada em uma sala dentro do Instituto Médico Legal. A coleção era fruto de apreensão policial e foi doada pelo médico ao MTB no ano de 1978.

<sup>61</sup> Muitos dos artefatos religiosos roubados, cerca de 200, durante a invasão aos terreiros, que formam a Coleção Perseverança, encontram-se atualmente no IGHAL – Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Lideranças de terreiros em Alagoas, pesquisadores e militantes do movimento negro pedem o tombamento da coleção que foi formalizado junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Ver: Fontes (2021) e Marcante (2023).

<sup>62</sup> Documentário: 1912 – O Quebra de Xangô, aos 1min. 30 s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gncpy-dJSmkc>>. Acesso em 15 mar. 2024.

<sup>63</sup> O Babalorixá Pai Maciel se considerava pertencente às nações Nagô e Xambá. Sendo também filho de jurema, culto no qual foi iniciado primeiro (Nascimento, 2012, p. 24).

22 mesa branca, 1 mesa branca com Nagô, 31 afirmam-se como casas de toque e 208 terreiros não informaram a orientação religiosa (Cavalcanti e Rogério, 2008, p. 4).

A Umbanda traçada com Nagô ou a Umbanda Nagô, é a tradição religiosa cultuada no GUESB e a sua consolidação em Alagoas se dá após o Quebra de Xangô de 1912, com o restabelecimento gradual das religiões afro-brasileiras no estado.

De acordo com Santos (2023), foi em meados de 1920 que os cultos afro parecem ressurgir em Maceió, sendo que entre a década de 1930 e final da década de 1950 os cultos foram denunciados com maior frequência em jornais e combatidos pela polícia. Diante dessas perseguições, houve negociações entre pessoas de influência da sociedade alagoana e órgãos públicos de segurança para que os toques pudessem acontecer, “a realização da IV Semana Nacional do Folclore, ocorrida entre 3 a 10 de janeiro de 1952. Com a presença dos intelectuais Théo Brandão, René Ribeiro, Edson Carneiro e outros discutiram-se entre outros assuntos a regulamentação dos cultos africanos” (Santos, 2023, p. 251).

Nessa época o nagô praticado em Alagoas já tinha se modificado pelo processo de anos de silenciamento e predominava uma nova forma de organizar o culto “às escondidas” que seria o denominado *Xangô Rezado Baixo* (Gonçalves, 1939). Outro fator importante, como retrata Santos (2023, p. 252), foi o fluxo de pais de santo que retornaria a Alagoas pós-quebra e o trânsito de pessoas que viriam de outros estados como Bahia, Aracaju, Pernambuco e Rio de Janeiro a trabalho<sup>64</sup>.

Outra razão ainda pela qual o nagô teria sido modificado se deve às influências da chegada da Umbanda Branca do Rio de Janeiro em Alagoas. Santos (2023, p. 253) traz uma entrevista com Pai Célio, onde ele conta:

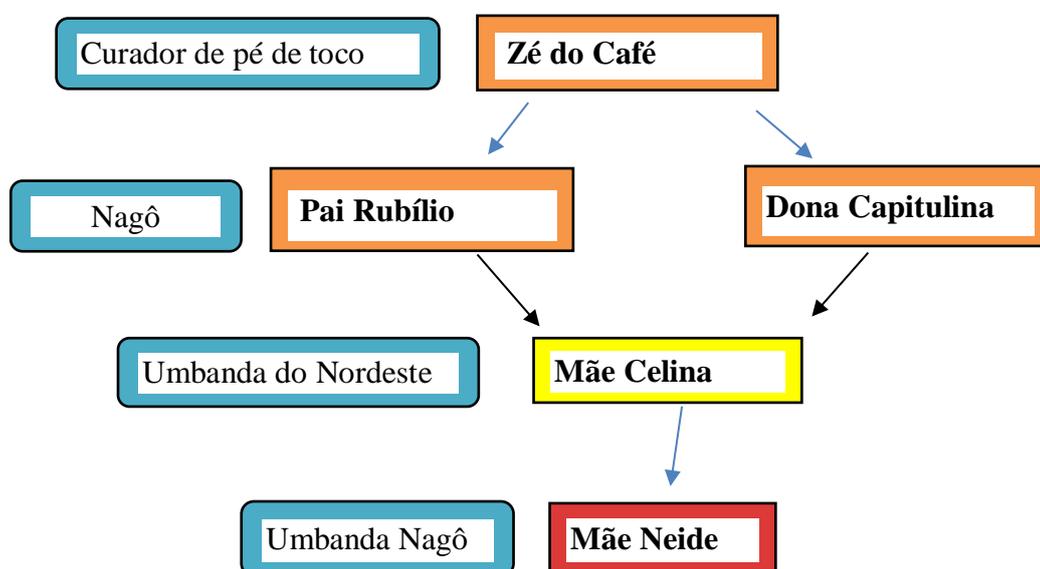
Houve sim uma grande interferência aqui na década de 50 pra 60. Em 1957 [...] acontece uma coisa muito interessante que foi a vinda de uma ialorixá do Rio de Janeiro. Isso é muito importante se mencionar sempre em qualquer trabalho, porque isso mexeu com Alagoas. É uma ialorixá poderosa, poderosa que eu digo, branca, de nível social elevado. O esposo dela veio comandar o 20º BC que hoje é o 59º Batalhão de Infantaria Motorizada do Exército. Ela era feita em Umbanda, pronta em Umbanda. E ela trouxe a Umbanda pra cá, se estabeleceu num bairro popular no Vergel do Lago, montou a casa de candomblé dela e o marido não gostava... Mas o marido faleceu, e ela continuou aqui. E aí o que acontece? Ela introduziu em Alagoas a Umbanda do Rio de Janeiro. E as pessoas, tudo que é novo, quer conhecer. Muita gente entrou na casa dela e saiu e misturou na sua casa a Umbanda com candomblé, com o Xambá, então ficou chamado o “xangô traçado” ou o “nagô traçado”. Com essa influência de Mãe Jurema. Ela foi quem trouxe a Pombagira pra cá. [...] E, isso misturou muito, misturou muito. Hoje por exemplo, você vai num terreiro, às vezes fico até triste, em terreiro nagô, na hora de Nanã, você ouve cantar para Preto Velho. [...] Misturou e isso é influência da Umbanda. Até

<sup>64</sup> Devido a instalação da Petrobrás em Alagoas.

em rituais mesmo. O ritual todo do orixá quem faz é o Preto Velho. Isso é interferência da Umbanda. Quem sou eu pra dizer que tá certo ou errado? Eu concordo... É a identidade... Vale mencionar isso nessas falas (Santos, 2023, p. 253-254).

A Umbanda traçada com Nagô teria sido então resultado das confluências entre a umbanda do Rio de Janeiro cultuada por Mãe Jurema e a nação nagô já cultuada em Alagoas e modificada pelo Quebra de Xangô. Sugiro ainda que essas confluências se deram também com outras umbandas já existentes em Alagoas. Há nesse traçado entre religiões e nações outro fator importante no estabelecimento de uma tradição, as organizações internas das casas que, além dos contextos sociopolíticos mais amplos, estão relacionadas também aos aprendizados com os ancestrais e as formulações rituais específicas de cada casa. Mãe Neide é filha de santo de Mãe Celina, que é filha de santo de Pai Rubilho e Dona Capitulina.

Mãe Celina (Maria Celestrina da Silva) nasceu em 1919, frequentava os terreiros desde 1923, aos quatro anos de idade, foi iniciada em 1956 aos 37 anos e faleceu em 27 de abril de 2020 aos 101 anos. O pai de santo de Pai Rubilho era Zé do Café, segundo Mãe Celina, era “negro, bem preto, morava no Jaraguá [bairro portuário], também era o [pai de santo] de Capitulina [...] eram curador de pé de toco, não chamavam de terreiro nem nada, era curador de pé de toco<sup>65</sup>.” (Santos, 2023, p. 249).



Pai Rubilho, conforme nos diz Santos (2023, p. 253), era Umbanda e atuava entre Alagoas, Rio de Janeiro e Brasília. Já segundo Pai João Paulo, Pai Rubílio<sup>66</sup> era Nagô:

<sup>65</sup> Mais à frente falarei sobre essa designação.

<sup>66</sup> Há uma divergência na escrita do nome do avô de santo de Mãe Neide. Optei por deixar conforme escreveu Santos (2023) Rubilho e Rubílio, como me pronunciaram Pai João Paulo e Mãe Neide.

O vô de santo da Mãe era Nagô e raspava, já a mãe de santo da Mãe (Mãe Celina)... a mãe não foi feita raspada, Mãe Celina não raspava, pai Rubílio raspava. Entendeu? Então existe essa mudança. E o orixá dela (de Mãe Celina) era Nagô, ela sempre tocou a Umbanda dela e o Nagô. Então o que acontece a energia, ela tem uma afinidade maior com a Umbanda, era Umbanda Nagô, mas trazia esse peso da Umbanda que a Umbanda não raspa já diferente do Pai Rubílio, ele raspava e os orixás dele são totalmente feitos no Nagô antigo. E isso a Mãe traz isso essa questão de não raspar, mas foi esse momento histórico aí que houve essa mudança, essa eliminação. (Entrevista com Pai João Paulo em 20/05/2024).

No GUESB, não há catulação nem raspagem. Raspar é fazer o filho no santo, é o ritual onde a cabeça do iniciado é raspada e alimentada. A cabeça é o *Ori*, lugar de morada do Orixá. Segundo Larissa Fontes, antropóloga e filha de santo de Mãe Neide, a catulação é a retirada do excesso de cabelo, ainda não é a raspagem. Nem todo filho de santo, precisa ser raspado, a exemplo de Ogãs e Ekedis. (Fontes, 2023, p. 102-103).

De acordo com Mãe Neide, seu avô de santo também era “Nagô puro” e que a sua Umbanda do Nordeste é resultado das reelaborações do Xangô Rezado Baixo.

Olhe, é uma grande questão da nossa umbanda, eu digo que é umbanda do Nordeste é o Xangô Rezado Baixo, foi uma forma que se se achou de sofrer menos preconceito porque a Mãe Celina ela se dizia Umbanda Nagô porque meu avô de santo era Nagô puro, que era o vô Rubílio, mas mãe Celina tinha ferramenta, tinha ogã, tinha ekedi... então assim, eu digo que eu sou filha da Umbanda de Mãe Celina, da Umbanda Nagô de Mãe Celina. Lá ela não corta, não raspa, não acutila, mas o santo era na folha, o acaçá na cabeça era na folha, a camarinha existia, esteirinha existia, o preceito sempre existiu. Entendeu? e aí quem sou pra dizer a ela que não é assim. Que era Umbanda ou não era Umbanda. A casa que me acolheu que me fez bem e eu tenho mais que respeitar... “Ah mas não é assim e pei pei pei...” Gente! Você tá feliz? Tô! Você respeita? E aí? (Entrevista com Mãe Neide em 20/05/2024).

Em entrevista ao Projeto Gira da Tradição, Mãe Celina diz que Pai Rubilho “tinha raiva da história do Quebra, não gostava de ver falar. Dizia que era um desrespeito, não pediam licença pra entrar e entrava quebrando tudo, pisando com os pés, [ele] alcançou isso, não gostava, tinha revolta” (Santos, 2023, p. 242). Buscando compreender se havia alguma parentalidade de santo entre Vó Rubílio e Tia Marcelina, já que ele era Nagô e Tia Marcelina foi a responsável por trazer o Nagô para Maceió como afirma Pai Maciel, perguntei à Mãe Neide se ela sabia de alguma relação entre eles.

**-Vô Rubílio teve contato com Tia Marcelina?**

Olhe, ela não! Mãe Celina não, mas acredito que o vô do Café, com certeza teve.

**- Mas que eram parente de santo?**

Não, eu não sei lhe dizer. Não sei, segundo algumas pessoas dizem, mas eu não sei, não tenho certeza que o Vô Rubílio era neto de santo dela, não sei por certo. A Mãe Celina falava assim vagamente que o vô Rubílio tinha ligação com ela, tinha raiz com ela, mas ao certo, a história mesmo eu não sei.

**- E ele era Nagô, né? E ela também, né? Eu já vi que ela quem trouxe o Nagô pra cá.**

Pois é! E ele era Nagô, acho que por isso as pessoas falam.

**- Há uma diversidade de práticas que eu vejo no GUESB né, mãe?**

Uhum! (Entrevista com Mãe Neide em 20/05/2024).

Para Pai João Paulo essa parentalidade próxima entre Tia Marcelina e Vô Rubílio não seria cronologicamente possível, pois ele era mais antigo que Tia Marcelina.

**- Vô Rubílio era filho de santo ou neto de Tia Marcelina? O senhor já ouviu falar sobre isso?**

Não! Neto de santo? O pai dele era muito mais antigo do que tia Marcelina! A gente tava calculando, o assentamento de vô Rubílio é muito mais antigo do que o Quebra e o Pai dele era muito mais antigo. Poderia ser da mesma família, agora Yalorixá dele não! Ele (Vô Rubílio) era babalorixá e tinha o seu pai de santo (Zé do Café). Isso vai pra 1800 e uns quebrados. Nos documentos históricos, ela (Tia Marcelina) já era velha, tinha quase 90 anos, né? (Entrevista com Pai João Paulo em 20/05/2024).

Pai Rubílio era praticante do culto Nagô. O culto que Mãe Celina, filha de santo de Pai Rubilío e Dona Capitulina, praticava era Umbanda do Nordeste “*eu digo que ela veio dessa questão de Umbanda, da Umbanda do nordeste*” (Diário de campo, 12/05/2023). Mãe Neide, feita no santo por Mãe Celina e neta de santo de Pai Rubilío e Dona Capitulina, é Umbanda Nagô que não deixa de ser também a Umbanda do Nordeste como ela própria evidencia “*E é claro que eu segui. Ela dizia: “minha filha, sua Iansã é no Nagô, seu santo mais é no nagô”. Umbanda porque eu tenho meus Pretos Velhos, né? E é umbanda do nordeste que traça com Jurema, caboclo, com o culto da pajelança e de outros cultos*” (Diário de campo, 12/05/2023). Mãe Neide salienta que o nome Umbanda do Nordeste foi dado após o Quebra como uma forma de minimizar o preconceito.

Para Cavalcanti e Rogério (2008, p. 3), “em cada período histórico é possível encontrar inclinações para um lado ou outros dos polos que distinguem um culto ‘puro’ ou um culto dito ‘nagô’, mas em outras épocas essa afiliação se mostrará negativa. E isto parece ter atingido formas de representação e prática religiosa na cidade”. Outro dado trazido pelos pesquisadores é que a “umbandização” também se dá de acordo com destaque ao culto, ou no sentido de usar como sinônimo para uma diversidade de práticas e até do candomblé, ou ainda pelo fato de ter a existência ou não sacrifício de sangue (sacrifício de animais de duas ou quatro patas) no terreiro (Cavalcanti e Rogério, 2008, p. 2). No caso específico do GUESB, há a sacralização animal.

Para Pai João Paulo, a Umbanda Nagô é um culto próprio, pois as práticas das umbandas existentes em Alagoas não seriam denominadas como tal se comparadas às Umbandas de outras regiões do Sul do Brasil.

É a forma alagoana de dizer. Se você dizer que é umbanda, você chega lá fora eles não vão dizer que isso aqui é umbanda. Umbanda é o que tá no Sul. O que a gente faz aqui não é. Eles fazem babalorixá e yalorixá na folha, com frutas, sem um pingo de sangue. Eu não considero nada aqui em Alagoas como umbanda não, assim se criou a Umbanda Nagô, mas não considero não, é um culto próprio.

**- Então o senhor não considera aqui umbanda?**

Não, é um culto próprio! Aqui eu não vejo nenhuma umbanda, aqui em Alagoas (balança a cabeça), nem em Pernambuco, eu não considero Umbanda nenhuma.

**- A Mãe nomeia como Umbanda Nagô, né?**

Teve que nomear, né? Nomear aquilo como algo, né? (Entrevista com Pai João Paulo em 20/05/2024)

Em alguns casos eu presenciei, não só na pesquisa de campo atual, mas durante o mapeamento de campo, como a ordem da pronúncia “Umbanda traçada com Nagô” ou “Nagô com umbanda” ou “Traçado” não altera a forma de culto da casa, mas pode ser usada em alguns contextos para enaltecer mais a umbanda ou o nagô. Em uma conversa com Mãe Ana, que tem 22 anos de santo, ela me fala da sua tradição usando o termo Nagô com Umbanda:

**- A senhora sempre foi da Umbanda? Porque a Mãe Neide tem essa trajetória com o Catolicismo...**

- Sempre! Eu sempre fui Nagô com Umbanda aí cultua muito, né? Os orixás, os santos católicos. Na minha casa, tem uma mesa com Padrinho Cícero, Nossa Senhora da Conceição, São Lázaro... Tem gente que tem vergonha de dizer “sou umbandista” aí diz “sou católico” porque ser católico significa que pode ser do orixá também, mas é muita pouca pessoa que vem dizer, eu sou umbandista, porque dizem “oxe, a sua religião é isso?” “o que é que você venera? é que Deus?”. Nós herdamos dos escravos a nossa Senhora... Nação é completamente diferente da Umbanda. Terreiro de nação não cultua São Jerônimo, Nossa Senhora Aparecida...

**- Cada um tem uma forma de cultuar diferente, um afeto diferente**

- É, formas totalmente diferentes, porque eles não comungam...

**- A senhora sente mais afinidade com o Nagô com umbanda (Nagô traçado com umbanda)?**

- Nasci e me criei dentro do nagô com umbanda, muitos candomblés puros, eles não aceitam os santos católicos. Não aceitam! Não tem uma Nossa Senhora Aparecida, um São Lázaro, um São Jerônimo, é difícil! E na minha casa sempre vai ter lá, um altazinho. Que nem hoje, hoje é dia de Nossa Senhora Aparecida, rezei o terço e acendi a vela pra ela, aí eu já parto pro meu peji com o santo, aí eu vou pedir proteção, saúde das crianças, saúde para quem tá enfermo, pedir felicidade, saúde, prosperação, caminhos abertos. Jamais [vou] chegar no pé do santo e pedir coisa ruim, se a gente tem que lidar com coisa não boa no dia a dia, tem que pedir coisa boa... Que nem eu tenho Nossa Senhora desatadora do nós, pode ter uma causa que tá impossível que eu rezo pra ela.

**- Então para a Senhora tanto os orixás como os santos...**

Santo e Orixá é importante na minha vida. Eu rezo o Pai nosso, Ave Maria, Santa Maria, o Credo. (Transcrição de áudio. Conversa com Mãe Ana em 12/10/2023).

Após o maior consentimento para as práticas cultos afro-alagoanos durante meados da década de 1960 e início da década de 1970, inclusive com permissão para cultos noturnos, houve uma supervalorização da umbanda e uma estigmatização do candomblé Nagô. Isso é trazido pelo historiador e babalorixá Clébio Araújo que relata um pouco da trajetória de Pai Júlio, que migra para a umbanda de Mãe Jurema e passa a ter uma maior aceitação social.

Pai Júlio narra que, de início, fora bastante discriminado por seus companheiros de serviço público em função de ser praticante da religião afro-brasileira. [...] ele migra do culto *Nagô* para a umbanda de origem carioca, recém chegada a Maceió através de sua mãe de santo, conhecida por Mãe Jurema. Aparentemente, a transferência para a umbanda implicará numa maior aceitação social em relação a Pai Júlio, uma vez que a própria Mãe Jurema, esposa de um capitão do Exército, parecia gozar de certo prestígio social possivelmente advindo do cargo ocupado por seu esposo e da proximidade com o culto Kardecista que, na época, era frequentado por militares de alta patente como certo coronel do Exército conhecido por Esmeraldino. Essa nova filiação, portanto, resultará numa redução do preconceito sofrido por Pai Júlio no interior do serviço público [...] resulta na obtenção de certa proteção por parte dos militares à casa religiosa de Pai Júlio, situada no bairro do Trapiche (Araújo, 2009, p. 6).

Pai Júlio era servidor público funcionário do Palácio dos Martírios, sede do governo, e tornou-se depois Presidente da Federação dos cultos afro-umbandistas. Araújo salienta que esse era o período da ditadura militar, dessa forma, “a aproximação de um coronel de patente com os cultos afros indica a necessidade de controle e acompanhamento do Estado àquelas associações religiosas” (Araújo, 2009, p. 6). O terreiro de Pai Júlio foi um dos primeiros a ser frequentado por Mãe Neide quando chegou em Maceió em 1983. Foi Pai Júlio também quem auxiliou Mãe Neide a decifrar um ponto que Vovó Maria Conga cantou enquanto ela descansava da construção do GUESB, como trouxe no primeiro capítulo: *Eu sentei e dei aquela cochilada na cadeira de balanço, aquelas cadeiras de tirinha, e eu ouvi cantando na minha cabeça “e olha a fé, e olha a fé, e olha a fé, filho de umbanda só não vence se não quer...” [...] E eu fiquei com aquilo na cabeça e cantei ao seu Júlio lá do Trapiche, Pai de Santo que eu gostava muito dele, tinha uma amizade muito grande pelo seu Júlio lá da Rua Ary Pitombo, contei pra ele, ele disse: “Minha filha, esse ponto é de uma Preta Velha antiga, eu era menino”.* – “Pois foi, Pai Júlio, cantaram no meu ouvido!”.

Retornarei a pontuar algumas considerações acerca do Nagô mais para o final deste capítulo quando apresentarei a Jurema e o Catimbó do Nordeste. Agora, vou focar um outro

atravessamento que tem grande influência na tradição religiosa do GUESB, o encontro entre Mãe Neide e Mãe Chica Xavier.

### 2.3 Umbanda da Chica

*Louvado seja meu Deus e o filho de Deus também, o Divino Espírito Santo, Nossa Senhora também. Eu louvo o povo dos astros, da terra e do mar também, eu louvo o povo da rua e as almas de Deus, Amém. Eu louvo o povo de Angola, de Ketu, Jeje e Ijexá, eu louvo o meu Cariri, meu sertão, meu Juremá. E agora que eu já louvei a quem era de louvar, eu louvo a todos vocês que vieram nos prestigiar, eu já louvei. Axé!*

Cantiga de Mãe Chica Xavier

Para falar da história de Mãe Neide e do GUESB é necessário falar do encontro entre Mãe Neide e Mãe Chica Xavier e dos trânsitos entre o Grupo União Espírita Santa Bárbara e o ICERBO – Irmandade Cercado do Boiadeiro (Puentes, 2022), casa de culto de Mãe Chica localizada em Sepetiba, bairro da cidade do Rio de Janeiro.

Mãe Neide foi a filha pronta de Mãe Chica Xavier, como ela costumava dizer, já que quando conheceu essa filha, Mãe Neide já era yalorixá. Esse grande encontro aconteceu em 1999, Mãe Chica havia vindo a Maceió naquela ocasião para lançar seu livro *Chica Xavier conta a sua prosa. Cantigas, louvações e rezas para os orixás* (1999).

Mãe Chica veio lançar um livro “Chica canta sua prosa” e foi me fazer uma visita no terreiro levada por um filho de santo. Que na época era a FUNDEPES<sup>67</sup> que tava trazendo ela pra cá pra lançar esse livro no Teatro Deodoro e aí ela esteve lá em casa, a gente recebeu ela com uma gira de Preto Velho e uma feijoada e aí a gente não desgrudou mais. Ela no ano seguinte me levou pro Rio pra festa do caboclo dela, me convidou e fomos estreitando as relações, ela se tornou mãe de santo dos meus filhos e eu da neta dela e enfim... ela dizia que a nossa casa em Alagoas era a continuidade da casa dela e eu digo que no Rio, a casa dela, é a continuidade da minha. Então a gente não se desgrudou mais. (Entrevista com Mãe Neide em 22/05/2024).

Segundo Cláudia Puentes, antropóloga, mãe pequena do GUESB e filha de santo de Mãe Neide e de Mãe Chica: “Desde o dia que se conheceram e durante as oportunidades que tive de estar com as duas juntas pude ouvir algumas das frases: Mãe Neide é uma filha pronta que Deus me deu (dita por Mãe Chica); Mãe Chica é luz no meu caminho, foi presente de Deus (dita por Mãe Neide)” (Puentes, 2022, p. 142).

Eu acho que é uma coisa de vida passada. A minha ligação com Mãe Chica não é desse mundo, não é apenas dessa trajetória porque nós nos sentimos

<sup>67</sup> Fundação Universitária de Desenvolvimento de Extensão e Pesquisa.

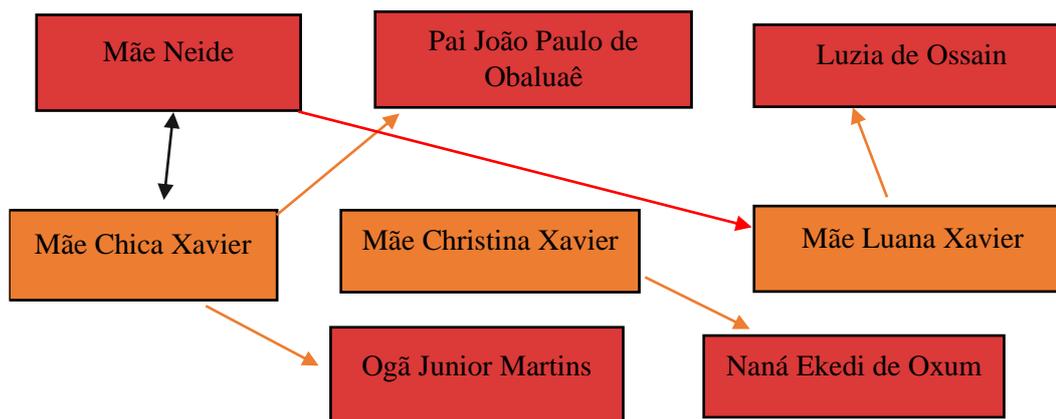
irmãos, eu, a Christina, Bela, Júnior (filhos de Mãe Chica). Nós nos sentimos irmãos, a gente se trata como irmãos, irmãos de sangue. Incrível, né? Kelé (marido de Mãe Chica) me trata como uma filha mais velha. Quando Mãe Chica desencarnou Kelé me chamou no quarto dele, disse “abra a mão” quando eu abri, ele me deu o anel de Xangô dele, eu quase caí pra trás não tive coragem nem de colocar no dedo, minha filha! (Entrevista com Mãe Neide em 22/05/2024).

Cláudia Puentes de Oyá tem 32 anos de feita na umbanda na casa de Mãe Chica, fez o santo na ICERBO em 10 de agosto de 1992, e também está imersa nesse trânsito entre as Umbandas das duas Yalorixás, tendo sido escolhida pela Oxum de Mãe Neide como Mãe Pequena do GUESB em fevereiro de 2014. Para Puentes, esse trânsito entre as yalorixás:

Influencia a minha constituição enquanto ser espiritual e integrante dos dois universos religiosos. Da mesma forma, o meu trânsito na religiosidade constitui-se também numa fonte de reflexões, uma vez que a minha trajetória começou no candomblé aos 14 anos, que migrei para a Umbanda de Mãe Chica quando eu tinha 22 anos e depois para a Umbanda de Mãe Neide, aos 38 anos, e no meio da escrita desta pesquisa, vivi um novo trânsito: o do meu retorno à ICERBO. Fazendo parte do ritual em ambos os espaços sagrados, consigo visualizar as origens ameríndias no culto da Jurema, e, para além de influências e contribuições de etnias indígenas, também as africanas, na constituição desse culto no Rio de Janeiro e em Alagoas, nos terreiros supracitados (Puentes, 2022, p. 8).

Trouxe como exemplificação desse trânsito entre as duas yalorixás a Mãe Pequena e antropóloga Cláudia Puentes de Oyá porque sua pesquisa sobre a Jurema Sagrada do GUESB e do ICERBO servirá como uma das principais referências para a escrita deste e do seguinte subcapítulo. Puentes faz parte dessa mobilidade entre o Terreiro e a Irmandade que resulta na Umbanda praticada por Mãe Neide e nas modificações que vêm sendo feitas, das quais falarei mais à frente.

Já trouxe anteriormente um organograma mostrando as influências do parentesco religioso na tradição religiosa de Mãe Neide desde seus avós de santo. Abaixo, trago a continuidade nas relações entre Mãe Neide e Mãe Chica a partir desse encontro das yalorixás.



Mãe Neide, yalorixá, “filha de santo pronta de Mãe Chica Xavier”. Mãe Neide é mãe carnal de Pai João Paulo de Obaluaê, de Luzia de Ossain, do Ogã Junior e da Ekedí Naná. Mãe Chica é mãe carnal de Mãe Christina Xavier que é mãe carnal de Mãe Luana Xavier.

Quanto ao parentesco no santo, há uma dinâmica interessante de se observar, que Puentes (2022) chama atenção, eu nomeio de troca entre filhos consanguíneos e filhos espirituais: João Paulo de Obaluaê fez sua iniciação em 2003 com Mãe Chica Xavier; Janaína, mais conhecida como Naná, foi iniciada em 2007 por Mãe Christina; e Luzia de Ossain foi iniciada ainda criança, antes dos quatro anos, em 2010 por Mãe Luana Xavier. Junior, Ogã de Caboclo Boiadeiro, também teve sua iniciação no ano 2007 pelas mãos de Mãe Chica Xavier (Puentes, 2022, p. 142). Já Luana Xavier, neta carnal de Mãe Chica, é filha de santo de Mãe Neide. Em homenagem a sua mãe de santo, Mãe Luana fala<sup>68</sup>:

A minha Mãe é mãe de quatro figuras sensacionais: João Paulo, Janaína, Milton Júnior e Luzia Clara, mas eu seria reducionista demais falando isso porque a minha mãe é mãe de muitos pelo mundo afora, tenho irmãos espalhados nos quatro cantos mesmo! Foi ela que botou a mão no meu Ori se tornando assim a minha Yá ou mãe de santo como dizemos de forma mais corriqueira. Minha mãe é a filha pronta de minha saudosa vó Chica Xavier, mas sobre esse fuxico eu não vou me estender não porque isso é história nossa! Minha mãe é cabeleireira, costureira, cantora, gastróloga, sacerdotisa de umbanda, criadora da ONG Inaê que atende muitas pessoas na comunidade do Village Campestre em Maceió e seu entorno, com aulas e oficinas de dança afro, capoeira, percussão, culinária, costura. Ela é Patrimônio Vivo do Estado de Alagoas, ela é filha de Oyá, Oxum e Xangô, ela é militante fundamental na preservação e divulgação da Serra da Barriga em Alagoas. Se não fosse ela, nosso Quilombo dos Palmares teria sumido do mapa nos últimos anos, e eu não tô exagerando não, é realidade! Ela já teve creche comunitária [...] Hoje, no espaço Centro de Inclusão Social Inaê e do grupo União espírita Santa Bárbara, em parceria com a Universidade Federal de Alagoas, ela conseguiu colocar atendimento médico de várias especialidades para comunidade e entorno e, embora tudo tenha acontecido com a orientação de Vovó Maria Conga da espiritualidade daquela casa e de todos os orixás, os atendimentos

<sup>68</sup> Cerimônia de entrega da Medalha Jorge Careli de Direitos Humanos em 04 de dezembro de 2023.

são feitos para todas as pessoas, independente de religião ou crença. Minha Mãe é um ser iluminado. A prefeitura, o governo do estado e até representantes do Senado Federal dão a bênção a ela, pedem orientação espiritual e confiam absolutamente em sua intuição e em seu trabalho social e religioso. Minha mãe se senta à mesa com ministros e com pessoas em situação de rua. Minha mãe trabalha em prol dos direitos humanos desde que se entende por gente e por tudo isso e mais um pouco já que tenho que parar aqui para não extrapolar o tempo, ela merece demais a medalha Jorge Careli. Sua bênção, Minha Mãe. (Transcrição de áudio. Live de entrega da Medalha Jorge Careli em 04/12/2023).

Como podemos ver, as relações de parentesco se solidificam com esse movimento de troca entre as duas yalorixás e seus filhos e neta carnis. Mãe Chica também é madrinha do GUESB. Essa parentalidade pode ser explicada também através do conceito de “*Enredo*” estudado pela antropóloga Clara Flaksman (2017), sobre o qual já chamei atenção na introdução deste trabalho para explicar as relações entre orixás e santos católicos. Como apresenta Flaksman (2018), *Enredo* pode ter significados múltiplos, a partir das também múltiplas situações que o conceito consegue abarcar, seja a *relação geral* entre orixás – e aí perpassa toda a mitologia daquele orixás –; seja em *relações individuais* – que dizem respeito aos orixás feitos, ou seja ao orixá de cada pessoa, podem ser irmãos de santo feito no mesmo barco –; ou pode ser uma *relação entre um determinado orixá e uma pessoa*; ou ainda *entre uma pessoa e um orixá individual seu ou de outra pessoa*. “Ter enredo, portanto, significa ter uma **relação familiar, ancestral** – seja direta ou indireta – com algum orixá; e seria então pela vontade deste que se estaria ali naquele momento” (Flaksman, 2018. p. 127). Nesse sentido, enxergo essa constituição familiar entre as duas yalorixás como um enredo, uma relação tecida entre as yalorixás e a orixá Iansã, dona de suas cabeças. Iansã que também é a Orixá de cabeça de Mãe Luana e da filha de santo de Mãe Chica Xavier, Claudia Puentes ou Claudia de Oyá, dada à Mãe Neide.

Estávamos na beira da lagoa no município de Jequiá, as três (eu, Mãe Chica e Mãe Neide) na margem do rio Jequiá, no interior de Alagoas, descansando após uma festa dedicada a Oxum, que acontecia no início de julho, e fui surpreendida com a declaração de Mãe Chica. Ela pegou as minhas mãos, as mãos de Mãe Neide e disse: “Mãe, estou te dando a minha filha, porque sei que ela vai te ajudar tanto quanto vem me ajudando todos esses anos. Sei também que ela precisa cuidar do ‘seu povo’ em um lugar mais perto, e não poderia estar em melhores mãos do que nas suas”. Essa cena ecoa em minha mente como um gesto de amor, como tantos que a vi exercendo ao longo da vida, este 13 de julho de 2004 foi o episódio que marcou a minha vida espiritual, pois a partir daí minha conexão com os dois terreiros, as duas Yalorixás e as famílias espirituais envolvidas nos dois espaços tornaram-se muito forte (Puentes, 2022, p. 27).

Percebo também nesse enredo Oxum, que é a orixá de frente de Mãe Neide, já que foi após uma celebração de Oxum que Claudia de Oyá foi entregue por Mãe Chica Xavier à Mãe Neide. Passados dez anos, essa filha de santo das duas yalorixás foi escolhida por também Oxum para ser mãe pequena do GUESB.

Esses *enredos* entre Mãe Chica e Mãe Neide desdobram-se em outros como, por exemplo, na feitura do Pai Pequeno do GUESB, João Paulo de Obaluaê que, por ser filho de santo de Mãe Chica e ter uma formação religiosa diferente em alguns aspectos da formação religiosa de sua mãe carnal, tende a reelaborar alguns ritos na Umbanda Nagô de Mãe Neide. Desse ponto falaremos um pouco mais adiante, antes é necessário trazer um pouco da história de vida de Mãe Chica e sua formação religiosa.

Mãe Chica nasceu em 22 de janeiro de 1932 em Salvador, sua mãe Dionísia deu à luz em um terreiro de candomblé. Mãe Chica viveu na Bahia até 1953, quando muda-se para o Rio de Janeiro com sua mãe, cidade onde posteriormente casou com seu Clementino Kelé em 1956. Segundo sua filha, a Ekedí Bela D'Oxóssi:

Ela tinha uma quartinha que era do anjo da guarda na casa dela, que na realidade era um quarto que moravam minha avó e minha mãe. Quando ela decidiu vir morar no Rio de Janeiro, ela levou a quartinha na Igreja de Santa Bárbara e deixou no banco. Foi como se ela dissesse: Eu tô indo embora daqui, mas não estou largando vocês (Puentes, 2022, p. 74).

Mãe Chica estudou Teatro no Rio de Janeiro, além de atriz, uma das mulheres negras pioneiras nas telenovelas brasileiras, Mãe Chica também foi servidora pública no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais do INEP (Puentes, 2022, p. 74).

Com uma delicadeza e suavidade tão peculiares, ela não se esquivava de elencar as dificuldades que tinha enquanto mulher negra, mãe e de terreiro. Como também falava sobre a necessidade da presença de mais negras e negras nas artes, com papéis de destaque, saindo das cozinhas ou permanecendo nelas. [...] Ela foi contratada da TV Globo, emissora na qual se aposentou, escrevia cantigas e prosas, que também ficaram eternizadas em um livro, *Chica Xavier Canta sua Prosa*. Nele estão impressas a louvação aos seus santos de fé e que estão registrados em nossa memória, pois foram cantados nas tardes e noites na ICERBO ao longo de mais de 33 anos (Puentes, 2022, p. 75).

Assim como Mãe Neide, Mãe Chica foi uma grande ativista na luta por igualdade racial, justiça social e na preservação e incentivo à cultura afro-brasileira.

Na entrevista feita por Puentes (2022) a filha de Mãe Chica Xavier, a Ekedí Bela D'Oxóssi, conta do ingresso de sua mãe aos terreiros, sendo que essa história tem algumas similaridades com trajetória de Mãe Neide. Mãe Chica viveu com a madrinha até os oito anos de idade. “Maria José, católica fervorosa que dizia que preferia ver Chiquinha em um caixão

do que vestida de baiana no meio de um terreiro” (Puentes, 2022, p.76). Assim como aconteceu com Mãe Neide, como já relatado no primeiro capítulo, “Minha mãe não aceitava nada que fosse fora da igreja católica [...] Mamãe falou que preferia me ver morta a me ver metida em macumba, porque era coisa do demônio. Então fui me virando como podia, escondida da mamãe” (Puentes, 2022, p. 80). Bela D’Oxóssi diz que a mãe quando criança visitava os candomblés levada pelas tias e aos onze anos bolou<sup>69</sup> para o seu Boiadeiro no terreiro Engenho Velho, na Casa Branca (Salvador, BA). Já morando no Rio de Janeiro, noiva de Clementino Kelé, que não sabia da ligação de Mãe Chica com o candomblé, foram a uma festa no terreiro de candomblé de uma amiga na Bahia e lá ela virou em Iansã, “Ele ficou espantado e pensou, meu Deus, ainda tem mais essa? Risos, mas ele disse, tudo bem! Se faz parte da sua vida, eu estou nessa” (Puentes, 2022, p. 76).

De acordo com filha de Mãe Chica, apesar de sua mãe frequentar muitos candomblés ela não era feita no candomblé: “Ela sempre se acostumou à religiosidade, frequentava as missas, tinha a herança da minha avó de ver em um copo de água, conhecia todo mundo do candomblé, mas não era feita no candomblé” (Puentes, 2022, p. 75). Mas, durante a pesquisa de campo, eu ouvi diversas vezes de alguns colaboradores de pesquisa que Mãe Chica era feita no Ketu e em Angola, inclusive, durante o Rosário dos Pretos Velhos, Mãe Neide afirmou essa relação de Mãe Chica com o Candomblé ao falar da formação religiosa de Pai João Paulo, como veremos adiante.

Em conversa com Luzia perguntei sobre alguns orixás que só foram assentados no GUESB depois que Mãe Neide conheceu Mãe Chica.

Tempo<sup>70</sup> vem de Angola, eu acho que Obá<sup>71</sup> é de Angola porque a Vó Chica ela foi feita em Angola e depois foi para a Umbanda, ela foi raspada em Salvador, raspada não, minto! Porque ela é Abiku, ela foi feita em Salvador aí depois foi para o Rio (Rio de Janeiro), ela é de Angola. João Paulo e Junior é filho de santo dela e Naná é filha de Santo da filha dela, da Christina. Lá (no ICERBO) é muito fechado, é só família. (Transcrição de áudio, conversa com Luzia em 30/12/2023).

Quando perguntei à Mãe Neide, ela disse que Mãe Chica foi feita em um terreiro da Bahia, mas já tinha nascido “pronta”, pois era abiku.

**Mãe, e a formação religiosa dela? Ela era feita, iniciada no candomblé?**  
Mãe Chica? Mãe Chica era yalorixá, minha filha. Mãe de santo! Ela era pronta. E ela foi feita no terreiro da Bahia, né?  
**- Eu pergunto isso porque a Bela d’ Oxóssi, a filha dela, disse que não sabia disso, que ela era iniciada na umbanda.**

<sup>69</sup> Geralmente, nos primeiros tranSES do não iniciado, o Orixá se manifesta pedindo a iniciação.

<sup>70</sup> Orixá tempo vem da Nação Angola e seu poder está relacionado às estações climáticas.

<sup>71</sup> Obá também orixá da Nação Angola foi a primeira esposa de Xangô e representa as águas revoltosas dos rios.

Não! Mãe Chica bolou pro Santo no terreiro de candomblé.

**- Me falaram que ela era abiku. O que é abiku?**

Abiku é quem já nasce pronto. Só precisa de alguns fundamentos. Entendeu?

**- Porque quando eu li sobre Abiku era outra coisa de criança fazia uma passagem rápida.**

É, porque têm pessoas que leva pra outro lado.

(Entrevista com Mãe Neide em 22/05/2024).

Então, segundo nos conta Mãe Neide e Luzia, Mãe Chica não foi raspada pois era *abiku*, mas iniciada ainda em Salvador. Os *abikus*, na tradição iorubá, são crianças que fazem uma passagem rápida pelo *aiyé* (terra) retornando precocemente ao *Orun* (céu). Os *abikus* precisam ser iniciadas rapidamente assim podem ser salvas pelos orixás e não retornar a comunidades dos *abikus*.

Quando identificadas no jogo de búzios, as pessoas classificadas como *abikus* têm de passar pelos procedimentos litúrgicos que simbolizam o impedimento de sua morte precoce. A feitura de um *abiku* é bem diferenciada. Essas pessoas não podem ter as cabeças raspadas, pois seria um risco de fazê-las passar pelo rito que recria a morte (Fontes, 2023, p. 104).

Mãe Chica se aposentou no ano de 1977 e só depois disso pode se dedicar mais à religiosidade. Nessa época, segundo sua filha Bela d'Oxóssi, ela fez seu santo com Mãe Ajigadê. Em entrevista com Pai João Paulo, filho de santo de Mãe Chica, diz que antes mesmo de sua mãe de santo ser feita em Angola, ela foi feita em Ketu pelas mãos de Mãe Ajigadê. Ela nasceu em um terreiro de ketu e foi feita por Mãe Ajigadê em ketu, após a morte de sua mãe de santo, ela foi feita na Angola.

**- A Mãe Chica ela foi feita no Ketu?**

Ela nasceu em um terreiro de ketu.

**- Mas o senhor sabe dizer se ela foi feita?**

Foi, foi.

**- Ela foi feita na umbanda com a Mãe Ajigadê no Rio?**

Ajigadê era Ketu, não era Umbanda, mãe de santo dela no Ketu, ela foi iniciada no Ketu. É tanto que ela se tornou yalorixá, após algum tempo com o falecimento da yalorixá dela, ela não foi raspada porque ela era *abiku*, *abiku* não se raspa... ela foi pra Angola e lá ela continuou, se iniciou, tem um pai de santo que ainda está vivo, que fez todo trabalho, o *axaxê* da mãe (mãe de santo) dela, lá no Rio. Ela era baiana, saiu de Salvador e foi pro Rio. Então, é isso. Não existe um padrão definido a religiosidade, a prática, ela muda, você pega um candomblé de hoje, é diferente do passado alguns elementos são mudados é o que acontece.

No ano de 1979, a Irmandade Cercado do Boiadeiro – ICERBO, começou a ser construída:

Ela resolveu, seguindo o conselho do tio Macedo, comprar no ano de 1979 esse terreno aqui, no número 48, que tinha uma estrutura de casa inacabada, que chamamos de casa em ruína e era cercado de arame farpado. Mamãe então

resolveu fazer a casa de Exú ao lado da casa que existia. Ele foi o primeiro a morar aqui, depois ela fez o quarto do santo e trouxe os assentamentos dela e foi ajeitando a casa que tinha. (Puentes, 2022, p. 76).

A Irmandade tem quase meio século de existência, foi inaugurada em 25 de outubro de 1980. Segundo Mãe Luana Xavier<sup>72</sup>

Mãe Chiquinha de Oyá, vó Chica ou Chica Xavier, foi quem fundou este terreiro aqui em Sepetiba. A inauguração foi no dia 25 de outubro de 1980, dia de Crispim e Crispiniano, com uma belíssima festa de Erê. Eu ainda nem era nascida, mas por determinação do Caboclo Boiadeiro Gentileiro de Tempo, fui designada herdeira deste kanzuá<sup>73</sup>. Nosso terreiro é extremamente familiar, com a participação de alguns poucos amigos próximos. Mas uma coisa eu tenho certeza, o que não falta aqui é fé!

Mãe Chica era conhecedora de muitos candomblés, desde criança visitava terreiros em Salvador, ela conta que tinha uma vizinha médium que a levava para fazer companhia para assistir às sessões de caboclo, “era a sessão que eu gostava de ir porque eu gostava de ouvir os cânticos, quando tinha uma festinha tinha um passinho de dança de caboclo e eu gostava dos cânticos e eu já fazia verso para colocar na cantiga e tudo, eu com 14 anos já sabia criar pontos” (Mãe Chica, 2014<sup>74</sup>). À umbanda que praticava deu nome de *Umbanda da Chica*. Bela D’Oxóssi pontua que: “Aqui é Umbanda, não é candomblé, é Umbanda da Chica, nós não vivemos do santo, nós vivemos para o santo, não temos mensalidades fazemos o que podemos com nosso recurso e contando com a ajuda dos irmãos” (Puentes, 2022, p. 76). Como mencionei no início desse capítulo, não há um modelo único de umbanda, a Umbanda da Chica traz referências do Ketu e Angola, como nos conta Mãe Neide:

O que é que acontece, ela vem da nação Ketu, apesar que ela praticava a Umbanda de Chica, que ela dizia que era a Umbanda de Chica, tinha algumas coisas de Ketu, algumas coisas de Angola, tinha algumas coisas de umbanda e umas coisas de candomblé raiz, então ela dizia, eu tenho a minha Umbanda de Chica, e quando ela começou a vir pra cá ela fez o santo do meu filho João Paulo. Então o João Paulo ele tem o pé na Umbanda Nagô e um pézinho no Ketu porque foi feito pela Mãe Chica (Transcrição de áudio. Discurso de Mãe Neide durante o Rosário em 12/05/2023).

Podemos dizer então que a Umbanda da Chica é uma umbanda traçada com Ketu e Angola que difere da Umbanda Nagô de Mãe Neide, mas que estes não são cultos opostos

<sup>72</sup> Postagem na rede social de Luana Xavier em comemoração aos 40 anos da Irmandade Cercado do Boiadeiro em 25 de outubro 2020. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CGx6IT-gFdK/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CGx6IT-gFdK/?utm_source=ig_web_copy_link)>. Acesso em: 03 abr. 2024.

<sup>73</sup> Palavra de origem Angola que significa terreiro, lugar onde acontece culto ou celebração religiosa.

<sup>74</sup> Documentário *Jurema*. Direção de Clementino Jr. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ICYDtraP1q0>>. Acesso em: 03 abr. 2024

porque essas diferenças se atravessam trazendo uma multiplicidade de ritos aos cultos, resultado dos cruzamentos de várias influências.

José Carlos Gomes Anjos (2006) pontua que o mito da democracia racial corrobora para uma visão do Brasil como o país do sincretismo, mas dessa maneira as diferenças resultariam em uma unidade, o que o autor chama de síntese mulata. Para ele, “a religiosidade afro-brasileira tem um outro modelo para o encontro das diferenças que é *rizomático*: a encruzilhada como ponto de encontro de diferentes caminhos que não se fundem numa unidade, mas seguem como pluralidades” (Anjos, 2006, p. 21). Tomando emprestado o conceito de rizoma de (Deleuze, 1980), Anjos explica que:

*Diferente das árvores ou suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com um outro ponto qualquer, sem que seus traços tenham necessariamente algo em comum, ele coloca em jogo regimes muito diferentes de signos e mesmo estados de não-signos [...] não se trata de unidades, mas de dimensões, ou melhor direções moventes* (Deleuze, 1980, p. 31 *apud* Anjos, 2006, p. 21) grifos do autor.

A analogia proposta por Anjos nos convida a questionar uma visão essencialista em que as diferenças sempre resultam em uma unidade sincrética, e aqui eu exemplifico essa unidade sincrética através do modelo único de umbanda como “símbolo da religiosidade brasileira” e como a única umbanda considerada legítima. Ou seja, como se todas as casas de umbanda seguissem esse modelo ideal e não trabalhassem com a sacralização animal por exemplo, ou que para ser considerada umbanda as práticas deveriam ser as mais próximas da religião “fundada” por Zélio de Moraes, ou ainda, nesse sentido, que não seria possível existir umbandas traçadas. Diferente desse modelo homogeneizante, a lógica rizomática “ao invés de dissolver as diferenças, conecta o diferente ao diferente deixando as diferenças subsistirem como tais”. Para o autor, a filosofia da religiosidade afro-brasileira é uma filosofia das diferenças (Anjos, 2006, 22-23).

O que acontece, a nossa Fé, a nossa crença, a forma de praticar ela tá sempre em movimento, não existe um padrão pré-estabelecido, já que tudo foi uma adaptação a nossa realidade, aqui Brasil. O conhecimento base tradicional veio de fora e teve que ser ajustado aqui ao nosso povo a esse povo misto, né? Então o que acontece é que existe o tronco, o povo banto e iorubá, né? por ela (Mãe Chica) ter sido iniciada em uma casa de Ketu e ao longo do tempo, assim, mais velha ela também foi iniciada no culto Angola, então, ela absorveu essas duas vertentes, esses dois troncos religiosos e isso, o axé ele é repassado, né? Você absorve esse axé. Quando você faz um filho, você tá passando pra ele através da mão, através da feitura, um pouco desse axé, então quando eu falo que eu tenho um pouquinho dessas vertentes e também tenho do Nagô é porque fui criado dentro de uma casa Nagô e a minha família religiosa vem dessa tradição, dessa união de Ketu com Angola (Entrevista com Pai João Paulo em 20/05/2024).

Outra questão que é preciso salientar é que as formas de cultuar o orixá no Brasil são diferentes de como eram em África, onde o culto a cada orixá estava restrito a um território, e mais especificamente à linhagens familiares como me falou Pai Paulo de Omolu “Quando se fala que em uma região da África cultuava Oxum, não quer dizer que toda Oxum era cultuada do mesmo jeito naquela região, mas que cada aldeia que cultuava Oxum tinha um culto próprio porque isso tem a ver com o ancestral” (Diário de campo, 19/04/2024). As “nações” africanas precisaram ser reelaboradas na diáspora, já que foram raptadas pessoas de vários lugares de África e chegaram juntas em território brasileiro. O candomblé é uma religião brasileira, assim como a umbanda, sendo que dentro espaço de culto é permitido cultuar vários orixás a depender da nação do terreiro em questão. Outro ponto dessa lógica rizomática apontada por Anjos é que “as diversas nações (Jeje, Ketu, Angola...) não são essências identitárias pertencentes a indivíduos, mas territórios simbólicos de intensidades diversas, passíveis de serem percorridos por multiplicidades de raças e indivíduo [...] espaços para percursos nômades” (Anjos, 2006, p. 22). No GUESB, que é um terreiro Umbanda traçada com Nagô, foram acrescentadas outras nações como Ketu e Angola e a partir desse *enredo* entre Mãe Chica e Mãe Neide outros orixás passaram a ser feitos e cultuados no terreiro. O ogã Rodrigo explica que:

Então, Obá já é o orixá, mas propriamente do candomblé em si, porque quando a gente pega a matriz africana, o conceito geral, a gente vai ter lá Jeje, Nagô, Angola, Xambá, né? Por quê? Porque são cultos que existiam dentro da África, então, cada culto desse era de uma comunidade lá. A gente que tem Umbanda com Nagô, que a umbanda é nossa e o Nagô é de matriz africana, a gente não cultua tanto alguns orixás como Obá, Ossain, Tempo... é um monte, viu? Só que os filhos de barriga de Mãe Neide, como também são do santo, não podem ser iniciados na religião por ela porque é mãe de barriga. Quem iniciou eles foi Mãe Chica que é madrinha aqui da casa. Então, Mãe Neide cuida dos filhos de barriga de Mãe Chica e Mãe Chica cuida dos filhos de barriga de Mãe Neide. Só que Mãe Chica, ela é umbanda com Nagô, mas ela é feita no Ketu e quando ela jogou pros meninos pra ver o santo pra poder fazer, o santo mandou assentar alguns orixás que são específicos de candomblé, mas tem aqui e são zelados também, como eu falei é Obá, Tempo, Oxumaré... a gente trabalha com eles? também trabalha, mas não é tanto quanto os outros (Transcrição de áudio, gravação feita por mim. Apresentação do GUESB aos alunos da UFAL em 15/05/2023).

Ainda sobre a categoria nativa *Enredo*, Flaksman explica como seus colaboradores de pesquisa definem *Enredo* como história: “É a história da vida de uma pessoa”; “É uma coisa de família”; “É uma ligação que você tenha” (Flaksman, 2018, p. 127). E cada *enredo*, ou seja, cada história “tem sempre o potencial de lhe acrescentar um novo elemento [...]. Isto não significa que a pessoa estava incompleta: dependendo do ponto de vista, no candomblé, a pessoa, que é fluida, está sempre completa, ou sempre incompleta” (Flaksman, 2018, p. 136).

Assim, percebo que nessa história entre as duas yalorixás há um compartilhamento e uma renovação de axé que muda sem necessariamente perder ou ganhar, é renovado.

Ela (Mãe Chica) botou o pé nessa casa e nunca mais descolamos uma da outra, nem depois que ela morreu, porque eu continuo fazendo parte do axé da casa dela e a neta dela que é dona do axé dela também participa da nossa casa [...] Naná é Ekedi do terreiro de Mãe Chica, não é do meu terreiro, Juninho é ogã do terreiro de Mãe Chica, é tudo emprestado pra cá. E como eu posso dizer que eu não tenho o pezinho do Ketu no meu terreiro, se nosso ogã, nosso pai pequeno, uma ekedi, tem o pezinho lá, né? (Transcrição de áudio. Discurso de Mãe Neide durante o Rosário em 12/05/2023).

Exemplificando a fluidez das práticas rituais afro-brasileiras e mostrando o “pezinho no ketu” que tem a Umbanda Nagô do GUESB, trago um trecho de uma conversa com Luzia de Ossain que indica algumas mudanças nas formas de acontecerem alguns ritos na casa:

**Pai João Paulo tende a modificar algumas coisas na casa e no culto?**

É inevitável porque a formação dele é outra!

**Mas Mãe Neide disse que espera que santos (santos católicos) nunca saiam daqui...**

Não, mas a gente respeita muito e a gente conversa muito também porque por mais que a maioria das decisões quem toma sou eu e Paulinho, Júnior é muito presente no terreiro por ser ogã e a gente sempre conversa, pra tudo, tudo mesmo! Se a gente quiser mudar uma coisa de lugar, a gente tem que conversar, aí conversa eu, ele, mainha e Júnior. E aí sempre entra em um acordo, em um consenso e aí ele (Pai João Paulo) já mudou muita coisa, só que ele não é aquela pessoa de dizer “olha agora é assim!”, Não! Ele vai... e aí ele vai e chega até onde ele quer, entendeu? Antigamente, ele tinha muitos filhos aqui na casa, mas antes era o bori<sup>75</sup>, as coisas eram tudo do jeito que a gente faz aqui em casa né, no caso do jeito da mainha, só que aí esse último barco que entrou que foram três que foi lá no sítio (Axé Navizala)<sup>76</sup> e mainha não estava e ele fez o bori do jeito dele: com pontos diferentes que foram pontos de Angolas, até cultos diferentes que mainha não cultua, Ajalá<sup>77</sup> e aí ele cantou para Ajalá quando ele foi tirar o acaçá da cabeça e outras coisas que foram realmente ele que imputou, né? E aí eu fiquei bestinha, assim, porque eu fico muito besta quando ele se impõe quando ele faz as coisas que ele quer, porque João Paulo é muito difícil fazer isso, mas realmente vai mudar, mas eu acho que o santo (católico) ele não vai tirar não porque ele respeita muito a mainha (Transcrição de áudio. Conversa com Luzia de Ossain em 02/12/2023).

Pai João Paulo tem enredo com a Umbanda da Chica, foi feito pelas mãos de Mãe Chica traz em suas práticas o que aprendeu com sua mãe de santo e o que aprendeu com sua mãe carnal, além de ser grande estudioso dos cultos africanos. Como disse sua irmã, Luzia de Ossain, “é inevitável que ele queira modificar algumas coisas porque a formação dele é outra”. Entretanto, isso não significa que essas mudanças aconteçam de forma excludente, mas sim de

<sup>75</sup> Ritual de alimentar a cabeça, consiste em oferecer alimentos ao Ori.

<sup>76</sup> O outro terreiro de Mãe Neide, Ilê Axé Navizala, situado na Serra da Barriga.

<sup>77</sup> Divindade que responsável por cuidar do Ori (cabeça) do iniciado.

maneira relacional, pois “o *enredo* é uma história, é uma narrativa, mas é, acima de tudo, uma relação” (Flaksman, 2018, p. 142); nesse caso, uma relação que segue uma lógica rizomática na qual as diferenças seguem em direções moventes (Anjos, 2006).

Em conversa com Pai João Paulo de Obaluaê, ele disse que só se acrescenta ou modifica algo nos ritos da Umbanda do GUESB com a permissão de orixá:

A gente pergunta ao orixá se pode fazer, ele quem vai dizer se sim ou não, isso tem a ver com a ancestralidade, não existe o certo ou errado, existe o diferente. A Luana (Mãe Luana Xavier) disse que algumas pessoas a questionam sobre a Umbanda do Cercado do Boiadeiro que não está mais igual à da Mãe Chica e ela responde “É que agora é a Umbanda da Mãe Luana! (Diário de campo, 19/04/2024).

## 2.4 Catimbó do Nordeste e Jurema Sagrada

*Ele atirou, ele atirou ninguém viu. Senhor Oxóssi é quem sabe aonde a flecha caiu!*

*Ele atirou, ele atirou ninguém viu. Seu Boiadeiro é quem sabe aonde a flecha caiu!*

*Ele atirou, ele atirou ninguém viu. Guaraciaba é quem sabe aonde a flecha caiu!*

*Ele atirou, ele atirou ninguém viu. Cobra Coral é quem sabe aonde a flecha caiu!*

*Ele atirou, ele atirou ninguém viu. Seu Pena Branca é quem sabe aonde a flecha caiu!*

*Ele atirou, ele atirou ninguém viu. Caboclo Índio é quem sabe aonde a flecha caiu!*

- Cantiga para boiadeiro do GUESB e ICERBO

Há ainda um último ponto que queria destacar que é o catimbó do Nordeste e a Jurema como elementos formadores da Umbanda Nagô do GUESB: *É umbanda do nordeste que traça com Jurema, caboclo, com o culto da pajelança e de outros cultos, né?* (Fala de Mãe Neide, diário de campo, 12/05/2023).

O Catimbó do Nordeste é um tipo de culto comum às regiões norte e nordeste do Brasil que traz diversos elementos afro-ameríndios. Nos estudos pioneiros sobre folclore e religiosidade afro-brasileira, ainda pautados em uma visão evolucionista e supersticiosa, o tema do catimbó aparece como um culto sincrético que reúne elementos da bruxaria europeia, pajelança amazônica e a magia africana (Cascardo, 1978). Contudo, não me interessa aprofundar em visões etnocêntricas acerca da temática. Reforço mais uma vez que para esse trabalho colaborativo busco trazer a visão dos meus interlocutores de pesquisa. O termo catimbó surgiu uma vez em conversa com Luzia de Ossain, “*Mãe diz que aqui é catimbó do Nordeste que pega várias nações*” (Diário de campo, 13/05/2023) – aqui me parece estar relacionado a uma

vertente da umbanda praticada por Mãe Neide – e nos pontos cantados para os Pretos Velhos durante a preparação da feijoada da Vovó Maria Conga, dessa maneira achei importante me debruçar sobre ele.

Com base em uma literatura mais atualizada, o antropólogo Sandro Guimarães de Salles diz que:

Trata-se de um culto encontrado em Pernambuco, na Paraíba e no Rio Grande do Norte, e que surge com o fim dos aldeamentos indígenas, com o índio assimilado aos homens livres pobres, trabalhadores rurais despossuídos, submetidos aos interesses dos grandes proprietários. Apresenta elementos do cristianismo – consequência do longo contato dos povos indígenas com os missionários católicos –, mas também traços de alguns rituais ameríndios. É igualmente significativa [...] a influência da europeia no culto. Algumas de suas principais características seriam o uso do fumo e da jurema (bebida), como elementos litúrgicos. Suas sessões eram voltadas para consultas, através das quais se buscava a cura para males físicos, mentais e espirituais, ou para resolver toda a sorte de aflições do cotidiano. A liturgia do catimbó reunia um número mínimo de participantes, que podia limitar-se à pessoa que busca o atendimento mais o catimbozeiro que conduzirá a sessão (chamado mestre). Muitos desses catimbozeiros costumavam trabalhar com um assistente. O culto fundamentava-se na possessão do espírito (de mestre ou caboclo) sobre o corpo do médium, após este entoar as “linhas” (cânticos) de uma determinada entidade. Essa, uma vez incorporada, é quem vai atender ao cliente (Salles, 2010, p. 87-88)

Em outra versão, o umbandista Luiz Antonio Simas afirma que:

Outra vertente fortemente marcada pela tradição xamânica das pajelanças é a do catimbó, um conjunto de práticas rituais abrangendo atividades místicas que envolvem também elementos do cristianismo popular. Com origem do nordeste brasileiro, o catimbó tem como fundamentos mais gerais a crença no poder da bebida sagrada da Jurema e no transe de possessão, em que os mestres vêm dos reinos imateriais do Juremá<sup>78</sup> para trabalhar tomando o corpo dos catimbozeiros (Simas, 2022, p. 61).

Em alguns estudos, como no de Simas citado acima, o culto da Jurema Sagrada será definido como uma derivação do catimbó, é necessário pontuar que o ritual da Jurema tem determinadas vertentes ou linhas “Jurema-Caboclo, a Jurema Catimbó, Jurema de Mesa, ou simplesmente Jurema” (Puentes, 2022, p. 50), é elaborado por meio uma diversidade de práticas. Desse modo, assim como na umbanda, não é possível estabelecer um modelo único de culto. Entretanto, determinados ritos do Catimbó e da Jurema se entrecruzam, exemplifico através da pesquisa de Puentes:

A jurema é composta de vários elementos, agregando várias cosmologias religiosas, nas quais estão presentes o maracá, chocalho que marca as sessões, permeados pelas toadas que trazem as histórias da jurema, das entidades e seus

---

<sup>78</sup> “Espaço invisível em que habitam os mestres da jurema e seus subordinados” (Simas, 2022, p. 62).

significados. Dentre as entidades destaca-se o Rei Salomão (Puentes, 2022, p. 51).

E de Salles:

Em minhas pesquisas realizadas em Pernambuco e na Paraíba, encontrei diversos elementos advindos das antigas mesas de catimbó que remetem a essa magia europeia. Assim, denominei de complexo de Salomão um conjunto de símbolos religiosos composto pelas referências à entidade Rei Salomão, ao Rio do Jordão – rio sagrado e milagroso, localizado no centro do Reino de Salomão – e ao Selo de Salomão (Salles, 2010, p. 90).

Apesar das similaridades, isso não quer dizer que os cultos sejam estruturados da mesma maneira. Como trouxe anteriormente, a filosofia das religiões afro-brasileiras é a filosofia das diferenças (Anjos, 2006). Dessa forma, recorro à pesquisa etnográfica de Puentes sobre as Juremas cultuadas no ICERBO e no GUESB para mostrar como acontece o ritual da Jurema no GUESB.

Jurema Sagrada está na constituição de um complexo ritualístico que tem influências do catolicismo, do espiritismo – religiões europeias e dos opressores/invasores do Brasil - e de outras expressões afro-brasileiras. A Jurema Sagrada tem como base do seu culto a árvore de mesmo nome, oriunda do Nordeste. A bebida ritualística que é preparada a partir das cascas de seu tronco e de suas raízes permite a conexão com o universo dos Encantados. Seja ela como veículo de transe ou como consagração, a bebida consagrada na Jurema Sagrada é encantamento que nos leva a diversos trânsitos, olhares, escritos e encantos (Puentes, 2022, p. 41).

Sobre a Jurema sagrada do GUESB Mãe Neide diz “que a prática do culto à Jurema já era parte integrante das atividades religiosas realizadas por ela que começou a fazer a bebida seguindo as instruções do Caboclo Boiadeiro de Mãe Neide, que a acompanha desde a adolescência” (Puentes, 2022, p. 134).

A Festa do Caboclo Boiadeiro acontece no Ilê Axé Navizala na Serra da Barriga, desde o ano de 2016<sup>79</sup>, e geralmente acontece no segundo ou terceiro domingo de janeiro, próximo ao dia 20 que é o dia que comemora-se o dia do Caboclo Boiadeiro no GUESB. Neste ano (2024) a festa aconteceu dia 21 de janeiro, quando foram comemorados também os 14 anos de feitura de Luzia de Ossain, que se recolheu na camarinha sete dias antes. Segundo Puentes (2022), a preparação da bebida da Jurema acontece uma semana antes do dia da festa. Mãe Neide conta:

Ela leva vinho, mel, água, a casca da jurema branca e outros ingredientes que não posso revelar para ser escrito em canto algum. E o filho, ou filha que disser, vai se ver com Seu Boiadeiro. Primeiro separamos o porrão<sup>80</sup>, a colher de pau, e colocamos tudo no local onde a jurema vai ser enterrada, depois pegamos a bebida que foi separada do ano anterior que fica nos pés de Seu Boiadeiro na casa dele. Tudo junto, acendemos a vela para firmar e pedir

<sup>79</sup> Até 2015 era realizado no terreiro localizado no Village em Maceió (Puentes, 2022, p. 134).

<sup>80</sup> Recipiente grande de barro no formato de um vaso.

licença à ancestralidade para cumprir o nosso ritual. Eu sempre agradeço por estar viva, especialmente em tempos tão difíceis quanto o que estamos passando, depois eu canto “eu vou abrir minha jurema, vou abrir meu juremá, vou abrir minha jurema, vou abrir meu juremá, com a licença de Pai Oxóssi e Nosso Pai Oxalá!” Depois os ingredientes vão sendo colocados por mim no porrão de barro, com a ajuda do Pai Pequeno e da Mãe Pequena, sempre fazendo as orações em forma de cânticos. Ao final desse preparo a jurema é enterrada no local certo e coberta para depois ser levantada (Puentes, 2022, p. 136-137).

O porrão é enterrado pelo pai pequeno da casa, Pai Paulo de Obaluaê, e uma semana depois a bebida é desenterrada e coada. Há segredos e modos específicos de se fazer a bebida da jurema que, no caso do GUESB, passam a ser mais uma vez reelaborados por um compartilhamento de axé com a Umbanda da Chica

A Jurema é levantada no raiar do dia, com todos os que estiveram presentes no primeiro dia do ritual. Para levantar a Jurema, primeiro nós louvamos o Caboclo Boiadeiro e desde que me lembro do ritual, a louvação é com o cântico de Mãe Chica, Mandacarú<sup>81</sup> [...] cabe ressaltar que ao cantar esse ponto, todos ficam ajoelhados e ao terminar, Mãe Neide complementa pedindo aos Caboclos e a Senhor Oxossi pelo dia Dele, que Ele nos conceda saúde e paz. A Jurema levantada é então transferida do porrão que ficou enterrado por 7 dias para o porrão que irá compor a Mesa da Jurema (Puentes, 2022, p. 137).

O culto da Jurema no GUESB passou por algumas modificações após os trânsitos de Mãe Neide à Irmandade Cercado do Boiadeiro, como relatado pela yalorixá: “Eu já fazia a Jurema há anos, mas com a chegada de Mãe Chica na minha vida, fiz algumas adaptações por considerar que cabiam e nossa religião é transmitida pela oralidade, né minha filha?” (Puentes, 2022, p. 63). Esse enredo, entre Mãe Chica e Mãe Neide, é reforçado através do Caboclo Boiadeiro e da Jurema Sagrada.

As convergências e ressignificações entre os rituais são muito significativas, em especial quando conversamos com Mãe Neide a respeito das reelaborações que elas, Mãe Neide e Mãe Chica, fizeram ao longo da caminhada juntas. Elas sempre conversavam sobre como fazer as coisas, como cuidar dos filhos e filhas, a Jurema Sagrada é um elemento físico que as une, como a muda da árvore que Mãe Neide trouxe de Mãe Chica e plantou no alto do platô da Serra da Barriga. Como as orações e cânticos feitos por Mãe Chica e cantados por Mãe Neide e por todos nós (Puentes, 2022, p. 140).

---

<sup>81</sup> Mandacarú  
 No meio do sertão  
 É um altar de vaqueiro  
 Onde ele faz sua oração  
 Pai, Filho, Espírito Santo  
 Está na hóstia consagrada Se eu perder um boi  
 Não vou perder a boiada  
 Zambi me dá forças  
 P'reu tocar minha guiada! (Puentes, 2022, p. 127-128).

Perguntei ao Pai João Paulo de Obaluaê se o catimbó era uma prática comum do norte e nordeste, ele me responde:

- Do Brasil! Não é só do Nordeste, é do Brasil.
- **E o que é o catimbó?**
- São práticas de cura como na umbanda. As pessoas falam umas coisas de umbandas esotéricas. Quem já se viu! Essas práticas de cura já aconteciam antes mesmo de Zélio de Moraes, aí ele tirou o Exu, os atabaques... Essas práticas são os catimbós que se modificaram.
- **E o que seria as umbandas esotéricas?**
- O que acontece com o surgimento dessa umbanda, houve uma barreira aí, eles criaram uma limitação e excluíram uma porrada de entidade. Antigamente existia, como aqui no Brasil, se cultuava tudo dentro de uma casa, eles não, eles criaram a umbanda, deram esse nome e excluíram os exus, aí depois você vai ver, você vai procurar, acha a quimbanda, essa linha que foi isolada, que foram expulsas, eles denominaram aquilo de umbanda e tiraram aquelas divindades, onde todo aqueles iniciados, aqueles praticantes cultuavam aquelas divindades, exus, pretos velhos, foram expulsos. Muitos umbandistas pararam de cultivar as suas divindades por conta disso antigamente. Aí pra você ver, você não acha nada de quimbanda em documento histórico antes de 1940, você não acha nada. Com o passar do tempo, foi exatamente nesse momento do Zélio, dessas umbandas esotéricas que você acha (Entrevista com Pai João Paulo em 20/05/2024).

Conforme nos diz Pai João Paulo, outra variação da religiosidade afro-brasileira seria a quimbanda que teria surgido como um culto à parte depois que Zélio de Moraes instituiu a “Umbanda Esotérica”, sendo assim outros cultos, como os catimbós, não seriam bem vistos ou aceitos nessa nova Umbanda instituída.

Ainda sobre o catimbó e os ancestrais de Mãe Neide, trago uma fala de Mãe Celina sobre seu avô de santo, Zé do Café, que era um Preto Velho *curador de pé de toco*. Ele trabalhava como artesão fazendo ingomes<sup>82</sup> com o pau de coqueiro e com o coró de carneiro, reaproveitando a pele dos animais com os quais fazia a sacralização, e com o barro fazendo quartinha, alguidar, panelas (Santos, 2023, p. 249). Na definição de Mãe Celina, ele era “curador de pé de toco. Não chamava de terreiro nem nada, era curador de pé de toco [eles] sabiam trabalhar no tempo antigo, curava... curador de pé de toco, cada um morava na sua toczinha, [tinha a] missão, tudo Preto Velho" (Santos, 2023, p. 249). Ou seja, Zé do Café usava sua espiritualidade para curar pessoas, era um Preto Velho que curava.

**Aí ela (Mãe Celina) falava que o Zé do Café era um curador de Pé de toco.**

-É (Mãe ri). Então, os pé de toco que falava era o catimbó do Nordeste, o catimbozeiro, entendeu?

**- E as práticas? Quais eram?**

---

<sup>82</sup> Atabaques.

Reza de ramo, novena, simpatias, entendeu? Fundamento indígena, muita coisa indígena, traz o catimbó do nordeste, a pajelança. (Entrevista com Mãe Neide em 22/05/2023).

Como mencionei no início desta seção, o significado da palavra Umbanda é “arte de curar por meio de medicina natural ou da medicina sobrenatural”. Reforço mais uma vez que essas práticas de cura já eram praticadas sem a “legitimidade” da institucionalização da religião, existiam com outros nomes e definições. Sendo assim, podemos afirmar que os curadores de pé de toco, os juremeiros, os catimbozeiros trazem em suas práticas um conjunto de ritos que se opõem à sínteses essencialistas de um modelo pronto e unívoco de culto.

O catimbó, portanto, lança mão de diversas práticas e de um vasto repertório de orações, conjuros e ensalmos do mundo Ibérico, marcados pelo dinamismo e variabilidade. Ele vai, assim, configurando-se como um conjunto de crenças e práticas que subvertem o campo religioso institucionalizado, fazendo uso, inclusive, de elementos desse mesmo campo. Desse modo, pertence aos fenômenos religiosos que se aproximaria da concepção de cultos mágicos, como seriam definidos um como um conjunto de crenças e rituais que uma sociedade não pode integrar dentro desse campo religioso institucionalizado (Salles, 2010, p. 94).

Relembro um ponto de Preto Velho cantado durante a preparação da Feijoada da Vovó Maria Conga que diz: *Ela é preta, preta, preta, ela é preta todo dia, me chamo Maria Conga, Preta Velha da Bahia. O meu pai já me dizia que o sol é o farol, eu não conheço a macumba que desmanche o Catimbó...* Os Pretos Velhos têm poder de curar, benzer com ervas, fazer mandigas, é o arquétipo do velho sábio com poderes mágico-religiosos. O axé de Mãe Neide é fundado sob as orientações de Vovó Maria Conga que traz essa gama de saberes: “*porque ai de mim, ai dessa casa e de muitos filhos se não tivesse um Preto Velho, uma Preta Velha*”. Zé do Café era um desses vovôs que morava em uma casa de palha e sapé, simplesinha de piso de barro, nada cimentado (Santos, 2023, p. 249), avô de santo de Mãe Neide e curador de pé de toco. O catimbó e a jurema são cultos trazidos por essas entidades tão especiais para Mãe Neide e necessárias para o GUESB e isso explica as práticas desses cultos no axé dessa casa.

Há ainda um último ponto que queria chamar atenção, é que durante o período que ficou conhecido como *Xangô Rezado Baixo* o culto Nagô ganha novas configurações com a assimilação de ritos da Jurema e do Candomblé de Caboclo:

[...] não nos parece plausível a ideia de uma superposição ao rito Nagô, de características fortemente demarcadas, por um ritual com características típicas da denominada Jurema de origem indígena, em detrimento da gira, do culto aos Orixás. As informações levantadas, nos fazem crer que no espaço urbano a realização do culto aos orixás realmente haja assumido aspectos de discrição máxima tendo se disfarçado em mesa de caboclos, prática assimilada da Jurema, mas com a permanência do culto aos orixás, nesse caso, no espaço das matas ainda existentes em uma Maceió quase rural (Araújo, 2009, p. 4).

Isso nos mostra que, diante dos acontecimentos sociopolíticos da época, em algumas regiões de Alagoas o culto nagô ganhou formas diversas de ser praticado, inclusive com a inserção da Jurema e dos Caboclos junto ao panteão dos orixás.

O ingresso de Mãe Neide nos terreiros acontece na década de 80, mais precisamente em 1983 quando ela chega na casa de Mãe Celina, é nessa época que há uma maior visibilidade e expansão das casas de axé em Maceió junto também de uma urbanização da cidade que traz como consequências a perda áreas verdes, ambientes propícios para a expressão da religiosidade (Santos, 2023, p. 291), é também durante a década de 1980 que “legalmente” não poderia mais haver repressão policiais aos cultos.

Os aspectos históricos que influenciaram os cultos afro-alagoanos podem ser notados na Umbanda que é praticada no GUESB que, como vimos, tem elementos do Nagô, da Jurema, do Catimbó, dos enredos e das influências humanas – Mãe Celina, Mãe Chica Xavier – e de influências não humanas – Vovó Maria Conga, Caboclo Boiadeiro. Isso resulta no que Mãe Neide define como “*umbanda do nordeste que traça com Jurema, caboclo, com o culto da pajelança e de outros cultos*”, um conjunto ritualístico dinâmico que está passível de constante reelaborações, seja por questões externas ou por mudanças internas. Por exemplo, vimos algumas modificações no âmbito interno que vem sendo feitas pelo Pai Pequeno Paulo de Obaluaê, para ele essa Umbanda Nagô é um culto próprio com características demarcadas como a sacralização animal que em outras umbandas no Sul não seria possível. Reitero o que apontei no início deste capítulo, não podemos incorrer no erro de pensar em uma umbanda “sincrética”. Devemos considerar que as umbandas são “acúmulos de sabedorias encantadas diversas que dinamicamente se articulam em cultos multifacetados, plurais, abertos para alteridades e alterações, e ao mesmo tempo, profundamente tradicionais” (Simas, 2022, p. 26)

### 3. A UMBAÚBA BALANÇOU COM O VENTO

“Essa mulher que segurou em minhas mãos, foi minha mãe, minha amiga, minha irmã e que eu fui a filha pronta dela e quando ela subiu a Serra da Barriga pela primeira vez, ela disse assim... – ela vendo as umbaúbas balançando... porque as umbaúbas, gente, é a árvore de Iansã e ela como uma boa filha de Iansã, ela dizia assim: ‘*Mas o que é que eu vou dizer pra essa Serra? O que eu vou dizer pra esse chão sagrado?*’ As umbaúbas balançavam conforme ela ia subindo a Serra e as folhas balançavam, seus troncos balançavam e voltavam para o lugar e aí ela fez esses versos que eu queria deixar para todos os homenageados de hoje, que é assim: ‘A

*umbaúba balançou com o vento seu tronco envervou, mas ela ficou no lugar, Dona Iansã é quem sopra a ventania, se umbaúba não caiu nada vai nos derrubar!’ Ninguém larga a mão de ninguém!’”*

Essa é uma transcrição de uma fala de Mãe Neide durante a cerimônia de recebimento da Medalha Jorge Careli<sup>83</sup> de Direitos Humanos e do Prêmio Sergio Arouca<sup>84</sup> de Saúde e Cidadania na cidade do Rio de Janeiro em 4 de dezembro de 2023. Mãe Neide foi uma das pessoas a receberem a Medalha Jorge Careli por seu trabalho com o Centro de Inclusão e Formação Social Inaê, o reconhecimento de sua luta por justiça social e equidade racial. Os lindos versos para Iansã são de autoria de Mãe Chica Xavier, filha de Iansã assim como Mãe Neide. Dia 04 de dezembro, geralmente, comemora-se no Brasil o dia de Iansã. Durante a premiação a data foi lembrada por Mãe Neide, associando também o dia à Santa Bárbara.

Nesse dia tão especial, principalmente para o nosso povo do santo, para nós mulheres, que é o dia de Santa Bárbara, dia de Iansã, que é o orixá da democracia da luta por um ideal, do enfrentamento, da força da mulher sobre o homem. Eu só tenho a agradecer ser filha desses orixás e que eles continuem a me ajudar a vencer tantas batalhas. A gente sabe que viver hoje, principalmente no Brasil, é um grande desafio, ser mulher preta, periférica, ser mãe de gay, de lésbica, de tantos, duzentos e poucos filhos dos quais eu sou mãe e mulher de santo, mulher de candomblé não é fácil porque a gente já acorda enfrentando o leão, enfrentando a selva. Mas são momentos como esse, homenagens como essa que nos fortalecem e fortalecem todo o nosso povo, dizer que vale a pena lutar, vale a pena não desistir jamais. (*Transcrição de áudio de live no Youtube*<sup>85</sup> em 04/12/2023).

Em agradecimento à Mãe Chica:

Eu não poderia ficar aqui hoje perante esse público sem agradecer uma senhora que me trouxe para a cidade do Rio de Janeiro, uma senhora que é mãe de santo dos meus filhos e que me presenteou com a neta dela como mãe de santo. Essa senhora que me incentivou a continuar quando eu estava chorando, essa mulher que segurou em minhas mãos, foi minha mãe, minha amiga, minha irmã e que eu fui a filha pronta dela e quando ela subiu a serra da barriga... (Mãe Neide canta o trecho que inicia essa seção). (*Transcrição de áudio de live no Youtube em 04/12/2023*).

<sup>83</sup> Jorge Careli foi um funcionário da Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz, que foi raptado por policiais da Divisão de Antissequestro do Rio de Janeiro, em 10 de agosto de 1993, após ser confundido com um sequestrador. A luta por sua procura se tornou um símbolo da luta pelos direitos humanos. Em 2001, a ASFOC, Associação dos Servidores da Fundação Oswaldo Cruz, criou a medalha Careli e concede a premiação a pessoas ou entidades que se destacam na defesa dos direitos humanos. Disponível em: <http://www.asfoc.fiocruz.br/portal/content/10-de-agosto-30-anos-do-desaparecimento-do-companheiro-jorge-careli>. Acesso em 10 dez. 2023

<sup>84</sup> Sérgio Arouca foi um médico sanitário, professor e político de grande importância na construção do Sistema Único de Saúde (SUS). Foi presidente da Fiocruz em 1985 e teve destaque na luta política pelo acesso universal à saúde. Disponível em: <https://bvsarouca.icict.fiocruz.br/>. Acesso em 10 dez. 2023

<sup>85</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dch1NDKrxWA>. Acesso em: 10 dez. 2023.

A premiação ocorreu dois dias após a festa de Iansã que aconteceu no GUESB em 2 de dezembro de 2023. É sobre duas festas de Iansã (2022 e 2023) que irei me deter neste capítulo, buscando trazer as simbologias presentes nas ocasiões e mostrar a relação entre a Orixá e a Santa Católica para a comunidade do GUESB.

### 3.1 Iansã e Santa Bárbara

Iansã, orixá feminina de arquétipo guerreira e justa, é associada ao búfalo pela sua força e à borboleta pela sua capacidade de transformação. Sua cor é vermelha e ela carrega em suas mãos a espada e o eruexim. Diz o itã:

Iansã adquiriu de Exu os direitos de usar o poder do fogo e da magia, para realizar os seus desejos e os de seus protegidos. Aprimorou os ensinamentos que ganhou de Exu e usou de sua magia para transformar-se em búfalo, quando ia em defesa de seus filhos. Já de Ogum, adquiriu o direito de usar a espada em sua defesa e dos demais. Com Xangô, adquiriu o poder do encantamento, o posto da justiça e o domínio dos raios (Prandi, 2001, p. 296-297).

De Obaluaê, Iansã ganhou o poder sobre os espíritos dos mortos, por isso carrega nas mãos, além da espada, o eruexim ou iruquerê – que lembra um espanador feito com o rabo do búfalo – que forma os ventos e conduz os eguns para o mundo dos mortos. Diz um itã que em uma festa com todas divindades presentes, Oyá foi a única a querer dançar com Obaluaê, os ventos provocados pela dança de Oyá levantaram as palhas que cobriam o corpo de Obaluaê e revelou-se um belo homem e ele foi admirado por sua beleza (Prandi, 2007, p. 308). Obaluaê então a recompensou:

[...] Obaluaê ficou mais que contente com a festa, ficou grato em recompensa, dividiu com ela o seu o seu reino. Fez de Oiá a rainha dos espíritos dos mortos, Rainha que é Oiá Igbalé<sup>86</sup>, a condutora dos eguns. Oiá então dançou e dançou de alegria. Para mostrar a todos seu poder sobre os mortos, quando ela dança agora, agita no ar o iruquerê, o espanta-mosca com que afasta os eguns para o outro mundo (Prandi, 2001, p. 308).

No dia da festa de Xangô, que foi adiada devido às fortes chuvas, o pai de uma filha de santo havia falecido. Alguns filhos da casa estavam se organizando para irem ao enterro, uma filha de santo disse que não poderia ir porque seus orixás, Iansã e Obaluaê, eram de cemitério e ela poderia virar no santo (Diário de campo, 08/07/2023).

A tempestade é uma das formas de demonstração de poder de Iansã, ela domina sobre as ventanias:

Iansã tinha muitas joias, que usava com orgulho. Uma ocasião resolveu sair de casa, mas foi interpelada por seus pais. Disseram que era perigoso sair com tantas joias e a impediram de satisfazer seu desejo. Oiá furiosa, entregou suas joias e fugiu voando, rápida, pelo teto da casa, arrasando tudo o que

<sup>86</sup> Um das qualidades de Iansã responsável por acolher e levar os eguns para o mundo espiritual.

atravessasse seu caminho se transformado no vento [...] tão forte que às vezes destruía tudo no caminho, levando casas, arrancando árvores, arrasando cidades e aldeias. O povo reconhecia o sopro destrutivo de Oiá e o povo chamava a isso tempestade (Prandi, 2001, p. 301).

Os versos de Mãe Chica, que se tornaram um ponto<sup>87</sup> para a orixá cantado no GUESB, mostram o poder e a força dessa orixá que sabe controlar os ventos:

*A umbaúba balançou com o vento seu tronco envergou, mas ela ficou no lugar, Dona Iansã é quem sopra a ventania, se umbaúba não caiu nada vai me derrubar!*<sup>88</sup> – Mãe Chica Xavier.

Essa força de dominar os ventos é umas das características que fazem com que Iansã seja associada à Santa Bárbara, segundo o padre que reza a missa de Iansã no GUESB:

Santa Bárbara foi uma santa que por ter optado por ser cristã desagradou seu pai que a denunciou às autoridades romanas, mas ela nunca negou a Cristo, sendo assim a Santa foi decapitada aos 37 anos pelo próprio pai, nesse dia fatídico, no ano de 317, choveu muito e relampejou, por isso a santa é a protetora contra as tempestades, raios e trovões uma das características que possibilita a correspondência entre ela e a Orixá Iansã” (Transcrição de áudio feita por mim. Missa de Santa Bárbara no GUESB em 04/12/2022).

### **3.2 “Ela foi presa, torturada, ameaçada, mas não abriu mão da sua fé”: missa para Santa Bárbara**

A festa de Oyá é uma das festas mais importantes do GUESB, o próprio nome do centro religioso já reverbera essa importância: Grupo União Espírita **Santa Bárbara**, no muro do terreiro há uma gruta de Santa Bárbara, assim como o fato de Mãe Neide ser filha de Iansã. É uma festa que tem muita importância também para mim, já que está relacionada à minha primeira ida ao campo, pois foi a missa dentro do terreiro para Santa Bárbara e logo após o Toque de Oyá que me provocaram o interesse no GUESB como local de pesquisa. Organizei esse capítulo com base na descrição de duas festas de Iansã, a de 2022 e a de 2023. No ano de 2022<sup>89</sup> com a missa dentro do terreiro e no ano de 2023 destaque, além do toque, a preparação da festa e os batismos.

<sup>87</sup> Canções sagradas de louvação às entidades.

<sup>88</sup> Para ver esses versos cantados por Mãe Neide: < <https://www.youtube.com/watch?v=vKCdC4692Lk>>. O Clipe é da cantora Naná Martins, filha de sangue de Mãe Neide que escreveu a canção “Oyá ê” em sua homenagem. O clipe foi gravado no GUESB e conta com a participação de Mãe Neide e outros filhos de santo da casa. Acesso em 11 dez. 2023.

<sup>89</sup> Em 2022 eu ainda estava realizando o mapeamento de campo e tinha um bom material empírico, mas ainda não tinha a permissão formal para fazer a pesquisa. Quando fui escrever esse capítulo, pedi permissão ao Padre Rostand que disse que eu poderia usar esse material.

*Eparrei, Oyá!* Peço licença à rainha dos ventos e das tempestades para escrever esse capítulo e falar de sua louvação no GUESB.



48

48. *Gruta de Santa Bárbara no muro do GUESB*



49

49. *Quadro de Santa Bárbara e de Preto Velho*

As missas que eu assisti no GUESB em 2021 e 2022 foram rezadas pelo Padre Rostand José de Lima que já fazia essa celebração há alguns anos no terreiro. Ele sempre evidencia que não pertence à Ordem da Igreja Católica Romana, e sim à Igreja Católica Brasileira. Em 04 de dezembro de 2022, dia de Iansã, eu assisti pela segunda vez a missa para Santa Bárbara dentro do terreiro, a primeira vez que eu tinha ido foi em 11 de dezembro do ano anterior. Foi algo que me chamou muita atenção, uma missa sendo realizada dentro do terreiro por um padre com todos os ritos que acontecem em uma missa dentro da igreja: proclamação do evangelho, responsório, comunhão. Havia ao lado da mina da casa e do padê de Exu uma mesa forrada com uma toalha branca e acima dela um quadro de Santa Bárbara e mais outros objetos litúrgicos como o cálice e a sineta<sup>90</sup>. Entre uma fala e outra do padre os ogãs tocavam os atabaques, alguns filhos da casa tomaram a eucaristia e, após o término da missa, a mesa da missa é retirada do salão e começa o toque para Iansã.

<sup>90</sup> Pequeno sino de mão usado pelo padre para chamar atenção dos fiéis nos momentos importantes durante a celebração da missa, a exemplo da eucaristia.

No ano seguinte, 04 de dezembro de 2022, assisti novamente à missa no terreiro e trago uma descrição com mais detalhes, pois fiz um diário de campo dessa visita.

Naquela noite, 04 de dezembro de 2022, enquanto aguardava Mãe Neide entrar no salão para iniciar a cerimônia, observava a chuva, era dia de Iansã e chovia bastante.

Cheguei por volta de umas 16h40 no terreiro, a missa estava marcada para às 17h00, ao chegar vejo a ornamentação toda em vermelho e branco, bandeirolas em tons de branco e flores vermelhas. Oyá é representada pela cor vermelha. Enquanto eu aguardo chove forte lá fora, hoje é dia de Iansã, rainha dos ventos e tempestades, está chovendo muito... seria um sinal que a orixá está presente? Enquanto a chuva cai algumas pessoas dizem “Eparrei, Iansã” saudando a orixá dos ventos e tempestades. A mesinha da missa já preparada, uma mesa forrada com uma toalha branca, uma imagem, do que parece ser um Preto Velho, está em cima da mesa, o cálice litúrgico (aquela taça que tem o vinho). O padre chega com uma batina branca, é um padre que já conhece a Mãe Neide há mais de 30 anos e celebra essa missa há alguns anos no terreiro. O salão decorado com bandeiras vermelhas e brancas, três atabaques vestidos de vermelho, vasos com flores vermelhas, quartinha preta de Exu próximo ao círculo que fica no meio do salão (mina da casa), ainda vai ter a defumação e essas objetos rituais ficam na entrada do terreiro (Diário de campo, 04/12/2022).

O Padre inicia a sua fala sobre Santa Bárbara que era uma mulher linda, dona de uma fortuna, mas que fez a opção de Cristo, não escolheu poder político, nem posição social, escolheu a Cristo e por isso foi presa e torturada, “seu pai meteu-lhe a espada em sua cabeça! Foi decapitada aos 37 anos.” (diário de campo, 04/12/2022). O cântico inicial da missa foi uma louvação para Oxalá:

A chuva dá uma trégua. A missa começa com um cântico inicial para Oxalá; tocam os atabaques. Os filhos da casa cantam ao som das palmas dos frequentadores da casa: “É o reino de Oxalá, onde há paz e amor; luz que refletiu na terra, luz que refletiu no mar, luz que veio de Aruanda para nos iluminar... A umbanda é paz e amor, é um mundo cheio de luz, é força que nos dá vida e a grandeza que nos conduz, avante filhos de fé, como a nossa lei não há, levando ao mundo inteiro a bandeira de Oxalá” (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).

A missa em homenagem à Santa Bárbara é uma cerimônia católica aparentemente, mas que dentro do terreiro é ressignificada e inicia-se com o canto a Oxalá, Deus supremo na umbanda e que geralmente é sincretizado com Jesus Cristo. Em conversa com Tia Nete<sup>91</sup>, uma das mais velhas da casa com tempo de santo, pergunto se Oxalá e Jesus são a mesma coisa para ela:

- **A senhora cultua os santos? a senhora é devota?**
- Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora da conceição, Nossa Senhora Aparecida...
- **Mas para a senhora é diferente?**

---

<sup>91</sup> Tia Nete tem 67 anos e está na religião desde os sete anos.

- Não, pra mim é tudo igual!
- **É tudo igual? O santo e o orixá?**
- É!
- **Nossa Senhora e Oxum é a mesma coisa?**
- É. Porque Oxum é a parte espiritual, né? E também na casa que eu frequentava Oxum fazia parte da nossa Senhora do Carmo!
- **[...] E quando senhora... por exemplo, a senhora tava falando dos santos, né? Oxum e Nossa Senhora Aparecida ou Nossa Senhora do Carmo tem mesma parte espiritual. E quando é Oxalá? A senhora quando vai falar de Jesus Cristo... (nem deixou eu terminar a frase).**
- É o nosso Pai Oxalá
- **Então se a senhora for pedir uma coisa a Jesus, por exemplo...**
- Pede ao Pai Oxalá
- **Se a senhora for fazer uma prece a Nosso Senhor Jesus Cristo, a senhora pede tanto para Nosso Senhor Jesus Cristo como pra Oxalá?**
- É porque é um só, só tem ele no mundo!
- **Se eu tenho uma causa e peço “meu Pai Oxalá me ajuda”, ao mesmo tempo eu tô pedindo a Oxalá e a...**
- *Deus, é!* (Transcrição de áudio. Conversa com Tia Nete em 02/12/2023).

Para Tia Nete, o orixá e o santos são um só: “um é parte espiritual do outro, ou faz parte espiritual do outro”. Portanto, está falando com Jesus é a mesma coisa de está falando com Oxalá “porque é um só, só tem ele no mundo”. Isso me lembra, um texto já citado anteriormente, da antropóloga Clara Flaksman (2017), no qual através do conceito de enredo seus interlocutores explicam as relações sincréticas entre os orixás e os santos, sem colocá-los como sendo superiores uns aos outros, mas sim em uma relação de ser e estar, “São Jorge era de Oxóssi, então adorar São Jorge é a mesma coisa que adorar Oxóssi (Flaksman, 2017, p. 158).

Padre Rostand fala os ritos iniciais:

Protegidos pelo amor leal de Deus, saudemos a Santíssima Trindade, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Bendito seja Deus, Pai das misericórdias e de toda consolação, que nos guia no caminho da vida. Deus que reconciliou o mundo por seu filho Jesus Cristo. *(Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).*

O padre pede para ficarmos de pé e orarmos para Santa Bárbara, os ogãs tocam os atabaques e o padre inicia a oração:

Eterno Deus, ao festejarmos o martírio de Santa Bárbara, fazei que, por sua intercessão, sejamos livres de todos os males e enfermidades nos dias que vivemos. Por nosso Senhor de Jesus Cristo, Vosso Filho, que Convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. *(Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).*

É interessante perceber que o padre fala na Santíssima Trindade referindo-se ao monoteísmo católico, a missa é em homenagem a Santa Bárbara, que assim como qualquer outro santo católico é considerada uma intercessora, fazendo a ligação entre Deus e os humanos.

Mas a lógica católica pautada na dicotomia entre bem e mal (Birmam,1985) difere da forma organizacional da umbanda, segundo a lógica do catolicismo, os santos católicos foram pessoas boas e exemplares em vida, por isso são santificadas; já a umbanda, mesmo crendo em Oxalá como Deus supremo, é uma religião politeísta. Há diversos tipos de umbanda, como tratamos no capítulo anterior, estou analisando a Umbanda traçada com Nagô do GUESB, que cultua além dos orixás africanos, os Pretos Velhos, os ciganos, os caboclos, os boiadeiros e entidades de rua como Exus, Pombas giras e Zé Pelintras, os chamados “ Exus Catiços”, entidades que não se encaixam nessa forma de moralidade de bem e mal e são cultuados justamente pela sua capacidade de lidar com questões “transgressoras”, amorosas, sexuais, entre outras e por entender o que sentimos já que são espíritos de pessoas que viveram em terra em sua forma mais humana. “Ver como figuras de malandros, prostitutas, indígenas, velhos escravos e divindades não brancas podem ser veneradas deveria ter algo a nos ensinar sobre como superar o racismo, a discriminação e os processos mais gerais de transformação de alteridades em minorias” (Anjos, 2019, p. 513). Para o Ogã Júnior, “os exus catiços são pessoas que viveram aqui na terra e ao desencarnar migraram pra essa linha de prestar a caridade” (Diário de campo, toque de Exu em 20/05/2024), trabalham também com direcionamentos e aberturas de caminhos que só eles podem fazer por terem vivido em terra e saber os prazeres e desprazeres da nossa matéria humana. Na festa de Exu, em 18 de dezembro de 2023, depois de se servir com champagnes e dar conselhos amorosos aos presentes, a Pomba Gira de Mãe Neide disse: “quem quiser agradar à Maria Padilha dessa casa, dê de comer a quem tem fome, cure a ferida daquele que tá precisando, dê ajuda aquele que precisa, acolha aqueles que precisam de ajuda. Ampare aqueles que estão precisando!”. (Diário de Campo, Maria Padilha em 18/12/2023).

Por fim, Maria Padilha pediu para cuidar do Padre Rostand que faz a missa todos os anos no GUESB e neste ano não foi fazer a celebração. “Tem uma pessoa que tá precisando muito de ajuda é aquele que bota a batina de padre, ele tá precisando de ajuda não tenha vergonha de chamar ele e ajudar<sup>92</sup>. Agradeço a véia Maria Conga por permitir de eu usar esse cavalo. Eu sou uma mãe que ajudou criar os curumins até o homem grande permitir. Que o homem grande abençoe todos vocês.” (Diário de Campo, Maria Padilha em 18/12/2023).

A missa segue com a primeira leitura que é do evangelho de São Pedro, Capítulo 3, versículos 9-16, que é lido por uma filha da casa. Ao final ela diz: Bendigamos ao Senhor. Os presentes respondem: - Graças a Deus (*Diário de campo, 04/12/2022*)

---

<sup>92</sup> Padre Rostand desencarnou um dia antes da defesa deste trabalho em 17/06/2024.

Já na pesquisa de campo, descobri que essa filha de santo que leu o evangelho era Luana, umas das primeiras colaboradoras de pesquisa que me falou da sua afeição aos santos católicos.

Depois outro filho de santo inicia o responsório proclamando o Salmo 126: “Maravilhas fez o senhor conosco”. Todos respondem: “Exultemos de alegria”. (Diário de campo, 04/12/2022).

Chama a minha atenção que os ritos são de uma missa católica, mas entre os intervalos da fala do padre os atabaques são tocados e os pontos do terreiro são cantados.

Após os ritos iniciais, o padre fala: “Aclamação do evangelho, vamos nessa?” Mãe Neide, então puxa o coro para Oxalá, os filhos de santo e o padre também cantam: “Oxalá desceu sua coroa (2x) abençoa essa casa, Babá, abençoa” (toques de atabaque) “Oxalá desceu sua coroa (2x), abençoa esses filhos, Babá, abençoa. O padre continua: - “O Senhor esteja com vocês”. - “Ele está no meio de nós”. Padre: “Continuação do Evangelho de Jesus Cristo, segundo São Mateus capítulo 5, versículos 43 ao 48. Glória a Vós?” (Espera os presentes responder). Todos: - “Senhor!” (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).

Depois da leitura do evangelho de Mateus, o Padre inicia a Homilia que é o sermão. Fala dos frutos do espírito e dos frutos da carne, segundo o evangelho de Marcos, e diz que para vencermos a nossa natureza humana precisamos da assistência espiritual da Santíssima Trindade, de Nossa Senhora e dos Pretos Velhos. Já falei no primeiro capítulo como a figura dos Pretos Velhos é importante na construção de todos os ritos na casa de Mãe Neide e como essas entidades são consideradas entidades de luz. Aqui, neste trecho, temos o Padre indicando a assistência dos Pretos Velhos o que não seria visto com tanta regularidade dentro da Igreja Católica. Porém, estamos falando da Igreja Católica Brasileira que se diferencia da Igreja Católica Romana como o Padre chama atenção.

A grande questão é: como eu quero morrer, como eu quero passar desse plano de vida para o plano espiritual? Essa é uma escolha que cada um de vocês terão de fazer. Só que Deus nos diz que devemos fazer escolhas que nos edifiquem, que retirem o peso, o fardo que todos nós carregamos e nossa natureza. Jesus, a quem eu amo muito, nos diz aqui no evangelho de Marcos, capítulo 7, que não é o que entra pela boca do ser humano que faz mal, mas o que sai da nossa boca porque procede do nosso coração. Do interior do coração dos homens saem os maus pensamentos, os adultérios, as prostituições, os furtos, a avareza, a vaidade, o engano, a dissolução, a inveja, a blasfêmia, a soberba... isso aqui faz parte de todos nós. Qual a nossa grande tarefa? Vencer. Poderemos fazer isso sozinhos. – Não! (Todos respondem). Padre: Só podemos fazer se tivermos a assistência espiritual de Deus, do Espírito Santo, de Jesus, de Nossa Senhora, dos Pretos Velhos... sozinhos não. [...] Egoíatria, Egoísmo é quando o ser humano faz de si o seu próprio Deus e é o que mais tem! Olha, ninguém é Cristão ou ninguém é umbandista porque quer, pode crer que a maioria vem debaixo do cassete (risos do público), mas vem, mas trabalhar coisas espirituais não é fácil não! (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).

No primeiro capítulo, mostrei como algumas simbologias católicas são usadas no GUESB. Adiante mostrarei como também padre Rostand usa das simbologias do terreiro em seu sermão. Portanto, se em alguns ritos no GUESB, os santos e os ritos católicos são ressignificados, na missa católica realizada no GUESB, as entidades espirituais da umbanda são reconhecidas.

O padre fala de sua amizade com Mãe Neide e que a conheceu em um terreiro:

Nós nos conhecemos na casa de Iemanjá. Mãe Neide confirma: “Foi”. Padre: Faz uns 30 anos. Eu sempre venho aqui, teve uma época que vinha mais. Quantas pessoas eu vi chegar aqui pensando e depois que fica taludinho e taludinha<sup>93</sup> vai embora e ainda esculhamba com Mãe Neide como esculhamba com o padre, como esculhamba com o pastor..., mas São Paulo diz uma coisa na carta aos Filipenses no cap 1, versículo 21: Para mim o viver é Cristo, o morrer é ganho. Isso na dimensão dá uma confusão, né? Não interessa isso! Vocês podem dizer com toda veemência “para mim, o viver é cumprir minha missão?”. Viver é doar-me em benefício do meu próximo, inclusive do meu inimigo! (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).

Continuando o sermão, o padre menciona Oxum e Exu, não no sentido depreciativo como é comum vermos em igrejas, principalmente neopentecostais, ao contrário, fala de estarmos cercados de seres espirituais que nos ajudam em nossa evolução espiritual.

Olhe, a seriedade da coisa: buscai a paz com todos. Todos! (o padre reforça) e a santificação sem a qual ninguém verá a Deus! Deus não passa vaselina na safadeza de ninguém, ou você obedece, ou você obedece! Nenhum de nós tornar-se-á 100% perfeito, não tem como, mas Deus sonda os nossos pensamentos, ele sabe dos nossos pensamentos, nem precisa ser Deus, basta ser uma Oxumzinha, um Exu, ele sabe tudo que você faz. Então nós não estamos sozinhos não, estamos sempre cercados por seres espirituais, quer seja do bem quer seja do mal! Depende de quê? Do que você pensa dia e noite! Do que você alimenta no seu coração dia e noite. Ora! Qual seria a razão de nossa existência senão nos tornamos melhores do que somos! Mais evoluídos espiritualmente, mais desprovidos de maldade, de egoísmo, de orgulho, de soberba. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).

Segue, então, falando a importância do dia para lembrar de Santa Bárbara e de sua história. Conta a história de vida da Santa de forma didática:

Então hoje o dia diferente, é o dia de Bárbara, Santa Bárbara, uma mulher linda e que todo mundo quando via a mulher ficava doido, o pai doido por dinheiro soltou a bichinha na rua aí um camarada da Roma endoidou por ela e já queria a comprar do pai, o pai era safado já queria vendê-la. Ela não aceitou, em uma das saídas à cidade ela conheceu um grupo de cristãos. Quantos amores você tem? Ela tinha dois, a família e Cristo, Qual foi a opção

---

<sup>93</sup> Alusão a uma pessoa crescida que não precisa mais de colo.

de Bárbara? O dinheiro da família? A posição social? O poder político? Não. Isso ficou barato? Não, custou caro! Ela foi presa, torturada, ameaçada, mas não abriu mão da sua fé. O próprio pai resolveu matá-la. Arrancou-lhe a cabeça, meteu a espada. Jesus já tinha dito: “Pai contra filho, filho contra pai”, tá aí! No livro do profeta Isaías, no capítulo 3, começa dizendo assim: Senhor, a missão do Profeta... o profeta não é quem vive tentando adivinhar o futuro, o profeta é quem diz a verdade. E para nós, cristãos, essa verdade está fundamentada na palavra de Deus, na Bíblia sagrada que muita gente tem até uma repugnância muito grande, a estupidez humana é tão grande que não sabe que o livro mais perfeito que existe na face da terra é a Bíblia sagrada, mais perfeito! E tudo que está ali vai se cumprir. [...] tá aqui escrito, o anjo do senhor acampa e ao redor daqueles que o temem e os livra. Veja bem! É os que o temem, não os que querem levar Deus na barriga! Entendendo o que São Paulo diz que passaremos por tribulação. Se Jesus Cristo passou pelo o que passou, quem é o cristão para querer ser imune às adversidades, as perseguições, as calúnias e outras coisas? Então, nós somos filhos do amor. Pronto! Tá encerrado. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).

É importante denotar o quanto padre Rostand chama a atenção para os capítulos e versículos bíblicos, o que é normal dentro da liturgia do cristianismo que tem como base o evangelho escrito. O padre diz que o livro mais perfeito que existe é a Bíblia Sagrada. Em alguns momentos, que já trouxe aqui, Mãe Neide fala que “Deus não deixou religião, e sim os 10 mandamentos”, os 10 mandamentos existentes no antigo testamento da Bíblia. Em outro momento conversando com Luzia, ela me disse que Mãe Neide não acreditava em tudo o que tinha na Bíblia. O fato é que essa forma de ensinamento pautada na escrita difere do modo de transmissão e saber dentro das religiões afro-brasileiras que é baseada na oralidade e na vivência do dia a dia.

A ancestralidade na diáspora negra se assenta na historicidade encontrada nos corpos, no calor da voz que reafirma saberes através da oralidade, no tempero que dá gosto na comida, no ouvir, sentir e na concepção de comunidade que constitui quilombos alimentando o sentimento de pertença, recontando histórias dos nossos encantados com enredos baseados no histórico resistente e afetivo que está presente nos desdobramentos do cotidiano e nas narrativas de mulheres negras (Santos, 2022, p. 39).

O padre chama atenção sobre o amor ao próximo:

Mateus 22:34 diz: Mestre qual o maior dos mandamentos? Ele prontamente respondeu: “amarás, (amarás!) o teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo entendimento e de todas as tuas forças e o segundo semelhante a esse: amarás o teu próximo como a ti mesmo”! Como é que eu vou amar um Deus que eu nunca vi se eu não sou capaz de amar o semelhante, São João vai dizer. Aquele que diz amar a Deus e odeia o seu irmão é mentiroso e eu acrescento: é safado! Como é que você diz que ama a Deus e quer a desgraça dos outros? Minha amiga do lado diz: “é verdade!” Existe uma lei universal que quem estudou física sabe que toda ação corresponde a uma? Reação! (todos). Então se você pensar que você fará. Na carta de Paulo aos Gálatas cap. 5, versículo 7: Não se enganem de Deus ninguém zomba. Aquilo que a

pessoa plantar... Todos: Colhe! Pe.: Se plantar com a natureza humana vai pro quinto dos infernos (risada dos presentes) muita gente não quer acreditar não! Mas se plantar para o espírito, colherá vida eterna. A escolha é muito pessoal. Quais são os frutos do espírito? O amor... Uma filha de santo diz: o respeito, O padre continua: a alegria, a benignidade, longanimidade, o domínio próprio, então que nós todos deixemos de ser infelizes, Todos (diz o padre olhando para o público) busquem o despertar para a realidade, aí cada um faz sua escolha pessoal. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).

É perceptível que alguns filhos de santo da casa não curtem tanto o momento da missa e parecem estarem só cumprindo uma obrigação.

É porque cada um tem o sentir, né? ela tem essa ligação muito forte e a gente respeita lógico, mas o que acontece é... eu não tenho muita afinidade, afeto à estrutura católica. Quando eu era menor eu já fui pra igreja porque as vezes a minha família era católica e levava, com seis, sete anos, eles iam dia de domingo e tal, mas não, com consciência eu nunca entrei na Igreja não porque aquilo não me tocava, né? (Entrevista com Pai João Paulo em 20/05/2024).

Padre Rostand fala que seu pai recebia o Preto Velho:

Meu pai recebia o Pai Joaquim de Angola só que a Umbanda daquela época era bastante diferente da de hoje. Não era? era (inaudível)... Mãe Neide: “é a umbanda de Zélio de Moraes, a umbanda branca”. Sempre ele fez essa busca espiritual, só que quando eu encarnei aqui neste estágio de vida eu trouxe pelo menos uma banda do inferno comigo, porque eu nunca vi ser tão atanzado (todos riem). Mãe Neide conhece a história, mas sabe por quê? Porque eu optei pelo certo, eu optei pela luz. Disseram-me muitas vezes “você deve ser um feiticeiro, você nasceu pra ser um feiticeiro” Eu disse “vá você porque eu não quero não!”. Eu quero ser luz, é alto o preço? É alto o preço, sabe por quê? Porque eu aprendi com São Paulo a crescer e dizer: Para mim, falem comigo (o padre pede). - Para mim (todos) o viver é Cristo. - Diga de novo! Todos repetem. - Diga de novo! Todos repetem novamente. Faça de Cristo o seu alvo, o seu amigo. Amém? Amém! E não esqueça das almas santas. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).

Acabado o sermão o Padre inicia a profissão de fé que é a leitura do credo umbandista.

Pe.: Vamos renovar a nossa fé: Creio em Deus, Onipotente e Supremo. Igor, um dos filhos de santo também ler: Creio nos orixás e espíritos divinos que nos trouxeram para a vida por vontade de Deus. Creio nas falanges espirituais, orientando os homens na vida terrena, creio na reencarnação das almas e na Justiça divina, segundo a lei do retorno, creio na comunicação dos guias espirituais, encaminhando-me para a caridade e a prática do bem, creio na invocação dos guias espirituais, encaminhando-nos para a caridade e a prática do bem, creio na invocação, na prece e na oferenda, como atos de fé e creio na Umbanda como religião redentora, capaz de nos levar pelo caminho da evolução até nosso pai Oxalá. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).

Oração da paz:

Senhor Jesus Cristo, que dissestes aos Vossos apóstolos: Eu vos deixo a paz, eu vos dou a minha paz, não olheis os nossos pecados, mas para a fé da Vossa

Igreja, e concedei-lhe a paz e a união, segundo a Vossa Vontade: Padre: Olhe pro seu irmão e diga a sabedoria divina em mim, cumprimenta a sabedoria divina em você. Amém? (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).

Mãe Neide e o padre cantam o “canto da Paz” e os atabaques tocam: *“Abro meu coração na paz de Deus e estendo a mão na paz de Deus pro amigo e irmão, que a paz de Deus seja sempre louvada, pois acima de Deus não tem nada. Me leva a paz de Deus, me leva”* (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).

No cântico para o ofertório foi cantado o ponto dos Pretos Velhos: “Mãe Neide puxa o coro, ao som de palmas e dos atabaques: *as almas dão, as almas dão para quem sabe aproveitar, as almas dão para quem sabe aproveitar na fé de Zambi nosso Pai é Oxalá”* (Diário de campo. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).

Depois da oração eucarística, o padre proclama o prefácio: *“Santo. Santo. Santo é o Senhor Deus do universo. Os céus e a terra proclamam a sua glória, Hosana nas alturas”*.

No momento da eucaristia, o padre pergunta quem quer comer do corpo de Cristo, a hóstia sagrada *“Quem quer comungar? levante o braço. Um! Bora, bora deixem de ser mole (público ri). Dois, três, quatro, cinco, seis, sete...”* (contando as pessoas que levantaram o braço). Alguns filhos de santo e visitantes comungaram.

O padre toca sineta e fala: santo Deus, Santo Imortal, tem piedade de nós. Logo após ele faz a Consagração do pão (hóstia sagrada) *“Na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: Tomai e comei, isto é meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim* (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).

Ao fazer a consagração do vinho, o padre fala:

Tomou o cálice, deu graças e disse: bebei dele todos, pois isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança que é derramado em favor de vós e de muitos, para remissão dos pecados. Todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em memória de mim. O padre levanta a hóstia e o cálice para cima e diz: *“Eis o Corpo e Sangue de Cristo, o Sacramento da nossa fé”* (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).

É Falado: *ó cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo tende piedade de nós.*

Uma coisa que a gente não faz e deveria fazer é interceder diante de Deus pela nação brasileira, pelo povo brasileiro porque estamos vivendo períodos sombrios. Quem tem algum compromisso com Deus penou nesses 4 anos porque o inimigo se levantou pesado e falando em nome de Deus. Perseguição a todo mundo, então passem a fazer isso. Chico Xavier dizia que o Brasil é o coração do mundo e a pátria do evangelho, mas o Satanás não quer que seja. O Lula ganhou, mas vamos rezar pro Lula fazer um bom governo porque

sozinho a treva toma conta. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).

O padre faz uma oração pelas autoridades:

Clamamos ó Pai, em favor de nossos governantes e por todos que exercem autoridade no Brasil para que para que tenhamos uma vida pacífica com piedade e dignidade. Todos: Senhor, que os governantes atuem de modo a contribuir para que haja justiça e liberdade.

Não podemos rezar sem pedir a Deus pelo que estão morando nas ruas, pelos alcoólatras, pelos drogados, pelos prostitutas... olha eram 33 milhões de brasileiros que passavam fome, agora no final do governo Bolsonaro passou para 42 milhões! (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).

Em certo momento, o padre fez duras críticas à Diocese de Maceió pelo tratamento com Pe. Manoel depois que rezou a Missa no Ilê Axé Navizala, na Serra da Barriga em União dos Palmares em dezembro de 2020. De acordo com Mãe Neide, após isso Padre Manoel Henrique passou a ser ameaçado de expulsão da Igreja. Ele teve um derrame e faleceu em 09 de outubro de 2022. “[...] Morreu o Pe. Manoel Henrique faz aquela ostentação, ‘a celebração vai ser na catedral metropolitana, quem vai celebrar é o bispo!’”. Padre Manoel Henrique merece nosso respeito!”.

Todos os presentes rezam o Pai Nosso. Toca a sineta: “Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós. Cordeiro de Deus que tirai o pecado do mundo, dai-nos a paz”. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).

Cântico da comunhão:

Oxalá meu Pai... Mãe Neide puxa o coro e os atabaques cantam : *Oxalá, meu pai, tem pena de nós tem dor, se a volta do mundo é grande seus poderes é maior* (atabaques) e o padre interagindo, os filhos de santo cantam. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022)

Oração pós comunhão:

Alimentados pelo pão espiritual, nós vos suplicamos, ó Deus, que pela intercessão de Santa Bárbara e pela participação nesta Eucaristia, nos ensineis a julgar com sabedoria os valores terrenos e colocar nossas esperanças nos bens eternos. Por nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso filho, que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).

Padre pede para os presentes rezar uma Ave Maria para as almas e depois dá a bênção final:

Vamos rezar uma ave Maria pras almas? Todos: Ave Maria Cheia de Graça... Bênção final: O Senhor esteja com vocês. Olhe, não esqueça o profeta Jeremias: Buscai ao Senhor enquanto se pode achar invocai enquanto está

perto. Se você bater as botas agora e perguntarem lá em cima o que você fez pra ser alvo? comece a pensar nisso! Que o Senhor nos abençoe e nos guarde. *Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).*

Padre Rostand anuncia o cântico de despedida. Mãe Neide puxa o coro: “*Viva todos os orixás, viva a todas as almas e a Deus nosso Senhor, aos mensageiros do espaço eu peço vida, saúde, paz e amor*” (Diário de campo, 04/12/2022).

Uma filha de santo ler a oração de Santa Bárbara:

Ó Santa Bárbara, que sois mais forte que as torres das fortalezas e a violência dos furacões, fazei com que os raios não me atinjam, os trovões não me assustem e o troar dos canhões não me embalem a coragem e a bravura. Ficai sempre ao meu lado para que eu possa enfrentar, de frente erguida e rosto sereno, todas as tempestades e batalhas de minha vida (Palmas). (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).

Welligton, filho da casa, lê a Prece à Iansã:

Saravá Iansã, a grande Guerreira, orixá do raio e vento, que nos ajuda com sua energia a vencer as lutas e dificuldades. Saravá Senhora Rainha dos ventos e das tempestades. Coloco em tuas mãos minhas ações, na luz de tua luz, eu te consagro todos os minutos e horas. [...] Com as força dos teus raios, nós te pedimos que acenda a chama da vida dos que estão desenganados, dê a eles a força para continuar lutando contra a cura dos seus males. Saravá Iansã majestosa Senhora, (proclamação em alta voz, fala efervescente) a vossa proteção em vosso louvor em brados unidos bradamos (filhos da casa em alta voz): “**EPARREI IANSÃ, EPARREI OYÁ!**” (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).

Como podemos ver, a missa no GUESB acontece com diversos ritos de uma missa na Igreja Católica, mas que são interpelados por ritos e canções do terreiro. A exemplo do credo umbandista, do toque dos atabaques, dos cânticos para os Pretos Velhos, entre outros. Chama igual atenção, a forma como a mensagem é passada por Padre Rostand que traz as simbologias da umbanda, fala de evolução espiritual, cita os orixás, fala Pretos Velhos como seres presentes em sua trajetória de vida já que seu pai incorporava esses espíritos. Por fim, gostaria de trazer um trecho da entrevista com Mãe Neide que diz reconhecer a individualidade e a especificidade de Santa Bárbara e de Iansã e o quanto acha importante celebrar as duas em suas formas.

**- A senhora tocou nesse ponto e tem essa consciência que santo é santo e orixá é orixá, né? A missa para Santa Bárbara, a senhora faz em devoção à Santa Bárbara e depois tem o toque a Iansã...A senhora acha importante celebrar as duas formas?**

Ah eu acho! Eu acho! Eu acho elas muito parecidas, eu acho Santa Bárbara sabe... e Iansã... é como se tivesse duas irmãs ou uma referência, entende? Eu sou apaixonada por Santa Bárbara, né? e Iansã, aquela mulher forte, guerreira, fiel! Ao contrário de Santa Bárbara não deixou fazer o que o Pai dela quisesse. Iansã saiu de casa, era a mulher forte que os homens se apaixonaram e Xangô

foi apaixonado por ela e ela disse “ou ela ou eu, eu não aceito ser amante, não aceito dividir! Ela disse: “Ou ela ou eu... eu não divido, eu sou uma mulher única!” (Se referindo as outras mulheres de Xangô: Oxum e Obá). Que enfrentou Ogum, que não aceitou baixar a cabeça porque “o caba era homem e tinha que ser minha...” Não! Iansã foi a única que enfrentou Ogum e ganhou a guerra. É tanto que ela tem quizila no terreiro com várias coisas por causa dessa guerra, né? Só sei que ela não aceitou, guerreou e venceu e disse “não é não, você tem que saber que não é não”! E Santa Bárbara morreu, mas também não cedeu a casar com um homem que ela não amasse, ela não queria e ela preferiu a morte, então são bem parecidas na história. (Entrevista com Mãe Neide em 22/05/2023).

Acabada a missa. Mãe Neide fala sobre Padre Manoel e sobre Deus não habitar em paredes grossas de Igreja.

Fomos pra União para celebrar a missa pra que ele pudesse celebrar, ele sofreu tanto com isso que ficou depressivo. Alguém da Igreja Católica Postou no Instagram chamando ele de herege, então assim, no dia que o ser humano entender que Deus, Jesus, Jeová, Emanuel, Oxalá, paredes grossas de igrejas para separar os filhos que ele não criou nenhuma religião e sim os 10 mandamentos, o mundo vai ser mais evoluído não teremos violência, teremos mais amor próximo. Nós precisamos entender que templos são construídos, como os terreiros, qualquer pessoa. Cabe a nós semear o amor, a gente precisa construir esse mundo cheio de paz e harmonia. Eu acho que no dia que os pastores, os padres, os babalorixás, amarem o próximo como a si mesmo, não haverá guerra, fome, miséria, nem tampouco as doenças, porque as doenças vêm do ódio do nosso coração, da mágoa, do rancor, da destruição da natureza. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Missa de Santa Bárbara em 04/12/2022).

Os ogãs tocam os atabaques e Mãe Neide canta, ao som de palmas: “*O amor é benção que vem de Deus, há quem diga: é só meu! O amor, é de quem quiser e tiver. O amor é a chave de uma razão que sempre tem solução pra tudo que a gente quer...*”.

Começa o Toque para Iansã, há abertura da gira que começa com Exu: “*Exu ô, Exu ô, toma conta da minha porteira, toma conta da minha cancela vou pedir pra Exu pra ser meu sentinela*”. (Diário de campo, 04/12/2022). Enquanto cantam para Exu, dois filhos da casa passam defumando o público que está assistindo a cerimônia. A quartinha e a oferenda de Exu já tinham sido colocadas na entrada do terreiro. Depois há os toques para alguns orixás como Oxóssi, Ogum, Iemanjá, Oxum, Xangô e, finalmente, para Iansã. Poucos minutos após começar o toque para Iansã, Mãe Neide incorpora a orixá que é uma das donas de sua cabeça, há muita empolgação e reverência dos filhos de santo ao ver Mãe Neide incorporada, eles ficam sentados enquanto Mãe Neide, ou podemos dizer Iansã, dança pelo salão.

A sensação que eu tive é que estavam esperando essa hora da festa, o momento que a Orixá homenageada, Iansã, chega. Chovia muito! Era muito lindo, a fragilidade do corpo cansado de Mãe Neide foi embora, estava ali Iansã como

uma ventania, rodopiando no meio do salão, o público que assistia hipnotizado, porque era muito bonito o movimento, a força, o giro; e os filhos de santo estavam eufóricos, entusiasmo muito diferente do momento da missa, onde o padre constantemente chamava a atenção dos presentes para falar mais alto quando respondiam a homilia e alguns filhos de santo faziam cara feia. (Diário de Campo, 04/12/2022).

Ao fim do Toque é trazido um cesto com acarajé e frutas, sentamos no chão e a comida é partilhada. Todos cantam: “*Quem me dá de comer também come, quem me dá de beber também bebe*”. (Diário de Campo, 04/12/2022).

### 3.3 “Eparrei, Iansã. Eparrei, Dona do raio”: festa de Iansã, 2023

#### 3.3.1 Preparativos

Cheguei no terreiro às 16h20 do dia 30/11, quinta-feira, a festa de Iansã seria dia 02, no sábado. Fui com antecedência para dormir lá e passar os três dias:

A segunda festa que eu julgo ser mais importante para acompanhar no GUESB, eu acho que é a festa de Iansã e Santa Bárbara, é bem importante. Por tantas coisas, mas dentre elas porque eu iniciei as minhas visitas no terreiro, em uma festa de Santa Bárbara e Iansã, em dezembro de 2021, antes de iniciarem as minhas aulas no mestrado (Diário de campo, 30/11/2023).

Conversando com Pai João Paulo no dia da louvação dos ciganos, ele me explicou que louvação não é uma festa, louvação é algo mais simples. A louvação aos Ciganos foi uma gira para a cigana Zaira de Mãe Neide, teve função no dia, teve preparação da comida, arrumação de oferendas para o povo cigano, mas foi uma louvação restrita somente aos filhos de santo. Pai João Paulo diz que há festas no GUESB que são fundamentais, são elas: o Alubajé e saída de todos os orixás; a festa de Exu; a festa de Caboclo, o culto à Iemanjá na praia, e dentre essas festas, as duas que não podem deixar de acontecer: “A feijoada e o Acarajé” referindo-se à festa dos Pretos Velhos e o Toque de Iansã. São festas que, segundo ele, “a Mãe não abre mão” (diário de campo, 31/05/2024).

A referência ao acarajé é feita porque é a comida de Iansã, é a chamada bola de fogo, em iorubá, *Akará* significa bola de fogo e *je* significa comer.

Ele tem essa forma arredondada, miticamente ele representa uma bola de fogo. Sabe como ele nasceu? Todos os dias, Oxum mandava Oyá levar a comida de xangô, ela levava num *ajirê*, uma grande panela de barro. Todos os dias, Oxum preparava aquela iguaria para o rei Xangô [...] Oxum prepara belos akarás e coloca em numa panela toda coberta, chama Oyá e diz: “Oyá, (Oyá quer dizer rápida) leve essa panela com esta comida, este *ajeún* para Xangô que ele está esperando”, então, Oyá tranquilamente e inocentemente pega aquela panela cheia de akarás e põe na cabeça e vai tranquilamente levar para Xangô, mas ela nunca perguntou, nunca teve a curiosidade de perguntar: “O que tem aí dentro?” Ela nunca fez isso! Então quando ela estava quase saindo de dentro do palácio de Oxum, Oxum astuciosamente disse: “leve isso a Xangô, mas não veja o que tem dentro!”. Oyá olhou pra ela e seguiu, ali já

não foi a mesma mulher que tinha colocado a panela na cabeça, ela ficou atenta para um detalhe, ela sempre levava e porque naquele dia Oxum disse: “Oyá não olhe o que tem dentro?” Aquilo chamou a atenção de tal forma que ela seguiu rapidamente o caminho, olhou pra esquerda, olhou pra direita não viu ninguém... então ela disse “agora eu vou ver porque ela me disse isso”, então ela arriou a panela e quando ela destampou subiu muita labareda e ela assustada fechou a panela e mais assustada ainda ela disse “sim, agora eu sei o que o rei come, o rei come *inã*, o rei come fogo, o rei come acará, bola de fogo!” (Vovó Cici de Oxalá, 25/11/2022 – Transcrição audiovisual<sup>94</sup>).

Eu, Yá, Fátima e Vitinho começamos a cortar os quiabos lá na cozinha da vó por volta de umas 21h30, Luzia e Wellington chegaram depois pra nos ajudar. Tinha uma boa quantidade de quiabo para fazer o caruru dos acarajés, cortamos panelas de quiabo, quando achávamos que estava acabando surgiam mais quiabos e rimos. Após cortar os quiabos, eu e Fátima fomos descascar as cebolas, Wellington bater as cebolas no liquidificador e Luzia, Yá e Vitinho foram cortar os maracujás e separar as polpas para fazer o xequeté<sup>95</sup>. Terminamos as 2h10 da manhã do dia 01/12. Yá foi preparar macarrão para gente e fomos dormir às 03h00 no salão do GUESB.

Acordamos por volta das 10h00, um dos assuntos mais comentados era sobre o risco de rompimento<sup>96</sup> da mina 18 que poderia acontecer a qualquer momento, Maceió estava em alerta. Maria<sup>97</sup>, uma das ekedis do GUESB, tinha chegado, fizemos uma cotinha para comprar os mantimentos do almoço. Depois que almoçamos, fui fazer uns fios de contas com Vitinho, ele me chamou para ajudá-lo, eu não sabia se poderia fazer e fui perguntar a Luzia que disse que sim. Vitinho explicou que as contas ainda iam ser mergulhadas na alfazema e aí se transformariam no sagrado, antes disso eu poderia tocar. Depois Fátima lavou os pratos e eu fiquei pra varrer e passar pano na cozinha e assim o fiz, deixando a cozinha limpa para quando Mãe Neide, que estava em União dos Palmares, chegasse. Para mim, faz parte do meu trabalho participar dessas tarefas no terreiro porque realmente é imergir no campo, é se inserir na dinâmica de atividades do campo e sair dessa posição de só observar e fazer perguntas que vai contra o fluxo de movimentação no terreiro e mais, acho que é retribuir ao orixá, em forma de cuidado, de zelo, a permissão por eu estar lá falando do seu sagrado.

<sup>94</sup> Disponível em: < <https://www.instagram.com/reel/CIZGeAepl2d/?igsh=MTV0YTJ4ZDExbTd6cw%3D%3D>>. Acesso em 11 dez. 2023.

<sup>95</sup> Bebida tradicionalmente afro-brasileira à base de maracujá e gengibre.

<sup>96</sup> O risco de desabamento da mina 18, umas das minas de salgema da petroquímica Braskem, foi ocasionado pela movimentação do solo causado pela extração irregular de salgema em área urbana. Desde do ano de 2018, milhares de pessoas, moradores de mais de cinco bairros de Maceió – Bebedouro, Mutange, Farol, Pinheiro e Bom Parto – tiveram de deixar os seus lares, seus lugares de vida e memória, muitos morrerão de depressão e tristeza. Outras comunidades, a exemplo da comunidade dos Flexais, ainda permanecem nas áreas de risco pedindo realocação.

<sup>97</sup> Filha da Orixá Nanã.

Na parte da tarde, foram chegando mais filhos de santo que foram varrer o terreiro e limpar a cozinha da vó. Mãe Neide chega e traz mais quiabos para serem cortados. À noite, com a chegada de mais filhos de santos, começaria a preparação do caruru.

[...] Levou aquela panela a cabeça e seguiu o caminho e chegou muito rápida e chegou muito assustada, tão assustada que aquilo chamou a atenção do rei. Como sempre, ela se ajoelhou, pegou a panela, amostrou o rei e colocou na sua frente. O rei olhou para a panela e olhou fixo para o rosto de Oyá, olhou para a panela e Oyá fixamente olhava pra ele. Então foi o momento que ele disse, você sabe o que o rei come? Ela disse - “sim”. - O que o rei come? Ela responde: “-Fogo!” Pela segunda vez, ele perguntou: “Você viu que o rei come?” – “Fogo!” “E pela terceira vez: -“você viu o que o rei come?” e ela disse: “sim”. Quando ele destampou, as labaredas subiu, subiu e ela muito assustada viu quando o rei encheu sua mão de fogo e começou a engolir, como se aquilo fosse a iguaria mais deliciosa do mundo, então ela olhou, olhou pro rei e o rei disse “coma também” desafiadamente ela botou a mão no fogo e começou a comer, novamente comia, comia sem saciar aí o rei disse: agora você conhece o meu mistério, agora você sabe o que rei come. “O que o rei come?” E ela disse: - “fogo”. Então, ele disse: “como você descobriu o segredo do rei, de hoje em diante você será a minha esposa!” Daquele dia em diante, eles não só comiam fogo como Xangô atirava bolas de fogo da boca e ela também, com sua mãozinha, atirava longe, ele fazia o trovão e ela fazia o raio, ele jogava o trovão e ela, o raio. Então, o mundo nessa noite quase se acabou de tantos raios e trovões que caíram sobre a terra. A história conta que das três esposas de Xangô essa foi a mais leal. (Vovó Cici, 25/11/2022. Transcrição audiovisual).



50

50. Corte dos quiabos



51

51. Panela de caruru

Luzia e Yá foram limpar o quarto de Iansã. O quarto de Iansã fica ao lado do quarto de Oxum, na porta tem as saudações para a orixá “Eparrei Oyá” e umas borboletas desenhadas,

dentro é possível ver muitos assentamentos na cor vermelha e algumas indumentárias de cabeça e símbolos da orixá como os chifres de búfalos. Teve um momento que Yá saiu correndo porque enquanto estavam limpando alguém pegou os chifres de búfalo e ficou batendo um no outro, esse gesto pode fazer os filhos de Iansã virarem no orixá, pois, segundo a oralidade dos mais velhos, esse era o sinal que Iansã ensinou aos seus nove filhos para chamá-la quando ela não estivesse por perto e precisassem dela.

Igor defumava as pessoas presentes no terreiro. Momentos depois, alguns filhos de santo junto com Luzia foram despachar algumas cargas que estavam queimando na fogueira no fundo do terreiro. “Cargas” são sobras das obrigações, sobras de comidas do ritual do bori, penas de animais sacralizados, tinha guias também, esteira, elas são queimadas antes de serem despachadas em algum lugar propício. Juntaram as cinzas com o resto das cargas, colocaram em um carro de mão e levaram para despachar. Eu não pude acompanhar.



52

52. *Quarto de Iansã*



53

53. *Limpação das Cargas*

Um pouco mais a noite, Júnior, Ogã da casa e filho de sangue de Mãe Neide, faz o descarrego de pólvora no terreiro para limpar as energias. Não era permitido ficar lá quem não era filho de santo. Observei de longe, pois não podia acompanhar: *Foi feito um caminho reto que seguia em direção à saída do terreiro, eu e algumas pessoas que ainda não são batizadas ou iniciadas ficamos longe, dentro do salão. Estávamos próximo a escada que dava para a entrada do GUESB, pediram para não ficarmos na saída, nos afastamos. Fizeram uma reta no chão. Saudaram a Exu: (Laroyê!) rezaram um Pai Nosso, pediram licença aos orixás,*

começando por Ogum, Omolu, Xangô, Ossain, Tempo, Oxumaré, Iansã, Nanã, Iemanjá, Obá, Oxalá; aos Pretos Velhos; aos Caboclos; aos erês e ao povo cigano. Mais uma vez saudaram a Exu (Laroyê) e cantaram: “Descarrega, Exu, leva para o meio da encruzilhada, descarrega Exu o caminho da pólvora, incendeia...Laroyê, Exu”. (Diário de campo, 01/12/2023).

Igor e Carlos arrumam os arranjos de flores vermelhas e brancas para Iansã, colocam um balaio com flores em cima da mina da casa.



54.

54. Flores para Iansã

Por volta das 21h10 começam a preparar o caruru, a Ekedí Maria, Lannay, Yá, Igor, Carlos, o Ogã Carlos Popó, Rayane se reparam para mexer as panelas.

Ekeki Maria pede pra Val separar os camarões, cantarolam “Mãe Oyá eu cheguei agora, Mãe Oyá quando eu for embora”... Val exclama: “Oia eu, Oyá!”. Popó mexe a panela com força, Maria Ekeki pede para virem experimentar, “vem cá experimentar porque eu não sou fã não, é bom experimentar quem gosta”. Cantam: *Eparrei, Iansã, Eparrei dona do raio. Eparrei, Iansã, eparrei dona do raio. Oyá ventania me balançou, Oyá me segura se não eu caio*, nesse momento Val brinca que está incorporando e fala: a ekeki nem pra me segurar (risos). (Diário de campo, 01/12/2023).

Continuam os preparativos da comida...

Que vento que vento que ventania que furacão, que chuva, que chuva, que chuarada que cai trovão. Maria: - Alguém pode pegar o liquidificador? – Lannay: Trouxe a minha roupa? Val: Quais são as comidas de amanhã? Respondem: - Vatapá, Caruru e acarajé. Lannay pergunta e “aquele ponto como é?” Oyá... (Diário de campo, 01/12/2023).

Fomos para o salão por volta de 23h30 dormir, tinha mais gente que no dia anterior, tivemos que nos organizar melhor nos colchões. Acordei às 7h30. Um tema pertinente eram as roupas da festa. Haviam se organizando para todo mundo usar a roupa branca junto com algumas peças que foram feitas com o tecido usado na ornamentação que era vermelho, nas cores de Iansã, mas algumas pessoas não sabiam desse combinado e levaram roupas coloridas para usar. Depois, fizemos uma cotinha para comprar os alimentos do café da manhã e do almoço.

Por volta das 13h00, do dia 02 de dezembro, a massa do acarajé começa a ser preparada. Luzia, Lannay, Ekedi Maria batiam a massa de feijão fradinho e Igor, Dan e os demais fritavam os acarajés no dendê.

Durante o almoço comentaram “graças a Deus que não vai ter missa porque, sinceramente, só a mãe gosta!”. Eu já havia notado desde quando comecei a visitar o GUESB antes do início da pesquisa de campo que, pelo semblante de alguns filhos da casa, a missa não era tão atrativa. Já havia conversado com Luzia, ela disse que não gostava da missa porque durava muito tempo e quase não havia tempo para o Toque. Tia Nete também disse “não sou muito chegada a Missa não, nunca fui” (diário de campo, 02/12/2023). Outra filha de santo me fala: “vai ter missa não, é alegria deles, é o que eles queriam porque nenhum deles gosta na verdade (risos)” (diário de campo, 02/12/2023).

Ao longo do dia, ajudei a cortar palhas de coqueiro para a ornamentação dos quartos dos santos, ajudei lavar as frutas que iam ser servidas no *Ajeum*<sup>98</sup> na hora da festa, separei os camarões para fazer o pó de camarão para o vatapá, ajudei Dan fazer um balaio de pão, bolo e flores brancas para Oxalá.

Em uma dessas atividades, conversando com Eli, uma abiã da casa, que ainda não fez seu santo, só foi batizada, ela me contou que era católica antes de entrar no terreiro, então a perguntei se, para ela, havia distinção entre pedir à Santa Bárbara e à Iansã.

**Quando você faz uma prece a Santa Bárbara, você acha que pode chegar a Iansã? Ou você acha que não, que é separado?**

Eu prefiro que sejam feitas de forma separada. É porque eu não sei como pedir, nunca soube na verdade, mas hoje eu peço aos orixás e à pessoa que eu sempre pedia: Nossa Senhora Aparecida. Eu era católica, fiz eucaristia, fiz crisma, fui professora de catequese, inclusive tenho muitos afilhados desse período. Na minha concepção uma coisa não exclui a outra porque tudo constitui meu processo. Eu entendo a problemática que foi igreja, que ainda é! Mas assim como os orixás, os santos católicos não têm culpa! Eu sou muito apegada a Nossa Senhora Aparecida. Eu tenho uma imagem pequenininha que a própria Mãe Neide me deu, e também a Padroeira de União dos Palmares, Santa Maria Madalena, é uma santa à qual tenho muito apego porque, culturalmente, fui

<sup>98</sup>Palavra em yorubá que significa comer junto.

ensinada desde pequena a ir para a procissão dela. (Transcrição de áudio conversa com Eli em 02/12/2023).

Eli fala da perseguição das igrejas evangélicas e católicas aos terreiros e dos preconceitos sofridos por ser mulher negra, de terreiro e lésbica.

Membros da igreja católica e da evangélica se juntam para atacar os terreiros. Quando entrei, meus "amigos" falaram horrores, inclusive um chegou a me dizer que rezaria por mim para eu encontrar o caminho da luz, que se eu conhecesse a palavra, não estaria nessa situação. Aí eu ri. Muita coisa dentro da religião não condiz. A igreja não assume o que fez ou o que faz, pregam uma imagem de um Deus que abomina a sua própria criação, que vai jogar no inferno todo um grupo que já nasceu de determinada forma. Eu quero distância desses amigos! Pra completar, ainda tem a questão política! Uma parcela enorme desses religiosos apoia governantes que constantemente propagam discurso de ódio! Essas pessoas que se dizem amigas, apoiam falas e condutas que abominam diversas existências. Porque sou lésbica, mulher negra e de terreiro, estou condenada ao inferno que eles acreditam? Eu iria para o inferno por amar, por pregar a minha fé? (Transcrição de áudio conversa com Eli em 02/12/2023).

Para Eli, “os santos foram pessoas que andaram na terra e fizeram algo que marcou e que na época eles não eram vistos como santo, mas como hereges!” (Diário de campo, 02/12/2023).

Os acarajés foram todos fritos, colocados nos balaios junto com as frutas. Com o salão arrumado e banheiro limpos, às 18h20 as portas do GUESB se abriram para receber os convidados para mais um toque de Iansã.



55

55. Arrumação dos balaios de Iansã



56

### 56. Balaios com acarajés e frutas

No início da noite se forma uma fila no banheiro para tomarmos banho e nos arrumarmos. Quando saí do banheiro a mesa do batismo estava pronta, tinham seis pessoas para se batizar.

#### 3.3.2 Batismos

O toque de Oyá começa às 19h40, os filhos se reúnem no salão que já está lotado e todo ornamentado nas cores vermelho e branca, seja nas flores, nos tecidos que ornamentam as paredes do salão, nas roupas dos filhos de santo, assim como no tecido que veste a mina da casa.

Mãe Neide entra no salão e faz uma breve fala:

Quero que vocês sejam bem vindos à louvação de Oyá. Quero dizer da minha alegria, da minha gratidão por ver a casa tão bonita, tão cheia de energia positiva, tanta gente nova chegando e hoje temos seis batismos, me deixa muito mais feliz, é a perpetuação da nossa fé e da nossa religião. Então quero que vocês participem dessa energia, abram o coração para receber coisas positivas e pedir ao Olorum, à Oyá que leve para o espaço tudo que não serve para estar perto da gente. Agora eu queria que todo mundo ficasse de pé, eu como uma velha rezadeira que nasci dentro do catolicismo, mas que fui a única da família a seguir Umbanda, entre os 114 netos fui a única a seguir. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim em 02/12/2023).

Mãe Neide pede para que rezássemos a oração do Pai Nosso em intenção aos moradores das áreas afetadas pelo crime ambiental da Braskem e que estavam na zona de perigo do rompimento da mina 18:

Eu queria que a gente rezasse o Pai Nosso em intenção do anjo de guarda de todos nós, mas esse Pai Nosso também que se estenda por toda a nossa cidade e o nosso estado nesse momento tão difícil que a nossa cidade tá passando, tá

atravessando, então que o mundo astral, que nosso Pai, Olorum, abençoe toda a nossa Maceió, que o desastre seja menos do que estão pensando, que não tenha mais sacrifícios de vida humana e que tudo saia da melhor forma possível, sofrer nós já estamos sofrendo, sofrer as famílias já estão sofrendo com as perdas, mas que a partir de agora Deus e a nossa Mãe Natureza segure com calma, nos dê um agô, nos dê uma misericórdia, nos dê um alento por esse acidente, por esse crime! Que tenha misericórdia de todos nós, de todos aqueles que estão sem os seus lares, de todos aqueles que vão ter que abandonar as suas casas e que nada de mal aconteça e que Deus dê forças para que recomecem e que os nossos governantes cada dia sejam mais sensíveis à causa e que tenham mais amor e mais cuidado ainda com o nosso próximo. Então esse Pai Nosso eu quero destinar para toda essa energia do dia de hoje, principalmente, para os nossos irmãos que estão passando por esse apereio hoje. Mãe Neide chama o coro e é rezada a Oração do Pai Nosso. (*Transcrição de áudio de gravação feita por mim em 02/12/2023*).

Antes de iniciar o toque começam os batismos, a celebração é dirigida por Mãe Neide, Mãe Luana Xavier, filha de Iansã e neta de Mãe Chica Xavier, e Pai João Paulo de Obaluaê, filho de sangue de Mãe Neide. “E eu gostaria de convidar a minha família, Mãe Luana do cercado de boiadeiro e nosso Pequeno João Paulo de Obaluaê para que eles conduzam junto comigo a cerimônia do batizado”.

Mãe Luana: “Boa noite para quem é de boa noite, a bênção pra quem é de a bênção, Kolofé, MuKuiú, Montumbá” (Diário de campo, 02/12/2023). Kolofé, Mikuiú, Motumbá, são palavras africanas em bantu e yorubá que significam uma saudação de bênção, de respeito.

Mãe Luana dá início a cerimônia saudando Oxalá

- Salve o nosso pai Oxalá! (3x).  
 - Salve! (3x) (público responde). Com a ajuda de Deus, nosso Pai, imploramos aos guias de luz as vibrações benéficas que necessitamos para manter o nosso trabalho em perfeita ordem e harmonia, erguemos os nossos pensamentos ao astral, elevando as nossas preces e nossos cânticos aos orixás certos de que, a mercê de nossa fé, obteremos às graças que precisamos (transcrição de áudio, 02/12/2023).

Após, Mãe Luana saudar Oxalá, inicia a saudações aos demais orixás e entidades:

Sarávamos Oxóssi: - Okê Aro! O Deus da caça, chefe da falange dos caboclos, suplicando de suas luzes, o bálsamo na consolação para que nossa mente se torne mais firme na missão de ajudar os irmãos sofredores.

Na poderosa vibração de Ogum... - Ogunhê! Teremos a proteção que emana da força.

Sarávamos Xangô! - Kaô Kabecilê! Suplicamos de suas falanges proteção.

Sarávamos Iansã! - Eparrei oyá! A deusa dos ventos e das tempestades

À Iemanjá! - Odojá!

À Mamãe Oxum! - Ora yê yê;

À Nanã Baruquê! -Salubá, Nanã!

À Omolu e a Obaluaê - Atotô

A todas as falanges poderosas suplicando benefícios espirituais afim de que possamos distribuir entre nossos semelhantes.

Sarávamos Ibejada! - Erê Mim! Pedindo que nos ajude a vencer todas as nossas lutas.

Aos bondosos Pretos Velhos! - Saravá! Sábios, humildes que são grandes trabalhadores, pedimos que nos esclareça, nos ajude a manter a união, a paz, a harmonia entre todos os nossos irmãos de fé.

Salve aos arcanjos São Miguel, São Gabriel, São Rafael.

- Salve

Salve Santo Antônio, São Benedito e a Virgem Imaculada Conceição

- Salve (Transcrição de áudio de gravação feita por mim em 02/12/2023).

O batismo no GUESB é um primeiro passo para a iniciação. É um rito de passagem porque ao passar pelo rito do batismo, a pessoa batizada aceita ser da umbanda dando o seu primeiro passo iniciatório na religião, mas ainda deverá cumprir os outros ritos de iniciação para ser um *yawô*. Na igreja católica a pessoa batizada deixa de ser um pagão porque foi batizada nas águas do Espírito Santo assim como há outros sacramentos a serem cumpridos com o passar dos anos como a primeira comunhão, a crisma, entre outros. No GUESB, o batizado não tem a ver essencialmente com o batismo na igreja católica, mas, assim como na igreja católica, o batismo no GUESB é um rito pré-iniciatório para as futuras possíveis feitura. Ao se batizar o iniciante passa a ser visto como alguém de dentro do terreiro, não que antes já não fosse, até poderia já ser visto dessa maneira, mas o batismo é a aceitação do noviço e a confirmação pública perante os filhos de santo da casa.

Para fazer o jogo divinatório e saber o seu orixá não precisa se batizar e pode acontecer da pessoa que se batiza ainda não sabe seu santo. Vitinho, que tem 13 anos, entrou no GUESB há mais de quatro anos, frequentava o projeto, a ONG Inê, e passou a frequentar o terreiro. Seu orixá é Oxóssi, ele ainda não é feito no santo, mas já é batizado e está presente em todas as atividades do terreiro, seja na limpeza do terreiro, organização do salão, na gira. Vitinho me diz que a pessoa não iniciada usa as guias de Oxalá, Preto Velho, Oxum Opará que é uma qualidade de Oxum, é a Oxum de Mãe Neide, a coroa da casa. Por falar em Oxum, umas das batizadas foi Tayla, ela tem quatro meses, é filha de Tayná e neta de Mãe Ana. Na quinta-feira dia 30, Tayná nos falou que a bebê ia ser batizada no sábado.

Antes de iniciarmos a cortar o quiabo, ficamos conversando em frente à casa dos Pretos Velhos, lá estavam Tayná e sua filha Tayla, respectivamente filha e neta de Mãe Ana, Tayná disse que no último xirê a Oxum tinha pegado Tayla nos braços e levado ao quarto de Oxum, aí ela disse: “depois disso eu posso fazer mais o que?” (Diário de campo, 30/11/2023).

Acerca da necessidade do batismo, Pai João Paulo e Mãe Neide apresentam visões diferentes sobre o ritual. Para Pai João Paulo,

O Batismo não é algo africano, é algo branco colonial que foi incorporado a essa prática religiosa utilizando elementos da tradição africana. O batismo foi algo criado que a nossa filosofia de vida religiosa independe do batismo, muita

gente se batiza, mas para a questão do conceito religioso, ele não tem fundamento nenhum porque o orixá não depende de batismo, o iniciado não depende do batismo, foi algo que se criou e se faz. (Entrevista com Pai João Paulo em 20/05/2024).

Para Mãe Neide,

**- Mãe, queria que a senhora falasse um pouco sobre qual a importância do batismo.**

Olhe, o Batismo é estreitar os laços de você com a religião, com a casa, com a energia da casa, mas quando você vai fazer bori, se você não é batizado antes, você tem que se batizar na hora do bori.

**- Se eu for me iniciar e não for batizada, eu tenho que fazer na hora?**

Tem! Tem que fazer na hora. Como é que você vai botar um acaçá na cabeça sem ser batizado, sem ser cruzado com os elementos da religião? (Entrevista com Mãe Neide em 22/05/2024).

Enquanto para Pai João Paulo o batismo deriva de “algo branco colonial”, para Mãe Neide é parte essencial para a iniciação no santo e na construção de elo com a nova casa e família de santo. Para ela, todas as religiões tem o batismo e o batismo do GUESB é um ritual comum à tradição da sua religião.

**- Mãe, tem os elementos da religião de matriz africana, mas lembra muito os elementos da Igreja Católica são parecidos, não tudo, mas tem coisa que parece.**

Como assim? A água? A água é da quartinha do santo.

**- Na igreja você deixa de ser pagão quando se batiza, muda um status...**

Se você faz o ritual do batismo, você muda. Você tá se iniciando na religião, né? Está estreitando os laços na religião, o batismo é uma forma de dizer “eu agora sou do santo, eu agora faço parte da religião”. Entendeu? Batismo tem em toda religião, não é só da Católica. Todos eles têm o ritual da água. (Entrevista com Mãe Neide em 22/05/2024).

“Cumprindo as ordens do nosso Pai Oxalá, damos início aos nossos trabalhos de hoje. Que assim seja! - Que assim seja!” (- Mãe Luana Xavier, diário de campo, 02/12/2023). Era uma mesa grande forrada com uma toalha branca com cinco recipientes de cerâmica, cada recipiente tinha três compartimentos, cada compartimento tinha os elementos do batismo: ori, pomba e mel. Na mesa havia toalhas brancas também, velas e alfazema. Tinha uma bacia branca e uma jarra de metal com água. Um crucifixo com a imagem de Jesus. Todos os elementos são importantíssimos para o batismo, uma abiã da casa ia se batizar junto com sua filha de dois anos, mas não estava com a vela na ocasião, então só se batizou a sua filha.



57

57. *Mesa do batismo*

As velas são acesas e Mãe Luana começa a cantar o ponto:

Encruza, encruza, encruza, encruza com pemba, encruza. Encruza, encruza, Encruza na Fé de Oxalá encruza.

(Passando a pemba em cada um que ia se batizar fazendo os gestos de cruz e assim repete com os outros elementos.)

Encruza, encruza, encruza com ori, encruza. Encruza, encruza, encruza na fé de Oxalá encruza.

Encruza, encruza, encruza com mel encruza. Encruza, encruza, encruza na fé de Oxalá encruza.

Encruza, encruza, encruza com água, encruza. Encruza, encruza, encruza na fé de Oxalá encruza. (Diário de campo, 02/12/2023).

Segundo Welligton, esse ponto cantado por Mãe Luana no momento do batismo é “ponto de fundamento, como na Igreja católica, tá batizando como se fosse na Igreja católica, eu fui batizado em 2014” (Diário de campo, 01/12/2023). Welligton foi batizado em 2014, mas só fez o santo durante a pandemia em 2020.



58

### 58. Elementos do batismo

Como Pai João Paulo havia falado, cada elemento desse: a pemba, o ori ou a banha de ori, a água e o mel são elementos utilizados na tradição africana e cada um tem um fundamento específico.

A gente utiliza os elementos de força vital da religiosidade do candomblé e da Umbanda que é o mel, né? O mel tem uma simbologia quando você coloca o mel na cabeça de uma pessoa você tá colocando o sentimento, a emoção, é o prazer. O mel ele traz essa questão humana de sentidos. (Entrevista com Pai João Paulo em 20/05/2024).

A Pemba uma espécie de pedra de giz é usada para fazer marcações no corpo da pessoa que está se batizando, alguns riscos em formato de cruz.

A pemba vem de extração mineral, ela simboliza o renascimento o poder da criação, a pemba é a utilização do *éfun*, a pemba é Angola. Ficou dessa forma “pemba, pemba, pemba” mas o *éfun*, ele é utilizado originalmente para os iniciados em Obatalá. Obatalá é a divindade do branco. Aqui no Brasil se chama Oxalá, mas tá dentro dessa categoria de Orixás *funfum*. O iniciado de Obatalá na África é todo pintado. Aqui no candomblé se pinta, mas se perguntar a muita gente não vai saber. Os iniciados de Obatalá são pintados. Obatalá é a divindade que modelou os seres humanos. Cada Orixá ficou com sua função, Obatalá veio para modelar o nosso corpo. Então quando a gente pinta a gente tá fazendo referência a isso. A gente cruza a pemba no batismo

nessa função dos orixás *funfum*, é o poder da criação, da renovação. (Entrevista com Pai João Paulo em 20/05/2024).

Outro elemento é a banha de Ori que também é passada no corpo de quem está se batizando:

-Quando você é iniciado quando você fazia as suas *berís* (incisões no corpo) é colocado pó, a banha de ori, uma banha vegetal ou animal, aqui no Brasil é vendido como banha de carneiro e bota umas essências, mas é uma banha específica com ervas. A banha de Ori tem o sentido curar, tem o poder curativo de regenerar, ajuda a cicatrizar

**- Aqui tem esse rito de fazer as incisões?**

-Não, não tem, antigamente se fazia a mãe, mas depois de um tempo não se fez mais. (Entrevista com Pai João Paulo em 20/05/2024).

Por fim, o fundamento da água que é utilizada para lavar a cabeça da pessoa que está se batizando.

O fundamento da água é a vida, o movimento, a maior parte do nosso corpo é água, né? Nós somos gerados dentro da água, a placenta é composta de água, então nós não somos gerados sem *Omi* (água). É tanto que na quartinha tem sempre água porque água é alimento, é a vida. *Kosi Omi, Kosi ewe, Kosi ewe, Kosi orisà*, sem água, sem folha, sem folha, sem orixá. Então a água tem o simbolismo de vida (Entrevista com Pai João Paulo em 20/05/2024).

Mãe Luana toca a sineta, canta e joga água benta: “Nas águas do Rio Jordão, São João batizou Cristo, Cristo batizou João, eu batizo a Tayla nas águas do Rio Jordão, eu batizo a Iara, eu batizo o Paulinho, eu batizo o Flávio Eduardo...” em seguida canta:

*Correu, Correu o Rio de Jordão, Correu, Correu o Rio de Jordão, onde Cristo foi batizado com seu filho Salomão* (Diário de campo, 02/12/2023).

Perguntei a Carlos, filho de santo, qual a relação entre Cristo e Salomão, ele me disse que eram de filhos espirituais, Salomão é filho espiritual de Cristo (Diário de campo, 13/05/2024). Em entrevista com Pai João Paulo perguntei se essas referências a Cristo e a Salomão no Rio Jordão, vinham do catimbó que, como mostrei no capítulo anterior, Salles (2010, p. 90) denomina complexo de Salomão que seriam orações e rituais com origens na tradição mágico-religiosa europeia e Puentes (2021, p. 51) como parte das cosmologias da Jurema nas quais entre as entidades destaca-se o Rei Salomão.

As referências ao Rio do Jordão aparecem em orações e diversas toadas, como no exemplo seguinte, registrado em uma sessão de consulta, no Centro Espírita Rei Malunguinho, em Alhandra:

O Rio e o Rio  
E o Rio do Jordão  
E tão bonito é o Rio  
E viva o Rei Salomão (Bis)  
E quem quiser ciência  
Vá buscar lá no Rio do Jordão  
Salomão me deu ciência

Lá no Rio do Jordão... (Salles, 2010, p. 92).

**-E sobre esse diferentes cultos, o Catimbó, a Umbanda... falando sobre o batismo, eu me lembrei que tem pontos que a Mãe Neide canta sobre o Rio Jordão que remete a Cristo que foi batizado com seu filho Salomão.**

- Filho no sentido espiritual, é Cristo, a Trindade. Salomão também é filho. É voltado ao catimbó. (Entrevista com Pai João Paulo em 20/05/2024).

Ao som de palmas e da sineta, Mãe Luana encerra o batismo. Cantam: “*Na lei de umbanda ele foi batizado, na lei de umbanda ele foi coroado*”. Continuam cantando em direção aos batizados com a mão estendida, *Senhor Ogum desceu Sua coroa, Senhor Ogum desceu Sua coroa, abençoa esses filhos meu Pai, abençoa. Senhor Oxóssi desceu, sua coroa, abençoa esses filhos, meu pai, abençoa. Oxum desceu sua coroa, abençoa esses filhos mamãe, abençoa...*

A descrição do batismo ajuda as leitoras compreenderem as multiplicidades rituais dentro do GUESB, apesar de não tido missa na celebração de Santa Bárbara, como geralmente acontece antes do Toque à Iansã, houve os batismos que, pelo que pude perceber, para grande parte dos filhos de santo não são vistos como algo da Igreja Católica diferente de como a missa é percebida. Os batismos são lidos como um rito iniciatório e apesar de nessas práticas terem ritos ditos “coloniais e brancos” são ressignificados por meio da utilização de elementos da religiosidade de tradição africana que torna os batismos um ritual próprio da Umbanda Nagô do GUESB.

### 3.3.3 Louvação à Iansã

Mãe Neide: Louvado seja o Senhor Jesus Cristo.

- Para sempre seja louvado

Mais do que Deus?

- Ninguém.

Início do Toque:

Cântico para Exu. “*Exu ô, Exu ô, toma conta da minha porteira, toma conta da minha cancela, vou pedir para Exu pra ser meu sentinela*”. Nesse momento, a quartinha e o padê de Exu são levados para a entrada do terreiro.



59

59. *Padê de Exu*

Ogã Júnior: “Salve as folhas!” -Salve! “*Corre gira pra Ogum, filhos que se defumar, umbanda tem fundamento, é preciso preparar, com incenso e benjoim, alecrim e alfazema, pra defumar filhos de fé com as ervas da Jurema*”. Dois filhos da casa passam defumando todos presentes no salão.

- Salve as folhas!

-Salve!

Mãe Neide: “Vamos pedir licença a Zambi, a Oxum e Iemanjá para abrir nossos trabalhos com a bandeira de Oxalá. Saravá as almas!”



60.

### 60. Início da gira

Em uma linha cronológica, é cantado para:

*Ogum* – Ogum é meu Pai, Ogum é meu guia, Ogum é meu guia, filho de Deus e da virgem Maria... “Ogunhê!”

*Oxóssi* – gritam: “Okê Arô!”

*Oxumaré* – saudam: “Arroboboi!”

*Ossain* – “Fui na mata, sua mata, colhi folhas pra curar, ô Ossain, na mata é seu lugar...”

Se encurvam para Luzia que é filha de Ossain.

*Omolu*: Atotô! Oh meu Omolu, oh meu orixá...

*Nanã*: Saluba, Nanã!

*Oxum*: Rodrigo, ogã de Oxum, os abençoa!

*Iemanjá* – eu vou levar, eu vou levar flores pra o mar...

*Xangô* – Em todas as vezes que Xangô chega é uma energia forte de seus filhos incorporados. Mãe Neide diz: “Quem somos nós para te pedir justiça, a gente pede a tua misericórdia. Em nome do Olorum maior, pedimos a tua misericórdia.”

### 3.3.4 “ Mãe de Misericórdia, protege todos os filhos”: Intercessão à Iansã

Antes de começar o Toque para Iansã, Mãe Neide faz uma prece a orixá. Uso o termo *prece* aqui em seu sentido comum de forma a designar um pedido, uma súplica, uso esse termo, pois pretendo fazer uma alusão entre as falas de Mãe Neide e as falas de Padre Rostand durante

a missa no ano de 2022 porque vejo muitas similaridades em ambos discursos, dessa forma, ainda que falado por atores diferentes, de lugares diferentes, usando simbologias diferentes – na missa no terreiro, através da leitura do evangelho, clamando à Santíssima Trindade e à santa Bárbara; na fala de Mãe Neide, como veremos a seguir, através da oralidade clamando à Iansã, prestando culto aos elementos da natureza e também à Santa Bárbara – tem como finalidade passar a mesma a mensagem de amor, fraternidade e aconselhamento ainda que feitos a partir de matrizes religiosas diferentes.

De início, Mãe Neide parece fazer uma correlação entre Iansã com Santa Bárbara, ao referir-se à orixá como “A senhora que pagou com a vida”. Ao lembrarmos das palavras do padre na missa, vemos que foi Santa Bárbara quem pagou com a sua a vida, teve a cabeça arrancada à espada pelo próprio pai, por não ter negado a sua fé.

Eparrey! Eparrey, Oyá! Eparrey, Oyá! Eparrey, Oyá! (Atabaques tocam!)  
Mãe, dá misericórdia, dá força, saúde e ideal. A senhora que pagou com a vida, dai misericórdia aos seus filhos aqui na terra, nos dai saúde, nos dai força para continuar lutando. Segura na sua mão, na sua espada e nos defende de todos os males, abres todos os caminhos na luta pela igualdade racial, pela igualdade de direitos, pela liberdade dos nossos filhos, Mãe de Misericórdia, protege todos os filhos que estão nas ruas, aquelas mães que estão esperando seus filhos em casa, aquelas mães que estão com seus filhos nos cárceres privados, nos hospitais, nas ruas. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim em 02/12/2023).

Ao fazer uma prece de mãe pra mãe, intercedendo por outras mães, Mãe Neide se refere a Iansã orixá que teve nove filhos, enquanto Santa Bárbara morreu virgem.

Oiá desejava ter filhos, mas não podia conceber. Oiá foi consultar um babalaô e ele mandou que ela fizesse um ebó. Ela deveria oferecer um carneiro, um agutã, muitos búzios e muitas roupas coloridas. Oiá fez o sacrifício e teve nove filhos. Quando ela passava, indo em direção ao mercado, o povo dizia: “Lá vai Iansã”. Lá ia Iansã, que quer dizer mãe nove vezes. E lá ia ela orgulhosa ao mercado vender azeite-de-dendê. [...] Oiá não podia ter filhos, mas teve nove, depois de sacrificar um carneiro. E em sinal de respeito, por ter seu pedido atendido, Iansã, a mãe dos nove filhos, nunca mais comeu carneiro (Prandi, 2007, 294/ 295).

Diante da tensão, que estávamos vivendo, pelo risco de desabamento da mina 18, Mãe Neide pede que Iansã interceda com sua a espada pelas vítimas do crime ambiental da Braskem e por tantos que sofrem vítima do descaso, da ganância e do racismo religioso.

À todas aquelas famílias que ficaram sem lar (remetendo-se ao caso Braskem), que estão correndo risco de vida (colapso da mina 18), com a sua espada, minha mãe, nos livra do mal. Livra- nos da ignorância, do preconceito social, do preconceito racial, da intolerância religiosa, da homofobia, de tudo quanto for ruim aqui na terra, de todo orgulho, de toda ganância, de toda psicopatia, de todo o ódio, de todo o preconceito com a nossa comunidade. Mostra, minha mãe, a eles todos, com a força do Deus Pai todo poderoso, que somos felizes aqui na nossa comunidade, que criamos nossos filhos com dignidade, na

escola, com respeito, com humildade, com força, que nunca faltou o pão de cada dia em nossa mesa mesmo que aquele pão tenhamos que compartilhar com os nossos, com todos os nossos, mas compartilhamos o amor que não vem do dinheiro, não vem da ganância, não vem da sociedade podre que nos aponta com seu dedo, que nos fere com sua língua e com seus olhares preconceituosos. Nos faz forte, Mãe, nos faz serena, nos faz justa, nos faz com o olhar mais direcionado para aqueles que precisam da misericórdia. Nos ampara, Mãe. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim em 02/12/2023).

Mãe Neide agradece a Orixá:

Só tenho a agradecer a Mãe Iansã, por mais um ano de vida, por mais uma confraternização com seus filhos, eu espero ainda poder estar por muitos anos compartilhando esse axé, comendo acarajé e dando oportunidade daqueles que precisam realmente de oportunidades porque não adianta a gente oferecer oportunidade aqueles que não querem oportunidade que não sabem aproveitar. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim em 02/12/2023).

A mensagem de Mãe Neide se relaciona diretamente com o Evangelho pregado pelo padre Rostand quando ele cita o amor como mandamento de vida e aqui, Mãe Neide pede que vivamos o amor na prática. Pede também para que não neguem suas identidades enquanto pessoas de terreiro, pessoas do axé.

Sequem a lágrima daquele que está passando pela perca e que não endureçam o coração, que sirva de exemplo e ensinamento para que a gente entenda que cada dia a mais tenhamos de lutar e ocupar os nossos espaços, que não tenhamos vergonha de dizer “somos umbandistas, somos candomblecistas, somos do axé”. Que façam vocês cada dia mais calmo e pacíficos e que saibam que nossos inimigos não estão nos terreiros, não vamos colocar no ouvido a crítica um ao outro, porque isso que eles querem que a gente diminua, que a gente se divida, pra gente enfraquecer e a gente não pode baixar a cabeça, talvez não tenha festa das águas (dia 8 de dezembro) por conta de tudo que está acontecendo em Maceió, mas a nossa festa das águas sempre foi o nosso balaio levado para Iemanjá, as nossas flores, as nossas rezas, os nossos cânticos e os nossos atabaques, de ônibus, de carro, de bicicleta, a pé, mas vamos levar nossos balaio e agradecer e pedir pela nossa terra. Pedir pelas famílias, pedir pelas crianças abandonadas que estão nas ruas, pedir pelos meninos que estão se prostituindo nas esquinas, pedir pela saúde de todos, pela conscientização de todos, pedir por comida na mesa, por escola, por moradia, por direitos. Agradecer a vida que depois de uma pandemia a gente tá de pé e se preparar porque a luta, a gente pode ter ganho uma batalha, mas não ganhamos a guerra, tem muita coisa pela frente pra gente pensar, tem muita coisa pela frente pra gente sentar e se articular, não se engalfinhar com bobagens, uma casa de santo com outra, um jovem com outro, temos que respirar, temos que sentar, temos que se preparar, temos que se articular, porque quando eles vierem, eles vem com força em cima da gente. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim em 02/12/2023).

No ano 2022, durante a missa, o Padre protesta contra Bolsonaro, como em seu governo a fome aumentou e o quanto ele perseguiu e fez uma prece pelas autoridades, aqui Mãe Neide

pede pelas autoridades espirituais, os líderes religiosos e dá entender que apesar do atual governo apoiar as diversas manifestações religiosas, ainda sofremos constantemente com o racismo estrutural e religioso.

Todo mundo respirou e tá achando que agora tá a mil maravilhas, pra mim ainda não está. Pra vocês estão? - Não. Então, não vamos cruzar os braços. Vamos cantar, agradecer, rezar para o nosso orixá, rezar por todos os líderes religiosos independente de que seja a nossa (religião). Que Oxalá, que Deus, que Jeová, que Emanuel, que Jesus Cristo não quer que as religiões se digladiem, Deus não criou ninguém pra apontar o outro, Deus quer que a gente ame e respeite o nosso próximo. Então vamos fazer a nossa parte, colocar nosso joelho no chão, agradecer e pedir a Deus e ao Universo, paz aqui na terra e que não se tenha tanta criança abandonada e tanta briga por nada, tanta picuíinha por bobagem, a vida é muito passageira, é um relâmpago, vamos abraçar quem a gente tem vontade de abraçar, vamos beijar quem a gente quer beijar, vamos pedir a bênção, porque pode ser que daqui a pouco a gente não possa mais fazer isso, vamos aproveitar minutos, segundos, como se fosse o último da vida da gente. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim em 02/12/2023).

Em seu sermão, o padre Rostand advertiu que não é o que entra pela boca do ser humano que faz mal, mas o que sai da nossa boca porque é o que procede do coração “do interior do coração dos homens saem os maus pensamentos, os adultérios, as prostituições, os furtos, a avareza, a vaidade, o engano, a dissolução, a inveja, a blasfêmia, a soberba...” aqui Mãe Neide pede para não propagar o ódio e evitar a falação.

Vamos semear amor, vamos semear sementes que germinam, que dêem frutos. Não vamos semear ódio, picuíinhas, falação. Quem não tem defeitos? E quem não tem qualidades? Todos temos! Se a gente começar a pensar dessa forma, a gente vai construir um mundo melhor, um mundo mais igualitário, não adianta a gente pedir a Deus, ao orixá se a gente não faz a nossa parte. A gente quer mais saúde, a gente quer mais respeito, mas a gente tem que dá respeito. (Transcrição de áudio de gravação feita por mim. Sermão de Mãe Neide à Iansã em 02/12/2023).

Mãe Neide fala sobre o 08 de dezembro a celebração de Iemanjá na praia e pede conscientização para não poluir o ambiente.

Que Iemanjá lave com suas águas salgadas todos os nossos infortúnios, todas as nossas mágoas todas as nossas dores, que leve para as profundezas do mar sagrado tudo o que não serve pra tá dentro do nosso coração. Que nesse dia 08, a gente vá ao mar agradecer ao alimento, à saúde, à vida, a Deus por ser um Pai tão maravilhoso que deixou os filhos dele para se amarem e se respeitarem. [...] A gente não quer nossa mata poluída, nosso mar poluído, não vamos poluir a mata, não vamos poluir o mar. O nosso orixá se alimenta da essência, do perfume, do doce, das nossas preces, não se alimenta dos barros, os vidros, então vamos cuidar de quem cuida da gente, vamos subir mais a serra, vamos nos alimentar do axé.

Encerra chamando os presentes para louvar a Iansã:

Com a força e Oyá, os nossos orixás, Iansã que é o orixá da democracia, orixá da luta, a única mulher do panteão que venceu aos homens! Vamos ficar de pé e vamos louvar a Iansã. Eparrey, Iansã!

### 3.3.5 “O vento bateu na saia de Iansã, o vento bateu para Iansã rodar”: Toque para Iansã

- Não tenha medo do trovão nem do relâmpago só tenha medo da quilizila do ‘oião’, não tenha medo do trovão nem do relâmpago só tenha medo da quilizila do ‘oião’....

Mãe Luana Canta à capela:

“Senhora dos ventos, senhora dos tempos senhora dos raios, senhora dos astros, Iansã rainha do meu congá, eu vim aqui pedir a senhora que me dê a mão para caminhar, eu vim aqui dizer a senhora que me dê abundâncias, pelo que vos dá. Senhora do mundo, das nuvens de chumbo, Iansã guerreira do meu congá. Eu vim aqui dizer a senhora que me dê abundâncias, pelo que vos dá. Eu vim aqui pedir a senhora que nos abençoe, minha mãe Oyá. Senhora do mundo minha mãe oyá! Eparrei, oyá!”

Ao som dos atabaques: *O vento bateu na saia de Iansã, o vento bateu para Iansã rodar, o vento bateu na saia de Iansã, o vento bateu para Iansã rodar, Iansã cadê ogum? Foi pro mar... Iansã cadê Ogum? Foi pro mar...*

Iansã chega em Mãe Neide. Os filhos gritam: “Olha, Oyá!” E se prostam a reverenciando. Batendo palmas cantam: *Oyá, Oyá, Oia eu!* Mãe Neide gira pelo salão ao redor da mina da casa dançando. É muito bonito, é uma energia de arrepiar, a dona da festa chegou! Os filhos ao redor da mina da casa de cócoras continuam cantando e batendo palmas: *Oyá, Oyá, Oia eu...* “*Oyá, Oyá, Oyá oia eu, olha a matumbá direto do Katendê.*”

Os filhos de santo vibram: *Eparrei, Oyá!* Os atabaques são tocados com muita força.

O ogãs gritam: *Eparrei, Oyá! Eparrei, Oyá! Eparrei, Oyá! Mãe Oyá quem tá aqui sou, (Eparrei!) Mãe Oyá eu cheguei agora, Mãe Oyá quando eu for embora, Mãe Oyá o meu peito chora, Mãe Oyá quem tá aqui sou eu, Mãe Oyá eu cheguei agora...*

Iansã é levada por Mãe Luana e Pai João Paulo ao som dos adjás para o seu quarto...

- Eparrei, Oyá! (Gritam).

*O vento bateu na saia de Iansã, o vento bateu para Iansã rodar...* (ao som dos atabaques)

*Oyá, Oyá, Oia eu...* (ao som de agogô)

Ao som de palmas e do xequerê: *Mãe Oyá quem tá aqui sou, (Eparrei!) Mãe Oyá eu cheguei agora, Mãe Oyá quando eu for embora, Mãe Oyá o meu peito chora, Mãe Oyá quem tá aqui sou eu, Mãe Oyá eu cheguei agora...*

Ao som de palmas e do xequerê: *Eu vi Oyá, eu vi Oyá, puc, puc na aldeia, ela vem raiando com a lua cheia, eu vi Oyá*

Eparrei, Oyá! (filhos de santo gritam) Iansã de Mãe Neide volta ao salão ao som dos adjás, por trás dela vem uma fila formada por alguns filhos e filhas de santo com os balaios de frutas, acarajés e rosas vermelhas nos ombros, alguns, como Yá, também estavam incorporados em Iansã. Os outros filhos de santo aguardam sentados ao redor da mina da casa cantando, saudando e batendo palma. - *Eparrei, Oyá! Eparrei, Oyá! Eparrei, Iansã!*



61  
61. *Iansã voltando ao salão*



62. *Balaios de acarajé*

62

Mãe Neide senta em sua cadeira. Ao som de palmas, do agogô e dos atabaques, cantam: *A umbaúba balançou com vento seu tronco envergou, mas ela ficou no lugar, dona Iansã é quem sopra a ventania, se umbaúba não caiu nada vai me derrubar, se umbaúba não caiu nada vai me derrubar... (Eparrei!) se umbaúba não caiu nada vai me derrubar... A umbaúba balançou com vento seu tronco envergou, mas ela ficou no lugar, dona Iansã é quem sopra a ventania, se umbaúba não caiu nada vai me derrubar, se umbaúba não caiu nada vai me derrubar, se umbaúba não caiu nada vai me derrubar... Eparrei! Eparrei! Eparrei! Se a umbaúba não caiu, nada vai derruba.*

*Ela é Oyá do Katendê, Iansã vem de Angola, ela é Oyá Katendê, ela é Oyá do Katendê, Iansã vem de Angola, ela é Oyá Katendê. Eparrei, Oyá! Eparrei, Oyá! Eparrei, Oyá!*

São muitas saudações. - *Eparrei Oyá, Eparrei, Iansã...*

*Eparrei, Iansã, Eparrei dona do raio, Oyá ventania me balançou, Oyá me segura senão eu caio.*

O toque para Iansã durou uma média de 20 minutos e foi o momento mais aguardado pela casa. Iansã renovou o ambiente, aqueles dias de trabalho e dedicação foram recompensados no seu ápice no momento que Iansã vem trazendo suas frutas e flores cheia de axé para alimentar e energizar os presentes.

Começam a cantar: *Eparrei ii, eparrei, ôô, acarajé na mesa de umbanda é comida de Oyá, é comida de Xangô, Eparrei ii, eparrei, ôô, acarajé na mesa de umbanda é comida de Oyá, é comida de Xangô.* Essa cantiga tem exemplifica bem o itã que eu trouxe acima, contado por vovó Cici. A relação entre Oyá e Xangô influência na ordem do Toque também, após cantar para todos os orixás cantam para Xangô e depois para Iansã, a dona da festa.



63

63. *Ajeum*

Tem um pano branco no chão no meio do salão, entre a cadeira de Mãe Neide e a mina da casa, nele são colocados os balaiois com os acarajés e frutas. Algumas filhas sentam-se para colocar o acarajé nos pratos. Enquanto isso alguns filhos de santo estão lá atrás colocando o xequeté e os refrigerantes nos copos para serem servidos, mas antes de começarem a servir cantam: Eparrei, Oyá, Eparrei, Oyá, Eparrei, Oyá... Iansã vem com seu banquete. Mãe Neide pede a palavra! Ogã pede agô chama Elvira, filha de santo, e pede pra ela distribuir as rosas de um balaio para quem quisesse:

Esse balaio são as rosas de Iansã, pode pegar essas rosas quem tiver passando alguma necessidade, algum problema sério, não essas coisas de namoradinho! Por favor não peçam bobagem ao orixá, orixá tem o que fazer! A gente agradece e pede a ele coisa séria, se não é para gente pode ser para alguma pessoa que esteja precisando, então pega uma rosa dessa, leva pra casa e guarda, pode deixar ela ficar sequinha num lugar bem especial, tá? Eu queria quem pudesse gravar esse vídeo que eu vou fazer agora, eu queria dedicar a moça que estava com câncer e eu dediquei a rosa a ela e ela foi curada do câncer, então eu quero dedicar rosa vermelha a essa pessoa especial que tem muita fé em Deus e muita fé em Iansã. Ellen, o nome dela, e essa rosa é para ela que eu vou colocar nos pés de Iansã e agradecer pela saúde dela. Essa rosa é pela sua saúde. Ô peçam coisas sérias, não peçam bobagens não!

O *Ajeum* continua sendo servido... “Eparrei ii, eparrei, ôô, acarajé na mesa de umbanda é comida de Oyá, é comida de Xangô”. Vou ajudar o pessoal a servir as bebidas e acho isso muito importante na minha formação como pessoa inserida dentro do terreiro, acredito

que o meu papel não seja somente observar, escrever e construir dados, mas também contribuir como pessoa, já que estou inserida naquela comunidade.

Só podemos comer quando todos estiverem servidos, como diz o nome *Ajeum* que significa comer todos juntos. Mãe Neide pergunta se alguém quer repetir e após todos servidos o banquete é recolhido ao som de palmas e dos atabaques: *Eu já servi a mesa pro orixá, agora peço licença pra levantar, eu vou levar, eu vou levar, eu vou levar a mesa para o fundo do mar...*

Mãe Neide encerra a festa com uma oração do Pai Nosso. *“Eu fecho a minha gira com Deus e nossa, eu fecho a minha gira com sete pencas de angola”*.



64

#### 64. *Final do Toque*

Neste capítulo, eu quis mostrar as formas de culto à Santa Bárbara e a Iansã no GUESB através das descrições de rituais como a missa dentro do terreiro e o Toque para Orixá. Para Mãe Neide, é importante essa celebração, pois em sua concepção as “duas são muito parecidas, “referência uma da outra”, “duas irmãs”. Todavia, não quer dizer que essa associação faça sentido para todos os filhos, ao contrário, para grande parte o que importa mesmo é o toque para Iansã.

Quis destacar como certas simbologias que normalmente veríamos como católicas são ressignificadas dentro do terreiro como a *Aclamação do Evangelho* que inicia com *Louvação a Oxalá*, como a *Profissão da Fé* quando é recitado o *Credo Umbandista*, o *Cântico para o*

*Ofertório* com uma *Louvação para os Pretos Velhos*, os batismos com elementos da tradição africana. Podemos também destacar várias falas de Mãe Neide ao longo dessa seção que seria facilmente interpretadas como um “sermão” de uma homila, mas diferente de padre Rostand, ela pede a intercessão de Iansã. Pensar toda essa dinâmica mostra como esses ritos: missas, batismos, toques, preces podem ser plurais ao mesmo tempo singulares na maneira de serem organizados e executados.

É interessante observar também, dentro dessa singularidade, a eficácia dos ritos, pois se em um dado momento a hóstia sagrada, o corpo de Cristo, é partida e oferecido para a purificação do corpo e espírito de quem participa da Eucaristia, em outro momento é a bola de fogo de Iansã que renova o axé durante o Ajeum; se durante a missa é Santa Bárbara quem faz a intermediação para chegar à Santíssima Trindade, o Toque só inicia com a louvação a Exu, pois sem Ele não há comunicação.

Dessa maneira, vejo que sob a liderança de Mãe Neide os dois rituais são importantes para o axé da casa, porque é através deles que se louvam a Iansã e Santa Bárbara e ainda que alguns filhos da casa não tenham tanta afeição pela missa, ela acontece também dentro de uma simbologia dos Pretos Velhos. Como bem pontuou o professor Edgar Barbosa durante a minha qualificação “que quando a missa vem para o terreiro o lado de fora é outro”. Como já falei no primeiro capítulo, Mãe Neide disse que Vovó Maria Conga não podia entrar na igreja e ficava acompanhando a missa do lado de fora esperando a sinhá, hoje essa missa acontece dentro do terreiro. Se antes Vovó Maria Conga, achava que tinha que aprender latim para se chegar a Deus, o padre que reza a missa no GUESB utiliza recursos didáticos para fazer um sermão que todos entendam, inclusive citando os Pretos Velhos. Ou seja, o rosário, a missa, o batismo é um meio pelo qual se louvam a outras entidades no terreiro, não só Iansã e Santa Bárbara.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando iniciei essa pesquisa eu queria dar continuidade ao trabalho que tinha iniciado na graduação, abordando o conceito de sincretismo afro-brasileiro, porém não mais usando como referência autores que se debruçavam sobre o tema como uma mistura confusa, sob perspectivas de aculturação ou de uma pureza perdida. Ao pensar esse trabalho, o meu enfoque foi produzir uma teoria etnográfica colaborativa em uma comunidade religiosa onde as pessoas pudessem construir suas narrativas acerca do que viviam junto ao sagrado.

A proposta teórico-metodológica de abordar essa temática foi possível no GUESB porque Mãe Neide sempre se colocou como uma mulher miscigenada e sincretizada e que sua

casa era Casa de Preto Velho, divindades sincretizadas, como me apontaram diversas vezes no campo.

Sobre a construção desse trabalho, queria chamar atenção para o que Lélia Gonzales (1984) fala das noções de consciência e de memória.

Consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. (Gonzales, 1984, p. 226).

A consciência, eu uso aqui para falar de como saberes ancestrais que eu trouxe em meu trabalho foram demonizados ao longo dos séculos, durante a escravidão, durante um projeto de construção de nação que tinha como referência o embranquecimento da população, e seguem sendo anulados por diversas esferas sejam elas religiosas, políticas, jurídicas, educacionais, de saúde. A memória é um ato insurgência de reconhecer esses saberes restituindo o seu lugar de potência. O enfoque desse trabalho foi trazer por meio da oralidade dos meus colaboradores esses saberes sagrados e subversivos. Construir uma memória narrada, documentada e fotografada das festas, das celebrações, dos *Ajeum* dos orixás e das renovações de axé.

Mãe Neide se coloca como herdeira desse sincretismo “sou uma mulher miscigenada e sincretizada”. Miscigenação e sincretismo foram, no século XIX, males a se combater, pois interferiram no projeto ideológico de uma nação branca, entretanto, começam ser exaltados na década de 90, a partir de uma perspectiva culturalista, do mito da democracia racial a partir da visão de um país que culturalmente era formado pelas três raças que viviam em harmonia (Goldman, 2017, p. 13). Reconheço essa fala de Mãe Neide não como um discurso que se alinha com um mito da democracia racial e a essa perspectiva culturalista, e sim como um discurso que marca a sua existência, a sua identidade, que diz quem ela é, pelo que tem afeto e que é mobilizado estrategicamente para se defender e se posicionar quanto aos seus cultos e suas crenças. Ela fala abertamente que sabe que não é bem vinda em certas denominações cristãs, lamenta a maneira como Pe. Manoel Henrique foi perseguido pela Diocese de Maceió depois de rezar a missa de Santa Bárbara na Serra da Barriga. E o que sabiamente ela faz? Traz a missa para dentro do terreiro, traz um padre que ressignifica simbologias católicas, que fala de amor e respeito as crenças. Se ela não é aceita dentro do espaço da igreja, ela mobiliza recursos que permita que ela louve os santos e os orixás dentro do terreiro à sua maneira. Com isso, também acaba recebendo ataques de “pessoas do santo”, dessa maneira se defende “EU SOU UMA MULHER SINCRETIZADA E MISCIGENADA!” e ao se defender faz questão de falar da sua

ancestralidade e de quem veio antes dela, dos aprendizados com Mãe Celina, sua mãe de santo, que “ia sim para a missa e tinha até os padres que ela gostava”, da Vovó Maria Conga “que ficava escutando a missa do lado de fora da igreja” e que hoje tem a sua casa no GUESB cheia de santos e referências católicas e “que espero que nunca tire os meus santos católicos da casa da Vó Maria Conga”. São afetos que estão além de rótulos e que são vivenciados segundo a sua ancestralidade e resistência.

Para Pai João Paulo é diferente, o sincretismo deveria ser abolido, é resultado de violência, “Graças ao Orun, os Pretos Velhos conseguiram ressignificar”, “é como um estupro e aquele estupro gerou um filho e começa dar algo bom para você”, é uma fala dura que se contrapõe ao posicionamento de Mãe Neide, mas retrata também quão dura foi a violação de corpos e de saberes durante o período escravocrata. É através dessa ressignificação que vem dos Pretos Velhos que as práticas de cultos são reelaboradas em diáspora já que os santos católicos começam a ser usados em referência aos orixás “em nome de Santa Bárbara, de Ogum, São Jorge seu corpo tá fechado”, “Em nome de Santa Bárbara, nome de São Lázaro você tá curado”, como afirmou Pai João Paulo.

Devemos estar atentos as capacidades de reelaborações e a variação dos grupos culturais, pois “não há a possibilidade de estagnação nos materiais culturais, porque eles estão sendo constantemente gerados, à medida que são induzidos a partir das experiências das pessoas” (Barth, 2005, p. 17), a Umbanda Nagô do GUESB é o resultado de várias reelaborações e modificações desde que foi constituída, surge com Mãe Neide a partir da Umbanda de Mãe Celina com influências do Nagô e resquícios do culto Xangô Rezado Baixo, é ressignificada com práticas da Umbanda da Chica e reformulada com práticas da Ketu e Angola por Pai Paulinho, é uma axé que está em modulação, sendo assim, práticas consideradas “sincréticas” passam a ser práticas da Umbanda Traçada de Mãe Neide que “é a umbanda do nordeste que traça com jurema, caboclo, com o culto da pajelança e de outros cultos”.

A imersão no campo me permitiu observar as diferenciações no vivenciar dessa umbanda nagô. Há práticas que atualmente não são feitas no GUESB, mas isso não significa que não possa acontecer, a exemplo da raspagem do santo, Pai João Paulo adverte que é tudo com a permissão do orixá “não tem como seguir um padrão, se orixá dizer “Faça! Raspe!” eu raspo!” (Diário de campo 20/05/2024). As discordâncias são inerentes a vivência, mas como Luzia bem pontuou “tudo é conversado e é feito com a permissão de mainha”. Para Mãe Neide é “preciso ter a democracia dentro do terreiro”.

Nessa parte final, eu destaquei somente as falas de Mãe Neide e Pai João Paulo acerca das práticas “sincréticas”, mas a pesquisa etnográfica me trouxe uma pluralidade de narrativas

e teorias nativas acerca de trajetórias, afetos e vivência dos filhos e filhas de santo do GUESB na Umbanda Nagô. Essa pesquisa foi uma tentativa de ressurgir memórias e sair desse lugar de perspectivas dominantes para escrever e produzir com quem de fato sabe do que está falando porque vive o que fala.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana* 21(3): 483-498, 2015.

ANJOS, José Carlos dos. Brasil: uma nação contra as suas minorias. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 26, n. 3, p. 507-522, 2019.

\_\_\_\_\_. *No território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

APPADURAI, Arjun. Colocando a hierarquia em seu lugar. In: MARCUS, Jorge E. (org) *Rereading culture anthropology*. Durham and London: Duke University Press, 2005.

ARAÚJO, Clébio Correia de. O candomblé Nagô em Maceió: itinerário de uma identidade em construção. *Cadernos de Pesquisa e Extensão*, v. 1. Arapiraca – UNEAL, 2009.

BARTH, Fredrik. Etnicidade e o conceito de cultura. *Antropolítica*, Niterói, v. 2, n. 19, p. 15-30, 2005.

BIRMAN, Patrícia. *O que é umbanda*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CAVALCANTI, B. ROGÉRIO, J. Mapeando o Xangô – notas sobre mobilidade espacial e dinâmica simbólica nos terreiros afro-brasileiros em Maceió. *Kulé-Kulé: religiões afro-brasileiras*. Cavalcanti, Bruno César; Fernandes, Clara & Barros, Rachel (orgs.). Maceió: NEAB/EDUFAL, 2008.

CARDOSO DE OLIVEIRA R. Tempo e tradição: interpretando a antropologia. In: \_\_\_\_\_. *Pensamento Antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988, p. 13-25.

CARVALHO, José Jorge de. A racionalidade antropológica em face do segredo. *Anuário antropológico*, v. 9, n. 1, p. 214-222, 1985.

COMIN, Fabio Scorsolini; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques; DOS SANTOS, Manoel Antonio. Com a licença de Oxalá: a ética na pesquisa etnopsicológica em comunidades religiosas. *Revista da SPAGESP*, v. 18, n. 2, p. 86-99, 2017.

DE OLIVEIRA, José Henrique Motta. Uma discussão teórica sobre as interpretações do mito fundador da Umbanda. *Revista Jesus Histórico*. Rio de Janeiro, v. 11, 2013.

O'DWYER, Eliane C. Laudos Antropológicos: pesquisa aplicada ou exercício profissional da disciplina? In Leite, Ilka B. (org.). *Laudos periciais antropológicos em debate*. Florianópolis: ABA-NUER, 2005.

PEIXOTO, Clarice E. Antropologia & Imagens. O que há de particular na antropologia visual brasileira? *Cadernos de Arte e Antropologia*, v.8, n. 1, 2019.

FLAKSMAN, Clara. " De sangue" e" de santo": o parentesco no candomblé. *Mana*, v. 24, p. 124-150, 2018.

\_\_\_\_\_. Enredo de santo e sincretismo no candomblé de Salvador, Bahia. *Revista de Antropologia da UFSCar*. São Carlos, v. 9, p. 153-169, jul./dez. 2017.

FERRETI, Sérgio F. Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 182-198, jun. 1998.

FONTES, Larissa. *O dom do segredo*. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2023.

\_\_\_\_\_. Um Orixá Desaparecido: etnografia num museu silencioso. *Afro-Ásia*, n. 64, p. 363-399, 2021.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: \_\_\_\_\_. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOLDMAN, Marcio. Contradiscursos Afroindígenas sobre mistura, sincretismo e mestiçagem: Estudos Etnográficos. *Revista de Antropologia da UFSCar*. São Carlos, v. 9, p. 11-28, jul./dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Formas do saber e modos do ser: observações sobre multiplicidade e ontologia no candomblé. *Religião e Sociedade*, 25(2):102-120, 2005.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira (1980). *Díspora Africana*, São Paulo: p. 190-214, 2018.

HANNERZ, Uf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*, vol. 3, n. 1, p. 7-39, 1997.

LIGIÉRO, Z; DANDARA. *Iniciação à Umbanda*. Rio de Janeiro: Nova Era, 1998.

LORENA DE MENEZES, Amanda Patrícia Santos. *Reverberações contemporâneas do Quebra de Xangô de 1912: continuidades e desdobramentos da devassa aos terreiros em Maceió/AL*. 2022. 90 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

MÃE NEIDE. *Wa Jeun: Sabores ancestrais afro-indígenas*. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2023.

MARCANTE, Maicon Fernando. *Coleção perseverança: uma etnografia da mediação no processo de patrimonialização*. 2024. 200 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MBEMBE, Achille. “A questão da raça” in *Crítica da Razão Negra*. 2ª ed. Tradução: Marta Lança. Lisboa: Antígona Editores Refractários, 2017.

MOREIRA, Andresa Monteiro. *Interações e mediação: uma análise teórico-etnográfica do sincretismo afro-brasileiro na Sala FÉ do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore*. 2021. 88 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais). Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais, Maceió.

MOURA, Karine de Oliveira. *Mulheres, culturas populares e política pública: um estudo etnográfico e interseccional junto a mestras do Registro do Patrimônio Vivo de Alagoas (RPV/AL)*. 2022. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Alagoas, 2021.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro, processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Môroni Laurindo do. “*O nosso axé é africano... Mas o caboclo é mais bonito*”: um estudo antropológico sobre o culto do caboclo no terreiro Santa Cecília (AL). 2012. 108 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

NINA RODRIGUES, Raimundo. Sobrevivências religiosas, religião, mitologia e culto. In: \_\_\_\_\_. *Os Africanos no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1935, p. 239-286.

NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância Religiosa*. 1a ed. Polén Livros, 2020.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: \_\_\_\_\_. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é Método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

\_\_\_\_\_. Referências Sociais das Religiões Afro-Brasileiras: Sincretismo, Branqueamento, Africanização. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 151-167, jun. 1998.

PUENTES, Cláudia Cristina Rezende. *Trânsito do Sagrado: da Irmandade do Cercado de Boiadeiro – ICERBO, no Rio de Janeiro – RJ, ao Grupo União Espírita Santa Bárbara – GUESB, em Maceió - AL*. 2023. 160 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

RAFAEL, Ulisses Neves. *Xangô rezado baixo*: Um estudo da perseguição aos terreiros de Alagoas em 1912. 2004. 266 f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

RAMOS, Arthur. O espírito associativo do negro brasileiro. In: RAMOS, Arthur. *A aculturação negra no Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, p. 117-144.

SALLES, Sandro Guimarães. O catimbó nordestino: as mesas de cura de ontem e hoje. *Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicap*. Recife, ano IX, 2010, p. 85-105, n. 2 - jul./ dez. 2008.

SANTOS, Eufrázia Cristina Menezes. A construção simbólica de um personagem religioso: o preto velho. *Revista TOMO*, São Cristovão, n. 11, p. 161-195, jul./dez. 2007.

SANTOS, Maria Franco dos. “*O Axé nunca se quebra*”: Transformações históricas em religiões afro-brasileiras, São Paulo e Maceió (1970-2000). 2ª ed. Maceió: Edefal, 2023.

SANTOS, Lannay Egidia Pereira dos. *Escrevivências dos cuidados de yalorixás negras, filhas de Oxum em Maceió*. 2023. 103 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Alagoas, Maceió. 2022.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia*: trabalho de campo e texto gráfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. 1ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.

*1912: O Quebra de Xangô*. Direção: Siloé Amorim, Produção: Joabson Santos. Direção de Fotografia: Juarez Cavalcanti. Maceió, 2007. 52 min.

**ANEXO**



*Frente do GUESB (15/05/2023)*



*Distribuição de sopa (08/07/2023)*



*Balaios para Oxum (12/10/2023)*  
*Celebração à Nossa Senhora Aparecida (12/10/2023)*



*Culto Ecumênico (12/10/2023)*



*Oferendas no rio para Oxum (12/10/2023)*



*Louvação para Oxum (12/10/2024)*



*Mãe Neide (12/10/2023)*



*Mirante Mãe Chica (22/05/2024)*



*Ilê Axé Navizala (22/05/2024)*



*Feijoada dos Pretos Velhos, 2024.*